

Gabriel Schäfer

**A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA DO RIO GRANDE
DO SUL: APOIO E CRÍTICA NOS DISCURSOS SOBRE A
GUERRA**

Passo Fundo

2012

Gabriel Schäfer

**A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA DO RIO GRANDE
DO SUL: APOIO E CRÍTICA NOS DISCURSOS SOBRE A
GUERRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Professor Dr. Adelar Heinsfeld.

Passo Fundo

2012

CIP – Catalogação na Publicação

- S296g Schäfer, Gabriel
A Guerra do Paraguai na imprensa do Rio Grande do Sul :
apoio e crítica nos discursos sobre a guerra / Gabriel Schäfer. –
2012.
236 f. : il. color. ; 30 cm.
- Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo
Fundo, 2012.
Orientador: Professor Dr. Adelar Heinsfeld.
1. Imprensa - Rio Grande do Sul. 2. Paraguai, Guerra do,
1865-1870. 3. Estrutura social. I. Heinsfeld, Adelar, orientador.
II. Título.
- CDU: 981.067

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

Agradeço minhas dificuldades; minhas limitações que me deram a certeza de que é preciso sempre estar disposto a aprender, mas agradeço especialmente aqueles que puderam me ensinar. Assim, em primeiro lugar devo um muito obrigado aos professores que no decorrer dos últimos anos me acompanharam, incentivaram e de uma forma ou de outra, serviram de exemplo. Entre tantos, agradeço ao professor Mário Maestri que no tempo da graduação me encorajou a seguir meus estudos, ao professor Eduardo Svartman pelos conselhos na qualificação da dissertação e de maneira especial ao professor Adelar Heinsfeld, que mais do que me orientar teve a camaradagem, a franqueza e as palavras precisas nos momentos em que mais necessitei. A Universidade de Passo Fundo pelas condições e a todos que me receberam e me atenderam com muita atenção em arquivos, museus e bibliotecas que visitei garimpando a fonte para o meu trabalho. Sem eles, certamente, nada seria possível. A bons colegas e amigos que fiz nesse percurso e também aos de longa data que me fizeram lembrar que é preciso seguir sempre, apesar da lonjura. Agradeço de maneira especial a Maia por compreender os momentos de ausência, pelo carinho dispensado e pela inestimável ajuda e a minha família, sobretudo ao pai e a mãe por terem sido e ainda serem meus melhores professores e por acreditarem em mim.

“O saber humano se espalha para todos os lados, a perder de vista, de modo que nenhum indivíduo pode saber sequer a milésima parte daquilo que é digno de ser sabido.” (Schopenhauer)

RESUMO

No decorrer do século XIX, a sociedade sul-rio-grandense conviveu intensamente com as ambições do governo imperial na região platina e foi profundamente marcada pela frequência com que esteve envolvida em conflitos militares. Durante a década de 1860 de maneira especial, as disputas entre o Império do Brasil e as Repúblicas do Prata se acentuaram de forma irreversível. Interesses conflitantes e a impossibilidade de entendimento acabaram tendo como resultado final a conhecida e discutida Guerra do Paraguai, na qual, mais uma vez, o desempenho da província do Rio Grande do Sul, tanto por sua posição geográfica como pelo seu efetivo militar, teve grande significado. A guerra, de proporções até então desconhecidas no continente sul-americano, exigiu uma mobilização que não passava somente pelas esferas política e militar. Nesse esforço, sabe-se que a imprensa foi amplamente utilizada como verdadeira ferramenta de combate no sentido de legitimar o discurso articulado pelo governo, baseado na defesa da honra e no dever do Brasil de retirar Solano Lopez do poder. Já estabelecida como meio de interação social e assumindo a missão de conservar a história, a imprensa foi rica em detalhar os acontecimentos da guerra sendo hoje uma interessante alternativa para observarmos, de outro modo, o desempenho do Rio Grande do Sul e de sua sociedade no conflito contra os paraguaios. A forma como a elite sul-rio-grandense se inseria na região da fronteira e a instabilidade na relação entre a província e o Império, marcante durante o século XIX, poderiam a qualquer momento tornar incerto o comportamento do Rio Grande do Sul. Nos registros levantados em 18 periódicos que circularam pela província entre 1865 e 1870 e que reunidos somam 67 exemplares, notamos uma clara divisão no comportamento da imprensa diante do confronto. Apesar de o apoio dado a luta do Império ter sido nítido e quase permanente, se manifestando na desqualificação do inimigo e na exaltação das forças brasileiras, também houve espaço para contestações e críticas nas folhas sul-rio-grandenses. Assim, nos momentos em que a província se sentia a maior prejudicada ou não tinha seu empenho devidamente reconhecido, claros desentendimentos, novos ou antigos, pautavam a discussão. Lutando contra a implacável ação do tempo, a presente dissertação consiste num estudo a respeito da imprensa sul-rio-grandense e seu envolvimento na Guerra do Paraguai. Além de contribuir com o resgate de parte do valioso patrimônio histórico e social contido nos jornais da época, o trabalho busca compreender e analisar as distintas impressões dos mesmos diante do longo conflito levando em conta as diversas forças políticas e sociais que podiam atuar sobre elas.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai; imprensa; Rio Grande do Sul; sociedade.

ABSTRACT

During the 19th century, the sul-rio-grandense society lived intensely with the imperial government ambitions in the “Rio de la Plata” region and it was deeply influenced by the frequency with which it was involved in military conflicts. During the 1860s especially, disputes between the Brazilian Empire and the South Republics of the Rio de la Plata have emphasized irreversibly. Conflicting interests and the impossibility of understanding ended with the known and discussed War of the Triple Alliance as a final result, where, once again, the performance of the Rio Grande do Sul province, both for its geographical position and by its military personnel, had great significance. The war, of unknown proportions in the South American continent by the time, demanded a mobilization that did not go only by political and military spheres. In this effort, it is known that the press was widely used as a real combat tool in order to legitimize the speech articulated by the government, based on the defense of honor and the duty of Brazil to withdraw Solano Lopez off the power. Already established as a mean of social interaction and assuming the mission of preserving history, the press was rich in detailing the events of the war and is now an interesting alternative to look in a different perspective, the performance of Rio Grande do Sul and its society in the conflict against the Paraguayans. The way as the sul-rio-grandense elite fell within the border region and the relationship instability between the province and the Empire, evident during the nineteenth century, could at any moment turn uncertain the behavior of Rio Grande do Sul. In the records collected in 18 journals that circulated by the province between 1865 and 1870 and gathered about 67 copies total, we note a clear division in the behavior of the press ahead of the confrontation. Despite the support given to the fight for the Empire have been sharp and almost constant, manifesting itself in disqualification of the enemy and the exaltation of the Brazilian forces, there was also space for contestation and criticism in the sul-rio-grandense papers. Therefore, in moments where the province felt the most adversely affected or had not fully recognized his commitment, clear disagreements, new or old, guided the discussion. Battling the relentless effects of time, this thesis is a study about the sul-rio-grandense press and its involvement in the War of the Triple Alliance. In addition to help with the rescue of some of the valuable social and historical heritage contained in the newspapers of the time, this work seeks to understand and analyze the distinct impressions of them ahead of the long conflict, taking into account the various political and social forces that could act on them.

Keywords: War of the Triple Alliance; press; Rio Grande do Sul; society.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da América do Sul (região platina)	23
Figura 2 – Região de fronteira entre Brasil e Uruguai.....	35
Figura 3 – Mapa da guerra (principais batalhas e pontos de fortificação do Paraguai).....	73
Figura 4 – Situação do Rio Grande do Sul na Guerra do Paraguai.....	153
Figura 5 – Situação de Minas Gerais na Guerra do Paraguai.....	154
Figura 6 – Desconfiança sobre o socorro dado a província de Mato Grosso.....	155
Figura 7 – As posições ocupadas pelos aliados	162
Figura 8 – Homenagem ao General Andrade Neves.....	184
Figura 9 – A vitória aliada sobre Humaitá e Assunção.....	194
Figura 10 – A covardia de Lopez.....	204
Figura 11 – D. Pedro pressiona Caxias pelo fim da guerra.....	206

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
Cap. 1 – A REGIÃO DO PRATA NO SÉCULO XIX: DESENTENDIMENTOS E A GUERRA DO PARAGUAI.....	15
1.1 – A América do Sul e o século XIX	16
1.2 – A trama diplomática e a montagem do cenário.....	24
1.3 – As rivalidades e a luta pela hegemonia regional.....	28
1.4 – O caminho para a guerra: a presença do Império no Uruguai	35
1.5 – O Rio Grande do Sul, o Império e o Prata	39
1.6 – Da diplomacia ao campo de batalha	46
1.7 – Encontros e desencontros: a Guerra do Paraguai e a discussão historiográfica	64
Cap. 2 – A IMPRENSA NACIONAL E REGIONAL: HISTÓRIA, MEMÓRIA E OS DESAFIOS DA PESQUISA.....	74
2.1 – Os primeiros passos da Imprensa no Brasil	77
2.2 – O retrato da Imprensa brasileira do século XIX	81
2.3 – A imprensa no Rio Grande do Sul	86
2.4 – A imprensa e o fim da conciliação partidária	96
2.5 – A imprensa como fonte histórica	99
2.6 – As dificuldades e as limitações da pesquisa	108

Cap. 3 – A GUERRA DO PARAGUAI OBSERVADA PELOS JORNAIS DO RIO GRANDE DO SUL: FESTEJO E TRAGÉDIA	119
3.1 – Apoio e crítica: a Guerra do Paraguai nas folhas sul-rio-grandenses.....	120
3.2 – 1866: em defesa da honra.....	144
3.3 – 1867: dificuldades que não tiram a certeza da vitória.....	148
3.4 – 1868: as contradições do discurso e a paciência esgotada.....	172
3.5 – Enfim, a fortaleza de Humaitá é superada!.....	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS	220
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	227
ANEXOS.....	237

INTRODUÇÃO

Amplamente discutida pela historiografia, e ainda hoje, depois de cento e quarenta anos, merecedora de diversas considerações, a Guerra do Paraguai continua sendo um tema de destacado interesse e que exige novas abordagens. Resultado de desavenças entre estados que passaram a lutar pela hegemonia na região, o conflito mais sangrento já ocorrido na América do Sul, mais do que representar a união de tradicionais rivais, como eram Brasil e Argentina, contra o isolado Paraguai, marcou o início de um novo momento histórico e político para cada um dos envolvidos.

Dentro da discussão a cerca de todas as possibilidades e tramas que envolvem a guerra, nos deparamos com a peculiar situação dos sul-rio-grandenses. Enredado nos conflitos em torno da região platina, que durante o século XIX marcaram a história entre o Império do Brasil e as Repúblicas vizinhas, o Rio Grande do Sul especialmente por sua posição junto à fronteira ganha relevância considerável nesse estudo. Apesar dos desentendimentos que nutria com o governo imperial, a sintonia de preocupações e de interesses relacionados à política do Uruguai, permitiu a reaproximação e o aumento da mobilização na região fazendo da província, mais uma vez, peça fundamental para a política brasileira voltada para o Prata.

Tanto por sua participação em questões envolvendo os vizinhos como também pela longa Guerra dos Farrapos, jamais apagada do imaginário social e que por isso não pode ser ignorada pela análise, o espírito militar e politicamente engajado dos sul-rio-grandenses acompanhou profundamente a atividade da imprensa do Rio Grande do Sul. Além das disputas políticas locais, os interesses do Império na região platina, que na maioria das vezes resultavam em conflitos armados, chamaram a atenção da maioria dos periódicos da província.

Produzindo “textos que falam de seu cotidiano e outros que deixam pistas sobre suas relações com as instâncias de poder,”¹ a imprensa, por viver de perto acontecimentos de mudanças sociais, políticas e econômicas teve sua posição de fonte histórica consolidada nos últimos anos entre os historiadores. No caminho recomendado pela Nova História, que sugere novas fontes e interpretações, ampliando o passado por assim dizer, as diferentes tendências do jornalismo e sua capacidade de manipular os fatos de acordo com interesses de determinado grupo social, passaram a ser observadas como objeto direto de análise.²

Apesar de ainda existirem uma série de barreiras que dificultam e limitam os trabalhos inspirados na imprensa, essas ligadas na maioria das vezes ao descaso com a sua memória, os acervos da Biblioteca Rio Grandense, do Arquivo Histórico Moysés Vellinho e principalmente do Museu de Comunicação Hipólito da Costa tornaram viável a proposta de verificar o comportamento da imprensa do Rio Grande do Sul diante da Guerra do Paraguai. Abordando 18 periódicos que circularam pela província entre 1865 e 1870 e que reunidos somam 67 exemplares, observamos que o conflito foi para a imprensa da província digno de uma série de registros. Através de crônicas, poesias, canções, diálogos e até caricaturas que levantam todos os tipos de discussão e polêmica, a Guerra do Paraguai fez parte do dia a dia dos leitores.

Além de contribuir para a conservação de uma pequena parte do patrimônio histórico e social que é guardado pela imprensa, este trabalho, longe da pretensão de julgar o modo como os episódios eram tornados públicos, se propõe e aceita o desafio de buscar nesses registros aspectos que possam oferecer novos olhares sobre o tema. Nesse caminho, mesmo que indiretamente, buscamos perceber também o comportamento de uma sociedade tão influenciada pela posição que ocupou no cenário político e militar da América do Sul durante o século XIX, como foi a do Rio Grande do Sul.

Para compreendermos os dois lados da imprensa sul-rio-grandense na Guerra do Paraguai - o que legitimou e o que desqualificou as ações do Império – optamos por dividir o trabalho em três capítulos. Acreditando que qualquer estudo relacionado à Guerra do Paraguai exige uma contextualização a respeito do século em que ocorre, a parte inicial

¹ BARBOSA, Marialva. História Cultural da Imprensa: Brasil – 1800 – 1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 11.

² Cf. ALVES, Francisco das Neves. A Imprensa. In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (direção do volume). História Geral do Rio Grande do Sul – Volume 2 Império. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 351.

do trabalho observa brevemente a particular formação dos países que a protagonizaram, a forma como mantinham suas relações e como se posicionavam politicamente. A partir disso, são assinalados aspectos da complexa trama militar e política verificada na região do Prata no início da década de 1860 e que antecedem a guerra.

As complicadas relações diplomáticas e a montagem do cenário em que se desenrolou o conflito ganham destaque quando analisamos o cruzamento das históricas rivalidades políticas da Argentina (*unitaristas* e *federalistas*), do Uruguai (*blancos* e *colorados*) e o modo como Brasil e Paraguai agiram sobre elas. Além disso, são discutidos os principais pontos do Tratado da Tríplice Aliança, as coincidências políticas de 1862 e de 1868 e mais a forma como Solano Lopez interpretou a nova realidade política na região. Percebendo que, “tanto a historiografia conservadora como o revisionismo simplificaram as causas e o desenrolar da Guerra do Paraguai,”³ o primeiro capítulo se encerra com uma indispensável consideração sobre o debate historiográfico em torno do conflito, exercício que se justifica pela parcialidade e pelo comprometimento ideológico verificado em cada uma delas e defendido com ímpeto pelas partes interessadas.

A proposta do segundo capítulo é refletir a respeito da formação e desenvolvimento da imprensa no Brasil e no Rio Grande do Sul principalmente a partir da segunda metade do século XIX. Vista em alguns momentos como “literatura pública, de finalidade moral e política,”⁴ o progresso econômico, acompanhado de perto por novas necessidades sociais, fez com que a imprensa modificasse o modo de abordar os assuntos e abrisse espaço para disputa entre os objetivos de informar e opinar, o que não retirou dela, entretanto, o caráter político-partidário alimentado pelas rivalidades que marcavam a época.

Além de considerarmos as principais características e dificuldades da imprensa, apontaremos a relação que os jornais mantiveram com grupos da elite dirigente e econômica e a forma como serviram de espaço para o alastramento de objetivos e debates políticos. Por fim, ao mesmo tempo em que observamos o papel que desempenhou a imprensa junto à sociedade, não podemos deixar de tratar dos desafios metodológicos vinculados ao uso do jornal como depoimento histórico e das dificuldades que limitaram a pesquisa.

³ DORATIOTO, Francisco. Maldita Guerra. Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras. 2002. p. 20.

⁴ RÜDIGER, Francisco. Tendências do jornalismo. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1993. p. 20.

Já discutidos os principais elementos da guerra, sua origem e desenrolar, e conhecendo as particularidades da história da imprensa, o terceiro capítulo pretende interpretar as diferentes visões da imprensa do Rio Grande do Sul sobre a Guerra do Paraguai, considerando as diversas forças políticas, sociais e até culturais que agiram sobre elas. As dimensões e dificuldades da guerra, ao contrário do que era imaginado antes de seu início, ultrapassaram a esfera diplomática e militar. Mudanças significativas no jogo político daquele momento e um esforço para mobilizar a população durante o confronto com o Paraguai foram visíveis. Dentro desse esforço, a maioria dos periódicos brasileiros estiveram atentos e atuavam no sentido de validar a “missão brasileira”. Fazendo uso da estratégia de ridicularizar o inimigo, os jornais fizeram de Solano Lopez um verdadeiro demônio que deveria ser eliminado das relações políticas da América do Sul.

Apesar de o desconhecido e o inesperado acompanharem a pesquisa fazendo com que as possibilidades do trabalho sejam construídas no decorrer da investigação,⁵ acreditamos que, especificamente no Rio Grande do Sul, embora o esforço dos jornais a favor da causa brasileira tenha sido constante, alguns fatores foram responsáveis por uma variação mais freqüente no comportamento da imprensa. Visto a impossibilidade de a imprensa fugir muito do contexto social que a cerca, propomos que o destacado efetivo militar em combate, a maneira como sua sociedade historicamente se inseria nesses litígios e a instabilidade no relacionamento com o Império fez com que os espaços, normalmente destinados a exaltar os feitos das forças brasileiras, tenham sido utilizados também para contestar e criticar inúmeras questões referentes à guerra. Assim, a forma como as ações e falhas do governo imperial eram questionadas e interpretadas pelos jornais, ou o modo como esses tentavam glorificar e eternizar episódios e personagens alterava-se conforme a guerra interferia na sociedade ou ressuscitava antigas desavenças.

⁵ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da C. P.; KHOURY, Yara M. A. A Pesquisa em História. São Paulo: Ed. Ática, 1995. p. 09

1. A REGIÃO DO PRATA NO SÉCULO XIX: DESENTENDIMENTOS E A GUERRA DO PARAGUAI

Na segunda metade do século XIX, mais precisamente de 1865 a 1870, se deu na América do Sul o maior conflito armado da história do continente. A Guerra do Paraguai, de causas e conseqüências discutidas ainda hoje, colocou a aliança entre o Império do Brasil e as Repúblicas da Argentina e do Uruguai contra o Paraguai de Solano Lopez.

Resultado da inimizade entre portugueses e espanhóis e da seqüente luta pelo poder travada por Estados que com a crise do sistema colonial se libertavam das amarras da Península Ibérica, a guerra não foi somente a união de tradicionais rivais contra um país que poderia segundo alguns significar ameaça, mas também verdadeiro marco no processo de construção e consolidação dos estados nacionais que a protagonizaram.⁶ Dessa maneira, trata-se de um conflito que esteve inserido dentro do conturbado contexto daquele século que iria ser marcado pela definição das fronteiras na América do Sul, por garantir os interesses comerciais na região do Prata e transformar as relações econômicas e políticas da América Latina.

Como pano de fundo estavam as condições geográficas próprias da região platina e características peculiares dos países que agora se encontravam diante de uma nova realidade. Primeiro, o desafio ainda recente que representava a independência. Segundo, se adaptar ou não, da melhor maneira possível a regras econômicas que se consolidavam no período. A abertura da segunda metade daquele século, além de trazer à tona a necessidade de se encaixar a essa nova realidade, impunha aos novos estados a

⁶ Cf. DORATIOTO, 2002, p. 23.

necessidade de encontrar um meio para solucionar diferenças que já existiam entre eles. Como comenta Genivaldo Gonçalves Pinto:

As terras cercadas pelas águas do Rio da Prata, rio Uruguai, rio Pelotas e oceano Atlântico, entre os séculos XV e XIX, foram motivo de muitos debates e disputas de toda a natureza, dos gabinetes reais de Portugal e Espanha, passando pela Santa Sé, chegando até mesmo ao emprego da força entre as duas primeiras potências de então.⁷

Logo, sem cometer exageros podemos dizer que o conflito é antes de tudo um reflexo de modelos de colonização com diferenças consideráveis, que promoveram por sua vez, após a conhecida crise do sistema colonial, nações politicamente, economicamente, socialmente e culturalmente incompatíveis que colocariam suas forças militares na defesa de seus interesses e convicções. Como veremos, a solução para um, significava, quase sempre, o risco para outro, e nesse cenário cheio de acordos e desacordos um conflito que durou mais tempo do que o previsto, e que aparentemente poderia ser adiado porém não evitado, acabou por definir um novo caminho a ser seguido pelas nações envolvidas.

1.1 – A América do Sul e o século XIX

Independente de sua pretensão, qualquer estudo que envolva a Guerra do Paraguai solicita, por se tratar como muito bem colocou Carlos Mota, de um estudo de mais de três séculos⁸, uma contextualização que contemple as infinitas particularidades de seu tempo e sejam apontados alguns detalhes que influenciaram o episódio. Por assistir a todas as novidades apresentadas pelo século anterior, por ser decisivo para a história do continente sul-americano e por estar nele inserido o tema de nossa pesquisa, tanto em sua parte que trata especificamente da guerra quanto a que se preocupa com o surgimento e o

⁷ PINTO, Genivaldo Gonçalves. A Província na Guerra do Paraguai. In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (direção do volume). História Geral do Rio Grande do Sul – Volume 2 Império. Passo Fundo: Méritos, 2006. p.100.

⁸ Cf. MOTA, Carlos Guilherme. História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864 – 1870) 130 anos depois. In: Estudos Avançados, São Paulo: Instituto Avançado da USP, vol. 9 nº 24, maio - ago. 1995.

papel da imprensa, compreender as complexidades desse período, por mais trabalhoso que possa parecer em razão da infinidade de eventos, é definitivamente necessário.

A mudança histórica observada nesse período não nos permite analisar qualquer situação específica fora de seu conjunto. No século XIX, devido aos avanços notados nos meios de comunicação, as diferentes histórias ao tomarem conhecimento uma das outras puderam ser reunidas e formarem uma única.⁹ As rápidas mudanças deixavam o mundo cada vez menor.

Marcado essencialmente pelas revoluções de caráter liberal que ocorriam na Europa, essas acompanhadas de perto pelas profundas mudanças na indústria e na economia já iniciadas no século anterior e por conflitos armados de dimensões inéditas, o século representou para as colônias sul-americanas, logo em seu início, a possibilidade de se verem livres do domínio exercido pelas metrópoles. Aos poucos, a rivalidade construída por portugueses e espanhóis no continente ao longo de três séculos, pôde aparecer de outra forma. Inspiradas no movimento intelectual do Iluminismo, as idéias liberais manifestadas na economia através do livre mercado e na política, pelas tentativas de mudar a ordem vigente, podem, por estarem presente em praticamente todos os movimentos e transformações daquele século, serem apontadas apesar de terem sido geradas no anterior, como o grande símbolo do século XIX.

O exemplo da Independência dos Estados Unidos em 1776 e a Revolução Francesa em 1789, episódios inspirados nos ideais do espírito liberal, repercutiram na América do Sul. Foi impossível que Portugal e Espanha não sentissem os efeitos dos dez anos de revolução na França e mais ainda os da política expansionista de Napoleão Bonaparte. Mesmo com a Santa Aliança tentando impedir que os ideais revolucionários se espalhassem, a parte sul da América se agitou com as bruscas mudanças políticas na Europa.

Com a presença francesa em Portugal e na Espanha, a autoridade exercida pelas coroas ibéricas passou a ser questionada pelos colonos que teriam seus destinos profundamente modificados com a aproximação da coroa portuguesa de sua principal colônia e com o afastamento da coroa espanhola de suas colônias na América.¹⁰ Os distintos caminhos que seriam percorridos pelas colônias até alcançarem a independência

⁹ Cf. HOBBSBAWN, Eric J. A Era do Capital: 1848 -1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 13º, 1996. p. 79 – 80.

¹⁰ Cf. CHASTEEN. John Charles. América Latina: uma história de sangue e fogo. Rio de Janeiro: Campus, 2001.p. 82.

estariam intimamente ligados a essa nova conjuntura, que acima de tudo, determinava o esgotamento dos impérios português e espanhol na América. Além disso, a influência que a Inglaterra passou a exercer sobre espanhóis e principalmente sobre portugueses, o aumento da produção e das relações comerciais entre os países e a concorrência cada vez maior por novos mercados, somaram-se ao gradual desenvolvimento das colônias e deixaram evidentes as contradições e os vícios do sistema colonial.

Apesar de o contexto histórico vivido por espanhóis e portugueses ser praticamente o mesmo, a independência de suas colônias apresentam diferenças que estão ligadas ao modo como foram colonizadas e que inviabilizam qualquer pretensão de elaborarmos uma única explicação. Como propõe Maria Ligia Prado, encontrar um meio termo entre um entendimento geral que enquadre as diferentes realidades sob esse mesmo contexto e, uma explicação que considere e respeite as particularidades de cada um dos países, seria o ideal e o primeiro desafio.¹¹

Marcados inicialmente por intensos conflitos contra a coroa e posteriormente por conflitos internos, tanto no caso espanhol como no caso português as emancipações foram lideradas e promovidas pelas elites coloniais que se mostraram incapazes de realizar mudanças estruturais e romper com as principais relações de dominação. De incomum entre os novos estados que surgiam, apenas o fato de terem recebido todos os vícios do sistema colonial e de terem se organizado, como diz Leon Pomer, “a partir de situações pré-nacionais, isto é, a partir da inexistência prévia de nações.”¹² A partir de 1824, quando a presença da bandeira do liberalismo era uma realidade e sob ela a maioria das nações no continente já haviam se declarado livres, os interesses das Repúblicas que se originaram do antigo império espanhol e os do Império do Brasil, fruto da administração portuguesa, passariam a registrar as profundas diferenças políticas que marcariam o século XIX na América do Sul.

A presença francesa na Espanha repercutiu de maneira direta no trono. Sem o rei, Fernando VII, uma Junta Central organizada por algumas províncias que procuravam resistir à presença de Napoleão ficou a frente do governo. Apesar de declarar-se representante do povo espanhol, o governo nunca foi legítimo e aceito pelos hispano-americanos. Aproveitando-se da situação e a somando ao descontentamento com o sistema

¹¹ PRADO, Maria Ligia. A formação das nações latino-americanas. São Paulo: Atual; Campinas-SP: UNICAMP, 2º ed. 1986. p. 17.

¹² POMER, Leon. O surgimento das nações. São Paulo: Atual, 11º ed. 1994. p.70.

colonial já há tempo enfraquecido, grupos liderados por homens como Bolívar e San Martín foram responsáveis por iniciarem inúmeras lutas contra o domínio espanhol.

Por outro lado, apesar das chamadas guerras de independência ocorridas em algumas províncias, o caso português guarda características muito particulares. A vinda da corte para o Rio de Janeiro em 1808, fuga do exército francês e protegida pela coroa inglesa, importante mas ao mesmo tempo exigente aliada, contribuiu decisivamente para que a passagem de colônia para estado independente não tivesse a dramaticidade e a violência que existiu no processo espanhol. As inúmeras medidas, a maioria delas de caráter liberalizante, tomadas por D. João, como a criação da imprensa nacional e a abertura dos portos em 1810, fundamental para o rompimento do “pacto colonial”, acabaram sendo fundamentais para que os protestos quanto à situação da colônia não fossem tão intensos.

As incertezas geradas pelas guerras napoleônicas, principalmente no que diz respeito ao legítimo representante espanhol, permitiram que setores ligados ao comércio liderassem em Buenos Aires o processo de ruptura do vice-reinado, que na verdade, nunca desfrutou de uma condição sólida e hegemônica.¹³ A intenção dos chamados *libertadores* de manter a unidade política e territorial, oficializada através do Congresso do Panamá em 1826, acabou se tornando desde o início inviável devido às contradições de interesses econômicos observados nas diversas regiões e a influência de inúmeros caudilhos que se faziam presentes.

O movimento liderado pela elite de Buenos Aires não teve a mesma aceitação nas demais regiões do Rio da Prata, que junto com o desejo de se libertarem da repressão política da Espanha tinham também o de se libertarem da influência econômica dos portenhos. Como coloca Alfredo da Mota Menezes, “os acontecimentos em Montevideu e Assunção tomarão rumos próprios.”¹⁴

O domínio que Buenos Aires conservava sobre a entrada e saída da bacia fluvial do Prata fez com que os líderes paraguaios, mesmo sabendo das prováveis conseqüências, rejeitassem o movimento de independência iniciado pelos argentinos em 1810 como sendo também o do Paraguai. Apesar das tentativas e dos ataques militares promovidos por Buenos Aires para congregar a província de Assunção, os paraguaios se

¹³ Cf. PRADO, 1986, p. 35 – 36.

¹⁴ MENEZES, Alfredo da Mota. Guerra do Paraguai: como construímos o conflito. São Paulo/Cuiabá: Contexto/Editora da UFMT, 1998. p. 7.

declararam independentes em maio de 1811. O fato de essa ter sido reconhecida pela Argentina somente em 1852 já aponta para os futuros problemas.

A grande dificuldade do Paraguai pode ser facilmente percebida se observarmos o mapa da região. Sem saída direta para o oceano, os paraguaios se viram isolados a partir do momento em que perdiam acesso ao porto de Buenos Aires. Nesse detalhe os paraguaios encontraram as suas maiores dificuldades e os motivos para os conflitos que estiveram envolvidos. Segundo Francisco Doratioto:

para manter seu ritmo de desenvolvimento, a economia paraguaia necessitava ampliar o comércio externo, de modo a conseguir recursos para continuar a importar tecnologia. Tal quadro levou o Paraguai a ter interesses fora de suas fronteiras, a participar das questões na Bacia do Prata (...).¹⁵

Observado o caso do Paraguai, a situação do Uruguai, que teve sua independência marcada pela disputa entre brasileiros e argentinos, também merece uma breve consideração. Concebido como “Estado tampão” que separava Brasil e Argentina e garantia a livre navegação na região, o Uruguai desenvolveu-se a partir de interesses externos. A Guerra da Cisplatina (1825 – 1828), que garantiu sua independência, é o grande exemplo disso.

Tal condição deu ao Uruguai e a relação que manteria com seus vizinhos aspectos especiais. Brasil e Argentina, dando continuidade à luta que suas antigas metrópoles travaram pelo domínio do estratégico território ocupado pelo Uruguai, continuaram, mesmo após 1828 quando esse adquire sua independência, procurando interferir nos assuntos do país.

Já a construção da independência do Brasil apresenta, em relação a seus vizinhos, gritantes diferenças. A ambição de Napoleão Bonaparte representou para a América portuguesa, ao contrário do que para a América espanhola, uma aproximação nas relações entre colônia e metrópole a partir de 1808 quando a corte se transfere para o Rio de Janeiro. Falar da independência do Brasil implica, portanto, necessariamente, apesar do significado da conjuração mineira de 1789 e da baiana de 1798 que já divulgavam a

¹⁵ DORATIOTO, 2002, p. 44.

insatisfação com os abusos metropolitanos, falar dessa transferência e principalmente das reformas de cunho liberal promovidas por D. João.

Ao deixar quando da chegada de D. João a condição de colônia e assumir a condição de metrópole, o destino do Brasil independente ganhava condições anormais em comparação ao que acontecia em outras regiões do continente. Conforme Caio Prado Junior:

enquanto nas demais a separação é violenta e se resolve nos campos de batalha, no Brasil é o próprio governo metropolitano quem, premido pelas circunstâncias, embora ocasionais, que faziam da colônia a sede da monarquia, é o governo metropolitano [sic] quem vai paradoxalmente lançar as bases da autonomia brasileira.¹⁶

Em suma, a maneira como foi administrada a nova sede do governo português de 1808 até 1820, quando a Revolução do Porto alterou o rumo dos acontecimentos, deu ao rompimento entre Brasil e Portugal características bem próprias e distintas. Assim, as inúmeras divergências que surgiram entre as Repúblicas do Prata e o Império do Brasil nos quarenta anos que separam o início da Guerra da Cisplatina e a formação da Tríplice Aliança, mostram bem como foram variados os meios e as possibilidades encontradas por cada um dos estados para se afirmarem na região.

Eventuais semelhanças ou afinidades que tiveram antes, no longo tempo de colonização, vão sendo aos poucos apagadas. A Guerra do Paraguai se tornou, portanto, uma espécie de resultado final de todos esses problemas mal resolvidos, e, ao mesmo tempo, símbolo de um novo momento histórico em que entrava o continente sul-americano.

Inevitável para alguns e considerada um crime por outros, os fatores que fazem da Guerra do Paraguai um episódio determinante para a história da América do Sul, estão ligados as próprias condições políticas do período, a sua dimensão que registra os avanços da época e as conseqüências que teve para cada um de seus protagonistas. Segundo Doratioto, “os cinco anos de guerra influenciaram a configuração e o destino das sociedades que a travaram.”¹⁷

¹⁶ PRADO JUNIOR, Caio. Evolução política do Brasil: colônia e império. São Paulo, Brasiliense, 1999. p. 45.

¹⁷ DORATIOTO, Francisco. Guerra do Paraguai. In: Demétrio Magnoli (org.). História das Guerras. São Paulo: Editora Contexto, 3ª ed. 2006. p. 253.

Escolher o caminho para começar a contar a história do maior conflito armado da América do Sul se torna então, por tudo que representou e pelas várias opções, a primeira complicação. A guerra entre *blancos* e *colorados*¹⁸ no Uruguai, as particularidades da situação paraguaia na região, a disputa entre *federalistas* e *unitaristas*¹⁹ na Argentina, a resolução de conflitos internos no Brasil e mais uma boa dose de rivalidade e de coincidências políticas notadas especialmente a partir do início da década de 1860, que por sinal marca o auge de um período extremamente belicoso onde as principais potências mundiais evitaram choques entre si²⁰, somam-se, a históricos problemas de limites e as distintas pretensões dos novos países na nova conjuntura internacional que se inseriam. O cenário do continente sul-americano no momento que antecede a Guerra do Paraguai é muito bem ilustrado por Alfredo Menezes. Para ele:

O Prata estava em ebulição. Havia sinais de que os acontecimentos poderiam seguir rumos complicados. Na Argentina a busca de unidade nacional corria em fio de navalha. Blancos e colorados estavam em guerra civil no Uruguai. O Brasil com reflexos mais fortes na província do Rio Grande do Sul, mostrava-se indócil com a situação uruguaia e do Prata em geral. E, no Paraguai, Solano Lopez assumia o governo. Questões não resolvidas de fronteiras, navegação, rebeldia de províncias, desentendimentos comerciais, princípios liberais versus conservadores, soberania, personalismos se chocavam. Diante dos fatos em andamento os países menores da área sentiam-se ameaçados em sua integridade. No passado, de forma direta ou não, Argentina e Brasil ajudaram a tirar um pouco da tranqüilidade do Uruguai e do Paraguai.²¹

Apresentados aspectos pontuais do século XIX que de forma direta ou indireta repercutiram na América do Sul, e lembrados rapidamente o modo como se organizaram Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil, podemos iniciar uma explicação para o que ocorreu entre esses países de 1865 a 1870. O que pode ser adiantado, é que somente observando as várias possibilidades que se apresentavam no momento é que iremos encontrar um

¹⁸ O bipartidarismo foi uma característica marcante na política uruguaia durante a maior parte do século XIX. A rivalidade entre os dois partidos remontam suas origens, no início da década de 1830. Os enfrentamentos iniciaram-se em 1836 quando os partidários de Manuel Oribe (Partido Blanco) se opuseram aos partidários de Fructuoso Rivera (Partido Colorado) na chamada Guerra Grande.

¹⁹ Os unitários, liderados por Rosas e posteriormente por Mitre, defendiam a necessidade de um governo forte e centralizado em torno de Buenos Aires, enquanto que os federalistas, liderados por Justo José Urquiza, pregavam maior autonomia para as províncias do interior.

²⁰ Cf. HOBBSAWN, 1996, p. 107 – 123.

²¹ MENEZES, 1998, p. 67.

entendimento para a situação no continente e mais do que isso, ter a quase certeza de que dificilmente a solução para tantas pendências pudesse ser outra se não uma grande guerra.

Figura 1: Mapa da América do Sul (região platina).



FONTE: [http:// www.pesquisashelenareis.blogspot.com](http://www.pesquisashelenareis.blogspot.com)

1.2 – A trama diplomática e a montagem do cenário

Imaturas no primeiro momento, as relações diplomáticas na América do Sul durante a maior parte do século XIX tiveram como ingrediente complicador os dois distintos regimes - o monárquico e o republicano - que dividiam espaço no continente. Assim, foram normais as complicações na relação entre o Império do Brasil e as Repúblicas da Argentina, do Paraguai e do Uruguai.²² Apesar de termos a necessidade de observar todos os lados dessas relações, muitas vezes de confuso entendimento, procuramos ver antes de tudo o comportamento brasileiro no que diz respeito à conflituosa região Platina e todos os elementos que interferiram nesse comportamento.

Os estudiosos que se dedicam a história da diplomacia brasileira do século XIX, apesar de dividi-la em diferentes fases, apontam alguns elementos que acompanham toda sua trajetória e que esclarecem assim uma espécie de paradigma das ações diplomáticas. De acordo com Amado Cervo:

o sistema internacional vigente no século XIX, feito de regras de conduta padronizadas, converteu-se em poderoso instrumento de expansão dos interesses das potências capitalistas européias. Os europeus impuseram à periferia do capitalismo, à América Latina, (...) o modo de fazer comércio, de organizar a produção e até mesmo de criar instituições políticas e sociais.²³

O que significa dizer, conforme o mesmo autor, que os interesses do Brasil, apesar de por vezes serem de absoluta ordem interna, podiam se chocar com os do capitalismo europeu na região.²⁴ O vínculo diplomático entre Brasil e Inglaterra, iniciado logo no começo do século XIX, é, por esse componente, de suma importância no processo de formação do corpo diplomático brasileiro e na forma como esse passaria a elaborar suas estratégias. Sem falar da vinda da família real para a América em 1808, que já determinava a futura “sociedade”, o reconhecimento da independência pelos ingleses em 1826 teve em

²² Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque (org.) Guerra do Paraguai. In: História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Monárquico T II v. 4- declínio e queda do Império. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.p. 299.

²³ CERVO, Amado Luiz. Inserção internacional formação dos conceitos brasileiros. São Paulo Saraiva, 2008. p. 68.

²⁴ Cf. CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. História da Política exterior do Brasil. São Paulo: Ed. Ática, 1992. p. 104.

contrapartida para o Brasil ter seu mercado consumidor de produtos industrializados completamente controlado pela coroa britânica. Porém, sem sombra de dúvida, a principal questão na relação entre as duas nações nesse período diz respeito à mão - de - obra escrava, fundamental naquele momento para a economia brasileira e que os ingleses procuravam a todo custo reprimir. Inúmeras leis nesse sentido foram criadas para que aos poucos o regime de escravidão fosse abolido e passasse a ter o comércio inglês um obstáculo a menos no Brasil. O não cumprimento de uma delas, em 1831, que previa liberdade para todos os escravos que chegassem ao país a partir daquele ano, deixou pesado o clima entre os dois países e desencadeou uma série de atritos.

Ter seu mercado interno controlado pelos ingleses, como foi rapidamente colocado, se manifestou primeiramente nos valores de importação que superavam em muito os de exportação e deixavam o Brasil, sobretudo na primeira metade do século XIX, em uma difícil situação econômica. As vantagens que os ingleses tinham ao vender seus produtos ao Brasil a uma taxa alfandegária de 15% enquanto que os demais países a uma de 24% eram garantidas pelo Tratado de 1810 que havia sido renovado em 1827. Porém, é justamente a não renovação desse contrato, em 1844, que vai iniciar a mudança econômica do país e também significar outro importante passo em direção a ruptura com a Inglaterra.

A tarifa que levou o nome do ministro que a formulou, Alves Branco, dificultou a entrada de mercadorias estrangeiras no Brasil e incentivou, mesmo não sendo o principal objetivo, a produção nacional. A reação dos ingleses se manifestou através da emissão do “Bill Aberdeen” que permitia a marinha inglesa perseguir os navios negreiros.

Anos mais tarde, em 1862, quando o Brasil já pregava uma nova postura diplomática para o Prata e já eram evidentes os sinais do grande conflito que se aproximava, a famosa “Questão Christie”²⁵ marcou o rompimento diplomático entre Brasil e Inglaterra e colocou definitivamente o Império em uma nova fase de inserção internacional, na medida em que, como aponta Ricardo Sales, “(...) parecia ter posto, senão um fim, ao menos um basta à pressão britânica em relação a questão da escravidão.”²⁶

²⁵ Refere-se ao rompimento de relações diplomáticas entre Brasil e Inglaterra que só foram reatadas em 1865. Foram basicamente dois incidentes que determinaram o desentendimento entre brasileiros e ingleses: naufrágio de uma embarcação inglesa na costa do Rio Grande do Sul e furto de sua carga e desacato de oficiais britânicos a autoridades policiais brasileiras.

²⁶ SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 44.

Essa dependência, rapidamente exposta, tem apenas o objetivo de mostrar que a história da política externa do Brasil, pelo menos até 1831, esteve completamente atrelada às exigências e aos planos que a coroa inglesa tinha para a América do Sul,²⁷ e que as ações do Império aspiravam apenas abrandar as desigualdades. Como observa José Honório Rodrigues, “quando o predomínio econômico da Inglaterra deixou de ser total, sua influência política diminuiu consideravelmente.”²⁸ A partir desse momento as ações da diplomacia brasileira em relação ao Prata passariam a estar relacionadas à consolidação do estado nacional e, especialmente no que tange a economia, a conjuntura internacional.

Sobre isso, assenta Amado Cervo, que não só o contexto político e econômico de fora da América do Sul favorecia o Brasil. Lembra o autor, que europeus, norte-americanos e asiáticos, por estarem envolvidos em guerras civis, não tinham energia o suficiente para se dedicar aos assuntos do continente. Além disso, as dificuldades que argentinos e uruguaios encontravam para se articular internamente e as que o Paraguai tinha para abrir seu mercado para o exterior tornavam o cenário favorável aos brasileiros.²⁹

Não por coincidência, de 1844, com a tarifa Alves Branco que desamarrava aos poucos o Brasil da Inglaterra, até o ano de 1876 quando ainda se viviam momentos tensos em virtude dos acordos de paz e limites entre os aliados e o Paraguai, o período se caracterizou:

pela ascensão, apogeu e declínio de uma política brasileira de potência periférica regional, autoformulada, contínua e racional, na medida em que se guiava por objetivos próprios, aos quais subordinavam-se os métodos e os meios. O Prata foi a área em que ocorreu solta a política de potência do Estado-Império brasileiro.³⁰

Junto com essa soma de questões favoráveis, as inúmeras revoltas internas que solapavam o Império foram sendo controladas e seus planos para o restante do continente

²⁷ Cf. CERVO, 1992.

²⁸ RODRIGUES, José Honório; SEITENFUS, R.A.S. Uma História Diplomática do Brasil — 1531-1945. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 1995. p. 147.

²⁹ Cf. CERVO, 1992, p. 97 – 98.

³⁰ Ibid., p. 97.

aos poucos foram sendo revistos. Aliás, essa é outra diferença do Brasil em relação aos demais presentes nesse cenário que deve ser notada. Conforme anota Doratioto, no final da década de 1840, após ter construído sua união interna, o Brasil pôde voltar suas atenções de maneira integral para o Prata.³¹

A hegemonia no continente era o limite e controlar a Bacia do Prata, principal ponto de entrada e saída da América do Sul, era o início de tudo. Para isso, definitivamente o Brasil passaria a desempenhar um importante papel aproveitando-se dos infindáveis conflitos políticos nas repúblicas vizinhas.

Sabemos que o ponto fundamental para entendermos os principais motivos da Guerra do Paraguai, além do próprio contexto de formação e consolidação dos estados nacionais que a promoveram, está na importância da Bacia do Rio da Prata para o progresso econômico de quem sobre ela tivesse a voz de comando. Sobre isso, coloca Carvalho que:

A influência que a posição geográfica exerce sobre a História, oferece neste setor exemplos decisivos, principalmente depois de iniciada a segunda metade do século XIX. Os caminhos naturais, os roteiros que representam as grandes artérias de comunicação desempenharam sempre um papel decisivo nas relações internacionais.³²

Diante dessa particular condição da região, a diplomacia do Império, direcionada com toda força para a região do Prata principalmente após a Guerra contra Oribe e Rosas (1851 – 1852) e, especificamente, a que atuou durante a Guerra do Paraguai procurou de diversas maneiras consolidar uma posição de liderança frente aos demais países do continente. Para a diplomacia brasileira, ocupar essa posição dependia de alguns fatores: definir as fronteiras, o que promoveria a estabilidade e logo a paz entre os estados da região, garantir a livre navegação na Bacia do Prata e prezar pela independência do

³¹ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. O Conflito com o Paraguai – a grande guerra do Brasil. São Paulo: ed. Ática, 1996. p. 11.

³² CARVALHO, Carlos Delgado. História diplomática do Brasil. Brasília, ed. Fac. similar, Senado Federal, 1998, p. 358.

Uruguai e do Paraguai, atingindo assim as intenções econômicas, estratégicas e políticas que o Brasil tinha para o Prata naquele período.³³

De qualquer modo, a estratégia para atingir esses objetivos passou por algumas modificações durante a guerra, abraçando tanto a prática da neutralidade como a da intervenção. Muitas dessas alterações, sem dúvida alguma, estiveram ligadas a inegáveis distensões partidárias que acabam marcando o Império nesse momento. Ainda que seja complicado afirmar que a definição de fronteiras tenha sido a maior preocupação da política externa imperial durante o século XIX, é correto afirmarmos que foi a partir dessa definição que o Brasil traçou seus planos para o futuro. Desse modo, a história diplomática no século XIX é uma evolução da história dos inúmeros tratados firmados a partir do século XVI³⁴ entre espanhóis e portugueses que moldaram os limites na América do Sul.

1.3 – As rivalidades e a luta pela hegemonia regional

As complexas relações políticas entre *colorados* e *blancos* no Uruguai permitiram desde sempre que outras relações, de igual relevância, como a de *unitaristas* e *federalistas* na Argentina, por exemplo, ou a de pecuaristas sul-rio-grandenses e uruguaios na região da fronteira, com ela se cruzassem das mais diversas maneiras no momento em que eram preparados os diversos motivos para a Guerra do Paraguai. Tal condição nos obriga a considerar essas rivalidades de maneira especial, já que, fossem elas de ordem interna ou externa, permitiam a todo instante que viessem à tona antigos interesses dos protagonistas do confronto.

A posição do Uruguai no cenário internacional na América do Sul é antes e durante a Guerra do Paraguai extremamente decisiva. É esse caráter decisivo e suas relações com os vizinhos que devem ser esclarecidas não sem antes determinarmos que nesse tempo, foi o país, visto as impossibilidades de entendimento, ou *Colorado* ou *Blanco*.

Para o Brasil e para a Argentina, por razões em alguns momentos parecidas, o território uruguaio sempre foi disputado. Para os brasileiros, dominá-lo significava impedir

³³ Cf. CERVO, 1992, p. 104.

³⁴ Cf. BUENO, 1980, p. 120.

que a Argentina tivesse maior influência sobre uma área tão importante e ainda a garantia da livre navegação até a província do Mato Grosso. Já para os argentinos, representava a possibilidade de poder restaurar o Vice-Reinado do Prata e ter autoridade sobre a entrada e saída da região. Por fim, de acordo com Julio Chiavenatto, para o Paraguai poder existir, o Uruguai por sua posição teria que necessariamente se impor como um estado livre e ficar fora da área de influência de brasileiros e argentinos não permitindo assim qualquer desequilíbrio de forças na região.³⁵

Sobre a desordem interna que prevalecia no Uruguai, Carlos Delgado Carvalho, ao afirmar que essa era fruto do permanente estado de revolução por qual passava o país, a ilustra da seguinte maneira:

(...) de um lado Flores à frente de numerosos partidários percorria a campanha, do outro, Francisco Solano Lopez recém chegado ao governo do Paraguai, tinha plano preconcebido de hegemonia político-militar no Prata, e a guerra civil no Estado Oriental parecia um pretexto para a intervenção (...).³⁶

Conscientes de sua condição nesse conjunto e por ela pressionados de todos os lados, os uruguaios agiram diplomaticamente de várias maneiras. Conforme Menezes, “os passos uruguaios, em política exterior, sempre foram no sentido de buscar alianças com diferentes países ou até mesmo de se colocar sob o protetorado de algum outro. [...]”³⁷. Foi mais ou menos assim, por exemplo, que agiram em 1828 quando adquiriram sua independência ou quando acenaram junto aos paraguaios com a possibilidade de uma parceria que fosse capaz de proteger os dois países diante das iniciativas que os unitários argentinos passariam a ter contra Montevideú e posteriormente contra Assunção.³⁸ Num quadro desses não podemos ignorar o desejo e possível projeto de Lopez, apontado por muitos estudiosos dedicados ao tema, de expandir seus domínios e solucionar o problema de não ter uma saída direta para o oceano.

³⁵ Cf. CHIAVENTATTO, Julio José. Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai. Editora Brasiliense: São Paulo, 7ª ed. 1979, p. 85.

³⁶ CARVALHO, 1998, p. 81.

³⁷ MENEZES, 1998, p.69.

³⁸ Cf. Ibid., p. 67 – 94.

Nesse projeto, o líder paraguaio formaria o *Paraguai Maior*³⁹ onde vincularia a seu território regiões da Argentina, mais especificamente, as províncias federalistas, e regiões do Uruguai e do Brasil, como as províncias do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul. De qualquer forma, independente desses detalhes, essa aproximação entre os governos de Solano Lopez e o de Bernardo Berro, presidente do Uruguai, pode ser explicada pelo temor compartilhado por ambos de que Brasil e Argentina pudessem voltar, como em outras vezes, a desequilibrar as forças na região. A possível parceria de proteção mútua pensada por uruguaios e paraguaios dependia essencialmente da solução de dois pontos: o primeiro, é que falamos de um Uruguai que nesse momento tinha o *Partido Blanco* no governo, e que portanto, tinha o *Colorado* procurando alianças com os vizinhos para desestabilizá-lo, e o segundo, é que necessitariam, por questões geográficas, da colaboração das províncias de Entre Ríos e Corrientes, inimigas de Buenos Aires.

Fica claro até aqui, que essa situação impunha a Solano Lopez e ao *Partido Blanco*, em vista da rivalidade não menos intensa na república vizinha entre *unitários* e *federalistas*, a necessidade de se opor a Bartolomé Mitre, no comando da Argentina. Mesmo assim, tanto para os paraguaios como para os uruguaios os motivos para essa tomada de posição diante dos unitários já haviam sido solidificados anteriormente, no início da década de 1850, na Guerra contra Oribe e Rosas.

Para as duas repúblicas, as alianças que derrubaram o *blanco* Manuel Oribe e Juan Manuel Rosas em 1851 e 1852 foram decisivas e de diferentes maneiras influenciaram em suas futuras posições em questões envolvendo a hegemonia na região. Para os paraguaios, a principal pendência em relação à Argentina esteve ligada durante muito tempo ao reconhecimento de sua independência. Mesmo contando com governo próprio e de relativa autonomia, o Paraguai continuava sendo tratado como uma província por Buenos Aires, até que, em 1852, Urquiza assume o governo após derrotar Manuel Rosas na batalha de Monte Caseros e reconhece passados quarenta anos, a independência do país vizinho.

É inegável o efeito do gesto de Urquiza junto aos paraguaios. Representante maior das províncias federalistas, Urquiza passou a ser visto, como era de se esperar, com bons olhos e mais do que isso como um possível aliado do Paraguai. É compreensível, por

³⁹ É o nome atribuído por vários estudiosos para fazer referência aos planos expansionistas de Solano Lopez. São muitas as divergências entre os pesquisadores no que se refere aos exatos territórios que Lopez pretendia anexar ao Paraguai para o mesmo ter garantida uma saída direta para o oceano.

isso, que a volta de um unitário ao poder, o que ocorre dez anos depois quando Mitre derrota Urquiza, justamente quando Solano Lopez chega à presidência, provoque sérias desconfianças no governo paraguaio.

No Uruguai, apesar de por outros motivos, o efeito é o mesmo e significa, na medida em que as alianças que derrubaram Oribe e Rosas contaram com o apoio do *Partido Colorado*, um natural posicionamento do *Partido Blanco* contra os unitários que passariam a lutar contra Urquiza. O cruzamento da rivalidade política uruguaia com a rivalidade política argentina é observado por José Maria Rosa que afirma que “los Blancos entrelazan su política con los federales argentinos mientras los colorados lo hacen con los interventores extranjeros y los unitarios.”⁴⁰ Pelos lados da Argentina, conforme Ricardo Salles, apesar de Mitre ter conseguido após derrotar Urquiza em 1862 unificar um Estado nacional centralizado, ainda existia a oposição federalista levantada pelas províncias de Entre Ríos e Corrientes que voltavam a observar, assim como o Paraguai, o porto de Montevideú como interessante alternativa. De acordo com Doratiotto:

As duas províncias resistiam a se submeter à Buenos Aires e aceitar que a renda gerada pela alfândega desta, passagem obrigatória do comércio exterior argentino, fosse apropriada apenas pela capital, em lugar de ser nacionalizada.⁴¹

Tendo que se preocupar novamente com a integridade e autonomia de seu país, Solano Lopez viu crescer a possibilidade de aproximação e aliança com federalistas e *blancos*. Por terem sido recentemente vencidas pelas forças unitaristas, era natural, para Lopez, que as províncias federalistas lhe dessem apoio. A aliança, na visão do presidente paraguaio, seria completada com a adesão dos uruguaio do *Partido Blanco* que há mais tempo demonstravam preocupação com os rumos que tomavam as relações entre seus inimigos na região. As coisas começam a ficar mais claras. A situação descrita aproximava Solano Lopez dos federalistas argentinos e, conseqüentemente, ambos de Bernardo Berro que procurava afastar seu país tanto do poder de influência de brasileiros quanto de argentinos.⁴²

⁴⁰ Cf. ROSA, José María. La guerra del Paraguay: y las montoneras argentinas. Buenos Aires: Punto de Encuentro, 1ª ed., 2008. p. 83.

⁴¹ DORATIOTO, 2002, p. 473.

⁴² Cf. SALLES, 1990, p. 15.

Feitas essas observações, é o momento de colocarmos o Império do Brasil nesse complicado jogo de interesses. Colocando-se a frente do Paraguai e sua condição naquele momento, os objetivos da diplomacia brasileira ainda eram de garantir a livre navegação no Rio Paraguai que permitiria ao Brasil a passagem até a província de Mato Grosso, essencial inclusive para que a fronteira com aquele país permanecesse ileso, e é claro, de conter o ímpeto da Argentina sobre o país.⁴³ Fora isso, já chamava a atenção das autoridades brasileiras à forma como esse vizinho vinha se preparando militarmente nos últimos anos.

Aponta Menezes, que os ânimos dessa relação dependeram muito da situação na Argentina, ou seja, se o cenário fosse favorável às pretensões, primeiro de Rosas no tempo de Carlos Lopez e depois de Mitre quando Solano Lopez já estava no comando, à diplomacia brasileira agia no sentido de resolver prontamente suas diferenças com o governo paraguaio procurando imediatamente usá-lo como ferramenta para atingir o inimigo maior, a Argentina. Entretanto, apresentando-se um cenário desfavorável aos unitaristas, as preocupações quanto às questões ligadas ao Paraguai diminuía fazendo com que ficassem para outro momento as negociações sobre tratados de comércio, navegação e limites.⁴⁴

Esse detalhe, que comprova o que falávamos sobre a conduta diplomática do Império voltada para o Prata, deixava tenso o clima entre os dois países. Durante um bom tempo as figuras de José Maria Paranhos, por parte do Brasil, e José Berges por parte do Paraguai, foram fundamentais para que não fosse antecipado um grande conflito. Já a postura da política brasileira em relação ao Uruguai é, por diversas razões, mais complexa. O interesse que o governo imperial tinha em manter o equilíbrio no continente garantindo a independência da República Oriental ⁴⁵ encontrou diversos empecilhos e tornou-se contraditório diante de suas ações no país vizinho.

Além de buscar da maneira que fosse possível tirar proveito da instabilidade política existente no país, essas ações não eram unicamente fruto de interesses políticos e econômicos, nem tampouco de eventuais impasses existentes entre os dois países no que se refere à limitação territorial. A forma como o presidente Bernardo Berro passou a conduzir sua política na fronteira com o Rio Grande do Sul aumentou a cautela do governo

⁴³ Cf. DORATIOTO, 2002, p. 471.

⁴⁴ Cf. MENEZES, 1998, p. 29 – 35.

⁴⁵ Cf. CARVALHO, 1998, p. 83.

brasileiro. Buscando dar fim ao contrabando de gado, atividade realizada em grande escala e de difícil controle no período, Berro interferia diretamente nos interesses de sul-riograndenses que ocupavam boa parte do território vizinho.

A reação dos brasileiros foi rápida. As iniciativas do presidente uruguaio atingiam diretamente o mercado charqueador, essencial para alimentar a mão-de-obra escrava. Segundo Léon Pomer, historiador argentino, a “margem oriental do Prata pede para ser a pérola da coroa – a mais esplêndida - dizem os riograndenses, e os chefes do Império não discordam.”⁴⁶

Sobre esse impasse, deve ser destacado que a relação entre a província do Rio Grande do Sul e o Império ainda era frágil, basicamente por não estarem totalmente cicatrizadas as feridas deixadas pela Guerra dos Farrapos que havia terminado após dez anos de luta, em 1845. Logo, temia o governo imperial que os desentendimentos pudessem despertar o desejo de independência que havia sido sufocado na província. Era preciso toda a atenção para os acontecimentos na fronteira.

Se as circunstâncias deixam claras as razões da importância das províncias federalistas inimigas de Mitre para o Paraguai e para o Uruguai, e logo, o porquê também de se aproximarem, mostram ao mesmo tempo os motivos que os dois grandes do continente, Brasil e Argentina, no seu lado unitarista, tiveram para se aproximar do *Partido Colorado*. Se para a Argentina os motivos para reagir contra a situação interna no Uruguai estão ligados ao apoio explícito e não inédito dado pelo *Partido Blanco*, juntamente com o Paraguai as províncias federalistas, para o Brasil os motivos se encontram na comentada insatisfação dos brasileiros quanto ao tratamento que recebiam dos uruguaiois. Em situação delicada diante de seus súditos no sul, o Império viu, mais do que o dever, a oportunidade perfeita de novamente intervir no governo uruguaio e defender os interesses da província que ocupava um lugar estratégico na luta pela influência na região.

Pendências referentes a limites com o Paraguai e também o fato de não ser bem vinda uma eventual união entre as Repúblicas do Paraguai e do Uruguai com as províncias federalistas, aproximavam brasileiros e argentinos que nesse caso, ao menos momentaneamente dividiam as mesmas preocupações. Considerando a posição do Brasil

⁴⁶ POMER, León. A guerra do Paraguai: a grande tragédia rio-platense. São Paulo: Passado y Presente, 1980. p. 66.

frente à Argentina, fica muito claro ao longo da história do Império que não interessava aos brasileiros a unificação da república vizinha como pretendiam os portenhos.⁴⁷

Por diversas vezes o Brasil se viu envolvido na disputa entre Buenos Aires e a Confederação Argentina, se colocando abertamente ao lado dos federalistas. Diante disso, o que faz, afinal de contas, o Império do Brasil se posicionar ao lado de unitários e contra os federalistas se sua posição sempre foi contrária? Parte da resposta é encontrada nas coincidências políticas do ano de 1862, que significaram uma importante mudança no quadro apresentado e mais adiante, para o Paraguai, o completo isolamento.

Além de ter sido o ano em que Solano Lopez assumiu o comando na República do Paraguai, os acontecimentos de 1862 no Brasil e na Argentina suavizaram a histórica rivalidade entre os dois países. Enquanto que na Argentina, após a unificação, o Partido Liberal chegava com Bartolomé Mitre ao poder, no Brasil, significativas mudanças verificadas na sociedade e na economia impossibilitaram a manutenção do entrosamento entre conservadores e liberais, que desde 1852 dividiam o mesmo ministério. Com a ruptura do ministério da conciliação, como ficou conhecido, os liberais assumem o comando para deixar somente em 1868, quando os conservadores retornam e nova crise política é estabelecida no país.⁴⁸ Para Doratioto:

O fato de grupos políticos liberais ocuparem o poder, simultaneamente, no Brasil e na Argentina, enquanto os governos de Assunção tinham orientação política oposta, facilitou, por certo, a aproximação, e depois a aliança, entre Buenos Aires e o Rio de Janeiro.⁴⁹

O fato é que apesar de movidos por diferentes desejos, a nova conjuntura proporcionava um natural apoio de brasileiros e argentinos aos *colorados* o que por sua vez, resultaria na ativação do possível acordo existente entre o *Partido Blanco* e Solano Lopez.

⁴⁷ Cf. DORATIOTO, 2002, p. 471 – 473.

⁴⁸ Cf. COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia à República – momentos decisivos. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 7ª. ed. 1999. p. 157 – 162.

⁴⁹ DORATIOTO, 2002, p. 72.

1.4 – O caminho para a guerra: a presença do Império no Uruguai

A decisão de invadir o território uruguaio e cobrar providências e indenizações referentes aos maus tratos que os sul-rio-grandenses haviam sofrido por parte das autoridades uruguaias, além de ser fruto de intenso debate diplomático, significou o auge de um período que foi marcado pela constante presença brasileira na região. De acordo com Doratioto, “durante boa parte da crise uruguaia não havia unidade, nos meios políticos brasileiros, quanto à postura que o Império deveria adotar.”⁵⁰

Figura 2: Região de fronteira entre Brasil e Uruguai.



FONTE: <http://www.infoescola.com>

Como já referido, a província do Rio Grande do Sul tem importante papel nessa passagem que pode ser considerada talvez, como a que melhor aponta a íntima relação da política interna com a política externa durante o século XIX. Desde o período colonial o espaço hoje compreendido como de Brasil (Rio Grande do Sul) e de Uruguai foi disputado acirradamente fazendo com que a fronteira entre os dois países estivesse sempre a mercê de novos tratados e presenciando desavenças de toda a natureza, sendo essa condição responsável por colocar os sul-rio-grandenses, como trataremos a seguir, em envolvimento direto nos conflitos platinos. Essa região de limites automaticamente se tornou área de constante comércio, tanto legal como ilegal, onde gaúchos com propriedades no país vizinho tinham na pecuária, voltada para a produção do charque, sua principal atividade.

⁵⁰ DORATIOTO, 2002, p. 66.

A crise diplomática entre o Império do Brasil e a República Oriental do Uruguai se inicia justamente em virtude do fértil comércio na região, mais especificamente quando o Uruguai, que já vinha acusando “contingentes brasileiros e argentinos de auxiliar os elementos que viviam de saque e de roubo,”⁵¹ passou a adotar algumas medidas que buscavam regularizar o comércio, coibir a atividade do contrabando e evitar o uso da mão-de-obra escrava no país.⁵²

O impasse estava estabelecido, e a diplomacia que ainda era a principal arma do Império para resolver suas pendências na conflituosa região do Prata⁵³ logo não seria mais suficiente. Em fevereiro de 1864, as palavras do senador Pimenta Bueno comprovam a forte pressão que havia sobre a política externa adotada naquele momento. Para ele, a neutralidade que se observava era uma boa política, mas não poderia ser absoluta e imutável. Sendo boa, somente enquanto não comprometesse os interesses do país.⁵⁴

Insatisfeitos com as novas medidas tomadas pelo governo *blanco*, os brasileiros cobravam uma reação do Império. Entendendo que a própria ordem interna e unidade nacional, dependiam de um atendimento aos pedidos dos súditos do sul,⁵⁵ temendo que a Argentina fosse sozinha tomar as rédeas no país vizinho e tendo que responder a opinião pública que não perdoava a humilhação sofrida pela diplomacia brasileira no caso Christie, o Império decide cobrar as devidas explicações e indenizações junto ao governo da República do Uruguai. Duas missões diplomáticas foram enviadas a Montevideú.

A primeira delas, a conhecida missão Saraiva iniciada em maio de 1864, além de ter tido o objetivo de proteger os súditos do imperador no que se refere às ofensas que esses vinham sofrendo na fronteira, cobrava explicações quanto a problemas mais antigos relacionados ao tratado firmado em 1851. Ele assegurava, especialmente aos sul-riograndenses, o direito de passagem do gado para as charqueadas e o direito de solicitar ao governo uruguaio a entrega de escravos foragidos. Por ter sido esse um tratado firmado com os colorados, todas as vezes que o *Partido Blanco* estava no poder, como no caso,

⁵¹ CARVALHO, 1998, p. 87.

⁵² Cf. DORATIOTO, 2002, p. 45.

⁵³ Cf. CERVO, 1992, p. 106 – 108.

⁵⁴ Cf. CARVALHO, 1998, p. 82.

⁵⁵ Cf. CHIAVENTATTO, 1979, p. 91 – 92.

novamente o tratado precisava ser discutido para que seu cumprimento fosse garantido.⁵⁶

Segundo Tau Golin:

O Império professava a neutralidade, porém, concretamente, em função da geopolítica do Prata e das ações dos grupos caudilhescos independizados, já começava a se preparar para uma possível intervenção. (...) Na bagagem, Saraiva levaria uma relação de reclamações, imposições de garantias e indenizações a serem imputadas ao governo uruguaio. Em caso de não atendidas, seriam garantidas diretamente pelas tropas imperiais.⁵⁷

Percebendo que seriam grandes as dificuldades para se alcançar os principais objetivos, Saraiva procurou dar a missão um caráter conciliatório e estabelecer a paz no Uruguai. Para tanto, reuniu-se em Puntas del Rosário no dia 18 julho de 1864 com Rufino Elizalde enviado por Mitre, com o uruguaio Andrés Lamas e ainda com o ministro inglês, Edward Thorton. De acordo com Doratioto, “a mediação fracassou em seu objetivo de pacificar o Uruguai, mas criou condições de confiança mútua entre a Argentina e o Império.”⁵⁸

As orientações que Saraiva havia recebido eram bem claras e caso as exigências não fossem atendidas o Brasil empregaria a força para resolver a questão. Como previa o ministro brasileiro, as exigências não amedrontaram o governo *blanco* que nesse momento, acreditando no possível apoio que receberia do Paraguai, ainda responsabilizava argentinos e brasileiros pela guerra civil que atingia o país. Visto por alguns apenas como estratégia para se ganhar tempo, um mês após o encontro, foi apresentado o *ultimatum* ao governo uruguaio.

Para o Paraguai, a pressão brasileira no Uruguai era o começo para fechar a Bacia do Prata e logo, é claro, um motivo para a guerra.⁵⁹ Os paraguaios através do ministro das relações exteriores, José Berges, emitiram uma nota alertando sobre as consequências que poderia ter para todos uma intervenção brasileira no Uruguai.

⁵⁶ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Regiões-provinciais na Guerra da Tríplice Aliança. In: Revista Topoi, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009. p. 76 – 77.

⁵⁷ GOLIN, Tau. A Fronteira: volume 2. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 227.

⁵⁸ DORATIOTO, 2002, p. 56.

⁵⁹ Cf. CHIAVENTATTO, 1979, p. 85 – 86.

O governo da Republica do Paraguai considerará qualquer ocupação do território oriental por forças imperiais, pelos motivos consignados no ultimatum de 4 corrente (...) como atentatória dos equilíbrios dos Estados do Prata, que interessa à República do Paraguai como garantia de sua segurança, paz e prosperidade, e que protesta da maneira a mais solene contra tal ato, desonerando-se desde já de toda responsabilidade pelas consequências da presente declaração.⁶⁰

Sem êxito em sua missão, Saraiva dá lugar a Paranhos que praticamente com os mesmos objetivos, mas com uma nova conjuntura, tenta resolver a questão. Junto com a diplomacia já estava em ação o plano militar. A tomada de Paissandu e o bloqueio a Montevideú resolveram a situação no Uruguai.⁶¹ Era a terceira intervenção político-militar do Brasil no país, essa, sem sombra de dúvida, a que teve as maiores e mais graves consequências.

Era chegado o momento das forças militares tentarem solucionar os problemas que a diplomacia não fora capaz. Aproximava-se a Guerra do Paraguai, a maior e mais sangrenta já ocorrida na América do Sul e que teve seu percurso decidido logo no seu início, quando as forças aliadas tomaram a posição de ataque e nunca mais a perderam, mas que mesmo assim, muito mais por interesses pessoais do que propriamente nacionais não pôde ser encerrada. De acordo com Thiago Rabelo Sales:

Observando esse cenário de intensa movimentação política na bacia do Prata, visualizamos claramente os motivos que levaram ao confronto armado. Além de um intrigante jogo de interesses e vaidades, as movimentações políticas internas nos países platinos nos mostram que a guerra do Paraguai não era necessária, mas não havia como não acontecer. O grande número de questões pendentes e a falta de um corpo diplomático qualificado por parte de alguns dos envolvidos, certamente foram elementos catalisadores para que as armas fossem usadas como única solução possível naquele momento.⁶²

⁶⁰ José Berges *apud* GOLIN, Tau. A Fronteira: volume 2. Porto Alegre: L&PM, 2004. 261.

⁶¹ Cf. CERVO, Amado Luiz. O Parlamento Brasileiro e as Relações Exteriores (1826 – 1889). Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981. p. 102.

⁶² SALES, Thiago Rabelo. Um conflito anunciado: o cenário político sul-americano às vésperas da Guerra do Paraguai. 'Usos do Passado' — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006.

Lembra Francisco Doratioto, que “as diplomacias argentina e brasileira estavam de acordo entre si quanto à situação no Uruguai e avaliaram que o Paraguai não iria além do apoio retórico ao governo Blanco. Enganavam-se.”⁶³ Enquanto que o *Partido Colorado* através de Venâncio Flores estava próximo de assumir o governo no Uruguai graças à intervenção brasileira e consentimento argentino, Solano Lopez, em nome do equilíbrio de forças na região⁶⁴ e da independência do Uruguai, apreendia o vapor brasileiro Marquês de Olinda que subia o rio Paraguai e levava Frederico Campos, presidente da província de Mato Grosso.

Independente do debate que procura descobrir e muitas vezes julgar se a resposta imediata do Paraguai era ou não era esperada por Brasil e também por Argentina, temos que saber que de qualquer forma o episódio significou o princípio da guerra. Pelos próximos cinco anos, contrariando o que todos projetavam para a duração do conflito, tanto os aliados quanto Solano Lopez iriam protagonizar uma das maiores guerras daquele século e marcar definitivamente a história do continente. Afinal, pequenos conflitos foram transformados em uma grande guerra.

1.5 – O Rio Grande do Sul, o Império e o Prata

Podemos observar, até aqui, que a Guerra do Paraguai foi resultado final de uma acirrada disputa internacional, mas que ao mesmo tempo foi conduzida por questões de âmbito regional nas quais aparece espaço interessante para a província do Rio Grande do Sul. A identidade do povo sul-rio-grandense, formada e consolidada durante o século XIX, teve como efetivo elemento em sua constituição a atividade militar. A própria integração da parte do território em que se estabeleceu e se organizou a capitânia do Rio Grande de São Pedro, foi notadamente motivada pela necessidade de expandir ou defender o território.

⁶³ DORATIOTO, 2006, p. 258.

⁶⁴ Cf. SALLES, 1990, p. 52.

Marginalizado em termos de participação na administração central durante todo o século XIX, chamou atenção por ser palco constante de enfrentamentos militares. Primeiro como bastião avançado do Império português na América; depois, por sediar o movimento separatista mais grave enfrentado pelo governo independente (Revolução Farroupilha), e, finalmente, por refletir internamente os conflitos que cercaram a formação nacional do Uruguai e Argentina. Durante o século XIX os enfrentamentos entre blancos e colorados, unitários e federais tiveram eco imediato na sua política interna.⁶⁵

Podendo, por sua estratégica posição e dependendo das possibilidades de variações políticas, tanto fazer parte do Brasil como de outros países,⁶⁶ o Rio Grande do Sul passou a ser visto de outra maneira pelo governo a partir de 1808. Prova da condição que iria assumir pode ser encontrada em uma das primeiras decisões de D. João após chegar ao Brasil, que foi, conforme lembra o historiador Moacyr Flores, reorganizar militarmente a capitania localizando nela maior número de tropas.⁶⁷ Mais tarde, após a independência e com mais evidência durante o segundo reinado, o fato de estar próxima e ocupar uma região constantemente disputada modelou “um perfil específico à sua história, à construção de sua sociedade e de sua formação política.”⁶⁸ Como diz Jorge Salis Goulart, “o espírito militar (...) foi na alma rio-grandense a maior fonte de sociabilidade que é possível imaginar.”⁶⁹ Segundo Ana Luiza Reckziegel:

A mobilidade da linha fronteira reforçou o caráter militar da sociedade que se formava. Muitos núcleos eram criados e abandonados em curto espaço de tempo, e outros conseguiram se instalar definitivamente com base em sua condição estratégico militar (...)⁷⁰

⁶⁵ NOLL, Maria Izabel; TRINDADE, Hélió. Estatísticas eleitorais do Rio Grande da América do Sul 1823/2002. Porto Alegre: UFRGS/ Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul: 2004. p. 16.

⁶⁶ Cf. OLIVEN, R. G. O Rio Grande do Sul e o Brasil: Uma Relação Controvertida. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 3, p. 5-14, 1989. p. 7.

⁶⁷ Cf. FLORES, Moacyr. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ediplat, 8ª ed. 2006. p. 69.

⁶⁸ PADOIN, Maria Medianeira. . A Revolução Farroupilha. In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (direção do volume). História Geral do Rio Grande do Sul – Volume 2 Império. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 41.

⁶⁹ GOULART, Jorge Salis. A formação do Rio Grande do Sul. 4ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro; Caxias do Sul: EDUCS, 1985. p. 77.

⁷⁰ RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. A Diplomacia Marginal – vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (1893 – 1904). Passo Fundo: UPF EDITORA, 1999. p. 36.

Desde a formação do “Exército do Sul” na província, com a finalidade de combater os argentinos na disputa pelo domínio sobre a Banda Oriental, os sul-rio-grandenses permaneceram envolvidos nas diversas questões militares que marcaram a região no período. Diante desse envolvimento, torna-se praticamente impossível falar da história do Rio Grande do Sul sem associá-la a história da formação dos estados vizinhos, primeiro do Uruguai e depois da Argentina.⁷¹

As decorrências da Guerra da Cisplatina tiveram grande impacto para a província. Após os três anos de conflito, a independência do Uruguai significou principalmente a perda do gado uruguaio e a presença de um forte concorrente na produção e comércio do charque. Do conflito, há pouco terminado, já apareciam alguns dos subsídios para o próximo, mais longo, desgastante e decisivo para a história do Rio Grande do Sul.⁷²

Dessa vez, não em defesa dos projetos do Império no Prata, mas sim contra os abusos e desmandos cometidos por ele, os sul-rio-grandenses protagonizaram a tão aclamada Guerra dos Farrapos (1835 – 1845), quando parte do Rio Grande do Sul esteve apartado do restante do Império. As pretensões da província e a articulação política que havia entre lideranças sul-rio-grandenses e uruguaias que se verificavam antes mesmo da guerra, exigiram todo o esforço do governo central. Afinal de contas, depois de perder a Província Cisplatina, manter a ordem no Rio Grande do Sul era a urgência do governo brasileiro.

O pós-guerra foi traumático para a província. Lembra Moacyr Flores, que “durante os 10 anos da guerra civil a imigração estrangeira esteve suspensa, estâncias e campos ficaram despovoados, as charqueadas destruídas, pontes arruinadas e mais de quatro mil famílias emigraram.”⁷³ Além de ter seu crescimento econômico bruscamente interrompido, os sul-rio-grandenses tiveram que aceitar um acordo que não atingia plenamente suas aspirações iniciais.

Ser derrotado no campo militar representou também, de certa forma, uma derrota no plano político. Apesar da derrota e de ficarem politicamente enfraquecidos, em especial após a organização dos conservadores na província, lembra Helga Picollo que ao

⁷¹ Cf. KUHN, Fábio. Breve História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002. p. 85.

⁷² PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 7ª ed. 1994. p. 37.

⁷³ FLORES, Moacyr. Rio Grande do Sul: Guerras e Conflitos. Memorial do Rio Grande do Sul Caderno de História, nº 38. p. 16.

demonstrarem a sua capacidade de mobilização e de sustentar seus objetivos e interesses por tantos anos, os pecuaristas da região da fronteira permaneceram com prestígio junto à sociedade.⁷⁴ Durante o período de divergência entre a província e o Império a representatividade das milícias do Rio Grande do Sul para os projetos brasileiros no Prata ganhou ainda mais evidência. Como lembra Kuhn, sem a força e o apoio dos sul-rio-grandenses, a política externa brasileira voltada para a região ficou paralisada.⁷⁵

A ascensão de Juan Manuel Rosas na Argentina e a instabilidade política que predominava no Uruguai deixavam o governo brasileiro em constante estado de alerta. As supostas pretensões dos argentinos e a bem definida política do Império, tornaram impossível que a disputa entre Brasil e Buenos Aires pela hegemonia na região do Rio da Prata não chegasse, mais uma vez, ao campo militar.

Atento a uma possível aliança entre os caudilhos Oribe e Rosas, o Império já projetava suas ações depois que a guerra contra os farroupilhas fosse encerrada. Assim, desde 1842 o governo imperial passou a procurar meios para a paz com os revoltosos estabelecendo um imposto sobre o charque que vinha de fora para concorrer com o produzido pelos sul-rio-grandenses.⁷⁶ Esses acertos com o governo e mais a instabilidade política que agitava o Prata, resultado da Guerra Grande, permitiram que a recuperação econômica dos grandes estancieiros e charqueadores fosse relativamente rápida. Fora isso, devemos considerar as palavras de Sandra Pesavento que sugere que a oferta de paz feita aos farroupilhas e oficializada no tratado de Ponche Verde, está relacionada ao apoio militar e econômico que esperava o Império receber da província na luta contra os vizinhos que já se aproximava.⁷⁷ Conforme Mario Maestri:

Um acontecimento político internacional permitiu a aproximação dos criadores da fronteira ao poder central, soldando parcialmente fraturas deixadas pela revolta separatista. Apenas cinco anos após o fim da guerra civil sulina, os antigos chefes farrapos uniram-se aos ex-inimigos numa empreitada comum, sob a odiada bandeira do Império.⁷⁸

⁷⁴ Cf. PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. *Vida Política no século 19: da descolonização ao movimento republicano*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. 3.ed., 1998. p. 48.

⁷⁵ Cf. KUHN, 2002, p. 106.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 85.

⁷⁷ Cf. PESAVENTO, 1994, p. 39 – 40.

⁷⁸ MAESTRI, Mario. *Uma história do Rio Grande do Sul. V.2. O Império - da consolidação à crise do escravismo 1822-1889*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005. p. 73.

Como era comum na região de fronteira naquele período, um simples acomodamento de interesses bastava para alterar radicalmente o quadro político. Após a vitória de Oribe sobre Frutuoso Rivera, os grandes proprietários passaram a conviver com freqüentes ataques e saques a suas estâncias localizadas no território vizinho.⁷⁹ Esta situação, comentada anteriormente, tornou-se oportunidade perfeita para a reaproximação entre os rebeldes do Rio Grande do Sul e o governo imperial, que, intervindo no Uruguai, mais do que garantir o apoio da elite da província recentemente pacificada aumentava as chances de parar o caudilho Rosas.

Não há dúvida que a convergência de interesses teve grande significado. Entre agosto de 1851 e fevereiro de 1852 a aliança entre o Império do Brasil, Uruguai, pelo seu lado *colorado*, e as províncias de Entre Rio e Corrientes, inimigas de Buenos Aires, se opuseram contra Oribe e Rosas.

Manuel Oribe pouco pôde fazer contra os vinte e oito mil soldados brasileiros que ocuparam Montevideú. Alcançada a primeira parte do objetivo, era chegado o momento dos exércitos do Brasil e da Argentina protagonizarem um confronto decisivo. Para o Império, a vitória em Monte Caseros colocou fim ao sonho de unificação do antigo Vice-Reinado sustentado por Rosas e representou o caminho livre para a consolidação da hegemonia brasileira na região platina. Para a elite da região da campanha, a supremacia do Império se materializou na expansão do território e do poder político e econômico. Em termos militares, o Rio Grande do Sul desempenhou importante papel colaborando com cerca de três quartos do efetivo do exército brasileiro, comandado pelo antigo inimigo durante a Guerra Farroupilha, Duque de Caxias.⁸⁰

Entretanto, a vitória contra Oribe não significou a tranquilidade em relação aos assuntos políticos no Uruguai. A relação da província do Rio Grande do Sul com a República do Uruguai guarda características que ficaram de fora da pauta de discussões entre portugueses e espanhóis a cerca da demarcação de fronteiras. O fato dessa relação se dar em uma área de, como diz Ana Luiza Reckziegel, “interação, interdependência e complementaridade,”⁸¹ tanto econômica como cultural e política, fez com que ela tivesse grande importância para os planos do Império do Brasil.

⁷⁹ Cf. VIANNA, Hélio. História diplomática do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1961. p. 189.

⁸⁰ Cf. MAESTRI, 2005, p. 76.

⁸¹ RECKZIEGEL, 1999, p. 40.

Em 1864, a delicada situação na fronteira arranhou as necessidades da elite sul-rio-grandense com os interesses do Brasil no Prata e fez com que a província novamente se mobilizasse militarmente. Segundo Pandiá Calógeras:

Numerosos brasileiros eram possuidores de terras no Uruguai, em continuidade com as estâncias que tinham no Rio Grande. O sentimento hostil, não público, a princípio, manifestava-se em pirraças e pequenos vexames; mais tarde foram ataques mais graves, assassínios, roubos de gado, ao longo da fronteira. (...) Sempre foram conhecidos os rio-grandenses como belicosos, suscetíveis em matéria de pundonor. Tais processos de vexatória hostilidade puseram a província toda em pé de guerra: sua única propriedade, o gado, estava ameaçada; suas vidas, postas em perigo; suas fazendas, invadidas e destroçadas. Não se tratava de prejuízos sem importância (...) ⁸²

Para os grandes estancieiros da província, a insegurança de suas propriedades era resultado da política de Atanásio Aguirre, presidente uruguaio que procurava diminuir a influência brasileira em seu território. Ao reivindicarem “proteção” do Império, os grandes criadores que mantinham no território do país vizinho boa parte de seus rebanhos, ressuscitavam duas coisas: os interesses e os medos do Império nos assuntos ligados a região. Após o fracasso diplomático, a intervenção brasileira no Uruguai destituiu Aguirre atendendo assim as reivindicações dos sul-rio-grandenses. Estava ativada a partir desse momento a articulação política que deu início a Guerra do Paraguai.

Solano Lopez, receoso em relação às pretensões do Brasil no Uruguai, aponta seu exército para o sul fazendo uma leitura equivocada sobre o quadro político dos vizinhos. Para socorrer Aguirre e impedir assim que o Brasil comandasse a entrada e saída do estuário do Prata, planejava Lopez cruzar com suas forças pelas províncias federalistas na Argentina e chegar ao Rio Grande do Sul de onde partiria para Montevidéu. Estando as forças do exército imperial investidas no Uruguai, causou constrangimento a facilidade com que o exército paraguaio, após cruzar o território argentino, dominou no Rio Grande do Sul as cidades de Itaqui, São Borja e Uruguaiana. Conforme Moacyr Flores, enquanto

⁸² CALÓGERAS. Pandiá J. Formação histórica do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972. p. 233.

que os paraguaios sob o comando de Estigarribia mobilizavam dez mil soldados para invadir a província, os riograndenses reuniam dois mil.⁸³

Mesmo constrangidos e com a sensação de insegurança que se espalhou após a invasão dos paraguaios, acreditavam todos, apesar dos pesares, que seria relativamente fácil expulsar o inimigo do Rio Grande do Sul depois que as tropas fossem reorganizadas. Essa esperança é justificada da seguinte maneira por Genivaldo Gonçalves Pinto:

Os fatores mobilização e adestramento estavam assentados no espírito reinante na província, uma terra de tradição combativa com unidades do Exército de Linha – tropa regular – e unidades da Guarda Nacional, apresentando um quadro em que os soldados de ambas as forças conferiam experiência suficiente para uma convocação tão emergencial quanto foi para o início dos combates, principalmente por ser abundante em tropa de cavalaria.⁸⁴

Mesmo assim, os acontecimentos no Rio Grande do Sul deram a nítida impressão que a vitória sobre Rosas em 1852 havia sido a última grande contribuição das forças militares da província em relação aos objetivos do Império. Mais do que isso, a confiança dos brasileiros ficou abalada com a derrota das milícias sul-riograndenses, já que até então, eram delas a maior responsabilidade por defender a fronteira e principalmente os interesses da política externa brasileira voltada para o Prata.

Contudo, não podemos simplificar a explicação para o aparente desamparo da província o relacionando somente com o efetivo que se encontrava no Uruguai. Para os grandes proprietários da campanha, o interesse na intervenção do Império no Uruguai ia até a deposição do presidente Bernardo Berro. Qualquer outra realidade no campo político ou militar que fosse resultar da ação brasileira no país vizinho seria para os sul-riograndenses, ao menos num primeiro momento, indesejada. Além disso, podemos considerar que na guerra que o Império do Brasil estava iniciando contra o Paraguai os possíveis ganhos e interesses do Rio Grande do Sul seriam menores se comparados a outras intervenções brasileiras na região platina.

⁸³ Cf. FLORES, 2006. p. 91.

⁸⁴ PINTO, 2006, p. 116.

Até então, em todos os conflitos no Prata o Rio Grande do Sul havia sentido os dois lados. Se é verdade que os sul-rio-grandenses penaram com os prejuízos, não é menos verdade que souberam os grandes senhores da fronteira tirar proveito de uma série de possibilidades. O envolvimento direto nos impasses do Império na região permitiu a elite da província, como diz Guazzelli, “uma série de ações políticas que não diziam respeito aos interesses maiores do Império. (...)”⁸⁵ Dessa vez, entretanto, para Helga Piccolo:

a mobilização militar exigida do Rio Grande do Sul para que o Império pudesse fazer frente a Solano Lopez, também foi questionado sob o argumento de que “a guerra não dizia respeito à província.” Afinal, sul-rio-grandenses ainda não eram proprietários de terras no Paraguai.⁸⁶

Mesmo assim, a organização imperial em termos militares diante da Guerra do Paraguai não sofreu grandes alterações se comparada aos conflitos anteriores na região, ou seja, permaneceu sendo o Rio Grande do Sul o maior fornecedor de soldados. Como lembra Genivaldo Pinto, mesmo sendo a sétima em população no período, cerca de 27,45 % de todo o efetivo brasileiro provinham da província do Rio Grande do Sul, que era, segundo o mesmo autor, “aguerrida, com homens experimentados em guerras, recrutados voluntariamente ou a *laço*.”⁸⁷ Por tudo isso, tanto o sucesso como o fracasso imperial na região platina dependiam essencialmente da lealdade dos sul-rio-grandenses. Para o Império, garantir essa lealdade tornava-se extremamente necessário.

1.6 – Da diplomacia ao campo de batalha

Tendo Frederico Campos, presidente da província do Mato Grosso, como prisioneiro e já estando rompidas as relações diplomáticas entre os dois países, Solano Lopez decide em dezembro de 1864 invadir a província de Mato Grosso, que despreparada

⁸⁵ GUAZZELLI, 2009, p. 79.

⁸⁶ PICCOLO, 1998, p. 56

⁸⁷ PINTO, 2006, p. 101 – 102.

e desprotegida muito pouco pode fazer para resistir.⁸⁸ A reação do Brasil foi lenta, e somente em abril de 1865 se organizou uma expedição que partiu do Rio de Janeiro para, conforme a retórica da época, “defender a honra e a imagem do império”, *arranhadas* com a invasão paraguaia, e procurar surpreender o inimigo naquela região abreviando assim o conflito. No entanto, o completo fracasso da expedição, muito bem retratada na obra de Taunay, *A Retirada da Laguna*, inviabilizou qualquer pretensão.

Já para o Paraguai, ter o controle quase completo da província de Mato Grosso não significou, apesar do material bélico apreendido, uma grande vantagem ou muito menos interferiu substancialmente nos episódios que estavam por vir. Muitos analisam a ocupação da província do Mato Grosso como mera estratégia de Solano Lopez que, além de impedir que seu território fosse invadido por aquela região e mexer com os ânimos de *federalistas* e de *blancos*⁸⁹, poderia desviar a atenção das forças imperiais para o norte, quando as coisas na verdade se decidiriam mais ao sul.

Dando continuidade a seus planos, Lopez mira a província do Rio Grande do Sul, de onde partiria para socorrer os *blancos* derrotados por Venâncio Flores e seus aliados no Uruguai. Para isso, contava com a livre passagem sobre a província de Corrientes e até mesmo, pelo que vimos, com o apoio do líder federalista Justo José Urquiza, o que acabou não acontecendo. Conforme Doratioto:

A falta de adesão de correntinos e entreerrianos a Solano López foi o primeiro e importante fator para inviabilizar seu plano de campanha no Prata. O líder paraguaio esperava que suas tropas em Corrientes fossem reforçadas pelas milícias de Entre Rios e de Corrientes, com o general Urquiza colocando-se do lado paraguaio.⁹⁰

Ainda sem saber da primeira falha em sua estratégia, Lopez pede permissão a Bartolomé Mitre para poder cruzar pelo território argentino. Mitre, temendo que uma vitória do Paraguai nesse conflito pudesse representar um aumento dos empecilhos na luta,

⁸⁸ Cf. SALLES, 1990, p. 15.

⁸⁹ Cf. DORATIOTO, 1996, p. 16 – 20.

⁹⁰ Id., 2002, p. 135.

que ainda existia, para consolidar a Argentina, logo viu que sua política de neutralidade seria inviável. Certo disso e com objetivos bem claros, colocou-se ao lado daquele que até então, tinha sido seu maior rival no cenário sul-americano ⁹¹ negando passagem ao presidente paraguaio.

Qual foi a atitude de Solano Lopez? Declarar guerra a Argentina e invadir a província de Corrientes em março de 1865. A consequência dela? O total isolamento. Para Francisco Doratioto, tratou-se de um “gritante erro do governo paraguaio, que o levou a acumular inimigos.” ⁹² Quando as forças de Lopez dominam Corrientes em abril para de lá partirem para o Rio Grande do Sul, no Uruguai as coisas já haviam sido resolvidas a favor do *Partido Colorado* de Venâncio Flores. Com a assinatura do Protocolo de Vila União, os *blancos* passaram o poder ao seu tradicional adversário e ficaram impedidos assim de apoiar o Paraguai.

Os fatores que faziam Lopez crer naquilo que ninguém mais conseguia, ou seja, no sucesso em sua investida contra uma já clara aliança que se formava para combater sua república são vários. Os mais evidentes estão ligados ao apoio que poderia e que esperava receber de *blancos* e *federalistas*. Estes neutralizariam Venâncio Flores e Bartolomé Mitre, restando para o Paraguai encarar o isolado Brasil em um confronto que Solano Lopez acreditava poder vencer. O modo como o Império defendeu e tentou socorrer o Mato Grosso e as dificuldades que encontrou para mobilizar suas forças para invadir o Uruguai, o faziam crer numa possível vitória. Mais tarde, saberia de seu equívoco. ⁹³

Os interesses dos federalistas, ligados também aos ganhos que poderiam ter no comércio durante a guerra e a vitória do *Partido Colorado* no Uruguai, inviabilizaram completamente o plano de Solano Lopez. Não tendo mais o *Partido Blanco* a lhe apoiar no projeto de expandir sua influência e até mesmo suas fronteiras e não podendo contar com o principal nome entre os federalistas, Justo José Urquiza, o Paraguai se viu completamente isolado e assistiu a formação contra si da Tríplice Aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai assinada em maio de 1865, sem nada poder fazer.

Compreender a reação contra as atitudes do governo paraguaio exige uma rápida apresentação do famoso Tratado da Tríplice Aliança, que por diversas razões, antes, durante e após a guerra proporcionou debates de toda a natureza. O próprio momento em

⁹¹ Cf. CARVALHO, 1998, p. 90.

⁹² DORATIOTO, 1996, p. 21.

⁹³ Id., 2002, p. 69 – 70.

que o compromisso entre brasileiros, uruguaios e argentinos foi consolidado gera uma forte discussão, já que sua elaboração poderia ter ocorrido no famoso e já mencionado encontro em Puntas del Rosário, um ano antes de ser assinado.⁹⁴ Ou então, de outra forma, como coloca Amado Cervo, ao afirmar que um dos erros de Lopez foi não considerar, apesar das informações de que dispunha, “que vinha essa aliança sendo gestada, pelo menos, desde 1857.”⁹⁵ Seja como for, conforme Francisco Doratioto:

A aliança contra o Paraguai era parte de uma aliança maior, planejada por Mitre antes desses ataques, pela qual Argentina e Brasil estabeleceriam uma política de cooperação no Prata, exercendo uma hegemonia compartilhada em substituição às rivalidades e disputas que predominaram nas relações entre os dois países.⁹⁶

Convencidos de que somente com o fim absoluto do governo do Paraguai a paz, a segurança e a prosperidade poderiam ser garantidas,⁹⁷ os governos das Repúblicas do Uruguai, da Argentina e do Império do Brasil assinaram em Buenos Aires no primeiro dia de maio de 1865 o tratado de caráter ofensivo e defensivo contra o Paraguai. Composto por dezenove artigos, tanto na Argentina como no Brasil o tratado foi encarado com sérias desconfianças e foi alvo de fortes críticas da oposição.

Assinado por Almeida Rosa, representante brasileiro, por Rufino Elizalde e Carlos Castro, representantes de argentinos e uruguaios, o tratado estabelecia em linhas gerais que a paz só seria negociada quando Solano Lopez fosse retirado do poder, que Mitre seria o comandante das forças aliadas e que o Paraguai teria que indenizar os aliados. Além disso, apesar de estarem sujeitas a novas negociações, as fronteiras do Paraguai com Brasil e Argentina seriam ajustadas após o término da guerra. Observando o tratado com atenção, fica ainda mais claro que a atuação ou a presença do Uruguai no conflito é resultado de planejadas ações políticas, militares e diplomáticas que garantiram a subida ao poder do *colorado* Flores na Banda Oriental.

⁹⁴ Cf. CHIAVENTATTO, 1979, p. 103

⁹⁵ CERVO, 1992, p. 110.

⁹⁶ DORATIOTO, 2006, p. 157.

⁹⁷ Tratado da Tríplice Aliança (1º de maio de 1865, Buenos Aires).

Ao mesmo tempo o tratado esclarece a importância que tinha para os aliados, sobretudo para Brasil e Argentina, a integridade política do Paraguai. Como lembra Amado Cervo, “a independência do Paraguai, para atingir sua função regional, complementa-se com a neutralidade: ele não pode aliar-se nem ao Brasil nem à Argentina sem romper o equilíbrio.”⁹⁸ A cláusula que prezava pela independência política do inimigo está diretamente ligada à outra que afirmava que a guerra era contra o “ditador” Solano Lopez e não contra o povo paraguaio. Esse discurso permaneceu fortalecido até o final da guerra e acabou sendo, como veremos, vastamente difundido pela imprensa.

Apesar dessas preocupações, são vários os pontos falhos encontrados no tratado que provocaram divergências entre seus assinantes durante e após o conflito. Os desentendimentos, principalmente entre brasileiros e argentinos, relativos aos artigos que tratavam dos limites entre aliados e o Paraguai, exigiram da diplomacia uma habilidade inexistente na época.

Fora isso, a falta de clareza no artigo relativo a definição do governo do Paraguai após vencida a guerra, governo esse com que deveria ser negociado os acordos de paz e tratadas as indenizações, apenas demonstra a forma desordenada que foi elaborado o tratado, que por sinal, pelo artigo XVIII deveria manter-se em sigilo até que seu objetivo principal fosse alcançado, o que acabou não acontecendo.

Ainda veremos que o ano de 1868 teve a mesma relevância para a Guerra do Paraguai do que o de 1862. Na Argentina, discordando da política de cooperação adotada por Bartolomé Mitre assume a presidência José Sarmiento, o que significou em meio a guerra a inviabilidade da parceria estabelecida pelo tratado assinado. Já no Brasil, não desejando a manutenção da aliança com a Argentina, estava de volta em 1868 o Partido Conservador que buscou, de acordo com Doratioto, “pôr em prática sua tradicional política no Prata, de fortalecimento das independências do Uruguai e do Paraguai, e de contenção da influência argentina sobre esses dois países.”⁹⁹ O clima tenso que se instalaria a partir desse momento iria refletir diretamente na posição que cada um tomaria diante do Paraguai e nos futuros acordos de paz.

Independente do ano de 1868, que deu a Lopez uma última esperança, visto que os fatos políticos nos dois grandes do continente desestabilizavam a aliança inimiga, é possível notar que a partir da formação da aliança as chances do Paraguai diminuam

⁹⁸ CERVO, 1981, p. 108.

⁹⁹ DORATIOTO, 2002, p. 419.

consideravelmente. Faltando-lhe a prudência que seu pai, Carlos Lopez, teve para tratar as pendências com os vizinhos, Solano, procurando tirar proveito do fator surpresa e das melhores condições de que dispunha naquele momento,¹⁰⁰ especialmente numéricas, seguiu sua marcha em direção à província do Rio Grande do Sul com o objetivo de apoiar e receber apoio do *Partido Blanco*, que já estava, entretanto, impedido de qualquer manobra.

Ao cruzar o território argentino, o exército paraguaio comandado pelo coronel Antonio de La Cruz Estigarribia não encontrou resistência para tomar São Borja, Itaqui e Uruguaiana no Rio Grande do Sul. Para Lopez, essa facilidade foi interpretada como mais uma prova da debilidade e desorganização do exército brasileiro formado nesse caso quase que somente por sul-rio-grandenses.

Todos sabiam, e era uma quase certeza desde o início, que quem tivesse o controle sobre os rios teria suas chances de vitória aumentadas. Assim, ao contrário do que se percebia no exército brasileiro, despreparado em todos os sentidos, a marinha de guerra, mais organizada e bem preparada se tornou a principal vantagem do Brasil, e logo, dos aliados durante a primeira fase do confronto.

Enquanto Estigarribia atacava a província do Rio Grande do Sul, as forças aliadas obtiveram na Batalha do Riachuelo, graças à esquadra brasileira comandada por Manuel Barroso, uma vitória que bloqueou o inimigo. Mesmo sendo detida em Curupaiti e na fortaleza de Humaitá, o sucesso da esquadra brasileira impediu que o Paraguai dominasse a província de Entre Rios e viesse dar apoio as tropas que invadiam o Rio Grande do Sul. Com a Tríplice Aliança controlando os rios da bacia platina, o Paraguai permaneceria bloqueado até o final da guerra.

Já no Rio Grande do Sul, as dificuldades do exército exigiram a presença de D. Pedro II. Somente com ele e com o apoio das forças argentinas e uruguaias a situação pôde ser invertida. Na presença do imperador e dos presidentes Mitre e Flores o coronel Estigarribia acabou se rendendo em Uruguaiana no dia 14 de setembro de 1865.

Para o Paraguai, a consolidação do tratado entre seus inimigos e a derrota na Batalha do Riachuelo foram determinantes. Restava aos paraguaios recuar e defender a fronteira sul de seu país. A “guerra relâmpago” projetada por Solano Lopez havia fracassado e as facilidades encontradas até então chegavam ao fim.

¹⁰⁰ HOLANDA, 1971, p. 301 – 302.

As transformações relacionadas aos avanços da centralização e às mudanças das capacidades de cada um dos Estados levaram a grandes variações nas relações entre os diferentes governos da região. A diplomacia paraguaia, comandada por López, subestimou essas transformações ao acreditar que obteria a vitória num golpe de mão, levando o país para guerra que os paraguaios não tinham condição de vencer. Apesar da miopia diplomática, os primeiros movimentos paraguaios foram bem sucedidos, inspirando a confiança da população em seu líder.¹⁰¹

Para os aliados, a tarefa era de organizar o exército e iniciar o contra-ataque. Do dia em que se renderam as forças paraguaias no Rio Grande do Sul até o dia 1º de março de 1870, quando Solano Lopez é morto no interior de seu país, a posição do Paraguai raramente deixou de ser a de defesa. Fortalecer o exército seria, tanto por questões militares como por questões de entendimento entre os líderes dos exércitos, o primeiro grande desafio. O fato de iniciar o contra-ataque somente em abril de 1866, tanto tempo depois de se retirarem do Rio Grande do Sul as forças paraguaias, é um claro vestígio da falta de consenso e de que muito ainda deveria ser feito.

Nos conflitos anteriores registrados na região do Prata, o Império sempre esperou receber apoio de seus aliados na região. Além disso, para resolver a situação bastavam organizações militares menores ou pequenos contingentes mantidos quase sempre pela classe dominante, sobretudo a do Rio Grande do Sul, que quando com pretensões semelhantes as do Império se colocava a disposição.¹⁰²

Para enfrentar a República do Paraguai, em uma guerra de dimensões até então desconhecidas, seria necessário uma melhor organização militar e um novo planejamento da Guarda Nacional. O esforço feito para mobilizar o país e preparar uma força capaz e suficiente para enfrentar a guerra significava expor as inúmeras contradições da sociedade brasileira. Essas contradições se encontraram com os desentendimentos entre os aliados quanto à forma de conduzir as forças da aliança contra as de Solano Lopez e explicam ao mesmo tempo o porquê da demora da reação que teria como primeiro objetivo dominar a fortaleza de *Humaitá* e abrir caminho até a capital Assunção.

Depois de entrarem em acordo quanto à forma que seriam tratados os prisioneiros feitos nos combates no Rio Grande do Sul e como iria se retirar a tropa paraguaia, os aliados passaram a estudar a invasão do território inimigo. Sem conhecer

¹⁰¹ IZECKSON, Vitor. A Guerra do Paraguai. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil Imperial, vol.II (1831-1870). Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2009. p. 394.

¹⁰² Cf. SALLES, 1990, p. 55 - 58.

geograficamente a região, resolver como e por onde seria atacado o adversário exigiu muito dos aliados. Conforme Sérgio Buarque de Holanda:

Durante os três primeiros meses do ano de 1866, tropas das mais diferentes origens, mandadas pelo Império e pelas duas repúblicas do Rio da Prata, derramaram-se pelas coxilhas e lombas que se alteavam á margem esquerda do Rio Paraná, entre Corrientes e Itati. Eram infantes do Rio de Janeiro, Montevideú e Buenos Aires, e cavalarianos do Rio Grande do Sul, Rio Negro e Corrientes, eram soldados de todos os rincões e quadrantes da Argentina, do Brasil e do Uruguai; eram voluntários ou de fileira, enfim, que ali se encontravam, em excêntricos acampamentos, à espera da grande jornada da invasão.¹⁰³

Após inúmeras discussões, várias manobras e dificuldades de todos os tipos para reunir a tropa, a Tríplice Aliança iniciou a invasão do Paraguai em abril de 1866, nove meses depois de ser formada em Buenos Aires e seis meses após render a ofensiva paraguaia no Rio Grande do Sul. Esse atraso provocou algumas críticas e o aumento da tensão entre os chefes aliados. As primeiras vitórias alcançadas pelos aliados que tiveram a frente Manuel Luís Osório em *Itapiru*, *Passo da Pátria* e *Bellaco*, realçaram as facilidades iniciais encontradas para invadir o Paraguai, mas não significaram, porém, a possibilidade de um avanço maior sobre o território inimigo que em pontos estratégicos contava com fortificações capacitadas e desconhecidas para os invasores.

Tomadas essas primeiras posições, as forças aliadas acamparam na região pantanosa de Tuiuti onde ficaram impedidas de avançar e sofrendo por dois anos com as precariedades do acampamento.¹⁰⁴ Nesse mesmo local ocorreu a maior batalha de toda guerra e da história da América do Sul. Solano Lopez, buscando surpreender os aliados, mesmo estando em desvantagem numérica e sabendo que o terreno favorecia a quem estivesse na defesa, ignorou as melhores condições do inimigo e ordenou o ataque ao acampamento aliado na manhã do dia 24 de maio de 1866, iniciando a Batalha do Tuiuti. Embora seja sempre complicado falar em números, devido principalmente a falta de concordância que há, estima-se que esse combate, vencido pelas tropas aliadas, tenha deixado aproximadamente dez mil mortos.

¹⁰³ Cf. HOLANDA, 1971, p. 304.

¹⁰⁴ Cf. DORATIOTO, 2002, p. 216.

Os aliados, contudo, não souberam aproveitar essa significativa vitória, que ao invés de representar a possibilidade de avanço escancarou uma série de diferenças e uma forte crise entre os comandantes, notadamente entre Mitre e Tamandaré. O desentendimento e a falta de conhecimento do terreno permitiram que o exército paraguaio partisse em retirada e se reorganizasse um mês depois. A fortaleza de Humaitá, pretensão maior dos aliados por proteger Assunção, apesar de próxima - menos de quinze quilômetros - estava ainda muito distante de ser conquistada devido ao sólido sistema defensivo paraguaio e a crise de comando instalada na Tríplice Aliança.

Em conselho de guerra, realizado alguns dias após a vitória em Tuiuti, foram discutidas as reais possibilidades das forças aliadas e se chegou a um consenso de que faltavam condições para avançar sobre os principais pontos do território inimigo. Esse encontro contou com a presença somente dos três comandantes de exército, incluindo o general Osório que por problemas de saúde já aguardava para transferir o comando do 1º Corpo de Exército Brasileiro ao general Polidoro da Fonseca. O reforço, que concluíram ser necessário, estava vindo do Rio Grande do Sul sendo comandado pelo Barão de Porto Alegre. Mesmo assim, outras discussões entre Flores, Osório e Mitre, que ainda incluíam Tamandaré, teriam que acontecer para se definir a posição que os comandados de Osório iriam ocupar nas operações contra Lopez.

A essa altura, Solano Lopez já havia notado que a probabilidade de conseguir vencer a guerra era remota e não teria mais o direito de se arrepende ou querer voltar atrás. Por parte dos aliados, o artigo que acertava que a guerra só teria fim com a captura do presidente paraguaio talvez tenha sido o mais respeitado do início ao fim da guerra. Desse modo, a todo o momento era reforçada a idéia de que a guerra era contra o ditador Solano Lopez e não contra a população paraguaia.

O próprio Lopez, diante dessas condições, já tinha a consciência que somente novos incidentes internos nos países que o atacavam poderiam alterar o rumo das coisas. O encontro que teve mais tarde, em setembro de 1866, com o presidente argentino em Yatayti-Corá quando procurou em vão junto a Mitre acabar com a guerra oferecendo inclusive concessões territoriais¹⁰⁵, comprova a difícil situação. De acordo com Doratioto, “(...) López persistiu nas apostas de aguardar o rompimento da aliança ou – esperança

¹⁰⁵ Cf. BETHEL, Leslie. A Guerra do Paraguai: História e historiografia. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). Guerra do Paraguai-130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 19.

desesperada! – de ocorrer algo imponderável que alterasse a seu favor a guerra. Ele se equivocou nas duas apostas.”¹⁰⁶

Enquanto os aliados discutiam, apesar da vitória em Tuiuti, de quem era a culpa pela fuga facilitada que teve a tropa paraguaia, e essa era reorganizada por Solano Lopez, praticamente não houveram operações militares de maior intensidade, sendo que, essas só voltariam a ocorrer em setembro, em Curuzu e Curupaiti respectivamente. Até lá, os dois lados, “aproveitaram para aumentar e consolidar obras de fortificações”¹⁰⁷

Quando Polidoro já ocupava o lugar de Osório, os aliados decidiram em um novo conselho que era enfim chegado o momento de entrar em ação o 2º Corpo de Exército. Porém, novos desentendimentos tiveram que ser resolvidos. O clima tenso era resultado de uma afirmação que Porto Alegre fizera a Mitre garantindo que não se subordinaria a Tamandaré.

Depois de Tuiuti, finalmente os aliados voltaram a atacar. Os alvos foram os fortes de Curuzú e Curupaiti que protegiam a fortaleza de Humaitá, às margens do rio Paraguai. Superadas algumas desavenças, a esquadra brasileira comanda por Tamandaré e o 2º Corpo do Exército comandado por Porto Alegre, atacaram e tiveram sucesso no ataque a Curuzu, distante 8 km de Humaitá. No entanto, assim como aconteceu em Tuiuti, a vitória trouxe novo desconforto na relação entre os aliados e tudo porque o objetivo era alcançar no mesmo ataque o forte de Curupaiti, distante apenas 2 km de Curuzú, e assim ter aberta a fundamental passagem até Humaitá. Porto Alegre acabou sendo responsabilizado pelo ocorrido e o ataque a Curupaiti teria que esperar quase vinte dias para ser feito, tempo suficiente para o inimigo se reorganizar e proteger ainda mais o próximo alvo dos aliados.

A estratégia para atacar a última barreira antes de Humaitá teria, assim como em Curuzú, a parceria entre a tropa comandada por Porto Alegre, que depois seria reforçada pelos comandados de Mitre, e a armada de Tamandaré. Embora não houvesse harmonia quanto ao plano de ataque elaborado, devido especialmente as contestações feitas por Porto Alegre e Tamandaré, os chefes decidiram manter o combinado e avançar contra o forte de Curupaiti. Sem medir corretamente as reais condições para se iniciar a ofensiva, foi ordenado o ataque no dia 22 de setembro.

¹⁰⁶ DORATIOTO, 2006. p. 266.

¹⁰⁷ Ibid., p. 229.

Superestimando suas forças ou quem sabe não considerando como devia as do inimigo, vinte mil aliados foram surpreendidos e detidos pela artilharia paraguaia auxiliada pelas condições do terreno e pela fortificação de sua defesa que se mostrou intransponível diante da esquadra de Tamandaré. A estratégia elaborada se mostrou ineficaz. A falta de comando e experiência dos aliados em um tipo de conflito totalmente novo inviabilizou a vitória. Conforme Doratioto:

O desastre de Curupaiti teve grandes repercussões. No plano militar tornou ostensiva a divisão do comando aliado, Tamandaré e Porto Alegre, ambos pertencentes ao Partido Liberal no Brasil, hostilizando Mitre e, de outro, Polidoro, membro do Partido Conservador, e Flores, solidários com o comandante-em-chefe.¹⁰⁸

Para os aliados os erros cometidos em Curupaiti significaram a sua pior derrota durante toda a guerra e fez com que as trocas de acusações chegassem ao seu momento máximo. Já para o Paraguai a vitória além de devolver a força moral para o exército de Solano Lopez, ponto que ele explorava em todos os sentidos, representava a possibilidade de, diante da nova e forte crise que trazia para a Tríplice Aliança, ser finalizada a guerra.

Como comentamos, Solano Lopez sabia que algo inusitado teria que ocorrer fora dos campos de batalha para voltar ter o Paraguai alguma esperança contra brasileiros, argentinos e uruguaios. O algo novo, nesse caso, poderia ser o desentendimento entre seus inimigos que inclusive nos permite imaginar outro resultado para o encontro de Lopez e Mitre se esse tivesse ocorrido após a derrota em Curupaiti. De fato, principalmente na Argentina onde a recordação do encontro de Lopez e Mitre em Yatayti-Corá era mais intensa, muito se falou em um acordo de paz com o Paraguai nos meses após a derrota.

Revoltas internas na Argentina, que iriam logo adiante exigir a presença de Mitre em seu país e os problemas encontrados no alistamento de novos soldados no Brasil, comprovam a impopularidade da guerra. Mesmo assim, independente da forte crise e das dificuldades para se derrotar Solano Lopez, o rompimento do Tratado da Tríplice Aliança por motivos políticos e militares não era aconselhável. Disso sabiam tanto brasileiros como argentinos.

¹⁰⁸ DORATIOTO, 2002, p. 247.

No Império, a convicção de que era preciso mais experiência no comando do exército e necessário diminuir a oposição ao conflito,¹⁰⁹ acabou aliviando até mesmo a tensão entre liberais e conservadores. Para combater a crise, no dia 10 de outubro de 1866 foi nomeado o marechal Luís Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, como novo e único chefe das forças brasileiras, terrestres e navais.

Além de ter que reorganizar um exército que refletia todos os vícios da sociedade imperial,¹¹⁰ o marechal teria como grandes desafios administrar as saídas do almirante Tamandaré e do general Polidoro e ainda resgatar o bom convívio com os aliados. Quando Caxias assumiu o comando o exército se encontrava em um verdadeiro estado de caos. Indisciplina, doenças, com destaque para a cólera que dizimava toda a tropa, e o despreparo militar de soldados e comandantes são apenas alguns dos problemas que o novo líder teve que resolver antes que as forças aliadas entrassem novamente em combate.

Enquanto o novo comandante brasileiro lutava para recuperar o exército, na Argentina, a notícia da derrota em Curupaiti se espalhou rapidamente e aumentou o descontentamento entre os argentinos,¹¹¹ que especialmente nas províncias federalistas, assistiam a guerra como sendo “mais uma aventura opressora dos *porteños* na sua busca de hegemonia, aliados desta vez aos velhos inimigos do Império do Brasil.”¹¹² A continuidade da guerra fez renascer no norte da Argentina uma série de revoltas que iriam preocupar as autoridades argentinas durante boa parte do ano de 1867.

As *montoneras argentinas* como ficaram conhecidas as rebeliões, mais do que representarem a insatisfação com a situação interna do país e exporem o repúdio a guerra, reaqueceram a rivalidade que não havia deixado de existir apesar do posicionamento de Urquiza, entre federalistas e unitaristas. A incapacidade de o vice-presidente Marcos Paz reagir aos ataques federalistas obrigou Mitre a voltar à Buenos Aires.

Politicamente, as revoltas na Argentina eram vistas com muito cuidado pelo Império. Entretanto, no campo militar, a necessidade de Bartolomé Mitre acalmar os ânimos em seu país fez com que Caxias assumisse provisoriamente o comando geral das

¹⁰⁹ DORATIOTO, 2002, p. 255.

¹¹⁰ Cf. SALLES, 1990, p. 149.

¹¹¹ Cf. ROSA, José María. La guerra del Paraguay: y las montoneras argentinas. Buenos Aires: Punto de Encuentro, 1ª ed., 2008. p. 231.

¹¹² GUAZZELLI, 2009, p. 75.

forças aliadas em fevereiro de 1867. Depois de longos meses reestruturando o exército, agora desfalcado de um grande número de soldados argentinos e também não contando mais com as forças uruguaias devido ao desentendimento de Venâncio Flores e Mitre,¹¹³ Caxias pôde liderar a seu modo o projeto visando o cerco a Humaitá.

Devido à ausência dos chefes militares da Argentina e do Uruguai ficou claro que o conflito se resumia a Brasil *versus* Paraguai. Contando com o reforço do 3º Corpo do Exército, comandado por Osório que retornava ao campo de batalha, Caxias pôde reiniciar o conflito depois de um longo período, onde tanto as forças aliadas quanto as paraguaias não tiveram condições de promover grandes ataques contra o inimigo.¹¹⁴

Respondendo as críticas enunciadas pela opinião pública brasileira que não perdoava o longo tempo sem iniciativa de ataque, Caxias, aia como comandante geral das forças aliadas, colocou em ação seu plano para cercar Humaitá no dia 22 de julho de 1867. Sem encontrar resistência, os aliados marcharam por nove dias até chegar a Tuiu-Cuê, localizada a esquerda das fortificações paraguaias, no mesmo dia em que Bartolomé Mitre reocupou seu posto de comandante geral das forças aliadas.

As divergências entre o general argentino e o comandante brasileiro não custaram muito tempo para começar. A estratégia que seria adotada para prosseguir o ataque ao Paraguai, dificultada pela surpresa que foi encontrar novas posições que protegiam Humaitá, o chamado quadrilátero, foi o pivô da nova discussão.

As novas fortificações fizeram com que Mitre, antes de acordo com Caxias, formulasse outro plano para atacar o inimigo. Insistindo na mesma estratégia que não havia funcionado no ataque a Curupaiti, o general argentino optou por atacar e forçar a passagem por Humaitá movimentando ao mesmo tempo a marinha e o exército. Por outro lado, Caxias defendia a idéia de que as forças terrestres deveriam atuar antes que a esquadra entrasse em ação. Sabendo que era certo o retorno de Mitre, o comandante brasileiro já lamentava não ter tido a chance de poder ter contra as forças de Lopez um confronto definitivo que pudesse finalizar a guerra.¹¹⁵

No primeiro momento as ordens de Mitre foram cumpridas. No dia 15 de agosto a esquadra imperial comandada por José Ignacio, que da mesma forma que Caxias via riscos na manobra e até desconfiava das reais intenções de Mitre, passou com êxito por

¹¹³ Cf. HOLANDA, 1971, p. 306.

¹¹⁴ Cf. DORATIOTO, 2002, p. 284 – 288.

¹¹⁵ Ibid., p. 298 – 301.

Curupaiti, mas não, porém, por Humaitá. Foi o suficiente para surgir nova discórdia entre os aliados.

A relação entre Mitre e Caxias durante a guerra, embora seja marcada também pela cordialidade e o respeito entre os dois, acabou trazendo a tona problemas mais antigos construídos principalmente pelo modo como se relacionaram Tamandaré, Porto Alegre e Osório com o líder dos argentinos antes da chegada de Caxias.¹¹⁶ Na relação entre os dois, estariam presentes o desconforto dos brasileiros quanto ao claro desequilíbrio entre os efetivos de Brasil e Argentina a disposição da aliança, que contrastavam com a igualdade entre as nações pregada no tratado. O descontentamento de Mitre, com o fato de ter suas ordens constantemente questionadas, fazendo com que seu cargo de comandante geral muitas vezes funcionasse somente na teoria e não na prática também deve ser lembrado quando consideramos a instabilidade dessa relação.

Para muitos, uma das explicações para o prolongamento do conflito passa necessariamente pela histórica competitividade entre Brasil e Argentina. As diferenças entre os dois países nunca permitiram um real entrosamento entre as forças aliadas. Na verdade, apesar de estarem juntos contra Solano Lopez, tanto brasileiros como argentinos nunca se sentiram a vontade tendo do mesmo lado da trincheira o tradicional inimigo na luta pela hegemonia regional.¹¹⁷ Enquanto brasileiros e argentinos ainda buscavam entendimento em relação à forma como deveria ser manobrada a esquadra imperial, as forças terrestres, três dias após o ataque a Curupaiti, iniciaram a marcha que tinha como objetivo atingir o quartel general onde se encontrava Solano Lopez.

Após partir de Tuiú-Cué e dominar as posições de São Solano e Vila do Pilar às margens do Rio Paraguai, o exército aliado tomou à posição paraguaia de Tahí no dia 02 de novembro. Além de praticamente completar o cerco a fortaleza de Humaitá, essa vitória dificultava a comunicação dessa com a capital Assunção. A reação de Solano Lopez foi imediata. Já na madrugada do dia 03 de novembro o Paraguai iniciou forte ataque contra os aliados em Tuiuti, onde acabou sendo novamente derrotado e perdendo uma das últimas chances de frear a marcha aliada em direção a sua capital.

¹¹⁶ Cf. PEDROSA, José Fernando Maya. Caxias e Mitre. In: Caxias 200 Anos - Revista Da Cultura. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca do Exército, ANO III, nº 5. p. 40.

¹¹⁷ Cf. DORATIOTO, 2002, p. 202.

Apesar do quadro momentaneamente favorável, continuava a insistência de Mitre em relação ao avanço da esquadra sobre a posição de Humaitá, que se conquistada, significaria uma nova possibilidade no conflito e, principalmente, caminho aberto até Assunção. Embora o próprio imperador D. Pedro II também desejasse a ofensiva, a insistência do argentino só aumentava as desconfianças das autoridades imperiais em relação às reais intenções de Mitre. Para os brasileiros, a ordem do argentino, querendo ou não, colocava em risco a principal força tanto de defesa como de ataque do Império.

Imaginando o que poderia estar planejando a República Argentina após o término da guerra, o Império comunica ao governo argentino que não caberia mais a Mitre ordenar a esquadra. Antes que o comunicado pudesse ter maiores repercussões, o falecimento de Marcos Paz, vice-presidente argentino, obriga o retorno dessa vez em definitivo de Mitre para o seu país. A partir de 14 de janeiro de 1868 Caxias passou a liderar as forças aliadas.

Bloqueada por terra, mas ainda não pelo rio Paraguai, a fortaleza de Humaitá permanecia sendo o grande obstáculo das forças aliadas, na verdade, cada vez mais brasileiras. Devendo satisfações somente ao governo brasileiro Caxias pôde colocar em prática o plano inicial para ocupar Humaitá, uma vez que as forças terrestres já tinham avançado sobre ela.

Do outro lado, o afastamento de Mitre e o fato de bolivianos e federalistas argentinos se aproximarem do Paraguai com o interesse de derrubar o presidente argentino¹¹⁸ significava, aos olhos do presidente paraguaio, novas possibilidades. A expectativa de outros países medirem à discussão fez renascer em Solano Lopez a falsa esperança de que a guerra poderia estar chegando ao seu final e, mais do que isso, poderia ainda ter seu fim negociado a seu favor. Entre esses países, podemos destacar os Estados Unidos, que além de tradicionalmente se opor a política brasileira na região do Prata¹¹⁹ tinha sua luta particular com a Inglaterra pela influência na região.

No entanto, como sempre ocorrera desde o início da guerra, a formação de novas alianças capazes de desestabilizar a maior, formada por Brasil, Argentina e Uruguai ou a tentativa de terceiros que buscavam a paz na região, não significaram nada diante da

¹¹⁸ Cf. DORATIOTO, 2002, p. 317.

¹¹⁹ Cf. BANDEIRA, Moniz. Presença dos Estados Unidos no Brasil. Dois séculos de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.p. 104 – 105.

convicção mantida pelos aliados de que Solano Lopez teria que ser totalmente derrotado.

¹²⁰ O ano de 1868 continuaria sendo na América do Sul um ano de guerra.

O fato de a esquadra imperial entrar em ação logo após Mitre sair de cena é outra questão que também merece alguns cuidados. Algumas vezes interpretado como sendo prova da omissão do general argentino, ex-chefe das forças aliadas, o ataque da esquadra para controlar a outra margem da fortaleza de Humaitá é resultado de dois fatores que por vezes são esquecidos pelos que relacionam o sucesso em Humaitá à saída de Mitre. Assim, tanto a grande cheia no rio Paraguai que fez com que as correntes que cortavam o rio em frente à fortaleza ficassem encobertas facilitando a passagem, como o reforço que recebeu a marinha brasileira para iniciar as operações, foram essenciais para o sucesso da ofensiva.¹²¹

Com esses dois fatores e ainda contando com as tropas aliadas que ocupavam o outro lado da fortaleza, desapareciam os argumentos que antes eram usados para justificar a falta de iniciativa sobre a fortaleza que era uma das principais responsáveis pelo prolongamento da guerra. Na madrugada de 19 fevereiro de 1868, Caxias ordenou a passagem pela fortaleza de Humaitá, que, apesar da bravura dos paraguaios destacada por grande parte dos autores, não pôde mais resistir à esquadra imperial.

Dominado o forte de Estabelecimento, localizado um pouco acima de Humaitá, finalmente o caminho para o ataque a Assunção estava livre. O episódio, muito comemorado, sobretudo pelos brasileiros, e naturalmente interpretado como sendo a aproximação da esperada notícia do final da guerra não serviu, no entanto, para diminuir a impopularidade do conflito que vinha destruindo economicamente os envolvidos.

Além do mais, o fato de Solano Lopez ainda divulgar para seu povo que o Paraguai prosseguia tendo sucesso na busca de seus objetivos e não admitir que sua fortaleza havia sido superada pelos inimigos, fazia com que todos se lembrassem do sexto artigo do Tratado da Tríplice Aliança. Este artigo, além de definir que a paz não poderia ser negociada separadamente com o Paraguai, deixava claro que as armas só poderiam ser depositadas no momento em que o governo paraguaio e sua autoridade fossem completamente neutralizados.

Lopez, tendo feito de Luque sua nova capital e informado sobre a repercussão negativa que teve nos países inimigos a notícia de que a guerra continuava, permanecia

¹²⁰ Cf. IZECKSON, 2009, p. 400.

¹²¹ Cf. DORATIOTO, 2002, p. 319.

acreditando em uma nova sorte para o Paraguai. Enquanto que Humaitá era aos poucos abandonada, depois de estar quase que completamente bloqueada pela Tríplice Aliança tanto por terra como por água, Solano Lopez instalava seu novo quartel-general em San Fernando. Por mais quatro meses cerca de três mil soldados resistiram na antes insuperável fortaleza.¹²²

No plano militar, pelo que vimos, o ano de 1868 é um dos anos mais ricos em detalhes durante toda a guerra. No aspecto político, este mesmo ano torna ainda mais sensível a sempre perigosa relação entre brasileiros e argentinos, modificando completamente o quadro que em 1862 havia aproximado os tradicionais rivais.

No Brasil, a volta do Partido Conservador ao poder em julho de 1868 modificou muita coisa no comportamento do Império. Ao contrário dos liberais, os conservadores não viam a aliança com os argentinos com bons olhos e passaram a tentar garantir a soberania do Paraguai e do Uruguai e impedir que a Argentina agisse sobre os dois. Praticamente ao mesmo tempo, em outubro, o fim do mandato de Mitre na Argentina e a subida ao poder de Domingo Faustino Sarmiento tornaram a relação praticamente insustentável,¹²³ já que o novo presidente argentino considerava a guerra um grande equívoco e temia a atuação brasileira na região no período pós-guerra.

Antes mesmo dessas duas novas realidades se encontrarem e tornarem inviável a continuidade do compromisso entre os dois países, a Argentina, descontente com a insistência de Caxias em querer resolver a guerra através da diplomacia diante da queda de Humaitá, mas também com alguns interesses comerciais, acabou anunciando a retirada de suas tropas no dia quinze de agosto. Apesar de os argentinos terem voltado atrás e terem colocado suas tropas novamente a disposição da Tríplice Aliança no início de setembro as relações permaneceriam estremecidas até o fim da guerra e um perigoso rompimento da “parceria” estaria sempre muito próximo.

Caxias, insatisfeito com o rumo que os acontecimentos tomavam e ciente da impopularidade da guerra que dificultava e por vezes impossibilitava o fortalecimento do exército, ainda comandou as forças aliadas em uma série de combates em dezembro de 1868. Nas batalhas de Itororó no dia seis, na do Avaí no dia onze e na de Lomas Valentinas no dia vinte e sete o exército paraguaio foi virtualmente destruído. A “dezembrada,” como ficou conhecido esse conjunto de combates, acabou abrindo as portas da capital Assunção.

¹²² Cf. DORATIOTO, 2002, p. 324 – 325.

¹²³ Ibid., p. 419 – 420.

Apesar da difícil situação interna do Brasil e da Argentina darem a Lopez o direito de esperar pelo improvável, as últimas derrotas o obrigaram a bater em retirada.

No primeiro dia de 1869, quando Assunção já estava aos pés dos aliados, o quadro geral que a guerra apresentava levava todos a crer que nada mais havia por se fazer e que o Paraguai estava definitivamente derrotado. Caxias, convencido como nunca que a guerra tinha sido vencida e que a honra do Império e do imperador estavam asseguradas, reforçou ainda mais seus apelos para que se iniciassem as tratativas em torno dos acordos de paz ignorando o fato que Lopez ainda não havia sido detido.

Refugiado no interior de seu país, o presidente paraguaio organizava suas guerrilhas que, evidentemente, nem de perto lembravam o exército que ao menos no início do conflito era superior ao formado pela Tríplice Aliança.¹²⁴ Mesmo assim, em condições mais difíceis, os paraguaios permaneciam resistindo.

Desgastado física e psicologicamente, alvo predileto da opinião pública que o responsabilizava pela fuga de Lopez e reconhecia a falta de coerência de D. Pedro, e entendendo que a guerra tinha chegado ao fim, Caxias acabou deixando o campo de batalha alguns dias depois de as tropas chegarem a Assunção. Sobre a chegada a capital paraguaia e a fuga de Lopez, Francisco Doratioto salienta que:

Embora a ocupação da capital fosse defensável no plano simbólico, esse não era, afinal de contas, o objetivo da guerra. O Tratado da Tríplice Aliança estabelecera que o objetivo principal era tirar do poder Solano Lopez e expulsá-lo do Paraguai. Por certo, também ao exército aliado foi alto o preço das batalhas vitoriosas de dezembro de 1868, com perda de homens, exaustão de outros e a perda de armamento, necessidade de repô-lo, juntamente com a munição. Explica-se, assim, a concentração aliada em Assunção, para reorganizar suas forças; mas ao fazê-lo sem enviar uma forte vanguarda atrás de Solano Lopez, deu tempo a este de retomar o fôlego.¹²⁵

Aquilo que estava tão próximo acabou pelas circunstâncias exigindo toda a energia das forças aliadas que não tinham mais a mesma capacidade. Conde d'Eu, genro de D. Pedro, acabou sendo nomeado para ser o novo comandante do exército aliado e assumiu o compromisso de seguir Lopez e tirá-lo definitivamente do poder. No dia 1º de

¹²⁴ BETHEL, 1995, p. 17.

¹²⁵ DORATIOTO, 2002, p. 384.

março de 1870 Solano Lopez foi morto em Cerro Corá e a guerra finalmente chegou ao fim.

Para o Brasil, de maneira inevitável, o confronto escancarou uma série de contradições, tanto políticas como sociais. Apesar de alcançar seus objetivos mais diretos, o regime imperial e a escravidão que o sustentava estavam profundamente abalados. Para os argentinos, o longo conflito foi importante para que enfim conseguissem consolidar um estado centralizado. Já para o Uruguai, que entrou na guerra mais por intercessão dos dois vizinhos do que por ambições próprias, a longa guerra, apesar dos pesares, permitiu que o país abrandasse seus históricos problemas políticos. Por fim, o Paraguai, apesar de não ter perdido sua independência, perdeu parte de seu território e “teve interrompida sua pequena industrialização.”¹²⁶ Em termos financeiros e na interminável discussão que procura resumir à guerra em número de mortos e feridos, apesar de ter sido o Paraguai o mais atingido, a guerra representou grande tragédia para todos.

1.7 - Encontros e desencontros: a Guerra do Paraguai e a discussão historiográfica

Passados cento e quarenta anos do maior conflito armado já ocorrido na América do Sul, o debate historiográfico em torno da Guerra do Paraguai segue sendo um dos mais acirrados e capaz de renascer a cada nova avaliação. Travado em torno de questões centrais da guerra, que envolvem principalmente suas razões e a figura de Solano López, a discussão, que é dividida tradicionalmente entre a versão oficial, revisionista e neo-revisionista, costuma ser marcada pela parcialidade e pelo comprometimento ideológico que defendem cada um dos lados envolvidos.

A ampla bibliografia a respeito da Guerra da Tríplice Aliança, dividida em obras que minimizam ou supervalorizam a presença dos ingleses, posicionam Solano López como vilão ou herói, e que depositam no contexto da formação e consolidação dos Estados Nacionais as explicações para o conflito, deve ser analisada com toda a atenção e com a fundamental distância dos vícios que cercam algumas opiniões.

Sabemos que a Guerra do Paraguai, especialmente pelo que representou para a formação e consolidação do continente sul-americano na segunda metade do século XIX, se tornou um evento amplamente trabalhado e com significativo espaço na historiografia

¹²⁶ MENEZES, 1998, p. 163.

brasileira. É desse conflito que nasce uma das discussões mais interessantes e polêmicas e que compreende até mesmo a nomenclatura adotada para se referir ao episódio.

Para um melhor esclarecimento ou compreensão dos fatos que cercam essa discussão, acreditamos ser necessária uma revisão em torno das diferentes interpretações deixando claro que são as terríveis conseqüências da guerra e os diferentes momentos em que essas foram geradas que permitem e motivam leituras e releituras tão distintas. A vasta produção referente ao conflito, que aqui chamamos por ter se desenrolado quase que em sua totalidade naquele país, de Guerra do Paraguai, costuma na maioria das vezes ser dividida em três blocos.

Os primeiros relatos sobre a Guerra do Paraguai surgiram durante seu desenrolar ou imediatamente após a morte de Solano Lopez em março de 1870, que marca oficialmente o seu desfecho. Assim, quase sempre, coube aos militares que na guerra atuaram a responsabilidade de registrá-la em primeira mão, fazendo com que essa historiografia ficasse conhecida como oficial ou então como coloca o historiador Mário Maestri, *historiografia de trincheira*.¹²⁷

Privilegiando o olhar dos vencedores, a primeira interpretação a respeito da guerra, que até o alvorecer do século XX praticamente não foi questionada, é marcada especialmente pela forma que coloca Solano Lopez na história e pelo modo que reproduz os feitos do Império. “Tirano” e “sanguinário” são adjetivos freqüentemente utilizados por essa historiografia para se referir ao líder paraguaio, que, além disso, é totalmente responsabilizado pela guerra. Ao mesmo tempo e por outro lado, o Brasil é salientando como aquele que tem a dura missão de civilizar o Paraguai e o compromisso de guardar a ordem e a harmonia na região criando assim a tradicional leitura do conflito que coloca *civilização* contra a *barbárie*.

Essa posição era um claro meio para justificar aquilo que o Império e mais ainda, o que o sétimo artigo do tratado entre os aliados dizia, ou seja, que a guerra era contra o governo e não contra o povo do Paraguai. A explicação para a guerra dada pela visão oficial está, portanto, de acordo com as palavras de Ricardo Salles, na “agressividade de Solano Lopez, que tinha pretensões expansionistas ou hegemônicas na região platina.”

¹²⁸

¹²⁷ MAESTRI, Mário. A Guerra contra o Paraguai: História e historiografia: Da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]. Porto Alegre, 16 de dezembro de 2008. p. 3.

¹²⁸ SALLES, 1990, p. 16.

No mesmo sentido, a invasão do território uruguaio pelo Império é ignorada por essa historiografia que observa, ao invés desse episódio, o aprisionamento do Marquês de Olinda em novembro de 1864 como sendo determinante para o início do conflito. A necessidade de defender a honra do Império, atacado sem declaração de guerra pelo Paraguai de Lopez, é uma das principais preocupações dessa interpretação.

Uma das obras mais utilizadas para exemplificar a primeira produção historiográfica sobre o conflito é “*A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*” de Alfredo de Taunay que nela registra sua experiência como engenheiro militar na marcha da coluna organizada pelo governo brasileiro em direção a província de Mato Grosso. Encomendada pelo governo imperial, a obra, apesar de denunciar várias dificuldades, relata fundamentalmente o heroísmo e o patriotismo dos brasileiros que defendiam a honra do Império. A seguir, a culpa de Solano Lopez e a gloriosa missão do Império em um pequeno trecho da obra de Taunay que esclarece perfeitamente a marca maior dessa historiografia.

(...) ao arrebentar a guerra que Francisco Solano Lopes, o presidente do Paraguai, na América do Sul suscitara sem maior motivo do que os ditames da ambição pessoal; quando muito a invocar o vão pretexto da manutenção do equilíbrio internacional - o Brasil, obrigado a defender honra e direitos, dispôs-se, denodadamente, para a luta.¹²⁹

Dionísio Cerqueira com “*Reminiscências da Guerra do Paraguai*” e Augusto Tasso Fragoso com “*História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*” essa, dividida em cinco amplos volumes, são outros dois que da mesma maneira procuram ratificar os feitos do Brasil e a culpa de Solano Lopez e sua desmedida ambição de fazer o *Paraguai Maior*. Com o golpe militar que derrubou o regime monárquico e instalou a república no Brasil em novembro de 1889, os positivistas brasileiros, conforme afirma Francisco Doratioto, passaram a questionar a legitimidade da guerra¹³⁰ e a responsabilizar o Império.

¹²⁹ TAUNAY, Alfredo d’Escragno. *A Retirada da Laguna – episódio da guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1959, 13^o ed. p. 32.

¹³⁰ DORATIOTO, Francisco. *História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai*. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Coloquios, 2009.

Interessante notar, porém, que esse questionamento inicial acabou fortalecendo ainda mais a visão oficial construída ainda durante a guerra. Conforme Mario Maestri, “a historiografia republicana consolidou a instauração da narrativa nacional-patriótica construída através da seleção-organização das apologias do Estado e das classes dominantes imperiais sobre o conflito.”¹³¹ Explica ainda o historiador, que é nesse contexto que encontramos a explicação para toda celebração promovida pelo exército em torno de nomes como Duque de Caxias e Manuel Luís Osório, por exemplo, ao passo que, a memória de Benjamim Constant, um dos críticos da forma como foi conduzida a guerra, é duramente sufocada.

Sobre isso, vale lembrar que apesar de no âmbito geral a literatura do período ter afinado o discurso sobre as causas da guerra, quanto ao seu desenrolar algumas vezes as interpretações são confusas e permitem dupla interpretação. Embora tenha sido rigorosamente atacada pelo revisionismo histórico, como veremos adiante, essa interpretação tem que ser avaliada dentro do quadro em que foi concebida.

Principalmente devido a sua longa duração, é inegável a impopularidade que a guerra alcançou no Brasil. É precisamente essa impopularidade que explica a posição favorável dos autores em relação às ações do Império. Dessa forma, boa parte da literatura que tratou a guerra contra o Paraguai, como foi *A Retirada da Laguna* de Taunay, por exemplo, é resultado de encomenda do Império numa tentativa de legitimar a guerra e sensibilizar as classes mais baixas quanto à importância e necessidade de se combater o inimigo agressor, fato que é seguidamente lembrado pelos estudiosos do tema. Conforme Kleber Virgílio Sales:

os combatentes, e não apenas eles, mas também todo o grosso popular do império brasileiro não diretamente envolvido no conflito, passaram a carregar em seus discursos a idéia de serem eles próprios os agentes civilizadores do governo paraguaio. A região do Prata deveria ver-se livre do “perigo tirânico” representado por Lopez. Ao Brasil cabia essa função.¹³²

¹³¹ MAESTRI, 2008.

¹³² SALES, Kleber Virgílio Montarroyos. Guerra do Paraguai: o que dizem por aí. Publicado no recanto das letras em 02 de fevereiro de 2009.

Mais tarde, a partir da década de 1960, anotada principalmente pelo antiimperialismo, surge um novo grupo que passa a desconstruir cada um dos elementos da interpretação que se tinha até aquele momento sobre a Guerra do Paraguai. Trata-se do grupo que costumamos chamar de revisionista.

Ao tratarmos dessa vertente historiográfica, e antes de analisarmos seu ponto de vista sobre os acontecimentos no continente na segunda metade do século XIX, não podemos ignorar a historiografia a cerca disso na Argentina e no Paraguai, que antes do que no Brasil, propôs uma releitura dos fatos. Contudo, até mesmo quanto a esse quesito, ilustrando mais uma vez a dimensão da polêmica, existem divergências. Embora não seja o principal interesse nesse momento, vale a lembrança que há aqueles que digam que o revisionismo histórico platino influenciou a revisão dos fatos no Brasil e os que afirmam que os mesmos foram quase que totalmente esquecidos.

Luis Felipe Moreira, por exemplo, afirma que “esta produção historiográfica não passou despercebida no Brasil, quer seja pela importância cultural exercida por Buenos Aires e Montevidéu, quer seja pela repercussão de qualquer debate político vindo de Assunção.”¹³³ Já Mario Maestri não aceita o mesmo raciocínio por entender que o golpe militar no Brasil em 1964 desorganizou a intelectualidade no país e tornou o tema praticamente proibido.¹³⁴

Dito isso, e sem mais se preocupar com a questão, voltamos nossa atenção para a grande mudança na análise da Guerra do Paraguai. Invertendo o quadro tido até então como verdadeiro, o revisionismo histórico desconstruiu completamente a visão oficial carregada de patriotismo que conhecemos anteriormente. Por essa análise, a imagem do Paraguai é a de um país desenvolvido, industrializado e auto-sustentável que foi covardemente destruído pelas forças aliadas lideradas especialmente pelo Brasil. Além disso, esse julgamento reserva um espaço interessante para a Inglaterra afirmando que o poderoso país europeu temia a possível concorrência do Paraguai no continente e que por isso atuou para desestabilizá-lo. Para Eduardo Galeano, por exemplo, um dos representantes dessa corrente historiográfica, “até sua destruição, o Paraguai erguia-se

¹³³ MOREIRA, Luiz Felipe. A historiografia brasileira o revisionismo histórico platino. Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, Vitória, 2008.

¹³⁴ MAESTRI, 2008, p. 08.

como uma exceção na América Latina: a única nação que o capital estrangeiro não tinha deformado.”¹³⁵

Com o mesmo raciocínio, Leon Pomer, outro autor de grande destaque, afirma que “não é uma conclusão exagerada admitir que o grande e definitivo beneficiário da guerra é o capitalismo inglês [...]”¹³⁶ Além do mais, o revisionismo histórico vê a ditadura no Paraguai como sendo do povo. Desconsiderando a ditadura de Lopez desconsidera automaticamente também um dos elementos utilizados pelo Império para justificar a guerra e um dos mais propagados pela historiografia oficial. Em outras palavras, a releitura faz do Paraguai a grande vítima e faz de Lopez herói nacional e principal personagem na luta contra o imperialismo.

Além de Eduardo Galeano e Leon Pomer já referenciados, o jornalista Julio Chiavenatto e sua obra, de 1979, “*Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*”, até hoje vista por alguns como a grande obra sobre o tema, apesar de o próprio autor tirar dela a responsabilidade historiográfica, não pode ser esquecido. Nela, ao mesmo tempo em que desconstrói os argumentos da versão oficial, defende os seus destacando principalmente as pretensões dos ingleses no continente. Segundo ele:

naturalmente não interessava ao imperialismo inglês a emancipação da economia nacional de país algum. Era preciso, para sustentar a grande potência industrial, um mercado consumidor das suas exportações. Seria necessário manter os países da América do Sul como simples fornecedores de matéria-prima e consumidores de produtos industrializados. [...] a partir da completa dominação do capital inglês, imperialista e envolvente politicamente, sedimenta-se uma mentalidade que aceita a intervenção estrangeira no destino econômico da América do Sul como prova de “civilização” e resultado normal de progresso. Não se deve esquecer que estamos no século XIX e “progresso”, “civilização”, “ciência” etc., são mitos muito bem alimentados pelos ingleses.¹³⁷

A crítica feroz que cai sobre essa interpretação algumas vezes ignora a realidade de que essa foi criada nas décadas de sessenta e setenta quando a rigidez dos regimes militares orienta a política na América do Sul. Conforme Francisco Doratioto, essa

¹³⁵ GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Trad. Galeno de Freitas. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, Ed. 45ª. 2005. p. 245.

¹³⁶ POMER, 1980, p. 75.

¹³⁷ CHIAVENTATTO, 1979, p. 28/29.

consideração nos permite entender a contestação elaborada pelo revisionismo histórico como uma forma de combater a ideologia que defendiam esses regimes, o que seria possível a partir de uma revisão histórica da leitura sobre o conflito, com o ataque ao pensamento liberal e a ação imperialista e com a crítica ao desempenho dos chefes militares aliados.¹³⁸

A partir de 1990, afirmando que nem as ações de um único homem, Solano Lopez, e que nem os interesses externos de uma única potência, nesse caso, a Inglaterra, seriam capazes de provocar uma guerra das dimensões que foi a da Tríplice Aliança contra o Paraguai, surge o grupo chamado neo-revisionista. Esse grupo passa a observar o conflito dentro do contexto de formação e consolidação dos Estados Nacionais. Essa interpretação também se caracteriza por diminuir ou até mesmo eximir o imperialismo inglês do processo, contrariando a principal idéia do revisionismo, como faz, por exemplo, Leslie Bethel, que trabalha a relação do imperialismo inglês com a guerra e afirma que:

a Grã-Bretanha tinha, ao que parece, muito pouca influência no desenrolar dos eventos que levaram à guerra entre Brasil, Uruguai e Argentina e o Paraguai. [...] O governo britânico não pretendia de modo algum acirrar as disputas existentes no rio da Prata que, se levassem à guerra, só poderiam ameaçar vidas, propriedades e o comércio britânicos.¹³⁹

A nova história da guerra do Paraguai, como também é conhecida, além de avaliar criticamente cada um dos personagens do conflito, é marcada por desfazer a imagem defendida nas décadas de sessenta e setenta de que o Paraguai constituía exemplo de modernidade, força econômica, igualdade social e modelo de educação no período que antecede 1865. Em sua principal obra, *Maldita Guerra: a nova história da guerra do Paraguai*, Francisco Doratioto, principal nome dessa corrente, afirma que “tanto a historiografia conservadora como o revisionismo simplificaram as causas e o desenrolar da Guerra do Paraguai, ao ignorar documentos e anestesiar o senso crítico.”¹⁴⁰ Da mesma

¹³⁸ DORATIOTO, 2009.

¹³⁹ BETHEL, Leslie. O Imperialismo britânico e a Guerra do Paraguai. In: Estudos Avançados, São Paulo: Instituto Avançado da USP, vol. 9 n° 24, maio-ago. 1995.

¹⁴⁰ DORATIOTO, 2002, p. 23.

obra, um trecho que divulga bem as imagens da guerra reproduzidas por essa historiografia.

Aqui não há “bandidos” ou “mocinhos”, como quer o revisionismo infantil, mas sim interesses. A guerra era vista por diferentes ópticas: para Solano López era a oportunidade de colocar seu país como potência regional e ter acesso ao mar pelo porto de Montevideú, graças a uma aliança com os blancos uruguaios e os federalistas argentinos, representados por Urquiza; para Bartolomé Mitre era a forma de consolidar o Estado centralizado argentino, eliminando os apoios externos aos federalistas, proporcionado pelos blancos e por Solano López; para os blancos, o apoio militar paraguaio contra argentinos e brasileiros viabilizaria impedir que seus dois vizinhos continuassem a intervir no Uruguai; para o Império, a guerra contra o Paraguai não era esperada, nem desejada, mas, iniciada, pensou-se que a vitória brasileira seria rápida e poria fim ao litígio fronteiriço entre os dois países e as ameaças á livre navegação, permitiria depor Solano López.¹⁴¹

Da mesma maneira que foi considerado o contexto histórico em que a primeira e a segunda interpretação foram construídas, devemos também lembrar que foi com o fim das ditaduras na América do Sul no início dos anos noventa que a história da Guerra do Paraguai pôde ganhar nova luz. Assim, o fato dessa interpretação ser hoje a mais aceita se deve muito a gradual abertura dos arquivos e a maior liberdade acadêmica de que puderam gozar naquele período aqueles que a elaboraram.

Após esse breve balanço, percebemos que as diferentes correntes na tentativa de justificarem seus argumentos acabam muitas vezes encobrendo elementos importantes do conflito. As contradições notadas nas diversas interpretações tornam ainda mais confuso o debate. Para que essas contradições sejam compreendidas, o momento histórico que cada uma das interpretações foi instalada deve ser considerado, visto que não foram mencionados como simples meio de justificar as interpretações.

Apesar dos encontros e desencontros, é somente através dessa compreensão que poderemos buscar uma “conciliação” entre as diferentes vertentes e mais ainda, ter a certeza que o desmerecimento completo ou a supervalorização de qualquer uma das correntes apresentadas representa certamente um erro de análise.

Se por um lado temos na historiografia oficial o discurso nacionalista e a exaltação sem medidas dos feitos do Império, não podemos ignorar completamente as

¹⁴¹ DORATIOTO, 2002, p. 93 – 96.

pretensões expansionistas de Solano Lopez anotadas por ela. Ao mesmo tempo, se temos um equívoco sobre as condições do Paraguai no pré-guerra e um exagero sobre a presença do Imperialismo inglês no conflito, podemos sim encarar como correta a afirmação dos revisionistas, que, engajados na luta contra o poder dominante da época, afirmam ser a intervenção brasileira no Uruguai determinante para o início do conflito.

E se por fim, mesmo não tendo dúvidas de que a vertente neo-revisionista observe de forma mais clara a Guerra do Paraguai como um todo, procurando no contexto de formação e consolidação dos Estados-Nacionais suas origens, podemos questionar sim se o imperialismo inglês ficou de fato tão distante do processo decisório que envolvia o conflito e também sobre a forma como por vezes essa historiografia idealiza a atuação do Brasil. De qualquer forma, sempre que voltarem à tona questões centrais do episódio e enquanto não surgir uma nova alternativa para a explicação, a discussão em torno do conflito que marcou a história contemporânea da América Latina certamente continuará se fazendo presente entre aqueles que se dedicam ao assunto.

Figura 3: Mapa da guerra (principais batalhas e pontos de fortificação do Paraguai).



FONTE: <http://www.educacional.com.br>

2. A IMPRENSA NACIONAL E REGIONAL: HISTÓRIA, MEMÓRIA E OS DESAFIOS DA PESQUISA

Sendo a proposta do trabalho expor a maneira como a imprensa abordou a Guerra do Paraguai e todas suas particularidades, especialmente no Rio Grande do Sul, fica claro que uma parte do mesmo deve ser contar a história da necessidade, sempre presente nas sociedades, de se comunicar, manter-se informado e informar.¹⁴² Gradativamente nasce aquilo que veio a se denominar imprensa, e que, quando politicamente engajada ou vista como ferramenta para fiscalizar a sociedade chegou a ser considerada como sendo o *quarto poder*.¹⁴³ Embora não seja necessário nesse exercício um regresso até o dia da invenção da tipografia pelo alemão Gutenberg no século XV, acreditamos ser importante um rápido destaque aos primeiros passos da imprensa no Brasil em 1808, quando na verdade, na parte espanhola do continente, por exemplo, ela já havia dado o ar da graça há quase três séculos.

Ainda que a discussão sobre a origem ou surgimento da imprensa não seja das mais tranqüilas, existe uma aceitação geral de que dependeu basicamente da consolidação do comércio, ligado ao desenvolvimento dos centros urbanos, e ainda da presença de universidades e da atuação de uma elite intelectual.¹⁴⁴ Aceitas tais condições para o nascimento da atividade na Europa ainda no século XVI, a caminhada para seu

¹⁴² Cf. ALBERT, P.; TERROU, F. História da Imprensa. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p.5.

¹⁴³ Cf. ALVES, Francisco das Neves (org.) Imprensa & História no Rio Grande do Sul. Rio Grande-RS: Fundação da Universidade Federal do Rio Grande, 2001.p. 15.

¹⁴⁴ Cf. MELO, José Marques de. Sociologia da Imprensa brasileira. Petrópolis, Vozes, 1973. p. 28 - 30.

estabelecimento na América, território colonial de espanhóis, ingleses e portugueses, exigiria pré-requisitos no mínimo semelhantes.

Apesar da complexidade dos fatores e levando em conta o início da ocupação do território, as diferenças nos modelos de colonização adotados explicam em parte o porquê do retardamento da atividade na América portuguesa. Dito em outras palavras, para o surgimento da imprensa era preciso existir uma necessidade social que foi antes proporcionada por ingleses e por espanhóis em suas colônias.¹⁴⁵

Os colonizadores espanhóis e ingleses procuraram desenvolver os espaços urbanos como ferramenta para manter o sistema colonial. Portugal, por outro lado, não tendo a mesma capacidade ou então não fazendo questão, manteve suas iniciativas voltadas para a produção agrícola e para a extração de minérios limitando o acesso a educação e a cultura.¹⁴⁶ Os portugueses montavam em sua colônia um cenário que, como diz Sodré, “não gerava as exigências necessárias à instalação da imprensa.”¹⁴⁷

Foram com as mudanças provocadas ou aceleradas com a chegada da família real portuguesa que se criaram as condições para o surgimento da imprensa no Brasil, essas já existentes na colônia espanhola e inglesa. A instalação da corte de D. João em sua principal colônia, fugindo de todo o contexto político que afetava a Europa, significou para o Brasil, como vimos anteriormente, um atalho em seu caminho para a independência na medida em que exigiu uma série de reformas de cunho liberal que foram gradativamente sendo adotadas.

No ritmo das mudanças e na mesma marcha do desenvolvimento, novas necessidades se somavam às antigas. Além disso, as condições para o surgimento da imprensa na parte portuguesa do continente finalmente começavam a ganhar forma, estando entrelaçadas com a nova conjuntura política do período. Como diz Marialva Barbosa:

¹⁴⁵ Cf. MELO, 1973, p. 65 – 69.

¹⁴⁶ Ibid., p. 113 – 126.

¹⁴⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. A história da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 4. ed. 1999. p. 16.

Até então as novidades ou opiniões publicadas, sem qualquer regularidade, não eram transformadas em notícias. Existe troca de informações, mas não existe imprensa. Só há imprensa quando a idéia do público como espécie de abstração-concreta se torna o desejo dominante das publicações. Não importa que tipo de público: se os próprios jornalistas, se os poderosos do reino, se os comerciantes e os militares de altas patentes. Há jornalismo quando há publicização no sentido mais amplo do termo.¹⁴⁸

Lembramos então, que no período anterior a chegada da família real em 1808, a metrópole, procurando manter fechada a sua principal colônia a tudo que pudesse representar perigo ao sistema de dominação imposto, impediu severamente qualquer tentativa de instalação de trabalho tipográfico. Mesmo que possamos eventualmente ouvir falar da atividade da imprensa no Brasil no período colonial, podemos afirmar que se trata de um fenômeno, independente do conceito que adotamos, exclusivamente do século XIX.¹⁴⁹ As limitações que a própria administração metropolitana impunha a sua colônia, ligadas às adversidades econômicas e sociais que promovia, impossibilitaram qualquer manifestação sólida da imprensa antes da chegada dos portugueses em 1808. Explicando a situação, Isabel Lustosa afirma que:

Até 1808, data da chegada de d. João VI, as letras impressas eram proibidas aqui. As poucas tentativas de se estabelecerem tipografias esbarram na intransigência das autoridades portuguesas. Imprensa, universidade, fábricas – nada disso nos convinha, na opinião do colonizador. Temiam os portugueses deixar entrar aqui essas novidades e verem, por influência delas, escapar-lhes das mãos a galinha dos ovos de ouro que era para eles o Brasil. A vinda do rei alterou muita coisa.¹⁵⁰

Para formularmos uma história da imprensa brasileira, seja ela geral ou regional, precisamos em primeiro lugar, pelo que já entendemos, colocar que dependeu essencialmente do desenvolvimento político e social do Brasil a partir da chegada da família real portuguesa o que faz com que essa história se confunda com a história da própria independência.

¹⁴⁸ BARBOSA, 2010, p. 20.

¹⁴⁹ Cf. SODRÉ, 1999, p. 19 – 20.

¹⁵⁰ LUSTOSA, Isabel. O nascimento da imprensa brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.p. 7.

2.1 – Os primeiros passos da Imprensa no Brasil

A chegada de D. João, e mais do que isso, as medidas tomadas por ele no sentido de trazer o progresso e modificar a vida na colônia, tiveram suas conseqüências sentidas nos aspectos econômicos e culturais. No âmbito econômico, quando analisamos a abertura dos portos às nações amigas e a legalização das indústrias. Já no âmbito cultural, aspecto, diga-se de passagem, prioritário para o soberano,¹⁵¹ mudanças ocorreram na medida em que a repressão ao conhecimento e ao novo, também ia diminuindo. Como diz Oliveira Lima, “foi como se houvesse começado uma era nova na existência política do Brasil. Principiou desde então o país a ter não mais a suposição mas a consciência da sua importância.”¹⁵²

Aos poucos se percebia no Brasil a necessidade social de que falávamos e a existência da atividade da imprensa tornou-se quase que uma obrigatoriedade na luta para tirar o Brasil do ostracismo em que esteve mergulhado durante os três séculos que afastam o seu “descobrimento” de sua “independência”. Pouco depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, D. João, em maio de 1808, fazendo uso do material tipográfico que viajou no mesmo comboio que trouxe a família real de Lisboa, instituiu, como diz Alberto Dines, não por generosidade, mas sim, pela necessidade de informar o povo sobre a “sucessão de atos promulgados pela Coroa”¹⁵³, a “Imprensa Régia”. Conforme José Marques de Melo:

Observamos (...) que a implantação da imprensa não constituiu uma iniciativa isolada, mas vinculou-se a um complexo de medidas governamentais capazes de proporcionar o apoio infra-estrutural para a normalização das atividades da Coroa Portuguesa, aqui instalada de modo provisório.¹⁵⁴

¹⁵¹ Cf. BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*, vol. I – História da Imprensa Brasileira, São Paulo: Ática, 4ª ed. 1990. p. 14.

¹⁵² LIMA, Oliveira. *Dom João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 3ª ed. 1996. p. 167.

¹⁵³ Cf. DINES, Alberto. *Marcas na cultura e nas mentalidades*. Imprensa brasileira, 200 anos – *Jornal da USP*, nº 831, 3 de junho de 2008.

¹⁵⁴ MELO, 1973, p. 85.

É inegável a representatividade do ato de D. João para o surgimento da imprensa. Ainda em 1808, em setembro, nascia a imprensa no Brasil com a publicação do primeiro jornal oficial brasileiro, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, comprometida com os interesses da família real. Uma vez instalada na colônia, a *Gazeta* se empenhou em divulgar as virtudes da nova forma como era administrada.

No mesmo período surge a imprensa não oficial. Lembra Oliveira Lima, que nem mesmo a censura foi capaz de evitar a “franca circulação do *Correio Braziliense*, onde se criticava com talento toda a marcha da política portuguesa e todos os processos da sua administração.”¹⁵⁵ Editado e impresso por Hipólito da Costa em Londres, essa folha se preocupou muito mais em doutrinar do que propriamente informar e acabou contrastando claramente com a *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Esse nítido contraste entre os dos primeiros periódicos brasileiros faz com que seja comum a formulação, na sempre complicada construção da história da imprensa, de idéias que explicam a evolução do jornalismo no Brasil partindo do princípio da necessidade dessa desavença. Como diz Marialva Barbosa, esse raciocínio expõe “de um lado, o jornalismo dependente dos favores oficiais, não afeto a controvérsias, que se coloca ao lado dos que estão no poder, e de outro, o jornalismo de combate.”¹⁵⁶

A contradição que havia entre o controle sobre a atividade da imprensa e o fato da necessidade de mudar a cara do Brasil exigir ações mais liberais fez com que a censura perdesse aos poucos seu poder de ação. Relativo a esse aspecto, apesar de o nascimento das primeiras folhas ter sido acompanhado pelos primeiros mecanismos de controle,¹⁵⁷ é preciso destacar a participação de D. João VI e a do príncipe regente D. Pedro I, apesar do autoritarismo que marca seu governo. Mais tarde, como lembra Katia de Carvalho, D. Pedro II também contribuiu para a maior liberdade na imprensa na medida em que compreendia eventuais abusos cometidos por ela.¹⁵⁸

No embalo das mudanças que ocorriam na Europa, especificamente em Portugal, em 1821, é decretado o fim da censura prévia no Brasil, que, “regulou a liberdade

¹⁵⁵ LIMA, 1996, p. 211.

¹⁵⁶ BARBOSA, 2010, p. 24.

¹⁵⁷ Cf. ALVES, 2001, p. 53.

¹⁵⁸ Cf. CARVALHO. Kátia. Imprensa e informação no Brasil, século XIX. Revista. Instituto Brasileiro de informação em Ciência e Tecnologia – IBICT. Ciência da Informação – Vol.25, número 3, 1996 – Artigos.

de imprensa até que fosse elaborada uma nova regulamentação.”¹⁵⁹ Com o fim da censura se abria um novo e importante caminho para o desenvolvimento do jornalismo brasileiro que, segundo Juarez Bahia, “adquire características mais amplas, focalizando os temas políticos e sociais.”¹⁶⁰

Os primeiros anos de nossa imprensa, ou como alguns preferem a primeira fase de sua história, teve como marca, além da censura, o fato de servir fundamentalmente como espaço de alastramento de objetivos políticos. O debate entre liberais e conservadores, acirrado a partir de 1820 com a revolução que em Portugal reivindicava a volta da corte para a Europa, serve como prova dessa característica. Segundo Francisco Alves:

Com o avançar do período joanino e a preparação do processo emancipacionista, passaram a surgir periódicos que traziam à baila a discussão latente sobre os rumos do Brasil, quer seja, a manutenção da subordinação à metrópole ou a caminhada em direção à independência. Era o primeiro conflito discursivo de maior monta que se desenrolava na imprensa brasileira, no qual debatiam emancipacionistas e colonialistas.¹⁶¹

Não por coincidência, a partir desse momento o número de jornais se multiplica, em sua maioria segundo Dirceu Fernando Lopes procurando “mobilizar a opinião da Colônia contra a dominação portuguesa.”¹⁶² Os acontecimentos em volta do movimento da independência passam a repercutir cada vez mais na imprensa. Já no final de 1823 o governo imperial, a exemplo do que havia acontecido em Portugal, baixou decreto se preocupando com a liberdade de imprensa como sendo importante ferramenta para garantir os governos constitucionais ao mesmo tempo em que alertava sobre o perigo

¹⁵⁹ CARVALHO, Kátia, 1996.

¹⁶⁰ BAHIA, 1990, p. 23.

¹⁶¹ ALVES, Francisco das Neves. O Periodismo Gaúcho no século XIX: breves impressões históricas. Biblos, Rio Grande, 23 (2). 2009. p. 138 – 139.

¹⁶² LOPES, Dirceu Fernandes. Uma história marcada por censura e resistência. Imprensa brasileira, 200 anos – Jornal da USP, nº 831, 2 a 6 de junho de 2008.

que seu abuso poderia representar. As preocupações do imperador se manifestariam de maneira mais concreta na constituição de 1824.¹⁶³

Num momento histórico tão importante, evidentemente o que não faltou para a imprensa foi assunto. Ela própria era um assunto interminável na medida em que ganhou uma importância fundamental, servindo como grande difusor de um período em que tudo, absolutamente tudo, era novidade e estava ligado ao progresso. Por tratar-se nessa época, por razões que iremos descrever mais adiante, de um instrumento que apesar de impresso era no Brasil muito mais ouvido do que lido,¹⁶⁴ foram “os cafés, livrarias e sociedades secretas (...) palcos privilegiados dessas discussões.”¹⁶⁵ Para Juarez Bahia:

Tiveram muito assunto de que se ocupar os jornais, de 1808 até 80. Começava o Brasil a usufruir os resultados positivos do espírito autonomista, das conspirações pela liberdade e pela independência. Com a chegada de D. João VI, (...) abriram-se perspectivas, criaram-se condições para o desenvolvimento de nossa política administrativa e o progresso econômico do povo.¹⁶⁶

Ainda eram fartos os temas com que podia se ocupar a imprensa, ligados especialmente aos efeitos da independência, quando D. Pedro, pressionado e sem apoio popular abdicou o trono em nome de seu filho em 7 de abril de 1831. O Período Regencial, interrompido com o golpe da maioria em 1840, e marcado por inúmeras rebeliões populares que representaram para o Império o perigo de perder a integridade de seu território, significou para a imprensa um novo salto. Conforme Francisco Alves, “a imprensa, que até então se concentrara em algumas das províncias brasileiras, passaria a ser praticada na maioria delas.”¹⁶⁷

No entanto, é bom que se diga, que independente do estágio em que se encontrava, os fatores que permitiram o progresso da imprensa, não só no Brasil mas como em qualquer parte do mundo foram basicamente os mesmos. Além da curiosidade dos

¹⁶³ Cf. BARRETO, Abeilard. *Primórdios da Imprensa no Rio Grande do Sul*: Porto Alegre: Comissão executiva do sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Subcomissão de Publicações e Concursos, 1986. p. 10.

¹⁶⁴ Cf. BARBOSA, 2010, p. 21.

¹⁶⁵ *Ibid.* p. 38.

¹⁶⁶ BAHIA, 1990, p. 33.

¹⁶⁷ ALVES, 2009, p. 140.

leitores e das mudanças na vida política, o desenvolvimento dos meios de transporte e das tecnologias junto com a crescente urbanização foram fundamentais para que a atividade, em especial após a nova abolição da censura prévia em agosto de 1827, desse seus primeiros passos no sentido de alcançar boa parte do território brasileiro.

Nessa carona, como vamos ver, ela surge no Rio Grande do Sul através do Diário de Porto Alegre, quando já havia aparecido há mais tempo, nas províncias de Pernambuco, Minas Gerais e da Bahia, por exemplo, além é claro, de já atuar no Rio de Janeiro e em São Paulo.

2.2 – Um retrato da imprensa brasileira do século XIX

Construir uma historiografia da imprensa brasileira ainda é, apesar dos avanços notados nos últimos anos, uma árdua tarefa. Tomar consciência da existência de algumas barreiras que dificultam sua construção é o primeiro passo para que não nos deslumbremos com a possibilidade de produzir um trabalho completo. Mesmo com o conhecimento adquirido em relação aos principais e diferentes estágios de evolução por qual passou a imprensa no Brasil muito pode e até deve ser dito ainda sobre os primeiros tempos da imprensa brasileira.

Em primeiro lugar, embora seja bastante lógico, devemos lembrar que a imprensa do século XIX nem de longe pode ser comparada com a que temos hoje e de que falamos de uma imprensa essencialmente escrita, ou seja, em nosso caso, falamos somente dos jornais que circularam nesse período. Como diz Valéria Severina Gomes, “o jornal apresentava-se ainda como um meio de comunicação de elite; primeiro, por difundir mensagens utilizando a modalidade escrita, o que exigia um bom nível de alfabetização, e, segundo, pelo domínio da elite governante.”¹⁶⁸ Refletindo sobre o papel da imprensa no contexto de bruscas mudanças naquele período, Lustosa diz que “num tempo em que o acesso à educação era tão menos democrático, em que vivíamos a mudança do mundo a partir das idéias disseminadas pelo Iluminismo ao longo do século anterior, a imprensa se

¹⁶⁸ GOMES, Valéria Severina; IAPECHINO, Mari Kiehl. A inclusão cultural letrada no século XIX: o papel da imprensa. *Soletras*, Ano VIII, Nº 15. São Gonçalo: UERJ, jan./jun. 2008. p. 51.

firmara como um importante difusor das chamadas Luzes.”¹⁶⁹ Entender como e o porquê num primeiro momento a elite impediu o advento da imprensa e depois a controlou, nos parece ser uma etapa já superada, nos restando, porém, esclarecer que função teve essa imprensa junto à sociedade da época.

Apesar de a maior parcela da população não ter acesso aos jornais, por razões que não se resumem somente ao analfabetismo, a função da imprensa, mesmo com o poder de influência limitado por diversos fatores, ultrapassou em muito a barreira do que poderia ou parecia ser possível. Mesmo que a maioria dos jornais daquele período estivessem direcionados a uma reduzida parte da sociedade, atingindo quase sempre a elite social e econômica, a prática da leitura coletiva, característica desse período,¹⁷⁰ e do uso da caricatura, que a partir de 1827 ganhou grande destaque entre o público,¹⁷¹ tiveram muita importância na época. Assim, tanto a caricatura como a leitura coletiva contribuíram para que a imprensa ganhasse uma maior aceitação e se tornasse meio para agrupar, como diz Marialva Barbosa, pessoas com “pensamentos similares.” Segundo a autora, a partir desse momento passa a se criar “um simbolismo para a palavra impressa que vai sendo disseminado de forma intensiva e extensiva pela sociedade ao longo do século XIX.”¹⁷²

Indo mais além, em um tempo que educação era privilégio de uma minoria, todo jornalista que havia por trás de cada periódico muitas vezes se percebeu ou então foi percebido como um educador, não sendo, como afirma Lustosa, “de se estranhar que o jornal tivesse o tamanho e a forma de um livro, nem que fosse composto de longos e densos artigos (...) que às vezes, se prolongavam por vários números seguidos.”¹⁷³ Por falar nisso, a maioria dos jornais, além de terem em média um formato de 22 cm de largura por 32 cm de altura, apareciam quase que sempre somente duas ou três vezes por semana e mesmo assim com irregularidade. Quanto ao número de páginas, a maioria não ultrapassava o número de quatro.

Referente à sustentação, as características da imprensa do século XIX são bastante claras. Quando não sustentados por algum partido político, eram os poucos

¹⁶⁹ LUSTOSA, 2003, p. 15.

¹⁷⁰ Cf. Ibid., p. 51 – 52.

¹⁷¹ Cf. SILVEIRA, Mauro César. A Batalha de Papel – a guerra do Paraguai através da caricatura. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 33.

¹⁷² BARBOSA, 2010, p. 51.

¹⁷³ LUSTOSA, 2003. p. 15.

assinantes ou os pequenos e ainda escassos anúncios comerciais que garantiam a sobrevivência, mesmo que precária, da imprensa brasileira. Enfrentando sérias dificuldades econômicas, o curto tempo em que permaneciam na ativa se tornou marca importante dessa imprensa que merece destaque. Mesmo assim, conforme Bahia:

mais jornais fundavam-se. (...) apareciam e desapareciam, facilmente; muitos não avançavam o sinal do primeiro número; outros, insistindo na circulação, embora arcando com prejuízos, viveriam meio século até, para expirar definitivamente.¹⁷⁴

Os altos custos que demandavam as publicações e o reduzidíssimo retorno que traziam a seus proprietários se somam para explicar essa característica que teve a imprensa pelo menos até essa alcançar a chamada fase de consolidação. Para completar, nessa época a pessoa que adotava o jornalismo como atividade profissional era vista por muitos, conforme Sérgio Roberto Dillenberg, como “um político aproveitador ou de um incorrigível boêmio, que, paralelamente ao seu trabalho normal, dava algumas horas para a elaboração do jornal.”¹⁷⁵ Para melhor ilustrar essa realidade, podemos fazer uso das palavras de Abeilard Barreto que afirma ser:

admirável a devoção dos periodistas da época, que redatavam a notícia, selecionavam a transcrição, revisavam as provas, gerenciavam a tesouraria e a distribuição da folha e, em alguns casos, faziam mesmo, às vezes, do tipógrafo, para manter acesa a flama jornalística que os abrasava, sem que em muitos casos houvesse sequer uma remuneração mínima a seus serviços.¹⁷⁶

Por tudo isso, foram raros os jornais que tiveram vida longa ou que puderam manter seus exemplares circulando com frequência como teve, por exemplo, o Correio Braziliense. Ao falar especificamente da realidade no Rio Grande do Sul, Carlos Reverbel acaba resumindo bem a situação da imprensa em todo o Brasil ao afirmar que “a

¹⁷⁴ BAHIA, 1990, p. 34.

¹⁷⁵ DILLENBERG, Sérgio Roberto. A imprensa em Porto Alegre de 1845 a 1870. Porto Alegre: Editora Sulina/ARI, 1987.p. 07.

¹⁷⁶ BARRETO, 1986, p. 15.

proliferação de títulos, nesse curto espaço de tempo, dá idéia de total imaturidade e de enorme precariedade, por assim dizer, de mercado. Era um clima em que os nossos primeiros jornais apareciam e não sobreviviam.”¹⁷⁷ Não era incomum encontrar nos periódicos anúncios sobre redução nos valores dos exemplares e nas assinaturas semestrais ou anuais em uma clara tentativa de aumentar o público e de poder circular por mais algum tempo.

As mudanças na tarefa do jornalista, que ainda estava longe de poder ter o jornal como único meio de sobrevivência, ainda eram lentas se comparadas com as que ocorriam na sociedade, provocadas por tudo o que representava estar livre do domínio português e que eram assuntos diários e quase que obrigatórios nas folhas que se alastravam por todo o país. Apesar de a movimentada vida política permanecer sendo o alvo predileto dos jornalistas, outros aspectos do cotidiano também passaram a receber a devida atenção. As primeiras folhas especializadas que se dividiam entre o comércio, a literatura, a religião, as notícias, as artes e o humor não tardaram a surgir. Fora isso, de acordo com Marialva Barbosa:

Os indícios dessa imprensa do início do século XIX mostram também a sua vinculação desde os primeiros tempos aos temas sensacionais. Guerras, conflitos e as novidades de um mundo em crise parecem ser o conteúdo de maior apelo para aqueles que figuram nesses primeiros tempos como leitores dessas publicações.¹⁷⁸

Cabe nesse momento frisarmos que, conforme Rüdiger, “o jornalismo ainda não havia formado (...) seu próprio conceito, confundindo-se com a noção de literatura pública, de finalidade moral e política.”¹⁷⁹ O mesmo autor ainda recomenda certos cuidados ao se fazer referência ao termo, visto o fato de esse hoje corresponder aos mais variados meios de comunicação.¹⁸⁰

¹⁷⁷ REVERBEL, Carlos; BONES, Elmar Luiz Rossetti: o editor sem rosto & outros aspectos da Imprensa no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Copesul/ L&PM, 1996. p. 23.

¹⁷⁸ BARBOSA, 2010, p. 38.

¹⁷⁹ RÜDIGER, 1993, p. 20.

¹⁸⁰ Ibid., p. 07.

Com a variação dos conteúdos selecionados pelas folhas vieram também as mudanças na forma de abordagem. Especialmente até a primeira metade do século XIX, a realidade dos jornais brasileiros esteve baseada na disputa entre a simples tarefa de informar e de opinar. Essa última, muitas vezes ligada a compromissos ideológicos era por isso, facilmente tida como doutrinária. Mesmo assim, o papel da publicidade, que dependeu da prosperidade comercial e econômica de cada região, também adquiriu seu espaço.

Entretanto, apesar dessas mudanças, o comprometimento com a política e seus diferentes interesses e valores, permaneceu sendo fundamental para o surgimento e até mesmo para a sobrevivência de boa parte das folhas que se apresentavam para a sociedade. Apesar de os jornais oficiais de partidos políticos se espalharem e se tornarem a maioria a circular no país tornando-se perfeito espaço para os acirrados debates políticos e ideológicos que alimentavam as rivalidades, lembramos que muitas vezes eram as questões puramente pessoais que se destacavam mais e tinham presença garantida nas folhas da época. Conforme Reverbel:

O tom dominante, nas primeiras décadas, ou mais precisamente, nas duas primeiras décadas do jornalismo brasileiro, tanto na Corte como nas Províncias, não era, propriamente, de natureza político-partidária, como por vezes se afirma, mas de natureza eminente personalista, no pior sentido das paixões, cegueiras e destemperos individuais.¹⁸¹

Na província do Rio Grande do Sul, os primeiros passos da imprensa seguiriam os da evolução da atividade no centro do país mantendo portanto a maioria de suas características e de suas condições para se instalar e se desenvolver. No entanto, a particular e complicada relação que mantinha com o governo imperial e mais as condições que a colocavam como peça fundamental na estratégia brasileira em relação à região do Prata, retratadas rapidamente no primeiro capítulo, deram a atividade na província características muito próprias apesar de não ser possível dissociar inteiramente sua história da que brevemente contamos.

¹⁸¹ REVERBEL, 1996, p. 33.

2.3 – A imprensa no Rio Grande do Sul

Em 1827 as condições que permitiram que fosse editado e começasse a circular no Rio Grande do Sul o *Diário de Porto Alegre* são, como dissemos, praticamente as mesmas que se fizeram presente no restante do país. A história da imprensa sul-rio-grandense se confundiu naturalmente, como diz Sodré, com a própria história do capitalismo ¹⁸² ao mesmo tempo em que teve suas características moldadas pela sempre agitada situação política da província, essa, considerada por Francisco Rüdiger, como a “mola propulsora” para o seu desenvolvimento. ¹⁸³ Logo, foi natural que no Rio Grande do Sul a imprensa desse seus primeiros passos em Porto Alegre e nas prósperas cidades de Rio Grande e de Pelotas, onde, devido a melhor situação econômica e a maior população encontrou o espaço para inicialmente se desenvolver.

Para falarmos da imprensa do Rio Grande do Sul temos que necessariamente falar da peculiar formação de sua sociedade, que, talvez mais do que em qualquer outra região do país foi um fator decisivo na inauguração e também no seu comportamento. Com propriedade lembra Jandira da Silva que “a história da imprensa gaúcha não deixa de ser, (...) a história da evolução política e também social do Rio Grande do Sul.” ¹⁸⁴

Ao mesmo tempo em que essa proximidade dos fatores, ligados ao desenvolvimento econômico, político e social, impõem as principais dificuldades para definirmos uma história da imprensa, tornam o jornal, entre tantas possibilidades de objetos de pesquisa, aquele que mais demonstra ter condições de apontar as complexidades de determinado período. De acordo com Marialva Barbosa:

a imprensa é fonte de singular interpretação. Deixando traços significativos da sociedade cujos passos e acontecimentos mais representativos pretendeu retratar, a imprensa também é pródiga autorreferenciação. Produz textos que falam de seu cotidiano e outros que deixam pistas sobre suas relações com as instâncias de poder. ¹⁸⁵

¹⁸² SODRÉ, 1999, p. 16.

¹⁸³ RÜDIGER, 1993, p. 14.

¹⁸⁴ SILVA, Jandira M. M. da. Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense. Porto Alegre: CORAG, 1986. p. 124.

¹⁸⁵ BARBOSA, 2010, p. 11.

Ainda sobre essa relação de “mão dupla”, vamos assim dizer, entre sociedade e imprensa, podemos citar M.J Espig e já adiantar alguns desafios da pesquisa que abordaremos adiante. Segundo a autora:

Ao mesmo tempo em que se esforça para adequar-se ao imaginário social da sociedade à qual se dirige, a imprensa também contribui para criar ou modificar este imaginário. As instituições jornalísticas, gozando de certa credibilidade frente ao público leitor, poderiam criar imagens e representações que, sendo mais ou menos fiéis aos fatos objetivos, canalizassem ações e formassem opiniões acerca de tais ou quais assuntos.¹⁸⁶

Ao entendermos que não existe uma única sociedade, mas sim sociedades, que se moldam de acordo com os acontecimentos históricos e não dependem dos interesses de qualquer pessoa em particular¹⁸⁷, como afirma Elias Norbert, seguimos nossa discussão nos deparando com a necessidade de avaliar alguns aspectos referentes a sociedade do Rio Grande do Sul durante o século XIX.

O longo tempo que levou o Rio Grande do Sul para se inserir no restante do Brasil colonial está substancialmente ligado ao fato de não apresentar durante os primeiros anos da ocupação da colônia atrativos que se enquadravam aos interesses econômicos da metrópole.¹⁸⁸ Passado a primeira fase da exploração, muito mais por fatores estratégicos do que por propriamente econômicos e políticos, os portugueses se deparam com a obrigação de dar maior atenção à região sul de seu território. Essa se encontrava recebendo mais influência da Espanha e se tornava, dentro do contexto de rivalidade entre as duas potências ibéricas, peça fundamental para o avanço do domínio de Portugal em direção ao Prata.

Durante os séculos XVIII e XIX, as mudanças econômicas e políticas foram definitivas para o novo papel que passaria a ser ocupado pelo Rio Grande do Sul. Essas mudanças ocorreram sobretudo devido a importância que passou a ter o charque na região

¹⁸⁶ ESPIG, M. J. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. XXIV, n. 02, p. 269-289, 1998. p. 277.

¹⁸⁷ Cf. ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p. 13.

¹⁸⁸ Cf. PESAVENTO, 1994, p. 07.

central após a descoberta das minas, e ainda durante o período imperial, quando ocupa papel destacado nas relações com as repúblicas formadas após o processo de independência da América. A soma dessas particularidades, especialmente a que se refere à indefinição das fronteiras, foi decisiva para que se formasse uma sociedade profundamente ligada à atividade militar que acabava refletindo em todos os seus aspectos.

Muitas vezes, a forma como o poder central interpretava ou então, não interpretava o papel desempenhado pelos sul-rio-grandenses, acabou marcando também a relação que esses mantiveram com o governo do centro do país. As diferenças entre as elites locais e a corte, evidenciadas em momentos de tensão e desentendimentos na região da fronteira tiveram como resultado dez anos de luta e a desestruturação da economia da província.

Devemos lembrar também, como faz Eloisa Ramos, que as cidades e a vida urbana, onde afinal de contas, puderam se desenvolver as atividades jornalísticas, eram essencialmente produtos de uma sociedade militarizada, rural e do “desenvolvimento econômico e das ações políticas das elites sul-rio-grandenses.”¹⁸⁹ Nem mesmo a presença de imigrantes, sobretudo alemães que a partir de 1824 passaram a chegar na província e tiveram importância considerável no que se refere a industrialização e logo também, no crescimento urbano do Rio Grande do Sul, pôde tirar essa característica da sociedade rio-grandense.

Assim, principalmente até a metade do século XIX era essa a sociedade que se apresentava no jornalismo do Rio Grande do Sul, que, por sua vez, conforme Alves, “marcadamente o praticado pelas pequenas folhas, teve participação decisiva na preparação dos ânimos desde a Revolução Farroupilha até a Federalista e de todas as incongruências advindas do processo de transição da Monarquia a República.”¹⁹⁰

Desde o início de sua história na província, através do *Diário de Porto Alegre*, primeiro jornal a circular no Rio Grande do Sul, a imprensa vai refletir bem a instabilidade da sociedade devido a sua constante mudança de comportamento, ora sendo a favor ora sendo contra o governo. Segundo Alves, “os confrontos políticos, partidários e

¹⁸⁹ RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. Cidades e Sociabilidades (1822 – 1889). In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (direção do volume). História Geral do Rio Grande do Sul – Volume 2 Império. Passo Fundo: Méritos, 2006.p. 424.

¹⁹⁰ ALVES, 2001, p. 16.

militares típicos da formação histórica sul-rio-grandense, iriam traduzir-se em conflitos ideológicos através da imprensa.”¹⁹¹

Seguir uma das tantas divisões propostas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul, embora seja arriscado, pode facilitar ou ao menos tornar mais clara a exposição de idéias. Acreditando nisso, adotamos a simples divisão sugerida por Jandira da Silva que define o período entre o surgimento do *Diário de Porto Alegre* em 1827, até o final da Guerra dos Farrapos em 1845 como sendo o da fase inicial da imprensa riograndense, marcada pelo acirramento político e pelas dificuldades enfrentadas pelos periódicos para se manterem, e o que vai de 1845 até 1895, quando a atividade ganha público e importância maior, como sendo a fase de consolidação.¹⁹²

Por essa divisão, é inegável o papel da Guerra dos Farrapos (1835 – 1845). Além de ter tido grande importância na formação da sociedade sul-rio-grandense, a disputa entre farroupilhas e imperiais foi significativa para a imprensa, já que serviu inicialmente como ingrediente para expansão das atividades jornalísticas na província. Se é verdade que a longa guerra ofereceu aos jornais conteúdo para os acirrados debates políticos, também podemos considerar como verdadeira a afirmação de que representou para eles a impossibilidade para um avanço qualitativo e quantitativo. Conforme Alves:

A guerra que durou quase um decênio não foi travada apenas pelas armas, pois, ao lado destas, foram utilizados verdadeiros arsenais de palavras, constituindo-se, à parte do enfrentamento unicamente bélico, uma batalha de manifestos que teria no meio impresso um contumaz divulgador. Em todo o Rio Grande do Sul, desde os maiores centros urbanos até os mais longínquos rincões, circularam folhas impressas que sustentaram o conflito discursivo entre rebeldes e legalistas, de modo que a gênese da imprensa gaúcha esteve marcada de forma irretorquível pelas relações com o contexto revolucionário de então.¹⁹³

Afirmar que a primeira parte da história de nossa imprensa tem como grande marco divisório a Guerra dos Farrapos é perfeitamente aceitável pelo que foi até aqui exposto. São nítidas as possibilidades e as limitações que o longo conflito trouxe para o

¹⁹¹ ALVES, 2001, p. 17.

¹⁹² SILVA, 1986, p. 15 – 16.

¹⁹³ ALVES, 2009, p. 140.

jornalismo da época. Além dos danos sociais, econômicos e até mesmo culturais deixados pela guerra, no sentido de ter sido decisiva tanto para o desenvolvimento como para a contração das atividades jornalísticas, essa ainda tornaria pelos próximos anos bastante precária e sensível a relação política entre a província e o poder político central. Como diz Helga Piccolo, “a Guerra dos Farrapos ficaria no imaginário da elite dirigente brasileira como a possibilidade sempre presente de um novo levante no Rio Grande do Sul.”¹⁹⁴

Após o longo período revolucionário, no lento processo de reconstrução da província, a imprensa do Rio Grande do Sul foi se moldando e mudando sua postura, entrando, conforme a divisão que adotamos, em sua fase de consolidação. Apesar de os debates políticos terem ganhado novas características durante o período revolucionário, esses continuariam ocupando, após o término da guerra, praticamente todos os espaços dos periódicos.

O que não pode ser esquecido é a fundação no Rio Grande do Sul, aproveitando o momento de instabilidade dos liberais derrotados na revolução, do Partido Conservador, que por sua posição contrária ao Partido Liberal aquecia novamente a vida política na província. Durante os anos seguintes, o revezamento sobre o controle da Assembléia Provincial entre os dois partidos e a forma como se entrelaçavam com a política dominante do centro não permitiram em nenhum momento que a política e as disputas ideológicas desaparecessem dos periódicos.

O que mudava de forma significativa, entretanto, era a forma como as paixões políticas, que permaneceriam sendo uma realidade no Rio Grande do Sul, eram abordadas. Outra curiosidade é o fato de que quase todos os jornais que surgiram logo após a Guerra dos Farrapos terem se originado na cidade de Rio Grande, ficando limitado o número de jornais que circulavam ou surgiam em Porto Alegre nesse mesmo período. Quanto aos títulos escolhidos pelas novas folhas precisamos destacar o grande número daqueles que faziam menção a objetos e instrumentos cortantes, como por exemplo, *O Bisturi*, de Rio Grande e *A Navalha* e *A Tesoura*, de Porto Alegre,¹⁹⁵ que deixavam transparecer a tensão ainda existente no meio social. Tirando isso, para resumir o novo momento em que estava entrando a imprensa no Rio Grande do Sul, Jandira da Silva observa:

¹⁹⁴ PICCOLO, 1998, p. 50.

¹⁹⁵ Cf. SILVA, 1986, p. 125.

Fora de dúvida que o movimento de 35 não determinou o surgimento da imprensa no Estado, mas foi a mola-mestra para o seu desenvolvimento. Conciliada a província, os jornais pós-revolucionários, em menor número, se mantêm por mais tempo, evoluindo, técnica e editorialmente.¹⁹⁶

Respeitando os limites da análise, mas também considerando a sempre estreita relação entre imprensa e interesses políticos, lembramos a importância do jornal para a difusão das ideologias partidárias, e dos partidos políticos para a sobrevivência do jornal em seus primeiros tempos. Como coloca Dillenberg:

Farrapos e caramurus, liberais e conservadores, republicanos e federalistas mantiveram, no passado, acesa a chama da polêmica e da discórdia, através dos jornais. A política, assim, ocupava o maior espaço das páginas dos periódicos de então, ficando os demais assuntos, como a literatura e os problemas comunitários relegados a um plano secundário.¹⁹⁷

Apesar dessa particularidade que acompanhou a história da imprensa sul-riograndense, tanto em sua fase inicial como em sua fase de consolidação, a ampliação do mercado e do público deram a imprensa características que até então praticamente desconhecia como o comprometimento com a notícia e com questões de interesse geral e não somente pessoal. Além disso, a partir da segunda metade do século XIX, são notórias as mudanças que se refletiam por todos os lados na sociedade do Rio Grande do Sul que via nascer uma camada intelectual com novas necessidades e interesses.

De qualquer maneira, a nova característica não significava o abandono do hábito de tentar doutrinar o público leitor. Conforme lembra Rüdiger, tanto a atenção que alguns jornais passaram a ter com a notícia como a atuação dos partidos políticos na imprensa do Rio Grande do Sul, se devem a mudanças na economia e na sociedade verificadas na segunda metade do século XIX¹⁹⁸ e que foram bem aproveitadas pelas elites política, econômica e cultural da época. Os periódicos passam a ser publicados e também a

¹⁹⁶ SILVA, 1986, p. 115.

¹⁹⁷ DILLENBERG, 1987, p. 7.

¹⁹⁸ RÜDIGER, 1993, p. 44.

circular por todo o estado e não somente, como era comum nos primeiros tempos, na capital ou em grandes centros urbanos como já destacado.

Não podemos cometer o erro, porém, de, ao apenas salientar os fatores que permitiram o desenvolvimento da imprensa, acreditar ou passar uma falsa idéia de que a atividade da imprensa durante o século XIX alguma vez chegou a ser independente de outras condições. Por isso, lembramos, que apesar de todos os avanços ainda existiam mais fatores que tornavam precária a qualidade da imprensa do que fatores realmente capazes de fazê-la dar um salto para alcançar outro estágio.

Mesmo com a chegada da década de 1860, quando a imprensa, graças ao aumento populacional passa a ser notada com mais respeito e por uma parcela maior da sociedade, suas condições ainda são limitadas pelo baixo poder aquisitivo, pelo lento aumento do número de anunciantes, pela pouca escolaridade e pelos altos custos de manutenção exigidos pela tipografia.¹⁹⁹

Foi praticamente impossível para a imprensa abandonar seus compromissos tanto com os partidos políticos que muitas vezes assumiam todas as tarefas na elaboração e distribuição das folhas como com a elite econômica. Essa realidade tornou de certa forma injusta a luta por espaço entre a imprensa de caráter opinativo, ou então, entre o jornalismo dominante preocupado em doutrinar, e o de caráter informativo, preocupado em inverter essa lógica e em passar com veracidade os principais acontecimentos que envolviam e interessavam a sociedade como um todo.

Nas décadas de 1850 e principalmente de 1860, na medida em que o Rio Grande do Sul passava a participar e ter importância maior nas questões de interesse do Império na região da Bacia do Prata, cresce a disputa entre as duas tendências de nossa imprensa. Conforme Albert, “tanto as notícias importantes quanto os pequenos fatos do dia passaram a ocupar um lugar considerável nos jornais e o jornalismo de reportagem substituiu o jornalismo de crônica.”²⁰⁰ Sobre os novos interesses e novas necessidades da sociedade, Rüdiger afirma que:

¹⁹⁹ Cf. RUDIGER, 1993, p. 25 – 27.

²⁰⁰ ALBERT, 1990, p. 54.

As preocupações com a cultura, as ciências e as humanidades se encontravam em embrião, fomentado a procura por material de leitura e atualidade capaz de desenvolvê-lo; por outro lado, a mundialização dos horizontes de vida estava criando uma demanda por notícias, viabilizada pela extensão de várias linhas telegráficas pela Província durante a Guerra do Paraguai. As folhas literárias e noticiosas se gestaram nesse contexto social, especializando-se progressivamente no atendimento dessas novas necessidades, detectadas principalmente quando do envolvimento de significativa parcela de soldados gaúchos no conflito brasileiro com o Paraguai.²⁰¹

Apesar de o leitor ser ao mesmo tempo a abertura e o acabamento para a imprensa, nem sempre, nesse período, o seu interesse concordou com as necessidades de um jornalismo, que, conforme Barreto, para se manter vivo precisava ora da proteção dos conservadores ora da proteção dos liberais que revezavam o poder na província.²⁰² Independente disso, se não foram capazes de vencer a luta contra o dominante jornalismo doutrinário ligado a política que predominou na maioria do Rio Grande do Sul até o final do século XIX, as outras tendências jornalísticas foram fundamentais, e não restam dúvidas quanto a isso, para que se ampliasse o público leitor.

Apesar das adversidades, o jornal no Rio Grande do Sul, principalmente com as mudanças sócio-econômicas constatadas a partir da abertura da segunda metade do século deixava de ser algo estranho a sua sociedade, bastando uma nova agitação social ou política e mudanças na atenção do governo imperial em relação à província para impulsioná-la. Como fala Albert:

A industrialização dos métodos de fabricação e a ampliação do mercado da imprensa transformaram inteiramente as condições de sua exploração. Portanto raro e caro no início do século XIX, limitado à reduzida elite dos privilegiados da cultura e da fortuna, o jornal viu seu consumo estender-se a novas camadas sociais no âmbito da pequena burguesia e, em seguida, do povo das cidades.²⁰³

²⁰¹ RÜDIGER, 1993, p. 45.

²⁰² BARRETO, 1986, p. 15.

²⁰³ ALBERT, 1990, p. 30.

A multiplicação do número de jornais circulando e muitas vezes rivalizando entre si se tornou a principal marca desse período e um inegável reflexo da “variedade de interesses que vão surgindo.”²⁰⁴ No mesmo ritmo em que os jornais dedicados exclusivamente aos temas políticos passaram a ganhar a companhia de jornais que abordavam outros temas, há uma mudança na forma de se expressarem. As mudanças não paravam por aí, como diz Michael Kunczick:

Desde o nascimento do jornal, no início do século XVII, como meio de comunicação constante, existe o problema da necessidade de escolher, dentre um grande número de acontecimentos, aqueles que merecem ser divulgados. (...) Os jornais, que antes eram semanais, passaram a ser publicados em intervalos cada vez menores, até quatro ou cinco vezes por semana, em meados do século XIX. Além disso, como o passar do tempo melhorou a situação política para as reportagens – noutras palavras, diminuiu progressivamente a censura.²⁰⁵

Os avanços nas técnicas de impressão, o menor tempo que levavam as notícias do centro país e de outras regiões do Império para chegar à província juntamente com as novas propostas para atingir o público, permitiram que surgissem no Rio Grande do Sul o jornalismo diário e a chamada pequena imprensa.

As diferenças entre as duas linhas são facilmente percebidas e importantes para melhor compreendermos o novo momento da atividade jornalística. Antes de brevemente apontá-las e colocarmos a forma como disputavam a preferência do leitor é bom realçarmos que a vida política e tudo mais que dela emanava seguia sendo a principal diretriz dos jornais do período, ocorrendo algumas mudanças na forma de ser encarada e exposta pelos jornalistas.

Sobretudo nos jornais diários, que procuravam usar uma linguagem mais séria, tornando-se por vezes verdadeiros palanques para o debate entre diferentes partidos, pôde-se notar que mesmo aqueles que tinham uma nítida preferência partidária, passaram a se preocupar mais com o modo como expressavam suas opiniões especialmente pelo fato de o espaço destinado aos anúncios comerciais se tornarem, de igual maneira, fundamentais para a continuidade do jornal. Conforme Francisco Alves:

²⁰⁴ SILVA, 1986, p. 123.

²⁰⁵ KUNCZIK, Michael. Conceitos de jornalismo – norte e sul. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. p. 219.

Ocorria, assim, uma tendência dessas folhas a buscarem um certo equilíbrio entre as suas manifestações de cunho partidário e os seus interesses comerciais e de sustentação financeira, tendo em vista a necessidade da manutenção da venda das assinaturas e da publicação de material publicitário.²⁰⁶

O novo momento desenvolveu nova consciência nos responsáveis pela edição dos jornais de maior expressão que circulavam no Rio Grande do Sul. Apesar de medirem a exata dimensão que a política continuava tendo na garantia de sua sobrevivência, esses jornais passaram a observar o fato de que existiam os períodos apropriados para explorar os assuntos ligados à política. Aos poucos essa percepção foi capaz de elevar o nível do jornalismo gaúcho.

Por outro lado, mesmo em condições adversas e tendo a irregularidade de circulação como uma de suas marcas, a contribuição da pequena imprensa pode ser considerada significativa se levarmos em conta alguns elementos. O preço pago pela forma crítica e polêmica como tratavam os assuntos, fazendo uso de um humor muitas vezes visto como ofensivo e de uma linguagem violenta foi alto demais. A clara proposta de promover acirrados debates acabou custando a perda de anúncios, que, nesse caso, junto com o atrelamento a partidos já representavam muito no sustento dessas folhas.

Como diz Alves, mesmo com as dificuldades financeiras, “a pequena imprensa marcou sua época através de uma construção discursiva e de linhas editoriais normalmente predispostas a posicionar-se abertamente quanto aos mais variados assuntos.”²⁰⁷ Com um formato menor, mas com a mesma característica de não obedecer a uma regularidade relativa à sua circulação, os pasquins ocuparam um importante lugar na história da imprensa brasileira e sul-rio-grandense representando muitas vezes a melhor alternativa para políticos de pouca expressão.

Os pasquins demonstravam a constância das disputas políticas, mas em suas páginas modifica-se a forma de tratamento das mesmas, pois, ao invés das discussões de natureza político-partidária, passaram a predominar as querelas pessoais, numa predileção, por parte dos jornais, em abordar, especular e/ou divulgar componentes da vida privada de prováveis adversários ao lado ou, às vezes, em detrimento de aspectos da atuação pública.²⁰⁸

²⁰⁶ ALVES, 2006, p. 356.

²⁰⁷ Ibid., p. 357.

²⁰⁸ Ibid., p. 358.

Apesar de terem tido no Brasil o seu principal momento entre os politicamente áspersos anos de 1830 e 1850, e ficar assim de “fora” da cobertura da Guerra do Paraguai que nos propusemos a analisar, é inegável a contribuição dos diversos pasquins que circularam nesse período no modo como a sociedade via e também esperava a imprensa. Conforme Sodré, “efêmeros, circunstanciais, destinados a fim imediato, os pasquins não conseguiam atravessar o tempo, nem era essa sua intenção. Mas deixavam sempre um curioso rastro.”²⁰⁹ A diversificação e a circulação de novas folhas pela província abriu espaço também para a literatura e para a caricatura.

Sendo, em boa parte das vezes, a única alternativa para autores que esbarravam em várias dificuldades para publicar suas obras, a imprensa literária se desenvolveu rapidamente entre os gaúchos acompanhando o natural aquecimento das atividades intelectuais. Já a imprensa caricata, que na segunda metade do século XIX teve grande representatividade no meio jornalístico, refletiu, de acordo com Alves, “o *modus vivendi* da sociedade e das transformações pelas quais ela passava no transcorrer desse período.”²¹⁰

2.4 – A imprensa e o fim da conciliação partidária

A especialização e o maior número de jornais circulando se tornaram elementos essenciais para que o debate político-partidário ganhasse novo fôlego na imprensa. No entanto, esse “renascimento do debate político partidário através da imprensa”²¹¹ não pode ser entendido longe do papel que a inversão partidária de 1868 teve nesse processo, representando para a imprensa, um novo campo de possibilidades. Segundo Francisco Alves, após o desentendimento entre conservadores e liberais:

²⁰⁹ SODRÉ, 1999, p. 163.

²¹⁰ ALVES, 2006, p. 360.

²¹¹ *Ibid.*, p. 361.

(...) a imprensa voltava a ser, com maior ênfase, o veículo de propagação das disputas entre os partidos, entabulando-se uma outra etapa de conflitos discursivos por meio dos jornais. As grandes discussões brasileiras de então, resumidas nas questões envolvendo as chamadas reformas nacionais, encontraram nas páginas impressas seu maior meio de difusão, de modo que o escravismo, o sistema eleitoral, o poder moderador, o senado vitalício e a própria forma de governo foram apenas alguns dos temas debatidos à exaustão com a tinta dos periódicos.²¹²

Considerando o fato de que o Rio Grande do Sul sempre apresentou, como diz Newton Carneiro, “um processo de diferenciação histórica em relação ao conjunto da nacionalidade brasileira”,²¹³ explicado muitas vezes pela forma como sua população se percebia ligada ao espaço platino²¹⁴, é inegável que a rivalidade entre conservadores e liberais aguçada com a queda do gabinete Zacarias em 1868 refletiu na província.

A substituição de um ministério liberal por um conservador em 1868, quebrando um longo período de “revezamento” entre os dois partidos, além de ter sido importante para os rumos na Guerra do Paraguai como foi destacado no primeiro capítulo, também alterou os ânimos entre os dois grupos políticos no Rio Grande do Sul. Desde as guerras contra Oribe e Rosas, muito mais, como destaca Sandra Pesavento, pela necessidade de enfrentar os conflitos platinos,²¹⁵ os dois grupos já se encontravam articulados com a formação da “Liga” com predomínio dos conservadores, e da “Contra Liga” liderada pelos liberais.

As mudanças nos acontecimentos políticos no Brasil marcam o início de uma nova etapa na história da imprensa. Mais do que nunca, o foco dos jornais do Rio Grande do Sul se concentrou nas disputas entre liberais e conservadores que aproveitaram o espaço para enaltecer suas ações e propostas e denegrir a imagem do adversário.²¹⁶ Apesar de algumas mudanças na linha de pensamento de boa parte dos jornais que circulavam na província, esses permaneciam reforçando muito uma das principais características da imprensa da época, ou seja, o partidarismo.

²¹² ALVES, 2009, p. 147.

²¹³ CARNEIRO, Newton. Dissidência política e partidos: da crise com a Regência ao declínio do II Reinado. In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (direção do volume). História Geral do Rio Grande do Sul – Volume 2 Império. Passo Fundo: Méritos, 2006.p. 125.

²¹⁴ Ibid., p. 126.

²¹⁵ PESAVENTO, 1994. p. 52.

²¹⁶ Cf. ALVES, 2009, p. 147.

O retorno dessas discussões por sua vez, fortaleceu automaticamente umas das peculiaridades da imprensa do período, a rispidez da linguagem utilizada. Considerando, em primeiro lugar, que essa é um produto natural da sociedade da época e também das ásperas disputas políticas que a marcavam, concluímos que não devemos analisar essa propriedade de acordo com os valores atuais sob o risco de estarmos cometendo o pecado do anacronismo, tão comum nesse tipo de pesquisa. Não podemos ignorar o fato de, como lembra Barbosa, que a linguagem ofensiva poderia, além de insultar, também entreter e divertir.²¹⁷

Como diz Maria do Pilar Vieira, “o pesquisador tem que estar atento ao modo como a linguagem foi produzida tentando responder por que as coisas estão representadas de uma determinada maneira, antes de se perguntar o que está representado.”²¹⁸ Assim, o primeiro passo seria compreender e não julgar, o fato de determinada linguagem ser absolutamente natural para a época e estar ligada ao domínio de determinado grupo social. A volta de D. Pedro I para Portugal em abril de 1831 certamente colaborou para deixar importantes grupos urbanos, como militares, por exemplo, a margem do novo jogo político que se iniciava com as regências, o que teria contribuído por sua vez para o aumento dos insultos nos periódicos que circulavam naquele momento.²¹⁹

Feito essa consideração, podemos avançar na discussão e concluir que antes mesmo da inversão partidária, percebeu-se mais uma vez que a evolução ou mesmo o retrocesso da imprensa esteve ligado essencialmente às condições do meio. As discussões em que o Império esteve envolvido na região do Prata na abertura da segunda metade do século, proporcionaram um novo e importante momento para o Rio Grande do Sul. Assim, antes e após a Guerra contra Aguirre, preliminar da grande guerra ocorrida no continente, os diversos desentendimentos entre o Império e as Repúblicas do Prata, nos quais o Rio Grande do Sul teve importante papel, tinham espaço garantido nos periódicos que circulavam pela província. Conforme Athos Damasceno:

²¹⁷ Cf. BARBOSA, 2010, p. 50

²¹⁸ VIEIRA, 1995. p. 23.

²¹⁹ Cf. BARBOSA, 2010, p. 57.

(...) já tem sido registrado pelos nossos historiadores o alto grau de calor que abrasaria com muita frequência o periodismo gaúcho de oitocentos, desde seu surgimento nos idos de 1827. Uns mais, outros menos, segundo o critério adotado para a avaliação do fato, assinalam-no. E em geral, se não chegam a arrolar francamente, pelo menos insinuem, como causas da rudeza dos prelos de outrora – a principio, a tensão vinda de longe, por força de nossos renovados atritos de fronteira, a irritar-nos quase sem tréguas; a seguir, o prolongado movimento revolucionário de 1835 – 1845, a dividir a opinião em facções extremamente apaixonadas; e, por fim, a necessidade crescente de afirmar-nos em face das desconfianças do Governo do Centro em relação ao Rio Grande, tido e havido não raro como um perigoso foco de descontentamento e rebeldia contra a ordem vigorante.²²⁰

Quando a Guerra do Paraguai já se apresentava como inevitável, visto as já analisadas condições políticas na Argentina e no Uruguai que favoreciam a união das duas repúblicas e o Império do Brasil contra o Paraguai, já imaginavam os sul-rio-grandenses que novamente seria indispensável à participação da província na luta contra Solano Lopez. Como veremos no próximo capítulo, a imprensa no Rio Grande do Sul, como era de se esperar, não deixou de influenciar e ao mesmo tempo ser influenciada pelos acontecimentos.

2.5 – A imprensa como fonte histórica

A pesquisa está inserida dentro da metodologia da chamada *Nova História*, essa, associada à *Escola dos Annales* e ampliada em termos de aceitação pelo menos desde a década de 1970. Independente dos problemas metodológicos encarados por essa perspectiva de interpretar e relatar os fatos históricos e longe da discussão dessa com o paradigma tradicional que por vezes persiste, é inegável a afirmação de algumas de suas propostas. Entre elas, como destaca Ciro Flamarion Cardoso, está “a ampliação considerável dos objetos e estratégias de pesquisa e a reivindicação do individual, do subjetivo, do simbólico como dimensões necessárias e legítimas da análise histórica.”²²¹ O historiador Jaques Le Goff, um dos principais nomes e representantes dessa corrente,

²²⁰ DAMASCENO, Athos. *Imprensa Caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Rio de Janeiro: Globo – Coleção Província. 1962. p. 19.

²²¹ CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997, 5ª ed. p. 22 – 23.

afirma que a mesma almeja “o recuo do documento escrito, a busca do documento arqueológico figurativo, do documento oral, que é interrogar os silêncios da História, a entrada em cena do documento imaginário.”²²²

Evitando o aprofundamento nesse assunto, em termos gerais podemos dizer que a nova proposta historiográfica, especialmente se comparada com a historiografia tradicional, além de propor uma substituição da narrativa de acontecimentos e se apoiar em outras áreas do conhecimento, observa o papel daquilo que foi normalmente deixado de lado adotando e aceitando desse modo, um maior número de objetos de análise. Segundo o historiador Peter Buker:

a mais importante contribuição do grupo dos Annales, (...) foi expandir o campo da história por diversas áreas. O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las.²²³

Cabe considerar que foi através dessa nova visão, preocupada como diz Guarnieri, “com um passado humano mais amplo”²²⁴ que a imprensa passou a ser utilizada como ferramenta para resgatar o imaginário social. Dando espaço para abordagens referentes ao cotidiano e a cultura, e não somente a aspectos da economia e da política, os jornais obtiveram uma posição de maior destaque na produção historiográfica quando já assumiam o papel de preservar a memória. *O Artista*, jornal político, literário e noticioso que circulava em Rio Grande e que foi localizado no Museu de Comunicação Hipólito da

²²² LE GOFF, Jacques; LE LADURIE, Roy; DUBY, George *et. al.* A nova história. Lisboa: Edições 70, 1991.p. 34.

²²³ BURKE, Peter. A Escola dos Annales 1929 – 1989: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Ed. UNESP, 1997. 4º ed. p. 126 – 127.

²²⁴ GUARNIERI, Ivanor Luiz; ALVES, Fábio Lopes. Imagens do cotidiano e temporalidades: historiografia e imprensa. Universidade Federal de Rondônia/Revista Eletrônica - Centro de Estudos do Imaginário. Disponível em: < http://www.cei.unir.br/artigo104.html#_ftn1 > Acesso em: 15 out. 2010.

Costa ²²⁵, da um exemplo da postura que os jornais adotavam no período em uma edição de janeiro de 1863.

A arte de Guttemberg é uma das mais nobres. Humilde e obscuro operário, é o typographo, uma das mais poderosas alavancas do progresso. A palavra escripta, o pensamento, por assim dizer, substancializado, - é por elle multiplicado, reproduzido, propagado, conservado para as gerações vindouras. (...) Quem conheceria o passado dos povos, quem poderia perscrutar a sua história, pesquisar a sua origem sem a arte typographica? ²²⁶

Como vimos, tanto na primeira como na segunda fase, a imprensa, atuante e ligada ou não a órgãos públicos e a siglas partidárias esteve atenta a assuntos que obviamente também eram de interesse público, desde os políticos e sociais e até mesmo os militares. Assim, os feitos da província durante a guerra do Império e seus aliados contra o Paraguai foram destacados de diversas maneiras. Portanto, os jornais que viveram de perto a Guerra do Paraguai construíram de forma consciente ou não testemunhos valiosos que servem hoje para identificar por outro ângulo a participação do Rio Grande do Sul e de sua sociedade na mesma.

Superado o “preconceito” que existia contra a imprensa como fonte de pesquisa, se criou nos últimos anos um conceito entre os historiadores de que essa pode realmente servir como inestimável apoio à produção historiográfica. De acordo com Francisco Alves:

Fazendo parte do desenvolvimento de grande parte das sociedades contemporâneas, a imprensa ganhou de forma crescente o *status* de “fonte histórica”, posição nos últimos anos já completamente consolidada. (...) Passou-se a observar que essas tendências do jornalismo – característica também presente na maior parte dos documentos – poderiam ser detectadas pelo historiador, o qual teria condições de filtrar as informações prestadas pelos jornais, ou, ainda, de transformar esse caráter opinativo (ou tendencioso) em objeto de análise. ²²⁷

²²⁵ MCHC – Museu de Comunicação Hipólito da Costa.

²²⁶ O Artista, Rio Grande, 12 de janeiro de 1863. MCHC.

²²⁷ ALVES, 2006, p. 351

A imprensa, pelo que já observamos, é um claro reflexo das profundas mudanças sociais, políticas e econômicas do século XIX. Definitivamente, como diz Francisco Riopardense Macedo o jornal é um instrumento que vive “o calor de vários acontecimentos que se cruzam e se inter-relacionam em um sistema de informações.”²²⁸ Dito isso, encerramos a discussão referente à validade de seu uso como instrumento de pesquisa e iniciamos a que se preocupa com as dificuldades que normalmente são encontradas nesse tipo de trabalho.

Na maioria das vezes, fazer uso dessa fonte exige cuidados, já que em diversos momentos “prepara armadilhas” que se não bem observadas pelo pesquisador facilmente comprometem o trabalho. Conforme Maria Helena Capelato:

O jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada pela subjetividade. A imprensa constituiu um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social.²²⁹

A capacidade de manipular da imprensa, essa percebida já no início de sua trajetória no Brasil e no Rio Grande do Sul e que tem a ver com o fato de estar muito próxima ao poder político, tornam mais nítida a capacidade de “embaralhar” o raciocínio do historiador que jamais pode, portanto, ficar longe dos fatos reais do período em que esses documentos foram produzidos. Devemos destacar que a imprensa se tornava, gradativamente, um produto essencial para a sociabilidade. Ela tornava-se também, quando garantidas melhores condições para seu desenvolvimento, um instrumento capaz de interferir no poder político e econômico e de legitimar determinado grupo social. Vale lembrar que o controle sobre os meios de comunicação, incluindo aí o jornal, é exercido absolutamente, como coloca Marc Ferro, pelos poderes dominantes que através desses

²²⁸ MACEDO, Francisco Riopardense de. *Imprensa farroupilha antologia e índice*. Porto Alegre EDIPUCRS, 1994. p. 24

²²⁹ CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP. 1988. p. 21.

podem, além de controlar o passado, dominar o presente e legitimar tanto as dominações como as rebeldias.²³⁰

Mesmo que consideremos a capacidade de os leitores filtrarem as informações que lhes são disponibilizadas e separar entre elas os interesses implícitos dos periódicos, não podemos negar que a grande maioria aceita pacificamente aquele conteúdo colaborando assim com a velha máxima de que “a primeira impressão é a que fica.” Apesar de a estreita, quase invisível linha que separa jornal e leitor, impedir que o discurso do primeiro fuja muito da realidade do momento vivido pela sociedade, devemos sempre procurar perceber como as folhas, especialmente aquelas com maior crédito junto ao público, puderam criar discursos engajados e com compromissos que iam além dos fatos noticiados. Sobre essa relação, do historiador e suas fontes, a historiadora Emilia Viotti da Costa, com muita propriedade assegura que:

Uma das tarefas mais difíceis do historiador é a crítica dos testemunhos. Ao descrever o momento que estão vivendo, os homens traçam freqüentemente uma imagem superficial e deformada dos fatos. (...) A maneira pela qual se deixa empolgar por paixões e sentimentos refletem-se no seu depoimento. (...) Os temas que provocam controvérsias, que envolvem posições opostas, as situações historiográficas que produzem vencedores e vencidos dão origem a uma documentação testemunhal contraditória.²³¹

A Guerra do Paraguai foi um desses perfeitos episódios para produzir relatos contraditórios. Pelo que significou para a história do Brasil e do continente, a guerra foi capaz de proporcionar enérgicas discussões carregadas de uma boa dose de paixão política e também, no caso especial do Rio Grande do Sul, de uma boa dose de rancorismo ou de rivalidade.

Falando especificamente de nossa proposta, que é analisar o envolvimento da imprensa do Rio Grande do Sul na guerra contra o Paraguai entre 1865 e 1870, esse pensamento, partindo do entendimento que, como diz Maria de Lourdes Reis, “os jornais registram o cotidiano, comentam o dia-a-dia das comunidades e acabam por participar da

²³⁰ FERRO, Marc. A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação. 2ªed. São Paulo: IBRASA, 1983. p. 11.

²³¹ COSTA, 1999, p. 385.

própria história do povo,”²³² deixa mais claro ainda os dois lados que podem ser sugeridos pelas informações deixadas por essa rica fonte. Ao falar do testemunho dos jornais, a mesma autora chama a atenção ao assegurar que:

Quando o historiador pesquisa jornais antigos, ele depara com uma história passada que, à primeira vista, pode parecer que está morta, acabada, pronta. No entanto, ela está ali, palpitante, à espera de alguém que lhe dê vida, e fornecendo dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informações sobre questões econômicas e políticas. Através deles, pode-se captar o momento histórico tomar conhecimento das idéias que circulam pelas colunas, editoriais, anúncios e até pelos desenhos e caricaturas de jornais de determinada época.²³³

Para diminuir ao máximo o efeito da quase inevitável soma das emoções do sujeito que registrou o fato, com os interesses, necessidades e experiências daquele que faz a análise dessa fonte, é necessário existir um cruzamento das informações ou dos relatos sobre a guerra oferecidos pelos jornais, com outras fontes. Conforme Francisco de Macedo, o fato de o jornal estar inserido “num conjunto de informações da mesma época refletindo vivências do mesmo lugar, (...) necessita de um tratamento para se tornar útil ao pesquisador.”²³⁴

Nessas “preliminares”, a análise crítica certamente está entre as principais providências a serem tomadas pelo pesquisador para que possa ser reduzida a possibilidade de equívocos diante dos registros encontrados. Destaca Fernand Braudel que “o trabalho histórico é um trabalho crítico por excelência; quando alguém se dedica a ele, sem se ter protegido previamente contra o instinto, afoga-se.”²³⁵ Dessa forma, comenta Espig que “o cruzamento de dados, conjugado a crítica e a comentários bibliográficos pertinentes, será o melhor caminho para uma análise criteriosa e de qualidade.”²³⁶

²³² REIS, Maria de Lourdes Costa Dias. Imprensa em tempo de guerra: O Jequitinhonha e a guerra do Paraguai. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS, Porto Alegre, 2002. p. 26.

²³³ Ibid., p. 28.

²³⁴ MACEDO, 1994, p. 45.

²³⁵ BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. Lisboa/Portugal: Editorial Presença; 4º ed. 1982. p. 53.

²³⁶ ESPIG, 1998, p. 274.

A pretensão de “escrever história” fazendo uso de elementos disponibilizados pela imprensa só é uma tarefa possível de ser cumprida após termos noção da história da própria imprensa, que anteriormente procuramos resumir. São coisas diferentes, que exigem diferentes métodos, mas que estão fundamentalmente ligadas na medida em que são interdependentes. Sobre a dificuldade de estabelecer uma história para a imprensa, Albert, que a compara como sendo o mesmo do que “descrever ao mesmo tempo a floresta e suas árvores,”²³⁷ ainda completa afirmando que:

A história da imprensa é também, em mais de um sentido, uma ciência auxiliar da história moderna e contemporânea. Arquivos do cotidiano, os jornais são a fonte mais completa e, em sua diversidade, mais objetiva da história geral. Testemunhas e atores da vida nacional e internacional são documentos de uma riqueza considerável, mas difíceis de utilizar. À sua função principal, que consiste em restituir a vida dos jornais e especificar o papel que eles representaram na evolução das sociedades, a história da imprensa acrescenta uma espécie de função derivada: a de ajudar os historiadores a utilizar o testemunho dos jornais.²³⁸

Considerando que já superamos essa primeira etapa ao apresentarmos algumas das características da imprensa no Rio Grande do Sul, acreditamos ser preciso observar os demais fatores que, somados, vão permitir que possamos mais adiante analisar aquilo que está escancarado ou camuflado nas páginas dos periódicos. Assim, além dos detalhes já referidos, entendemos e definimos dois pontos essenciais: conhecer bem o jornal e suas intenções²³⁹ e a partir disso, estabelecer certos critérios para a leitura do mesmo.²⁴⁰

Na primeira parte, ao realizarmos uma leitura cuidadosa do texto, que não deixe de considerar os sintomas políticos, econômicos e sociais do período em que foi produzido, estamos diminuindo as possibilidades de cairmos no perigo de exagerar na desconfiança ou na confiança absoluta sobre aquilo que o texto nos apresenta. Em suma, nos preparamos para não nos iludirmos, em benefício ou em prejuízo, com aquilo que

²³⁷ ALBERT, 1990, p. 12.

²³⁸ *Ibid.*, p. 12.

²³⁹ Cf. REIS, 2002, p. 31.

²⁴⁰ Cf. ELMIR, Claudio Pereira. As armadilhas do jornal; algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. Cadernos de Estudos do PPGH em História (UFRGS), Porto Alegre, v. 13, p. 21.

parece muito óbvio. Mesmo aqueles documentos que não aparentam confiabilidade podem ser considerados como documentos históricos e serem, como diz Le Goff, “um testemunho precioso da época em que foi forjado e do período durante o qual foi considerado autêntico (...).”²⁴¹

A facilidade com que se criam hoje os fatos históricos, não é maior do que no período que consideramos. Ao analisarmos, em nosso caso, os periódicos da década de 1860, podemos observar claramente que naquele período, assim como por vezes acontece hoje, com muita facilidade e sem dar o tempo de julgamento necessário, mesmo aqueles menores acontecimentos já eram transformados em fatos históricos e como tais narrados.²⁴² Saber identificar tais fatos dentro da conjuntura do tema estudado e mais do que isso, colocá-los nos devidos lugares também é tarefa daquele se dispõe a usar os antigos jornais como fonte.

Junto com essa análise, traçar o perfil do jornal analisado, sua posição diante do governo, destacar seus proprietários e redatores quando possível e principalmente identificar seus objetivos e estratégias para ganhar o público leitor se torna, da mesma forma, um passo importante na pesquisa. Mesmo que essa etapa seja cumprida de maneira superficial, se torna pré-requisito na medida em que interpretar aquilo que está implícito, que está nas entrelinhas é essencial para que não se faça uma simples descrição daquilo que foi descoberto e coletado nos arquivos. Além do mais, um dos méritos do pesquisador deve ser estar preparado para encontrar e saber lidar com qualquer resposta que a fonte consultada ofereça para as perguntas que lhe foram feitas.

É imprescindível que não comecemos a pesquisa, a investigação, querendo “adivinhar” aquilo o que vamos encontrar, ou então, melhor dizendo, formulando as respostas antes mesmo de existirem perguntas concretas. Como descreve Claudio Elmir, “a pesquisa que começa com resultados pré-concebidos tende inevitavelmente ao fracasso e ao esquematismo explicativo típico do discurso do senso-comum.”²⁴³

Qualquer depoimento histórico está repleto de informações, inéditas ou já conhecidas, ricas ou escassas, mas que não possuem a capacidade de falar por si só. Essas informações dependem primeiramente da habilidade do historiador, que é, diga-se de

²⁴¹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 5° ed. 2003. p. 110.

²⁴² NORA, Pierre. O acontecimento e o historiador do presente. In: LE GOFF, Jacques; LE LADURIE, Roy; DUBY, George *et al.* *A nova história*. Lisboa: Edições 70, 1991. p. 47 – 48.

²⁴³ ELMIR, p. 24.

passagem, segundo Edward Carr, produto da própria história,²⁴⁴ que organiza o interrogatório e que ao organizá-lo evidentemente carrega um prévio conhecimento sobre o tema. Como diz Marc Bloch, “toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a busca tenha uma direção.”²⁴⁵ Nessa busca, saber orientar o conhecimento sobre o tema proposto, além de ser um meio para a elaboração de perguntas corretas, serve para que não sejam formuladas conclusões precipitadas. Devemos observar sempre a complexidade e a proximidade entre a verdade e a mentira na produção do conhecimento histórico, bem como os casos em que aquilo que é importante e verdadeiro para um observador pode ser insignificante para o outro.²⁴⁶

Para terminar, o diálogo entre fonte e historiador nem sempre tem uma ordem de quem começa e quem termina, ou então, uma regra que determina quem fica com a última palavra. Por outro lado podemos dizer que é inesgotável. A fonte, seja ela qual for, sempre tem algo a dizer.²⁴⁷ Se o historiador, partir da premissa que é ao mesmo tempo tanto produto quanto “porta-voz consciente ou inconsciente da sociedade à qual pertence,”²⁴⁸ souber de seus limites e não se omitir, a informação fatalmente vem à tona. Conforme Le Goff:

Quer se trate de documentos conscientes ou inconscientes (traços deixados pelos homens sem a mínima intenção de legar um testemunho à posteridade), as condições de produção do documento devem ser minuciosamente estudadas. As estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória futura, o poder de perpetuação deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador. Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. (...) O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é "falso", avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estarem sujeitos a tratamentos destinados a transformar a sua função de mentira em confissão de verdade (...).²⁴⁹

²⁴⁴ CARR, Edward Hallet. *Que é História?* Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985, 4^o edição. p. 37.

²⁴⁵ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 79.

²⁴⁶ Cf. SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. (tradução Maria Paula Duarte) São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 210 – 211.

²⁴⁷ Cf. BLOCH, 2001, p. 78 – 81.

²⁴⁸ CARR, 1985, p. 34.

²⁴⁹ LE GOFF, 2003. p.110.

Enfim, é com o prévio conhecimento sobre a história da imprensa, no Rio Grande do Sul em particular, com uma criteriosa leitura do material coletado e lutando contra os inúmeros desafios que acompanham a pesquisa, que procuraremos demonstrar e interpretar os relatos da imprensa sul-riograndense sobre a Guerra do Paraguai, considerando seu poder sobre o imaginário social.²⁵⁰ Ora contribuindo através de seu discurso com as pretensões imperiais, ora questionando as estratégias adotadas e até mesmo as justificativas apontadas, a imprensa, com maior ou menor intensidade, forjou o sentimento dos sul-rio-grandenses em relação ao conflito que alterava o ritmo da província.

2.6 – As dificuldades e as limitações da pesquisa

Recentemente, no ano de 2008, nas comemorações do bicentenário da imprensa no Brasil um dos pontos mais debatidos foi à conservação de sua memória e a continuidade da construção de sua história. Tarefa essa complicada que desde o século XIX era entendida como necessária, visto, como lembra Laura Antunes Maciel, as “diferentes iniciativas para formar coleções de periódicos, investimentos em pesquisa e compilação de informações sobre o jornalismo e a imprensa.”²⁵¹ Apesar do esforço, do valioso conhecimento acumulado em relação aos diferentes momentos da imprensa no Brasil e da existência de uma série de arquivos públicos e particulares, ainda hoje são vários os obstáculos para qualquer trabalho que busque inspiração nos registros deixados pelos jornais.

Sendo que a história ou o trabalho do historiador dependem dos vestígios deixados pelo passado, é impossível ignorarmos a importância dos arquivos destinados a guardar esses vestígios ou deixarmos de observar suas condições na medida em que juntos com museus e bibliotecas, são, de acordo com Mariza Pinheiro, “símbolos e guardiões do patrimônio e (...) reflexos da nossa identidade.”²⁵² A precariedade da maioria dos arquivos

²⁵⁰ Cf. ESPIG, 1998, p. 276.

²⁵¹ MACIEL, Laura Antunes. Imprensa, História e Memória: da unicidade do passado às outras histórias. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.2, 2009, p. 68.

²⁵² PINHEIRO, Mariza Inês da Silva et al. Pela preservação da memória documental como uma garantia do acesso à informação, à memória e à cidadania. In: Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.14, n.2, 513-530 jul./dez., 2009. p. 517.

que foram visitados é o que nos leva a refletir a respeito da memória e sobre a forma como essa, que em nosso caso é protegida pela imprensa, é conservada ou desrespeitada.

Por ser a memória, de acordo com Maciel, “um campo de luta política, no qual esforços por lembrar e esquecer estão em disputa, e onde diferentes verdades procuram se afirmar,”²⁵³ conserva-lá nem sempre foi ou é possível. Sua conservação depende antes de tudo da construção de uma consciência histórica e passa por uma transformação cultural que definitivamente parece ainda não ter se iniciado. Reconhecendo essa necessidade, Iara Jurema Silva, coloca que:

O acesso à herança cultural, por meio do resgate de documentos, responde à busca do homem pelo seu passado, de onde viemos e quem somos. As mensagens deixadas nos proporcionam o entendimento de nós mesmos, a que sociedade pertencemos e que espaço ou papéis ocupamos sócio-historicamente. A preservação de documentos contribui ao esclarecimento de nossa origem étnica e ao enriquecimento do patrimônio cultural do mundo.²⁵⁴

Diante disso, numa época em que os valores e necessidades sociais se desvirtuam rapidamente e o sentido de pertencimento se esvazia cada vez mais, a memória conservada pela imprensa se torna um verdadeiro patrimônio histórico e cultural. Nesse caso, preservar a memória da imprensa não significa apenas guardar exemplares de periódicos antigos, como muitas vezes acontece, mas também cadastrá-los²⁵⁵, organizá-los e disponibilizá-los de forma “limpa” ao público interessado. No processo de construção da referida consciência histórica esse público deve perceber-se, ao lado de ações governamentais, arquivos e seus agentes, como responsável pela preservação desse patrimônio e por garantir a existência de sua identidade, de sua memória e logo, de sua própria história.²⁵⁶

²⁵³ MACIEL, 2009, p. 86.

²⁵⁴ SILVA, Iara Jurema Quintela. A importância da conservação, preservação e restauração e os acervos bibliográficos e documentais em saúde coletiva. Bol. da Saúde, v. 15, n. 1, 2001.p. 30.

²⁵⁵ Cf. MAIA, Felícia Assnar. Direito à memória: o patrimônio histórico, artístico e cultural e o poder econômico. Movendo Idéias, Belém, v8, n.13, p.39-42, jun 2003.p. 39.

²⁵⁶ Cf. GOULART, Elias Estevão; PERAZZO, Priscila Ferreira; LEMOS, Vilma. Memória e cidadania nos acervos de história oral e mídia digital. Em Questão, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 153-166, jan./jun. 2005. p. 164.

Curiosamente, a partir de 1865, ano que chama atenção por ser o do início da Guerra do Paraguai, passou existir a preocupação em preservar a origem e a evolução da imprensa no Brasil.²⁵⁷ De maneira especial, no Rio Grande do Sul, afirma Francisco Alves que:

A partir do final do século XIX, os estudos de caráter “histórico” a respeito da imprensa (...) passaram a ser mais freqüentes, levando, de certo modo, a um reconhecimento inicial do valor dos jornais como fonte histórica e à incorporação da história da imprensa como mais um dos componentes da produção historiográfica sul-rio-grandense. (...) Grande parte da história da imprensa no Rio Grande do Sul se inseriu no contexto de uma tendência historiográfica “tradicional”. Tratava-se então de uma “historiografia informativa (...).²⁵⁸

Mesmo tratando-se de uma historiografia de caráter informativo, a preocupação fez, mesmo que timidamente, com que algumas coleções se iniciassem e fossem reunidas. Em 1908, quando se comemorava um século da instalação da imprensa no país, uma série de eventos ocorreram no sentido não só de preservar a história da imprensa, mas principalmente de resgatar aquela parte que já havia se perdido ou estava prestes a se perder.

A exposição organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, apesar de ter contado com uma série de colaboradores, foi marcada pelo “indiferentismo de muitos, a má vontade de outros, a inércia de mais alguns.”²⁵⁹ Em virtude disso, a exposição deixou de contemplar alguns setores específicos da imprensa da época falhando nos critérios de seleção e exclusão do que seria considerado parte da história dos primeiros cem anos da imprensa no Brasil. Nota-se que a maioria das primeiras obras consagradas por descrever essa história omitem a presença das pequenas folhas dando ênfase aos grandes periódicos ligados a elite econômica ou política.

²⁵⁷ Cf. MACIEL, 2009, p. 67.

²⁵⁸ ALVES, 2001. p. 69.

²⁵⁹ MACIEL, 2009, p. 70.

Ao mesmo tempo que fixaram as linhas de interpretação do que teria sido até então a ‘história da imprensa brasileira’, esses primeiros pesquisadores da imprensa iriam também influir na definição de critérios para a reunião de exemplares e a constituição de coleções no interior das instituições nas quais trabalhavam ou participavam.²⁶⁰

Mesmo com esses problemas, que por sinal operam ainda hoje, é inegável a representatividade dessa iniciativa quando falamos da necessidade de se ter uma atenção maior com a conservação da memória da imprensa, que não de hoje assume a missão de guardar fatos que marcaram determinados períodos ou grupos sociais.²⁶¹ Ao analisar rapidamente a formação dos arquivos, a maneira como são organizados e posteriormente administrados pelos órgãos responsáveis teremos uma noção mais clara do quadro de dificuldades que reduzem as possibilidades da pesquisa.

Formados em grande parte através de doações ou compra de coleções, os arquivos de imprensa travam uma constante luta contra a ação do tempo. Essa realidade além de produzir coleções incompletas e em lastimáveis condições reflete de maneira direta na organização, melhor dizendo, na desorganização dos acervos.

Os próprios catálogos, que deveriam ser o primeiro instrumento do pesquisador no sentido de apontar a disponibilidade do acervo, são um exemplo dessa desordem. Em muitos casos, por privilegiarem alguns periódicos de maneira específica, esses catálogos acabam mais confundindo do que auxiliando. Para Maciel:

a produção de catálogos, guias e obras de referência que se propõem facilitar o acesso e consulta dos pesquisadores ao universo complexo das coleções e fundos existentes nas dependências das instituições, também podem criar (ou reproduzir) hierarquias, classificações, ordens, entre as memórias que reforçam invisibilidades e dificultam o acesso a muitas experiências.²⁶²

O que se percebe é uma clara diferença no “carinho” que existe com exemplares da imprensa diária ou que tiveram maior circulação em comparação com

²⁶⁰ MACIEL, 2009, p. 76.

²⁶¹ Cf. JERÓNIMO, Pedro. A memória da imprensa regional: Análise crítica da preservação e ao acesso de conteúdos digitais. *Páginas a&b*, 5 (série 2), 165-181. Gabinete de Estudos a&b: Lisboa. 2010. p. 168.

²⁶² MACIEL, 2009, p. 83 – 84.

exemplares da chamada pequena imprensa ou jornais que tiveram uma vida mais curta. Apesar da distinção no tratamento produzir coleções completas e em bom estado de conservação, colabora também com a produção de coleções incompletas que tanto dificultam a pesquisa e caracterizam especialmente os acervos do século XIX da maioria dos arquivos.

Além de catálogos, que dão assustadoramente uma nítida impressão de abandono do acervo, outro ponto que demonstra a fragilidade da organização dos arquivos de imprensa é a inacessibilidade de parte de suas coleções. Não falamos nesse caso propriamente das condições de infra-estrutura das instituições, mas sim, na falta de imparcialidade na escolha do que deve ser conservado, restaurado e conseqüentemente oferecido aos pesquisadores.

Se preservar o patrimônio consiste em documentar a sociedade,²⁶³ garantindo a gerações futuras o acesso à memória e a recuperação da identidade cultural por meio de medidas que garantam o “prolongamento da vida útil dos suportes de informações,”²⁶⁴ a escolha do que vai ser preservado se dá na maioria das vezes na esfera do poder público. É a realidade social, política e cultural que vai determinar o que vai ser preservado. Assim, enquanto observamos os arquivos como “administradores” do passado da sociedade, precisamos também ter a clareza de que é o presente que determina a forma como essa “administração” será conduzida.

Por ser a imprensa, sobretudo no século XIX, financiada por grandes projetos políticos e econômicos sua história acaba sendo escrita e marcada pela influência exercida por setores das classes dirigentes. Naturalmente, os financiadores da preservação da memória da imprensa atuam com o propósito de manter vivos os seus principais momentos de vitória diante da sociedade ao passo que retiram da outra parte da população o direito de conservar sua história e memória.²⁶⁵

Ainda que a palavra final sobre a preservação da memória passe pelos interesses ou iniciativas de grupos da elite, seja ela política ou econômica, compreender esse processo não significa aceitá-lo pacificamente. Em um trabalho que procura orientação na metodologia da Nova História e que assim inspeciona toda e qualquer fonte

²⁶³ TEDESCO, João Carlos. *Memória e Cultura: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memórias de nonos*. Porto Alegre: Edições EST, 2001. p. 51.

²⁶⁴ PINHEIRO, 2009, p. 515.

²⁶⁵ Cf. MACIEL, 2009, p. 76.

disponível, não podemos facilmente nos conformar com seleções realizadas por arquivos que, mesmo de forma involuntária, excluem parte dos registros do passado.

Em nosso entendimento, muitas das lacunas que existem na história da imprensa, principalmente na do Rio Grande do Sul, se devem justamente ao fato de parte de sua memória ter sido ou ainda permanecer sendo negligenciada pelos órgãos responsáveis. Longe de práticas políticas competentes, os arquivos insistem cada um com seus critérios em decidir o que merece ser lembrado ou esquecido.

Parece bastante lógico, embora não seja uma regra, que especialistas e encarregados de preservar e restaurar os documentos dêem início ao seu trabalho considerando a raridade, o estado de conservação e até mesmo a relevância histórica dos mesmos. Porém, algumas questões se fazem necessárias. Como determinar a importância histórica de um episódio, se o mesmo pode ser interpretado e valorizado de diferentes maneiras? O que comprova a raridade de um exemplar? Será apenas o tempo de sua existência ou devemos considerar também a quantidade do mesmo exemplar a disposição para a pesquisa? Se entendemos que é o número de exemplares e não somente sua datação, como saber onde estão e em que condições estão?

Embora a prioridade definida pelos especialistas sobre o que deve ser restaurado seja respeitada, o que questionamos é uma aparente falta de “contato” entre os arquivos e suas coleções. Logicamente não estamos sugerindo uma unificação dos vários acervos de imprensa públicos ou particulares espalhados pelo Rio Grande do Sul, por exemplo, o que seria absolutamente inviável em todos os sentidos. Mas sim, que possa existir um trabalho que possibilite a organização de um “catálogo geral” que reúna as informações necessárias a respeito dos acervos de imprensa disponíveis ao público.

A troca de informações entre os arquivos, além de tornar mais justa à escolha dos documentos com prioridade na fila para serem preservados ou restaurados, pode colaborar para que os “novos” catálogos sejam atualizados com maior frequência e fujam da normalidade dos “antigos”, marcados, como destacamos, por excluir parte da história da imprensa. Dentro do contexto de rápidas mudanças na tecnologia que cada vez mais encurtam distâncias, o ideal é que arquivos, museus e bibliotecas, juntamente com os profissionais responsáveis pelo patrimônio público, “compartilhem seus serviços colaborando, desta forma, num sistema global de informações.”²⁶⁶

²⁶⁶ CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. *Encontros Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, n. 15, 2003. p. 05.

A era da informação valorizou ainda mais os dados vitais e estratégicos que precisam ser preservados, divulgados e acessados rapidamente para uso presente e futuro. É provável que essa valorização seja um dos atuais motivos pelo qual a sociedade busca resgatar o original, o mais antigo, a primeira versão.²⁶⁷

Essa busca pelo resgate do passado parece não ter até o momento sensibilizado as instituições que servem como seu principal abrigo, ou então, os órgãos responsáveis por elas. A democratização do conhecimento guardado pelos arquivos caminha a passos curtos.

Para que seja possível, além da presença de especialistas atuando na organização e restauração do acervo e de ambientes adequados para a conservação do mesmo, é preciso que uma série de circunstâncias e técnicas que vão das mais simples até as mais complexas atuem em conjunto.²⁶⁸ A comprovação das difíceis condições de nossos arquivos de imprensa está na inexistência ou lentidão no trabalho de digitalização dos periódicos. Trabalho esse, que se estimulado poderia garantir não somente a maior durabilidade dos jornais e a preservação da memória histórica e social, mas principalmente a socialização dos acervos que estão confinados nos arquivos e condenados ao esquecimento.

Saindo aos poucos dessa difícil realidade, ao menos duas instituições devem ser notadas. De ordem privada, a Bibliotheca Rio-Grandense localizada no centro de Rio Grande e fundada em agosto de 1846, pode ser exemplo dessa luta pela socialização dos acervos. Através de sua página na internet a instituição oferece ao público atendimento a distância possibilitando inclusive, dentro de suas condições, o envio de material fotocopiado.²⁶⁹ Em Porto Alegre, administrado pela Secretária de Cultura do estado, o Museu de Comunicação Hipólito da Costa mesmo sem ter um espaço para contato via internet com a mesma dimensão do da biblioteca de Rio Grande, disponibiliza em sua página um inventário do acervo contando com mais de 700 títulos. Fora isso, a reforma

²⁶⁷ SICHMANN, M. *apud* YAMASHITA, Marina Mayumi; PALETTA, Fátima Aparecida Colombo. Preservação do patrimônio documental e bibliográfico com ênfase na higienização de livros e documentos textuais. *Arquivística.net* - www.arquivistica.net, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.172-184, ago./dez. 2006. p. 175.

²⁶⁸ Cf. PINHEIRO, 2009, p. 515.

²⁶⁹ Bibliotheca Rio-Grandense, Rua General Osório, 454 – Centro, Rio Grande-RS (<http://www.bibliotecariograndense.com.br/>).

feita no museu, finalizada em setembro de 2010, trouxe melhorias consideráveis no atendimento ao público.²⁷⁰

Essa observação, no entanto, não significa que as duas instituições estejam livres dos inúmeros problemas que cercam a preservação da memória social. Apesar de ser muito pouco, diante do tempo perdido e do tanto que deve ser feito, as iniciativas dos dois arquivos explicam com facilidade por que são seus acervos os que mais contribuem com a pesquisa. Infelizmente, para a grande maioria dos arquivos dedicados a conservar a memória da imprensa, a falta de apoio, tanto técnico como financeiro, agrava ainda mais a situação e deixa essa realidade mais distante. Sobre isso Laura Maciel afirma que:

Em geral, as políticas de preservação se orientam, entre outros critérios, por demandas de consultas e solicitações de acesso por parte de pesquisadores, pela valorização e o reconhecimento do interesse e significado social dos documentos. São eles que justificam internamente a alocação de funcionários para o tratamento técnico do acervo e, externamente, a obtenção de apoios e patrocínios financeiros para bancar custos de organização, restauro e divulgação.²⁷¹

Devido a esse quadro de dificuldades, estamos longe de poder precisar o número de jornais que foram impressos e circularam no Rio Grande do Sul entre o período de 1864, quando se esgotam as possibilidades de entendimento no Prata, e 1870, quando a morte de Solano Lopez marca o fim do conflito e a vitória das forças aliadas. Os vários levantamentos feitos asseguram que esse número ultrapassa os cinquenta. Porém, seja pelo implacável efeito do tempo sobre esses documentos, seja pelo pouco respeito que há com os arquivos, ambos inimigos mortais da memória, o trabalho conta com um número bastante reduzido se comparado com o todo.

Assim, mesmo que a proposta não seja a de buscar nos periódicos episódios específicos da Guerra do Paraguai, como a Batalha do Riachuelo ou a morte de Lopez, por exemplo, as enormes lacunas nas coleções representam outro grande desafio. Embora exista a fonte para a pesquisa, o fato de parte desses títulos não estarem à disposição nos

²⁷⁰ Museu de Comunicação Hipólito Ruy, Rua dos Andradas, 959 – Centro – Porto Alegre-RS (<http://www.museudacomunicacao.rs.gov.br/site/>).

²⁷¹ MACIEL, 2009, p. 83

arquivos e muitos exemplares se encontrarem em precárias condições ou então em fase de restauração, acaba esgotando uma série de possibilidades. Em suma, essas condições tiram do trabalho a capacidade de traçar uma realidade completa ou definitiva do comportamento da imprensa do Rio Grande do Sul em relação ao conflito. De acordo com Jandira da Silva:

Na medida em que nos afastamos, no tempo, do período a pesquisar, a obtenção de dados se torna mais difícil. Os números existentes são esparsos e estão sujeitos à ação incontrolável do tempo e do homem. Embora já se tenham transcrito muitos textos, é preciso haver continuidade no trabalho.²⁷²

Quanto a isso, o trabalho não deixa de ser, no caminho que percorre para alcançar detalhes da imprensa sul-rio-grandense na Guerra do Paraguai, uma pequena contribuição na construção da história da imprensa, que, apesar de sua solidez continua sendo passados tantos anos da afirmação de Reverbel, empreitada para vários e não para um único pesquisador principalmente pela dificuldade de material que falta ser reunido.²⁷³ A falta de investimentos destinados aos arquivos tem atingido uma importante parte da história de nossa sociedade. Infelizmente, o impacto desse descaso com os valores históricos e sociais é irreversível. Portanto, descrever a participação da imprensa do Rio Grande do Sul em um episódio ocorrido há cento e quarenta anos atrás, é, cada vez mais, uma difícil luta contra o tempo.

Como vimos, à imprensa no Brasil durante o século XIX esteve ligada ou a interesses particulares ou então a interesses partidários. Entretanto, uma nova circunstância econômica, mas também política, verificada após o início do Segundo Império em 1840 fez com que esses interesses se vinculassem ainda com aos que o Brasil passou a ter na região platina de maneira especial.

Fossem as intervenções brasileiras no Prata – e foram várias – de ordem política ou militar, elas tornaram-se temas obrigatórios nas páginas dos periódicos. Junto com a maior variedade dos assuntos tratados, as melhores condições de mercado e os novos interesses da sociedade deram a imprensa e a sua atuação um novo caráter. O maior

²⁷² SILVA, 1986, p. 09.

²⁷³ REVERBEL, Carlos *apud* VIANNA, Lourival. Imprensa gaúcha: 1827-1852. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, 1977.

número de jornais circulando na época é um claro sinal disso. Absolutamente, a imprensa passou a refletir as transformações e as agitações de um novo momento para o Brasil.

Os interesses conflitantes que sempre acompanharam as relações entre o Império do Brasil e as repúblicas vizinhas se acentuaram no início da década de 1850. Os episódios que arrancaram em favor do Brasil os caudilhos Oribe e Rosas do poder no Uruguai e na Argentina marcaram o começo de um período crítico nessas relações e tornou praticamente impossível que durante os próximos vinte anos pelo menos, houvesse uma conciliação entre os países da região. Na década de 1860, a perturbada situação interna no Uruguai, aproveitada principalmente por brasileiros e argentinos, e vista com cuidado pelo Paraguai, antecipou o conflito que há tempos já dava indícios que poderia ocorrer.

Nessas preliminares da grande guerra sul-americana, ao natural a imprensa se adaptou e até mesmo se especializou em atender questões envolvendo as desavenças políticas, militares e diplomáticas que ocorriam na disputada região platina. Antes de a campanha abolicionista e da campanha republicana darem a imprensa uma importante e mais respeitada posição na sociedade, foi a Guerra do Paraguai o acontecimento preferido dos periódicos. No Rio Grande do Sul, tanto pela posição geográfica, como pelos interesses de sua elite localizada na fronteira e o grosso efetivo militar disponibilizado pela província na defesa dos empenhos do Império, foi mais natural ainda que os jornais ganhassem a “experiência” em relatar o cotidiano da guerra e todos os seus assuntos.

Atuante, e ligada ou não, a órgãos públicos e a siglas partidárias, a imprensa no Rio Grande do Sul esteve envolvida nas principais questões de interesse da província registrando acontecimentos e o seu desenvolvimento social e político. Durante boa parte do século XIX, por estar empenhada em defender e garantir os interesses do Império na luta por influência na região, ou pelos momentos em que esteve em atrito com ele especialmente de 1835 a 1845, os assuntos de ordem militar foram uma constante nas páginas dos jornais da época.

Na segunda metade do século XIX, já consolidada no meio social e aproveitando a diversificação do mercado, a imprensa sul-rio-grandense encontrou na guerra do Império e seus aliados contra o Paraguai uma fonte de inspiração e de interesse público. De diversas maneiras os jornais repercutiram mais uma guerra em que o Rio Grande do Sul exercia importante papel. A forma como transmitiam os fatos buscando a

realidade mais próxima do campo de batalha, deixando-se levar pela emoção dos acontecimentos,²⁷⁴ certamente concede a essa fonte ainda mais créditos.

Não tendo a ambição de julgar, mas sim de demonstrar e interpretar as ponderações feitas pela imprensa pretendemos, no terceiro capítulo, discutir o interesse dos jornais do Rio Grande do Sul pelo confronto considerando basicamente a disposição dos sul-rio-grandenses diante do mesmo e avaliando a contribuição desses jornais na construção da imagem do inimigo. Além disso, sem determinar hipóteses a serem comprovadas, devem ser avaliadas as mudanças de comportamento da imprensa no decorrer do conflito.

²⁷⁴ Cf. ALVES, 2009, p. 141.

3. A GUERRA DO PARAGUAI OBSERVADA PELOS JORNAIS DO RIO GRANDE DO SUL: FESTEJO E TRAGÉDIA

Já vimos que os jornais que circularam no Brasil no século XIX são essencialmente frutos de um complexo conjunto de fatores. Embora esses se modifiquem com o passar do tempo e com as novas necessidades, eles permanecem refletindo a realidade social. Assim, é de se destacar que tal condição para o desenvolvimento da imprensa jamais determinou que todos os periódicos seguissem a mesma linha, tivessem o mesmo perfil, ou então, para resumir, apoiassem ou rejeitassem as mesmas idéias.

Apesar de existirem a partir da década de 1860 periódicos sendo impressos e circulando em várias cidades, inclusive em cidades de menor expressão política ou econômica, a maioria deles, e nesse caso também, obviamente a maioria dos que foram localizados, continuavam sendo de centros maiores como Rio Grande, Pelotas e principalmente Porto Alegre. Cabe a ressalva, que nessa época alguns jornais, sobretudo os mais bem estruturados, passaram a circular por outras cidades ampliando assim o seu público.

Nos acervos da biblioteca Rio Grandense, do arquivo Moysés Vellinho e do Museu Hipólito da Costa, foram encontrados 17 periódicos que circularam no Rio Grande do Sul entre os anos de 1865 e 1870 que de alguma forma se interessaram pela Guerra do Paraguai. (ANEXOS). As melhores, naturais e já comentadas condições que os grandes centros proporcionavam para o desenvolvimento da atividade jornalística já explicam, em parte, o predomínio dos periódicos de Porto Alegre nessa relação. Além disso, na década de 1860, invertendo o quadro formado logo após o término da Guerra dos Farrapos, foi

possível observar uma aparente desorganização dos periódicos dos centros de menor importância.

Ainda que não seja exato, podemos assegurar que pelo menos 50% das folhas que circulavam pelo Rio Grande do Sul nos anos da Guerra do Paraguai saíam da capital tornando perfeitamente compreensível a informação dada anteriormente. Apesar de lamentarmos o número restringido de periódicos do interior da província, especialmente os da região da campanha que poderiam seguramente acrescentar muito ao trabalho, lembramos que na época tornou-se natural a troca de informações e notícias entre os diversos periódicos. Essa maior socialização da imprensa, por assim dizer, nos permite acreditar que o maior número de exemplares de Porto Alegre não signifique exatamente um prejuízo em nossa análise. Era comum que nos editoriais os periódicos já tratassem de agradecer pelas mais variadas notícias recebidas de folhas que eram tratadas como *irmãs*.

Sem o objetivo de demonstrar se o comportamento fortaleceu ou enfraqueceu o discurso e as justificativas do governo brasileiro e evitando analisá-la de modo comparativo com a imprensa que circulou em regiões mais distantes e conseqüentemente não tão envolvidas nas operações de guerra, a primeira intenção é expor as diferentes estratégias utilizadas pelos periódicos para abordar os episódios da guerra e perceber quais foram os que mais repercutiram.

Embora, não se trate logicamente de “imparcialidade jornalística,” condição impensável para os jornais da época, propomos descobrir os dois lados da imprensa sul-riograndense frente à Guerra do Paraguai. Visto a impossibilidade de a imprensa fugir muito do contexto social que a cerca e acompanha, acreditamos que a folhas que circularam no Rio Grande do Sul refletiam os fatos, ora demonstrando a fidelidade que a província costumava ter junto ao governo imperial, ora considerando suas históricas divergências. Assim, a forma como e o que criticava, questionando as ações e interpretando as falhas do governo imperial, ou o modo como tentava glorificar e eternizar episódios e personagens variou conforme a guerra interferia na sociedade e alterava o ritmo político e econômico da província.

3.1 – Apoio e crítica: a Guerra do Paraguai nas folhas sul-riograndenses

A partir da década de 1840, especialmente após as diversas rebeliões regionais terem sido sufocadas, o governo imperial passou a gozar de rara estabilidade política e econômica que de forma imediata foram atreladas aos objetivos do Império no Prata. Nas

lutas em que o Império do Brasil passou a se envolver buscando a hegemonia na região, chamadas também de “questões platinas,” pôde se verificar um claro e amplo esforço para que existisse um ajustamento de interesses, principalmente interesses político-partidários, afinal de contas, para existir vitória contra o inimigo externo deveria existir entendimento interno, ou melhor dizendo, uma concentração de energias.

A conciliação entre o Partido Liberal e o Partido Conservador talvez seja o melhor exemplo desse empenho. Além de ser importante elemento na constituição de união de forças contra o Paraguai e símbolo do esforço de mobilização do Império na busca de seus objetivos, significou para a imprensa um natural abrandamento dos acirrados debates partidários. Mesmo que não totalmente livres da influência exercida pelos partidos, a imprensa passou a desfrutar do momentâneo entendimento entre eles sendo amplamente utilizada pelo governo na “propaganda” de guerra.

Nesse caminho, antes mesmo de existirem as declarações oficiais de guerra, muitas folhas já trabalhavam no sentido de validar a “missão brasileira” no novo conflito que se aproximava. Em todos os cantos do Império os periódicos trataram de fazer de Solano Lopez o grande vilão. Conforme Francisco Alves:

Neste quadro, a guerra de palavras e de informações se concentraria contra a figura do governante paraguaio, Francisco Solano Lopez, eleito como o inimigo número um dos jornais brasileiros. As reações da imprensa estavam a refletir a própria atitude governamental, uma vez que o Império Brasileiro, em suas manifestações públicas sempre buscara sustentar que a guerra estava sendo promovida contra o “ditador” paraguaio e não contra o povo deste país, ao qual o Brasil estaria lutando para libertar. Nas trincheiras do discurso, os periódicos brasileiros, desde as grandes cidades, até os mais recônditos lugarejos, agiam como veículos propagadores da guerra contra o “déspota guarani.”²⁷⁵

Arcádia, jornal ilustrado, histórico e dedicado a literatura, que circulou em Rio Grande provavelmente entre 1867 e 1870 e depois também em Pelotas sendo comandado por Antônio Joaquim Dias, é, entre os títulos encontrados, um dos poucos que colaboram com detalhes que antecedem a guerra. Não só a forma como o jornal riograndino apoiou a causa brasileira na região tornam o relato que circulou no dia 24 de abril de 1868 especial. A descrição que faz sobre a tensão entre uruguaiois e os grandes proprietários da fronteira e

²⁷⁵ ALVES, Francisco das Neves. Imprensa, caricatura e historiografia no Rio Grande do Sul: ensaios históricos. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2006. p. 64 – 65.

principalmente por ser um dos poucos exemplares encontrados que retratam a intervenção do Império no Uruguai e, logo, os primeiros episódios do conflito, dão a ele um considerável valor. Defendendo a causa brasileira na luta contra o Paraguai, a folha se preocupa primeiramente em responder ao *Correio de Europa*, jornal português que teria disparado sérias críticas contra o Império do Brasil questionando as motivações encontradas pelo governo brasileiro para dar início à guerra.

A Guerra do Brasil com o Paraguay, não foi tão desastrosa concepção do governo brasileiro. Elle não queria, nem pensará n'ella; - quem a provocou, foi Lopez, o dictador do Paraguay. (...) As fronteiras da província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, frequentemente eram talladas por bandidos orientaes que levavam a desgraça e a desohonra ao seio das indefezas e pequenas povoações. No Estado Oriental, a propriedade particular brasileira, consecutivamente era ameaçada e depredada por esses mesmos ladrões de punhal que não trepidavam em commeter toda a sorte de crimes e infâmia contra os pacíficos cidadãos do Império. Os roubos e assassinatos repetiam-se diariamente. Sentido clamores chegavam sem cessar até o throno de D.Pedro II. O monarcha exemplar, não podia ser indifferente ás vozes d'angustia e desespero d'aqueles seus suhditos ameaçados pelo mais fero canibalismo. Fizeram-se reclamações ao governo de Montevideú, trocaram-se notas, e o Brazil foi sempre desattendido com frívolos pretextos e até atrevimento. N'essa época, - 1863-64, o partido dominante no Estado Oriental era o cognominado BLANCO, partido sanguinario e despotico, cuja historia unicamente representa atrocidades e horrores. O governo do Imperio, depois de muita insistencia, conheceu a impossibilidade de obter por meios brandos uma satisfação qualquer pelos insultos jogados ao pundonor da nação constituída. Pensou usar da força, persuasivo meio. Justamente n'essa época, como quasi sempre, reinava a anarchia no Estado Oriental. Flores, o martyr da liberdade, COLORADO de indole, á frente de meia duzia de companheiros, encabeçava uma revolução na campanha que devia trazer em resultado a queda do governo BLANCO. Era o filho resolutivo que trabalhava para livrar sua patria de um dominio ignominioso e barbaro. Porem o Brazil nada tinha nem se importava com a politica d'aquelle paiz: de BLANCOS ou COLORADOS, deliberou-se exigir, uma reparação e declarou solenemente ao governo de Aguirre que se lh'a negassem, invadiria o territorio Oriental. Nada mais justo e razoável. Usava de um direito natural.²⁷⁶

A culpa que o registro deposita sobre Solano Lopez e a acusação que faz contra o *Partido Blanco* pelos incidentes na fronteira são próprias do discurso que na época procurava justificar a guerra contra o Paraguai. Além disso, porém, duas ressalvas devem ser feitas. A primeira delas se refere à data em que a crônica foi divulgada, 24 de abril de 1868, três meses após Caxias assumir a responsabilidade sob as forças aliadas e dois depois de finalmente a fortaleza de Humaitá ser superada. Embora fosse bastante comum

²⁷⁶ Arcádia – Rio Grande – A Guerra do Brasil com o Paraguay – 24 de abril de 1868. MCHC.

na época encontrar folhas que se dedicavam a rememorar grandes feitos, prontamente considerados históricos, devemos considerar que a crônica em questão – *A Guerra do Brasil contra o Paraguay* – ao recordar questões referentes à guerra, inclusive algumas que a antecedem, o faz com algum propósito que pode ou não modificar as impressões iniciais. Nesse caso, o propósito era defender a honra do Império contra aquilo que a folha chamou de *calúnias* e *injúrias* ou então, recordar ao seu público em um momento que a continuidade da guerra era motivo de insatisfação, que ela era justa.

Na segunda parte da resposta dada ao artigo publicado pelo jornal português, mesmo que deixe bem claro que o conflito teve início a partir dos passos dados por Solano Lopez, absolvendo completamente assim o governo pela árdua guerra, é mencionado o conhecimento que tinha o Império sobre as pretensões de Lopez caso o governo brasileiro interviesse no Uruguai, fato curioso visto que a passagem é muitas vezes esquecida por parte da historiografia.

Conhecida que foi a resolução do Brazil, resolução baseada na justiça e nos direitos das gentes, o presidente da republica do Paraguay, intitulado-se equilibrista dos negócios do Prata, em nota de 30 de agosto de 1861, declarou ao Brazil que interviria a favor do Estado Oriental, a quem por voto proprio se alliava, logo que esse estado fosse invadido por tropas do imperio. Deveria o Brazil sujeitar-se a essa imposição? Certamente que não, sem quebra de sua dignidade. Desprezou a absurda ameaça do dictador do Paraguay, e a Republica Oriental foi invadida. Seguiram-se as hostilidades. O Brazil, encontrando Flores em campo, combatendo pela mesma causa, uniu-se a elle, e operaram de acordo. D. Solano Lopez, herdeiro fiel da odiosidade de seu pai o Dr. Francia, votava ao imperio, aproveitou o desprezo de sua ameaça e sem mais preambulos ou satisfações, existindo tratados de navegação entre Brazil e Paraguay, aprisionou em Assumpção o vapor mercante brasileiro Marquez de Olinda que seguia para Mato Grosso conduzindo a seu bordo o presidente d'essa provincia. Encarcerou o presidente, passageiros e tripulação do navio; roubou uma grande somma de dinheiro que ia a bordo, e o vapor passou a pertencer a marinha paraguaya; isto em 29 de novembro de 1864. Em seguida, D. Solano Lopez fez invadir a provincia de Matto-Grosso e a do Rio Grande do Sul, onde seus soldados praticaram tudo o que dê horrivel póde se imaginar. Em frente a tudo isso, o Brazil não podia conservar-se impassível. E póde-se dizer que elle emprehendeu a guerra contra o Paraguay? Póde-se dizer que a provocou? Será mentir!²⁷⁷

²⁷⁷ Arcádia, 24 de abril de 1868.

Já a parte final do artigo, se não descreve o campo militar que se verificava naquele momento, ou seja, se deixa de destacar o comando de Caxias e a vitória aliada diante da fortaleza de Humaitá, se detêm a esclarecer os objetivos do Império na guerra que travava contra o Paraguai e, de certo modo, a diminuir os efeitos que a guerra tinha especialmente sobre a província.

Para a guerra com a Republica Oriental, o Brazil tinha recursos de sobra, porém para a do Paraguay, faltavam-lhe, pois tornou-se sabido que Lopez preparava-se há dez annos para atacar o Brazil. Organizou exercito e esquadra; fez sacrificios e marchou para a luta que era provocado; e marchou, levando em mente dous nobres fins: - desaffrontar o pavilhão nacional e libertar o povo paraguay do despota que o opprime. O Brazil não quer sujeitar ao Paraguay, quer civilisar aquelle povo fanatico e franquear ás nações a navegação d'aquelles immensos rios; O Brazil não quer argumentar seu território, tem-o de sobra; quer derrocar o despotismo e plantar as arvores do progresso e liberdade entre aquella gente que cegamente obedece aos caprichos de um homem ambicioso e mau. Para o Brazil tem sido a guerra uma calamidade, é exacto; porém a sua honra e dignidade estão acima de tudo. Com a guerra, não tem a industria e agricultura soffrido tanto como parece. N'esta provincia, que è das do imperio a mais cultivadora, e que foi a segunda a dar mais soldados para a guerra, não tem os generos de qualquer especie aumentando em preço mais de 2 ou 3% do habitual, e o mesmo acontece em todas as outras; (...)Enfim, sentem-se os effeitos da guerra, apenas porque ella existe e prende a attenção geral. E'esse o estado actual do Brazil, e em ponto algum faltamos a verdade.²⁷⁸

O artigo é assinado pelo próprio Antonio Joaquim Dias, proprietário do periódico que ainda propõe que a opinião do jornal português nada mais é do que fruto da influência dos inimigos do Brasil ou mesmo de brasileiros, que insatisfeitos com a situação política do momento tratam de espalhar informações que não condizem com a realidade. Para finalizar, dois detalhes que marcam os depoimentos de parte dos jornais da época: o esforço para engrandecer o governo e em especial a imagem do imperador e a esperança pelo fim da guerra que, inegavelmente, já era aguardada e como veremos mais adiante, era sinalizada de várias maneiras.

Quanto à sua forma governamental, nada se pôde censurar. Um monarcha sábio e prudente, abalisados estadistas, homens profundos e intelligentes guiam a nau do imperio como pericia e cuidado, sem receio de naufragar. O Brazil representa uma só familia onde a união e cordialidade preside a todos os actos. O governo do Rio,

²⁷⁸ Arcádia, 24 de abril de 1868.

tem sido comedido em suas medidas, e hoje tem por único intento concluir essa guerra com o Paraguay de uma maneira honrosa e condigna a dignidade da nação. O triumpho do Brazil não se fará demorar.²⁷⁹

Embora, como destacamos, tenham sido comuns os apontamentos preocupados em resgatar o passado, como foi o que acabamos de apresentar, temos motivos para lamentar a carência de exemplares do ano de 1864, quando o calor dos acontecimentos certamente deve ter contribuído para relatórios mais ricos em detalhes. Não há dúvidas, portanto, que qualquer interpretação sobre a posição tomada pela imprensa da província no que tange as tratativas da diplomacia brasileira em solo uruguaio ou mesmo a intervenção do Império no país vizinho, torna-se limitada e dificilmente pode passar de especulação. O único periódico de 1864 localizado nos arquivos foi o *Atalaia do Sul*, jornal noticioso e comercial que circulou na cidade de Jaguarão entre 1864 e 1874. O jornal, de propriedade de Vrigilino de Seixas Barbosa faz, na edição de 17 de novembro de 1864, breves considerações sobre a movimentação de tropas na região da fronteira.

Temos noticias da 3º brigada até 14 do corrente. Ficava ella a marchar á encorporar-se com a divisão que se acha em Pirahy, e até o dia 25 deste mez deverão todas as forças brasileiras passar ao Estado Oriental. Chegou no Serro Largo, o coronel Reyes do exercito de Flores, nomeado pelo mesmo general, chefe político do Serro Largo e também com instruções para o coronel Fidelis, e consta que este marcha com apenas 70 homens para o acampamento de Flores afim de receber ordens deste general e até esta dacta não regressou, deixando o resto da força, ao mando do major Galiano no Serro Largo. Consta-nos mais, que o coronel Reyes, acha-se de volta de Bagé, para onde tinha ido com a missão do general Flores pedir ao general João Propicio Menna Barreto, 3 batalhões de infantaria afim de dar um ataque decisivo as forças do general blanco Servando Gomes, de cujo ataque dependia a paz do governo, ou a tranqüillidade do partido colorado, mas não do Brazil, motivo pelo qual o general Menna Barreto negou-lhe; louvamos este procedimento, aliás acertado e de um general de tino e amigo de seu paiz .O general Flores acha-se no – Gy – meia légua distante de Servando Gomes, com o qual todos os dias tem guerrilhas; e ultimamente houve um ataque com a gente de Flores vencendo e tomando dos blancos 400 cavalos.²⁸⁰

Mesmo que a folha não mencione nada a respeito da apreensão do vapor Marquês de Olinda feita pelos paraguaios alguns dias antes – certamente por ainda

²⁷⁹ Arcádia, 24 de abril de 1868.

²⁸⁰ Atalaia do Sul – Jaguarão – 17 de dezembro de 1864. MCHC.

desconhecer – deixa transparecer a tensão que havia na região entre *colorados* e *blancos* e o envolvimento que tinha o Brasil nessa disputa. Entretanto, sabendo que, o *ultimatum* do Império foi apresentado por Saraiva ao governo uruguaio em agosto de 1864 e que a resposta de não aceitação veio no mesmo mês, alguns outros pontos merecem consideração.

Em outubro, depois de não ter suas reivindicações atendidas, o Império já tinha no território uruguaio, para ser mais preciso, em Cerro Largo, uma pequena expedição militar. Fora isso, Tamandaré e Flores já haviam assinado o acordo de Santa Lúcia pelo qual ficava garantindo a união de forças contra Aguirre.²⁸¹ Desse modo, a forma como o jornal se refere à negativa do General Mena Barreto ao pedido de reforço feito pelos *colorados* para combater as forças de Servando Gomes, supondo que para o Império os assuntos entre os dois partidos no Uruguai não tinham importância, certamente é curioso.

Sabe-se que o governo brasileiro empenhava-se na construção de um discurso que garantisse intacta a imagem do Império dentro do continente. Nesse empenho, um dos objetivos era deixar bem claro que não teria o Brasil na intervenção no país vizinho ou em outras operações qualquer pretensão imperialista o que pode explicar em parte a opinião emitida pela notícia divulgada pelo jornal. Temos que avaliar também que o acordo de Santa Lúcia era a princípio secreto e que, sendo assim, não havia o Império ainda declarado guerra contra Aguirre. Além disso, salientamos que a política brasileira no Uruguai foi alvo de vários debates e de críticas que partiram de pessoas de destaque como o barão de Mauá e o marquês de Caxias. Como diz Maria Luiza de Almeida:

Se o Pacto de Santa Lúcia se concretizava, portanto, com parte do efetivo militar brasileiro à disposição do chefe da invasão da República Oriental do Uruguai, houve quem lamentasse a intervenção do Império brasileiro por suscitar dúvidas quanto ao direito de fazer a guerra à aquele Estado.²⁸²

²⁸¹ Cf. VIANNA, 1961, p. 198.

²⁸² ALMEIDA, Maria Luisa Nabinger de. A diplomacia no Prata: injúrias, motivos e pretextos (1863 – 1865). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.p. 112.

Um mês depois, contudo, em conjunto com as forças *coloradas*, as forças brasileiras comandadas pelo marechal Mena Barreto invadiram o território uruguaio deixando Aguirre no início de 1865 em situação delicada. Enquanto as tropas brasileiras seguiam para Montevideú ficava a fronteira do Rio Grande do Sul desguarnecida e sujeita a ataques organizados pelos *blancos*.

São poucos os exemplares de 1865. A maioria das informações sobre o início da Guerra do Paraguai foram encontradas em crônicas que tratavam de recuperar e eternizar os primeiros episódios do conflito, enfatizando, na maioria das vezes, os atos de bravura dos soldados e nesse caso em especial a honra e fidelidade do povo do Rio Grande do Sul. Mais uma vez, é o *Arcadia*, amparado pelos apontamentos históricos feitos pelo periódico de Jaguarão, *A Voz do Povo*, que nos permite uma análise sobre os primeiros acontecimentos na fronteira da província com o Uruguai, em janeiro de 1865.

A crônica, que foi dividida em capítulos e publicada em três edições trata especificamente de lembrar a invasão da fronteira de Jaguarão ocorrida em janeiro de 1865 e liderada pelo *blanco* Basílio Muñoz. A primeira providência tomada por Antônio Maria Pinto, que assina o relato, é esclarecer sobre os sofrimentos que as forças invasoras causaram para os sul-rio-grandenses, sem considerar de forma crítica, contudo, a entrada das forças imperiais em solo uruguaio iniciada em outubro do ano anterior.

Seria impróprio e mesmo mal cabido vir agora lembrar todos os attentados commettidos pelas forças que, ao mando de Basílio Munhoz, invadiram esta fronteira. Basta lançar-se a vista para as innumeras familias que habitam a fronteira: muitas d'entre ellas ficaram reduzidas á mendicidade, e algumas perderam o que mais prezavam – a propria honra! – São factos esses que estão patentes, e na mente de todos; recorda-los é desnecessario. A chaga que essa invasão abriu no seio da província, ainda goteja (...) ²⁸³

Praticamente todos os depoimentos encontrados, publicados em 1865, ou então que mencionaram episódios desse ano envolvendo as pendências entre o Império e os vizinhos, discutem a forma como a província estava preparada para se defender. Após

²⁸³ Arcádia – Rio Grande – A Invasão da fronteira de Jaguarão, em 27 de janeiro de 1865 - fevereiro de 1868. MCHC.

rapidamente citar a inutilidade que teve o *ultimatum* apresentado por Saraiva, o autor destaca as terríveis condições de defesa da fronteira.

Desatendido pelo governo da Republica o ultimatum apresentado pelo nosso enviado extraordinario e ministro plenipotenciario José Antonio Saraiva junto ao governo do Estado Oriental do Uruguay; o mesmo enviado ordenou a invasão d'essa Republica pelas forças do imperio. A 3º brigada de 1º linha que guarnecia esta fronteira, no dia 12 de outubro de 1864 passou ao territorio oriental. A fronteira ficou, pois, guarnecida por 80 praças de cavalleria da guarda nacional dos municipios de Piratiny e de Cangussú, commandados pelo capitão Apparicio José Barbosa. Com praças de infantaria e mais trinta de cavalleria do municipio de Jaguarão foram chamados á destacamento para guarnecerem a cidade. (...) No porto da cidade achavam-se os dois vapores de guerra Apa e Cachoeira. (...) Um punhado de homens, sem disciplina, sem armamento, o que poderia fazer?... Terrivel era, portanto, o estado da cidade! A desolação predominava por todos os pontos, o pânico espalhara-se na população (...). Nas vespers da invasão a cidade não contava nem trincheiras nem barricadas! O terror era geral!...Nacionaes e estrangeiros deram-se as mãos. Um único pensamento os dominava, convergiam todos pelo mesmo ponto (...). Nas veias de todos gyrava um sangue aquecido pelo patriotismo, e em todos os peitos ardia o sacro fogo da liberdade! A hoste inimiga que vinha assaltar-nos devia ser calcada, e o foi! Os bravos venceram!²⁸⁴

Apesar de a descrição das condições de defesa da fronteira chamar a atenção, certamente é o modo como é diminuída a manifestação que Basílio Munhoz fez a seus soldados nas vésperas da invasão que merece destaque. O simples fato de deixar transparecer o pensamento e julgamento dos uruguaios, sobretudo em relação às intenções do imperador e a mão-de-obra escrava que tanto já havia causado discórdias entre os grandes proprietários sul-rio-grandenses e as autoridades uruguaias, deve ser visto com atenção. Fora isso, é bom lembrarmos também, que em fevereiro de 1868, quando o periódico publica a memória da invasão da fronteira, todos viviam uma nova e grande expectativa pelo final da guerra e que Caxias já havia sido aclamado como novo chefe das forças aliadas.

Essa proclamação contém tópicos tão irrisórios, que não posso deixar de transcrevê-la, para que o paiz inteiro saiba e aprecie os meios empregados por nossos torpes inimigos da Banda Oriental para alcançarem seus reprovados fins. Ei-la:<< Soldados! Vamos pisar o território que o imperio do Brasil nos tem usurpado; é necessario que com vosso valor e patriotismo reconquistemos o seu domínio, fazendo n'elle tremular nosso pavilhão, e dar liberdade aos desgraçados homens de côr que gemem debaixo do peso da escravidão e que a humanidade reprovaa.<< Compatriotas! Nossa missão é de combater pela independencia de

²⁸⁴ Arcádia, Rio Grande, fevereiro de 1868.

nossa patria, ameaçada pelo imperio do Brasil, e de liberdade; para esse fim só combateremos aos servos de Dom Pedro Segundo, até fazermos comprehender a esse ambicioso monarcha, que nós, orientaes, nunca seremos escravos de sua infame corôa, se não livres e independentes.<< Companheiros! Só recomendo respeito a todos vizinhos pacíficos e familias, como haveis observado até aqui, quer seja brasileiro, ou de qualquer outra nacionalidade; pois assim preenchereis as disposições do superior do governo da republica e os desejos do vosso general e amigo – Basilio Munhoz.²⁸⁵

Como de costume na época, a recordação do combate entre a guarnição da fronteira do Rio Grande do Sul e as forças do exército *blanco* foi ao mesmo tempo um meio para recordar a covardia do inimigo e a valentia, a nobreza e o patriotismo dos brasileiros. Legitimar as razões e o direito que tinha o Império na luta empreendida era, especialmente nos momentos em que a vitória parecia se aproximar, uma das marcas da imprensa do período. Destaca-se também, o fato de o depoimento ter mencionado de maneira muito sutil a presença de escravos na defesa da cidade.

Os homens sensatos que leiam essa proclamação, e depois recordem os horrendos attentados commetidos por essa horda de verdadeiros salteadores, arvorados em soldados da vanguarda do exercito Oriental. No dia 26, a cidade de Jaguarão era um verdadeiro acampamento militar. Ao anoutecer, nacionaes e estrangeiros com suas proprias mãos e auxiliados pela escravatura faziam barricadas em todas as ruas.O patriotismo dos nacionaes, e a gratidão dos estranhos ao paiz que benevolmente os acolhêra, tocaram ao seu auge! Tanta dedicação, tão elevado esforço, devia ser corado pelas palmas do triumpho, e o anjo da victoria não foi surdo ás vozes de um povo que ia lutar pela sua liberdade (...) Nas nossas forças de cavalleria haviam apenas setenta clavineiros, quando o inimigo superior a 1.500 homens, trazia, como vanguarda, seus esquadrões de atiradores, munidos de armas a Minier.O inimigo nos levava vantagem, quer no numero, quer nas armas; a luta ara, portanto, desigual, mas o valor não arrefecia! (...) O inimigo não pôde transpor as trincheiras, teve que retroceder rechassado pelas continuas descargas de nossos bravos; retirou-se e estabeleceu o sitio.²⁸⁶

Na seqüência, a crônica celebra a retirada do inimigo após Manoel Pereira Vargas, responsável pela guarnição que defendia a cidade de Jaguarão, ignorar a intimação feita no dia 27 de janeiro por Basílio Munhoz que exigia que as forças de defesa se rendessem diante das mais preparadas forças uruguaias.

²⁸⁵ Arcádia, Rio Grande, fevereiro de 1868.

²⁸⁶ Ibid.

Durante o dia 27, a cidade era um vulcão, não cessaram as descargas, pois os tiros continuaram até á noite, porém o inimigo, apesar do valor blazonado em sua orgulhosa intimação, não ousava atacar! Procurando nas trevas da noute um manto com que encobrisse a vergonha de sua derrota, á cáfila, enviada pela sanguinaria communhão de Montevidéu, retirou-se, indo rio Jaguarão acima, assassinando, roubando, e arrebatando escravos e cavallada que encontraram!...No ataque, infelizmente, a guarnição de Jaguarão teve um morto e cinco feridos (...). O inimigo teve muitos mortos e feridos, sendo alguns officiaes. O povo que assim combatia pelas glorias da patria, triste verdade, era contudo desprezado pelo governo da província, que de tudo duvidava. << Diz V.S que, segundo consta, a força invasora eleva-se a 2.000 homens. Não julgo possível elevar-se a dois mil homens a força inimiga, e talvez não exceda de trezentos a quatrocentos essa que ousou invadir o territorio brasileiro. >>A presidencia assim desmentia as palavras do commandante da guarnição (...) Foi esse um insulto lançado ás faces do velho militar, porém a opinião publica o repelliu.Uma verdade seja dita: o governo presidencial zombou do povo jaguarensê d'este povo que d'e a volta como aquelle que o guiou na hora do perigo recebeu a felicitação de um antigo quão intrepido militar, o Exm. Sr. Tenente-general João Frederico Caldwell. O povo jaguarensê, repellindo a invasão, cobriu-se de gloria; deu a patria mais um dia de verdadeiro regozijo, e castigou, com altivez e bravura o vandalismo dos Atilas da America do Sul! Este povo comprehendeu e desempenhou o mais sagrado dos deveres do cidadão: Viver com a patria ou morrer com ella! – Honra e gloria ais bravos!²⁸⁷

Mesmo que as crônicas apresentadas até aqui possam servir como exemplo dos julgamentos feitos pela imprensa em relação à política do Império diante do Uruguai e a propósito das complicações entre sul-rio-grandenses e os vizinhos da fronteira, infelizmente são insuficientes para serem, em qualquer sentido, determinantes. Não há dúvidas, porém, que contribuíram para o discurso da época ao fazerem do inimigo o grande culpado pelos males que atingiam o povo brasileiro, este, sempre idealizado como honrado, aguerrido e disposto a atender ao chamado de defender os interesses do Império do Brasil.

Se a ação do tempo ou então a despreocupação com a conservação dos registros feitos pela imprensa não nos deixaram uma maior coleção de exemplares capazes de nos informar diretamente sobre a presença brasileira no Uruguai em 1864 ou sobre as primeiras consequências provocadas por ela, por outro lado, exemplares do *Echo Gabrielense*, do *Bageense* e do *O Commercial*, das cidades de São Gabriel, Bagé e Rio Grande respectivamente, trazem extensas considerações a respeito da invasão das cidades de Uruguaiana e São Borja em 1865. Mesmo que os registros que tivemos acesso não tragam a opinião a respeito das razões para o início do conflito, ignorando tanto a

²⁸⁷ Arcádia, Rio Grande, fevereiro de 1868.

apreensão do Marquês de Olinda como a invasão do Uruguai pelas tropas brasileiras, merecem consideração.

Como vimos no primeiro capítulo, à invasão do Rio Grande do Sul era apenas uma parte do plano que Solano Lopez tinha para chegar ao Uruguai e prestar socorro ao Partido Blanco, embora o mesmo ter sido pensado antes mesmo da intervenção brasileira no Uruguai.²⁸⁸ Na fronteira do Rio Grande do Sul, informados sobre a presença das tropas de Estigarribia na localidade de San Tomé, os sul-rio-grandenses já sabiam que a qualquer momento a província poderia ser invadida.²⁸⁹

A invasão da província do Rio Grande do Sul pelas tropas paraguaias foi analisada de diferentes maneiras pelos periódicos sul-rio-grandenses. Observada como prova de descaso das autoridades, como episódio favorável para mais uma vez o povo da província mostrar seu valor e lealdade ou para voltar a criticar o general David Canabarro, a entrada das forças paraguaias em território brasileiro foi algo muito destacado pela imprensa. *O Bageense*, jornal político, comercial, literário e noticioso que circulava em Bagé nas quintas e domingos publicou na edição de 16 de novembro uma extensa crônica sobre a invasão da província pelas tropas paraguaias na qual expressa opinião sobre o papel que o general Canabarro teve no episódio.

Os deffensores do general ex-commandante da 1º divisão ligeira em operações na província, tem ultimamente espargido ás mãos cheias perolas, para tentarem apresentar aos olhos do paiz como puro de toda mancha o chefe, que deixou de cumprir miseravelmente o seu dever. (...). O povo já o diz, e a história proclamará em breve, que o general Canabarro foi infiel ao mandato de honra, que recebeo, que (...) trahiu o paiz, que (...) arrojou ás plantas immundas de um inimigo selvagem o nome e a gloria da provincia do Rio Grande! O chefe rio-grandense foi escolhido para a divisão que deveria obstar a suspeitada invasão dos paraguayos: deu-se-lhe todas as autorisações; affastarão-se até com brutal desdém a todos seus antagonistas, votado por elle a proscricção; mandou-se-lhe todos elementos de guerra, que reclamou: fez-se lhe remessa das infantarias que exigio; abriu-se-lhe credito illimitado sobre os cofres do estado; a conccedeo-se-lhe enfim, carta branca, para operar como entendesse. De posse desses grandes meios de acção, no uso desses amplos poderes, o general Canabarro procedeo as reuniões, chamou a todos os seus adictos, empregou os seus melhores amigos, foi prodigo dos dinheiros publicos, e a não escasseou a perseguição a seus contrários; e ao fim de algum tempo mandou publicar que estava pronto e preparado para fazer face ao inimigo viesse donde viesse, que nem 30.000 paraguayos poderião entrar na província (...). Entretanto, Canabarro, (...) não exercitou a sua gente, não lhe deu instrucção de espécie alguma, não a occupou em um único manejo. Contratando os fornecimentos de sua divisão por sua conta

²⁸⁸ Cf. DORATIOTO, 2002, p. 170.

²⁸⁹ Ibid., p. 171.

e risco; Por seu lado, seu digno lugar tenente Fernandes, imitando tão belo exemplo, recebendo também os vencimentos da tropa, como se estivesse toda em serviços, distrahia-se a vigilância, que estava obrigado, para marcar terneiros e capar touros de sua estância. Nesse tempo anunciou-se, que os paraguayos que se apresentavam em frente de S. Borja!²⁹⁰

Não somente a negligência de Canabarro é salientada pelo periódico. Além de acusá-lo de traição, a crônica indica os ganhos financeiros que o general pôde ter ao receber a missão de impedir que a província fosse vítima de uma possível invasão paraguaia. Contrariando parte da historiografia no que diz respeito ao poderio das forças paraguaias que tomaram a iniciativa do ataque, o texto também diminui a capacidade militar das tropas inimigas e, como era comum na imprensa da época, rebaixa os soldados paraguayos afirmando, ao mesmo tempo, que apesar dos erros cometidos a ocupação da província poderia ter sido impedida. Destaca-se ainda, que nas quase duas páginas ocupadas pela crônica, sequer foi citada a possibilidade de a defesa da província estar desfalcada das forças que estavam concentradas no Uruguai sob o comando do general Osório.

Canabarro quis então mover-se. (...) A honra da província poderia ainda então salvar-se; os interesses de milhares de famílias poderiam ainda ter sido resguardados; muitas vidas ser garantidas; o pudor de muitas donzellas poderia não ter sido impunemente sacrificado ...Os paraguayos permanecerão imóveis nas alturas de S. Tomé pelo longo espaço de um mez ...Porque toda divisão brasileira não poz logo em marcha? Porque não procurou immediatamente aproximar-se do inimigo? Esse rápido movimento produziu logo dois imensos resultados: obstar a invasão por S. Borja; e postar nossas forças em frente ao inimigo e o grande rio de perмето, collocar (...) na vantajosa posição de acompanhar-mos passo á passo na margem brasileira a marcha que o inimigo fizesse na margem opposta. (...) Mas Canabarro não pôde operar esse movimento que salvaria a província, porque...porque seu soldados não estavam com elle! tinham sido licencceados!Foi preciso reuni-los de novo: mandarão-se avisos e próprios para todos os lados; quando porem a divisão as pressas se pôde organizar por fim...O inimigo tinha invadido a província! Todavia, nessas tristes circunstâncias ainda seria possível embaraçar a marcha triumphante dos paraguayos, hostilisa-los diariamente, cortar-lhes todos os recursos de boca, e derrota-los na passagem dos caudalosos rios, que elles terião de atravessar.Mas nada disso se fez!O general Canabarro comprehendendo já tarde, que tinha multidões, mas não soldados, não sahiu de Ibirocay, não sustentou uma guerrilha com o inimigo, não retirou de seu caminho uma única vez, e deixou-lhe franca a passagem de todos os rios!E os paraguayos não eram 30.000 como o chefe-riograndense julgava ser necessário para ter lugar a invasão; não eram mesmo 20.000, como a principio se afigurou aos nossos exploradores, que nunca tinham visto grande exércitos; não erão nem 10.000 como depois se disse; - não – erão apenas 7.000 bisonhos, estupidos e mal armados! Os paraguayos penetrarão em S. Borja, esmagando debaixo de seus

²⁹⁰ O Bageense , Bagé – O general Canabarro – 16 de novembro de 1865. MCHC

pés a meia dúzia de heróes, verdadeiros espartanos, únicos que nessa pagina vergonhosa de nossa historia, souberão cumprir denodadamente seo dever.²⁹¹

Se é verdade, como foi destacado, que a crônica desvaloriza a capacidade da força invasora como tentativa de aumentar ainda mais a culpa de David Canabarro, também podemos considerar que assim, automaticamente, está desmerecendo a capacidade militar da província, que era na época, exaltada como sendo o maior orgulho dos sul-rio-grandenses. A ironia é uma das marcas da parte em que o registro destaca a facilidade encontrada pelos paraguaios na tomada das cidades sul-rio-grandenses.

Sahindo de S.Borja onde encontrarão os armazéns topelados de gêneros, avançarão sobre Itaqui, cujas casas de negócio estavam igualmente bem surtidas. Atravessando sem o mínimo obstáculo o Ibicuy caminharão desassombradamente para onde lhes pareceo; e sem se afastarem do rumo que levavão, encontrarão por toda a parte, pela sua frente, a sua direita, a sua esquerda, todas as estâncias povoadas de vacas e cavalos!Passado o Toro Passo pelo inimigo, o general Canabarro teve por momentos velleidades de sahir de sua inacção; e pensou na defesa da Uruguayana, que tinha sido fortificada pelos cuidados e esforços de seus habitantes e autoridades.Então ordenou que não fossem retirados dos grandes armazens e depósitos que ali havião os gêneros, que os (...) começavam a embarcar para subtrahir ao saque dos invasores, por que dizia que precisava delles. Derrepente porem e a ultima hora, mudando de resolução, sacrificou a pobre Uruguayana, como já tinha abandonado S.Borja e Itaqui; e limitou-se a estender em linha seu exercito, para servir de guarda de honra ao inimigo, que ia tranquilamente tomar posse de mais uma povoação brasileira, e que passará soberbo e impune (...). Foi para se dar esse desgraçado desfecho, que se organizou com tanto sacrificio para o paiz a divisão, que se confiou ao mando do general Canabarro?Que serviços prestou pois esta força: que se apregoava tão notável por seu numero?Não obstou a invasão paraguayana, não cortou recursos do inimigo, não evitou o saque de nossas povoações, não embaraçou o incêndio de nossas estâncias, não soube retirar os viveres que por toda parte achou o inimigo em abundancia...Que serviços, tornamos a perguntar, prestou essa famosa divisão?²⁹²

Sobre a rendição das forças paraguaias, em primeiro lugar chama a atenção o cuidado que o cronista toma para deixar bem claro que ela foi fruto, antes de qualquer coisa, da chegada do imperador e dos aliados em Uruguaiana e sobretudo da incapacidade de Estigarribia. Segundo a crônica, a culpa de David Canabarro sequer pode ser dividida com o general Caldwell, comandante geral naquele momento.

²⁹¹ O Bageense , 16 de novembro de 1865.

²⁹² Ibid.

Na Uruguayana de facto o inimigo encontrou a sua humilhação, e o castigo de sua audácia. Mas que parte em boa fé se pode attribuir ao general Canabarro nesse feito d'armas? Se não chegassem os aliados, o inimigo se renderia? Se não chegasse o Sr. D. Pedro 2, essa rendição não seria mais uma vergonha para o Rio Grande? Não se terião então os paraguayos entregado directamente a chefes estrangeiros em território brasileiro, e não ao chefe rio-grandense? E por que se entregarão os invasores? Seria por que o General Canabarro os tivesse encerrados em Uruguayana? Seria por que elles não podessem sahir mais dali, depois que entrarão e antes que tivessem chegado os aliados? Engano! Ilusão! Os paraguayos foram agarrados, por que seu chefe era um miserável estúpido, ignorante e covarde, que ali se deixou por torpemente ficar, até que os aliados se destacarão do grande exercito, e vierão em socorro do general rio-grandense, pozerão cerco a Uruguayana, e obrigarão o inimigo a render-se! Se o inepto Estigarribia tivesse uma millesima parte do arrojo e coragem do famoso (...), que ridiculamente pretendeo tomar por modelo, teria saído de Uruguayana, tão despejadamente como nella entrou; teria atravessado o Quaraim tão impunemente como passára o Uruguay, Batushy, Ibicuy e Toro Passo, ter-se-hia lançado no Estado Oriental com toda segurança; e ali teria levantado uma reacção blanquilha, que poderia attingir talvez grandes proporções. Se não o fez por (...) as glorias de sua estupidez são do general Canabarro? E nem se pretenda partilhar com o general Caldwell a responsabilidade do general Canabarro. (...) E, singular phenomeno se observa hoje com relação ao julgamento do general Canabarro pela opinião publica. Interpelláe ao primeiro individuo que encontrardes, nacional ou estrangeiro politicos ou não, progressista, liberal, regenerador, ou conservador, mas que seja ou fosse habitante de algum dos pontos assolados pelo inimigo; perguntai-lhe o que pensa do procedimento de Canabarro, e ouvi-lo-heis sem vacillar lançar todas as culpas da invasão ao chefe rio-grandense! (...) ²⁹³

Em primeiro lugar, sabemos que foram comuns na época discussões entre as autoridades em torno da responsabilidade pela invasão do território brasileiro, tanto pelo Mato Grosso como pelo Rio Grande do Sul. O engajamento em torno do discurso patriótico de eliminar o agressor era tanto, que em alguns momentos se tornou quase impossível simplesmente reconhecer as dificuldades militares do Brasil, que teve seu exército formado junto com as necessidades que eram exigidas por uma grande guerra. ²⁹⁴ Até então, era a Guarda Nacional, que assim como o exército, foi organizada as pressas dentro contexto de caos do período regencial, a encarregada de defender os interesses do governo imperial.

Sendo assim, mesmo que as forças sul-rio-grandenses, já experimentadas em inúmeros combates, fossem a maior esperança de vitória brasileira, como destacamos, grande parte da historiografia destaca a fragilidade da defesa do Império e ilustra a facilidade que as tropas paraguaias tiveram para invadir o Rio Grande do Sul, saquear São Borja e chegar até Uruguaiana. Enquanto que os responsáveis pela defesa da província

²⁹³ O Bageense, 16 de novembro de 1865.

²⁹⁴ Cf. SALLES, 1990, p. 57.

discutiam e passavam adiante a culpa pela entrada do inimigo em São Borja, o mesmo se deslocava sem ser importunado até Uruguaiana.

Mesmo que a crônica se esforce, ao afirmar que o “julgamento” de Canabarro não passa por possíveis preferências políticas, é inegável a forte disputa entre liberais, progressistas e conservadores que marcava a política da província na época. Como descrevemos no segundo capítulo, as disputas partidárias tinham grande influência sobre os periódicos na época e nesse debate, em torno das condições da província quando da invasão paraguaia, elas se fizeram presente nas folhas do Rio Grande do Sul.

Envolvido nos conflitos no Prata desde a guerra contra Artigas, David Canabarro tem grande representatividade para a história do Rio Grande do Sul. Entre tantas participações e cargos ocupados, certamente é a que teve na celebrada Guerra dos Farrapos, cercada de polêmicas, a que melhor ilustra essa representação. O famoso episódio de Porongos, quando os soldados negros desarmados foram dizimados pelas tropas imperiais, até hoje é um dos mais discutidos por historiadores que analisam o caso ou acusando o general de traição ou então o tornando vítima de uma.²⁹⁵

Mesmo que a crônica reproduzida não mencione nada sobre Porongos, nos permitimos cogitar que além de desavenças políticas do momento, mágoas mais antigas podem estar implícitas nas acusações que são feitas ao general. Sobre a situação de Canabarro naquele momento, Moacyr Flores comenta que:

O conde D’Eu observou que o gen. David Canabarro, por ter lutado ao lado dos farrapos, tinha muitos inimigos no Exército brasileiro, que mesmo sem razão, acusavam-no de ser o único responsável pela invasão dos paraguaios. Vinte anos depois da Guerra Civil dos Farrapos as feridas ainda não estavam cicatrizadas, revolvidas pelo ódio e pela vingança.²⁹⁶

Se o periódico de Bagé acusa David Canabarro, *O Commercial*, de Rio Grande, na edição de 17 de dezembro de 1865, portanto seis meses depois de os paraguaios invadirem a província e quatro meses após serem rendidos em Uruguaiana, analisa o mesmo tema tendo, porém, outra opinião. Para o jornal, localizado na Biobletheca Rio-

²⁹⁵ Cf. URBIM, Carlos. Os Farrapos. Porto Alegre: Zero Hora Publicações, 2003. p. 157.

²⁹⁶ FLORES, 2006, p. 95.

Grandense ²⁹⁷, a culpa maior pela invasão da província é do ministério da guerra. Logo nas primeiras considerações já é possível notarmos a diferença em relação à crônica anterior. David Canabarro é visto em primeiro lugar como uma vítima da imprudência, da indiferença e até mesmo de intenções duvidosas do ministro da guerra, Beaurepaire Rohan.

Um facto novo nos annaes militares do Rio Grande do Sul acaba de dar-se, que a passar desapercibido hiria trazer grave responsabilidade moral sobre dous bravos, que tem barateado por vezes as suas vidas nos campos de batalha, e um outro official coberto de honrosos procedentes. Examinemos as causas. Diz o aviso >> A invasão da província do Rio Grande do Sul por forças do Paraguay, era um facto previsto e de a muito esperado. (...) Se o governo previa a invasão, como deixou de colocar no lugar da presumível passagem do inimigo, a força precisa para obstal-a? Como deixou de ministrar os recursos com tanta antecedência pedidos pelo brigadeiro Canabarro, de Infantarias, uma esquadilha para o alto Uruguay, carroças puxadas por bestas, e emfim armamento e vestuário para a força que também a seu pedido se organiso nas fronteiras de Quaraim e Missões? Se era prevista a invasão como no arsenal de guerra da côrte havião 29 espadas no acto de embarcar para esta o commandante interino das armas? (...) Pois um governo providente que julga infalível uma invasão estrangeira, conserva corpos nestas tristes circunstancias? Acaso deslembra-se o Sr. ministro que tanto a invasão não era prevista, que S. Ex. apenas impossado do ministro, escreveo ao general Canabarro mandando-o marchar para o exercito? (...). << A imprensa provincial denunciava, entre outros factos a frequente entrada de consideráveis piquetes paraguayos pelo departamento correntino de S. Thomé, sob pretexto de perseguição de desertores, mas realmente para observar e colher informações do que se passava em nossa fronteira. S. Ex. não reflectio quando escreveo estas palavras, ao contrario recordar-se hia a imprensa é o melhor órgão da verdade (...). ²⁹⁸

As precárias condições das forças que tinham a missão de defender o território e atuação do coronel Fernandes Lima, que comandava a 1ª brigada da Divisão de Canabarro também são destacadas. A crônica exime de culpa o coronel brasileiro que é citado e responsabilizado pelo ministro da guerra. Para o cronista, fica muito claro, que atingir Fernandes era atingir de forma indireta o general Canabarro, seu superior.

Diz o aviso: << é crença geral que se o coronel brasileiro houvesse com os seus quinhentos infantes transposto o Uruguay, e feito junção com as forças argentinas cujo computo se elevava a 1:200 homens, terião facilmente batido a vanguarda paraguaya, pouco mais ou menos de 1:500 praças.(,,) E´ mais que muito! Pois V. Ex. pode asseverar que os nossos desbaratassem os 1:500 paraguayos? Quem daria a S. Ex. o dom de prever o futuro? E´ demasiado arrojo! (...) E todavia, é o

²⁹⁷ BRG - Bibliotheca Rio-Grandense .

²⁹⁸ O Comercial – Rio Grande – Considerações sobre o aviso do ministro da guerra de 27 de setembro ultimo - 17 de dezembro de 1865. BRG.

proprio Sr. ministro, que em uma carta official que de chegada a provincia endereçou ao Sr. Canabarro, lhe pede com instancia para não aventurar uma batalha sem completa segurança de victoria recordando-lhe até os desastres que uma derrota cauzaria no paiz e fora d'elle. (...) O Sr. general Canabarro não é competente para responder pelas faltas de seus superiores. (...) Duvidemos que o Sr. ministro desconheça estes factos, mas se infelizmente assim succeder, o Sr. general Caldwell poderá prestar as precisas informações (...) o general Canabarro mandou fortificar a Uruguayana, quando ordenou as organização dessa pequena esquadilha que tão relevantes serviços prestou. Se nada elle tivesse feito, elle carregaria com a responsabilidade que lhe atira o Sr. ministro (...) Esta luminosa idéia, esta patriótica intenção, é criminosa na opinião do Sr. ministro que para fulminar o velho general, nem se deu o trabalho de inquerir as razões Parece incrível que S. Ex. empunhasse uma semelhante espada (...) dizendo que o chefe dos vandalos viera confiado na imprevidência de um ministro, que conservava soldados cobertos com saudores e outros com couros das rezes mortas para consumo. Ainda mais, poderião propalar, que Estigarribia trazia a certeza de bater um exercito, onde se repetia de boca em boca a morte dos enfermos (...).²⁹⁹

No momento em que a fronteira do Rio Grande do Sul sofria com a invasão dos paraguaios, os aliados, liderados por Manuel Barroso obtiveram a primeira vitória contra o Paraguai no dia 11 de junho de 1865 na Batalha do Riachuelo. A importância que a vitória teve para que mais adiante o inimigo pudesse ser dominado é inegável e largamente observada pelos estudiosos. Para a imprensa, foi esse o primeiro episódio que possibilitou a exaltação dos méritos do Império, já que até então somente sua vulnerabilidade e os “horrores” cometidos pelo inimigo agressor tinham espaço.

Na falta de periódicos que abordaram o tema no calor da hora, tivemos como alternativa uma edição de 16 de fevereiro de 1868 do jornal *A Sentinela do Sul*, de Porto Alegre, quando a continuidade do conflito, como abordaremos mais adiante, passou a gerar crítica. Mesmo em uma crônica curta, se considerarmos a importância que tiveram os assuntos da guerra e os padrões da imprensa da época, o jornal, ao lembrar a vitória brasileira em Riachuelo, evidencia especialmente a figura do Barão de Amazonas e o significado que a “epopéia marítima,” como se refere ao episódio, teve para a sequência da guerra.

Continuamos no empenho de dar aos nossos leitores os bustos dos pró-homens na guerra do Paraguay. Hoje lhes ofertamos o retrato do invicto barão do Amazonas, do valente Francisco Manoel Barroso, do heróe do Riachuelo de Cuevas. Não podemos relatar a vida d'esse distincto marítimo, uma das maiores glorias da nossa gloriosa marinha, porque nos faltão os precisos dados

²⁹⁹ O Comercial, 17 de dezembro de 1865.

biographicos. Mas para eternisar o seu renome e levantar –lhe em qualquer peito brasileiro, basta dizermos que foi a seu valor, á sua perícia, a seu sangue frio e á sua singular intrepidez, que o Brasil deveu ás glorias de Riachuelo. Hoje ainda não se faz intera justiça ao dia de Riachuelo; algum dia porém a historia proferirá a sua sentença aos vindouros: < Forão os heróes de Riachuelo que salvarão a pátria e prepararão as glorias da campanha do Paraguay > As disposições de Lopes estavam maravilhosamente bem tomadas, ao passo que Estigarribia invadia a provincia com ordem de marchar d’ Uruguayana ao Salto, fazendo junção com Duarte á margem direita do Uruguay, a esquadra paraguaya descendo pelo Rio da Prata e surpreendendo os nossos poucos navios, hia tornar-se a nossa unica base de operações. O que foi Riachuelo? A epopeia marítima a mais brilhante, que a historia do mundo consignou em suas paginas. Não foi a nossa formidavel esquadra encouraçada que a pellejou; não forão os nosso marinheiros já affeitos á guerra, que a ganharão. Foi a velha, hoje quase ignorada, esquadra de madeira, que sendo surpreendiida pela esquadra inimiga, a derrotou, servindo-se de suas quilhas de madeira como de esporões de aço. Foi a resolução heroica do valente Barroso que vendo-se perdido, atirou-se sobre os navios inimigos, mettendo-os a pique e que salvou os alliados do effeitos do bem combinado plano de campanha, do tyrano de Assumpção. O dia de Riachuelo é de immarscecível gloria para o Brasil, e quem diz Riachuelo, diz Barroso. Aquelle triumpho gravou o nome do valoroso barão do Amazonas em letras indeleveis nas aureas taboas de nossa historia. A nação venerará, ainda nos tempos mais remotos, no invicto heróe do Amazonas, o salvador de sua honra, o defensor do seu pavilhão.³⁰⁰

A vitória na Batalha de Riachuelo teve um efeito imediato. Mesmo detida pela artilharia de Curupaiti e de Humaitá, o sucesso da armada bloqueou a marcha dos invasores e impediu que o Paraguai obtivesse armamentos e mercadorias na região, dando a impressão, apesar de a província do Rio Grande do Sul ter sido invadida, que a vitória seria rápida.³⁰¹ Chama a atenção ainda, que em fevereiro de 1868 quando é publicada a memória sobre a vitória da armada, Curupaiti já havia sido ultrapassada e se vivia novamente, passado tanto tempo, a expectativa da vitória.

Dois meses se passaram após a comemorada vitória na Batalha do Riachuelo até que as tropas de Estigarribia fossem rendidas em Uruguaiana na presença de Mitre, Flores e do próprio imperador D. Pedro II. Sobre os ocorridos nesses dois meses, foram poucos os registros encontrados.

Como era comum na época, os periódicos fizeram uso de boletins do exército e de correspondências contendo informações importantes sobre o cenário conflituoso que era montado. Exemplo disso foi encontrado no *O Echo Gabrielense* na edição do dia 07 de setembro de 1865. O jornal de São Gabriel traz notícias da fronteira reproduzindo parte do

³⁰⁰ A Sentinella do Sul – Porto Alegre – O Barão do Amazonas – 16 de fevereiro de 1868. MCHC.

³⁰¹ Cf. DORATIOTO, 2002, p. 150 – 151.

informativo do exército referente aos acontecimentos da parte final de agosto, quando as forças aliadas preparavam o ataque a Uruguiana, ocupada pelas tropas de Estigarribia.

Como já destacamos, a invasão da província do Rio Grande do Sul foi motivo de grande mobilização do Império e de seus aliados, afinal, o sucesso da investida paraguaia poderia ser irremediável. De Concórdia, na província argentina de Entre Rios, Bartolomé Mitre enviou sob o comando de Flores uma coluna com o propósito de combater os paraguaios.³⁰²

Três meses depois de assinarem o tratado de aliança - poucas vezes referido pelos periódicos que encontramos a disposição para a pesquisa - e reforçado pelos aliados, o exército brasileiro cercou Uruguiana. Eram visíveis as precariedades do exército. O informativo do exército, publicado pelo jornal, tem a data do dia 24 de agosto de 1865 e trata, como veremos, dos preparativos para a rendição das forças do coronel Estigarribia, instaladas em Uruguiana.

Da fronteira: Recebemos o boletim do exercito, e parte delle publicamos em seguida.<< Os generais Flores e Caldwell no dia 20 dirigirão notas de intimação ao coronel Estigarribia, para render-se com a força a seu mando, sob a garantia de conservação das vidas, e o trato correspondente á prisioneiros de guerra servio de parlamentar um tenente paraguay prisioneiro no combate, depois de ferido, voltando duas horas depois com a contestação, na qual se lia. << Que em nenhuma das instrucções dadas pelo presidente da republica prescrevia-se o render ao inimigo; e que ao contrario tinha ordem para pelejar até sucumbir em defesa dos sagrados direito da pátria e da integridade das republicas do Prata, e por conseguinte não aceitava proposição de nenhuma classe.³⁰³

Além da intimação dirigida aos paraguaios, o boletim informa sobre a chegada do reforço trazido pelo general Flores, sobre as atividades dos paraguaios na cidade ocupada e ainda sobre o posicionamento do exército comandado por Robles que marchava com o intuito de se unir as forças de Estigarribia e a partir disso ter condições de se opor ao exército imperial concentrado no Uruguai.

Os vapores Taquary e Tramandahy, com duas chatas ao mando do capitão da fragata Lomba chegarão no dia 21 pela manhã, e depois do meio dia principiarão-se a empregar-se no transporte das infantarias e artilharia do general Flores, ajudados pelo que já existia no rio. As 7 horas da manha do dia 22 S. Ex., acompanhado do Exm. Sr. general Caldwell e seo estado maior encaminhou-se

³⁰² Cf. DORATIOTO, 2002, p. 180.

³⁰³ O Echo Gabrielense – São Gabriel – Ocorrencias – 07 de setembro de 1865. MCHC.

para as proximidades da cidade afim de escolher as posições em que devia mandar assestar a artilharia para o ataque, Na distancia de 700 braças verificou o referido major que o maior numero do paraguayos achava-se concentrado na cidade, trabalhando em ardor para fortifica-la. Outros ocupavão-se em demolir as casas elevadas e incendiar os ranchos de palha que existem nas proximidades da povoação; (...). Dia 23 - A's 9 horas da manhã desse dia veio Exm. Sr. general D. Venâncio Flores, acompanhado de seu estado maior cumprimentar ao Exm. Sr. general commandante em chefe. A força paraguaia sitiada na Uruguayana continua a fortificar-se: os vapores e as chatas... nas águas do Uruguay empregarão-se até depois das 11 horas da manhã desse dia no transporte das infantarias daquelle general, ficando a brigada do exercito imperial composta por dos batalhões 5º, 7º e 3º corpo de voluntários da Pátria, deste lado, assim como os batalhões orientaes, e quatro bocas de fogo com as respectivas guarnições Continua-se com toda actividade providenciar sobre o ataque. Quartel general em frente á Uruguayana, 24 de agosto de 1865.³⁰⁴

Após a rendição do exército paraguaio, o que ocorreu no dia 18 de setembro, onze dias após o jornal publicar o boletim do exército, iniciaram-se os preparativos para o contra-ataque. Como enfatizamos no primeiro capítulo, a partir da derrota de seu exército no Rio Grande do Sul coube a Solano Lopez organizar a defesa de seu país. De modo geral, a imprensa passou a demonstrar a esperança e a plena convicção de que a guerra teria um rápido desfecho. Nesse sentido, não somente os brasileiros, mas também uruguaios e argentinos, interpretaram os primeiros sucessos do exército de Solano Lopez como meros contratemplos que com a reorganização do efetivo militar logo seriam superados.

Assim como não localizamos nos periódicos notícias ou mesmo comentários sobre a união entre o Império do Brasil, Argentina e Uruguai, assinada em maio de 1865 o que a principio poderia ser explicado pelo caráter secreto que teve o tratado, lamentamos o fato de serem insuficientes as informações a respeito da presença de D. Pedro I na província e sobre a rendição do inimigo em Uruguaiana. Tendo a certeza de que o assunto foi de interesse do grande público e logo, portanto, da imprensa do período, concluímos que o tempo e o descaso com a memória coletiva, guardada pelos jornais e ressaltado no capítulo anterior, são os maiores responsáveis por essa lacuna. Afinal de contas, como imaginar que a cena dos soldados paraguaios desarmados saindo de Uruguaiana e desfilando diante do imperador, pudesse, para uma imprensa que naquele momento ainda estava plenamente “comprometida” com a causa brasileira, deixar de ser exaltada?

³⁰⁴ O Echo Gabrielense, São Gabriel, 07 de setembro de 1865.

Fazendo uso de um conjunto de cartas que recebeu do *Correio de Uruguayana*, *O Bageense*, mesmo jornal que condenou a atuação de David Canabarro na defesa da província, informa seus leitores sobre a situação de conflito na fronteira após a rendição dos paraguaios e no momento em que os aliados se preparavam para o contra-ataque. As explicações para a lentidão da resposta dos aliados são várias. Em parte, como já comentamos, a demora se deve ao fato de o Brasil ainda estar em guerra contra o governo uruguaio e sem condições, portanto, de sustentar simultaneamente duas frentes de combate.³⁰⁵ Além disso, as dificuldades de recrutar, mobilizar e disciplinar os soldados eram ao mesmo tempo sinais da fragilidade da defesa e da incapacidade de contra-atacar imediatamente. O decreto do imperador, em sete de janeiro de 1865, criando o Corpo de Voluntários da Pátria, por sinal poucas vezes referenciado pelos periódicos localizados, é um claro sinal da falta de popularidade do conflito.

Derrotado no Rio Grande do Sul e com o rio Paraná bloqueado pela esquadra brasileira restou a Solano Lopez ordenar o retorno de suas tropas. As forças aliadas, concentradas em Uruguaiana e em Concórdia, estavam muito distantes para poder atacar e impedir que o inimigo abandonasse a província de Corrientes e retornasse para o seu país. O temor que os paraguaios não pudessem ser alcançados aparece na primeira parte da carta que é publicada pelo jornal de Bagé. Destacamos também que a correspondência não dá como certa a passagem das tropas do Paraguai na confluência dos rios Paraná e Paraguai onde foram disputadas as principais posições do conflito no início de novembro de 1865.

Chegou no domingo o correio de Uruguayana. As poucas notícias, que nos trouxe, constão de cartas que resumimos em seguida: Compadre e amigo - Uruguayana 5 de novembro. Corre por aqui que os paraguayos já passarão o Paraná, e se reconcentrão em seu próprio paiz. Se isto se verificar, julgo que será para nós um mal; porque se batêssemos o inimigo fóra do Paraguay, a guerra teria toda probabilidade de um fim próximo; o que não acontecerá, quando os inimigos tiverem de defender seus lares... Depois que cheguei, passarão o Uruguay, para reunir-se ao grande exercito alliado, a brigada do coronel Argollo. Concluída essa passagem, teremos nós todos, com o resto das forças que aqui estão, de embarcar para São Borja. Segundo tenho ouvido, essa nossa marcha terá lugar, ao mais tardar, até o dia 13 do corrente. O almirante Tamandaré fez voltar do Salto, onde já se achava, a brigada de infantaria da guarda nacional da Bahia, sob o commando do coronel Dr. Evaristo Ladislac. Essa brigada vinha por aqui. Dizem uns, que o almirante a levará para Montevidéu para impôr respeito aos blancos. Dizem outros, e á meu ver com maior fundamento, que a leva para o Paraná, para tomar Corrientes, e oppôr-se,

³⁰⁵ Cf. PINTO, 2006, p. 104.

se ainda der tempo, á passagem dos paraguayos para o outro lado do rio. Seu compadre e amigo.³⁰⁶

As tropas de Uruguaiana e de Concórdia, a última comandada por Osório e pelo argentino Gelly y Obes, se reuniram na vila de Mercedes para de lá partirem para Corrientes.³⁰⁷ A segunda carta apresentada retrata a espera pela reunião das forças aliadas, porém, não cogita mais a possibilidade de um encontro com o inimigo fora do Paraguai. Osório, constantemente citado por sua bravura e honra a serviço do Império é mencionado, assim como, mesmo que de forma indireta, são lembradas algumas das dificuldades encontradas naquele momento.

Compadre e amigo. Não posso responder miudamente á sua carta; porque nossos amigos estão longe uns dos outros, e em uma villa ainda grande, apesar dos estragos que soffreo; e porque também estou muito cansado do trabalho insano de militar, que tenho a meu cargo, sendo poucos os médicos, e muitos os doentes. Por aqui não a novidade de maior vulto. Já passarão, e estão passando para o outro lado do Uruguay, as forças que devem ir robustecer o exercito brasileiro ao mando do nosso bravo Osorio. Nós marchamos para S. Borja com a gente, que tem de formar o exercito, que invadirá o Paraguay por Itapúa. Do seu compadre e amigo.³⁰⁸

Entretanto, ao finalizar a crônica o jornal toma o devido cuidado ao destacar que as informações contidas nas cartas recebidas da folha de Uruguaiana não correspondiam a realidade daquele momento. O periódico é do dia 16 de dezembro de 1865. Conforme lembra Francisco Doratiotto:

Com a retirada paraguaia de solo argentino, a iniciativa da guerra caberia aos aliados que, de Mercedes, marcharam, nos primeiros dias de novembro, duzentos quilômetros até Corrientes, por caminhos quase intransitáveis, devido á estação chuvosa, e cruzando rios e arroios que tinham transbordado de seu leito. Nos últimos dias de dezembro, as forças aliadas chegaram à região de onde partiriam para invadir o Paraguai.³⁰⁹

³⁰⁶ O Bageense – Bagé – Chronica de Guerra – 16 de dezembro de 1865. MCHC.

³⁰⁷ Cf. DORATIOTO, 2002, p. 188.

³⁰⁸ O Bageense, Bagé, 16 de dezembro de 1865.

³⁰⁹ DORATIOTO, 2002, p. 194.

Para o jornal, a certeza de que as informações contidas nas cartas recebidas pelo jornal de Uruguiana “estavam atrasadas” foi obtida em jornais de Montevideú. Nesses, haviam notícias sobre os acontecimentos em Corrientes, já abandonada pelos paraguaios e ocupada pelos aliados. Por fim, sem imaginar que a entrada das forças aliadas em território paraguaio ocorreria só em abril de 1866 e que dependeria da soma de uma série de condições, o jornal, ao que parece seguindo uma tendência da época, tenta empolgar o leitor em relação ao final da guerra.

Como verão os nossos leitores dessas noticias, todo exercito expedicionario da provincia deverá estar á esta hora em S. Borja, ou em caminho para esta villa. Chegou também ao mesmo dia de domingo a delligencia de Pelotas, trazendos Jornaes, que ascensão datas de Montevideú até 4 do corrente. Com relação aos movimentos bellicos na provincia argentina de Corrientes, as noticcias que colhemos, são as seguintes: Os paraguayos evacuarão effectivamente aquella provincia, cuja capital foi ocupada pelas tropas aliadas no dia 22 do passado. O exercito inimigo retirando-se todo pelo passo da Pátria, operando sua passagem sobre uma ponte de chatas, e sendo protegida por uma columnna de 3.000 homens. A nossa esquadra, tendo subido o rio, ficava ancorada no topo de Corrientes; e tres canhoneiras achavão-se postadas nas Tres Bocas. Os encouraçados já se tinham encorporado á esquadra brasileira. Os exércitos aliados achavão-se reunidos em Villa Nueva. A Guerra do Paraguay se precipita pois para o seu desfecho, e em breve deveremos ter grandes e importantes noticias.³¹⁰

Apesar de todas as dificuldades encontradas para se iniciar o contra-ataque, essas resultado de uma soma de fatores que foram desde a falta de conhecimento sobre o terreno inimigo até desentendimentos quanto à melhor estratégia de invasão, o ano de 1866 era cercado de grande expectativa. No dia 25 de fevereiro os chefes aliados decidiram em conferência a forma como seria invadido o Paraguai e em abril, confirmando a esperança de uma vitória rápida, o exército aliado que estava acampado na Argentina iniciou a travessia do rio Paraná e invadiu o território paraguaio.

As facilidades iniciais encontradas pelos aliados justificavam a euforia, porém, rapidamente iriam contrastar com as dificuldades dos próximos meses, impostas pelo terreno que não favorecia a força ofensiva e agravada após a derrota de Curupaiti, em setembro. Independente do otimismo ou pessimismo que as notícias vindas do campo de batalha podiam reproduzir o certo é que a partir da entrada dos aliados no Paraguai não restou outra alternativa a Solano Lopez a não ser organizar a defesa de seu país.

³¹⁰ O Bageense, 16 de dezembro de 1865.

3.2 – 1866: em defesa da honra

A grande vantagem que teve o Paraguai, e talvez a única depois que seu território foi invadido pelo exército aliado, estava no terreno, experimentado por seus soldados, porém, completamente desconhecido para brasileiros, argentinos e uruguaios. Além de suas armas, a fortaleza de Humaitá, alvo desejado pelos aliados desde o início da campanha, estava protegida pelos esteiros de Bellaco e de Rojas, “obstáculos formidáveis para o avanço de forças terrestres aliadas.”³¹¹ Essa importante vantagem, entretanto, foi desperdiçada por Solano Lopez. Desconsiderando que as condições do terreno eram favoráveis a defesa e não ao ataque, o líder dos paraguaios ordenou um ataque ao exército aliado no momento em que parte desse, comandado por Flores, procurava reconhecer melhor o território.

A tentativa de surpreender o exército aliado não teve o efeito esperado por Lopez e a Batalha de esteiro Bellaco não significou grandes mudanças no quadro daquele momento. Para os paraguaios significou a perda de uma tropa de reconhecido valor, e para os aliados, apesar do sucesso, não significou grande avanço.³¹² No dia 20 de maio de 1866 os aliados armam acampamento em Tuiuti onde, no mesmo mês, no dia 24, foi protagonizada a maior batalha da história da América do Sul. Assim como ocorreu no esteiro Bellaco, os paraguaios não mediram corretamente as conseqüências de um ataque surpresa naquele momento. De acordo com Doratiotto:

Solano López fora hábil em escolher o terreno para instalar o sistema defensivo paraguaio, protegido pelas condições do terreno, pelos pântanos e pela vegetação alta, que dificultavam o ataque dos aliados. Contudo, ao trocar a postura ofensiva, inverteu a situação, transferindo a vantagem do terreno para os aliados que, além disso, também eram superiores em número e armamento.³¹³

A repercussão da Batalha de Tuiuti foi ampla e instituiu, de forma curiosa, uma crise para os aliados, difícil de ser superada. Se os paraguaios falharam ao atacar em momento inoportuno, os aliados falharam ao não tirar todo o proveito da vitória que logo

³¹¹ DORATIOTTO, 2002, p. 210.

³¹² Ibid., p. 213.

³¹³ Ibid., p. 219.

se transformou em drama para os soldados que ficaram imobilizados na região. As precárias condições do acampamento e o longo tempo parado sem empreender ataques e explorar a difícil situação dos paraguaios escancaram inúmeros problemas. A crise exigiu um conselho de guerra no qual os aliados examinaram os pontos mais fracos do exército e discutiram as reais possibilidades de ataque. Em julho chegou ao Paraguai sob o comando do Barão de Porto Alegre, que já havia se destacado na rendição dos paraguaios em Uruguaiana, o 2º Corpo do Exército imperial. Poucos dias depois, com problemas de saúde, Osório deixou o campo de batalha e transferiu o comando do 1º Corpo do Exército para o general Polidoro da Fonseca.

Sem Osório e com uma nova formação, ainda em julho os aliados atacam e obtêm êxito nas batalhas de Iataiatí-Corá, Boqueirão e Sauce. Os próximos alvos seriam as fortificações de Curuzú e de Curupaiti. Nesse momento, tudo indica que a vaidade dos chefes militares brasileiros tenha sido a responsável por nova crise já que Porto Alegre não aceitou agir seguindo as ordens de Tamandaré, conforme as recomendações de Bartolomé Mitre.³¹⁴

Assim como 1865, foram poucos os exemplares encontrados do ano em que, de acordo com o discurso e o termo utilizado pelos jornais da época, ficaria eternizado por marcar o final do conflito contra o Paraguai. Um desses é do *O Guarda Nacional*, de Rio Grande, edição de 14 de dezembro de 1866 quando as forças aliadas ainda se recuperavam da derrota em Curupaiti e a euforia já havia sido substituída pela cautela e pela decepção.

O 3º corpo do exército que deveria reforçar mais tarde as tropas aliadas contra o Paraguai estava sob a responsabilidade do general Osório, que, após deixar o cenário de guerra partiu para o Rio Grande do Sul onde passou a reunir e organizar novos contingentes. É precisamente sobre essa responsabilidade dada a Osório que trata o *Guarda Nacional*. Ao criticar o comandante superior da Guarda Nacional, Luis Manoel de Lima e Silva, a folha riograndina já demonstrava o novo momento.

A ordem do dia é a anarchia determinação lavrada pelo Sr. commandante superior da guarda nacional designando os officieas e praças para o 3º exercito que o bravo general Ozório achase encarregado de organizar. Pensaria na opinião publica o Sr. commandante superior quando propoz semelhante ordem, ou julgou poder mofar-se d'ella? Mereceria tão pouco conceito? Estará S. S. acostumado a já não fazer caso d'ella? Assim o cremos a julgar-mos pelo seu procedimento. O Sr. commandante pensando talvez que a opinião publica feixaria os olhos ao seu

³¹⁴ DORATIOTTO, 2002, p. 235 – 236.

QUERO, POSSO E MANDO, lançou mão d' uma vil arma – a superioridade, - para satisfazer sua caprichosa vindicta! (...). Sobre quem lançou S. S. seu fero olhar? para os pobres operários da secção d' Artilharia!... por que são pobres que S. S. excluí-los da sociedade, bani-los de sua pátria, de seus pais e de seus amigos? que mal lhe fizeram? São homens como vós, deveis ama-los, são infelizes que deveis respeitar e mitigar-lhes as dores. O OFFICIOSO Sr. commandante superior querendo talvez ganhar as BOAS GRAÇAS do governo, offereceu ao Exm. Sr. barão do Herval praças da guarda nacional do seu commando para engrossarem as fileiras do 3º corpo do exercito. O offerecimento foi aceito por aquelle Exm. Sr. com a clausula de serem aquelles que estivessem no CASO.³¹⁵

Comandando o 3º corpo do exército que havia organizado, Osório, somente em julho de 1867, quando Caxias já ocupava o posto de comandante geral das forças aliadas, retornou ao teatro de guerra. Antes disso, em novembro de 1866, comprovando as dificuldades que foram impostas e aumentaram após a derrota em Curupaiti dois meses antes e até justificando a coluna do periódico de Rio Grande, Osório teria se manifestado em relação às dificuldades “em se obter novos soldados no Rio Grande do Sul, província tradicionalmente supridora de recursos humanos e materiais para as ações militares.”³¹⁶

Cabe ainda a ressalva, que em dezembro de 1866, quando o jornal emitiu sua opinião sobre o compromisso de Osório na organização do reforço para as tropas no Paraguai, o presidente da província era Antonio Pereira da Cunha, acusado por alguns de atuar junto com o comandante superior e criar empecilhos para o trabalho do general. Foi possível observar que o seu sucessor, Homem de Melo, foi reconhecido pelos periódicos como um importante aliado da causa brasileira.

No início de setembro de 1867 os aliados colocaram em prática o plano de atacar em ação conjunta os fortes de Curuzú e Curupaiti, últimas proteções da fortaleza de Humaitá. Tamandaré no comando da esquadra, e Porto Alegre comandando o 2º Corpo do Exército, seriam os responsáveis por abrir caminho até a principal fortaleza dos paraguaios. A falta de experiência e desentendimentos entre os comandantes não permitiram, entretanto, que o sucesso da ofensiva fosse completo. No ataque, somente a posição de Cruruzú, as margens do rio Paraguai, foi ocupada.

Assim, a estratégia para atacar Curupaiti teve que ser revista, e nessa, a cavalaria comandada pelo uruguaio Flores e a força do general Polidoro se juntariam às tropas de Porto Alegre e a esquadra de Tamandaré. A essa altura, certamente o encontro

³¹⁵ O Guarda Nacional – Rio Grande – O Sr. comandante da Guarda Nacional – 14 de dezembro de 1866 – BRG.

³¹⁶ DORATIOTTO, 2002, p. 265.

que Mitre havia tido com Solano López dava um caráter decisivo a manobra do exército aliado, já que era evidente a crise instalada e a desconfiança, sobretudo por parte das autoridades brasileiras. A chuva em excesso teve dois efeitos naquele momento, além de ter atrasado o início da ofensiva contra os paraguaios que estava prevista para o dia 16, permitiu que os paraguaios reforçassem ainda mais a sua defesa. As condições do terreno, informações desconstruídas e, é claro, a defesa e artilharia inimiga tornaram impotente o ataque aliado. A derrota em Curupaiti abateu profundamente os aliados e marcou o início de uma nova fase no conflito.

Em uma edição de dezembro de 1866 o jornal *Rio Grandense*, de Porto Alegre, trata o novo momento de forma bastante particular. A crônica dá uma atenção maior aos generais Polidoro e Flores, que na verdade não chegaram a reforçar as tropas que atacaram Curupaiti, registra a retirada do chefe uruguaio, anuncia o tratamento que os paraguaios deram aos vencidos e observa o retorno de Mitre ao acampamento de Tuiuti após o fracasso expondo os problemas originados a partir da derrota aliada.

<< O Polydoro, esperando o movimento de Flores, foi bombardeando o campo de Pucú, para depois atacar. Logo que percebesse o menor signal que lhe parecesse ser o Flores. Este seguiu entranhando-se 4 leguas pelo campo e foi ter o S. Solano, onde residiu o Lopez; ao chegar lá mandou na frente a brigada ligeira, do fallecido Netto, e então soube que só existião alli inválidos e feridos, e que Lopez se achava em Brites com a sua escolta, que é de 2 regimentos de cavalleria, 2 regimentos de carabineiros e artilharia. << Sabendo o Flores que não tinha o 2º corpo se apoderado de Curupaity, não quis ir sobre Brites para não dar tempo a que os Paraguayos lhe cortassem o caminho com outras forças e lhe privassem a retirada (...)<< Eis o estado das cousas que andão por aqui. (...)<< Do resultado da conferencia nada sei. A história é sobre plano de ataque. Seja qual for, já vai demorado, porque o combate foi a 22, e já estamos a 27, e nada de resolução.<< Os paraguayos roubarão tudo o que se achava sobre os cadavres dos nossos, e que ficarão na trincheira, e os deixarão nós como vieram ao mundo, depois os atirão ao rio, trazendo alguns officiaes os galões amarrados nos pulsos. << Quando decião os corpos com a correnteza, notou-se que alguns deles vinham amarrados aos outros, e na ocasião de rebocar-se para a terra a fim de dar-se a sepultura, vio-se que esses corpos eram frescos, e que para não irem ao fundo vinhão amarrados aos já arruinados. Diz o official que foi incumbido de enterral-os que havia um que gotejava sangue: o que prova que as taes feras matarão os feridos que estavam no campo e que não puderam retirar-se e os jogarão ao rio amarrados aos outros. << Além desse canibalismo trazião elles outros signaes que demonstravão muita e muita barbaridade da parte dos taes senhores Paraguayos. << O Flores, antes de retirar-se para Montevidéu, fez uma proclamação e pelas ultimas noticias da esquadra, do dia 5 do corrente, Mitre já havia se retirado com todos os seus argentinos a Tuyuty, sem se despedir do almirante nem querer occupar um só transporte brasileiro.³¹⁷

³¹⁷ Rio Grandense, Porto Alegre 03 de dezembro de 1866 – MCHC.

Ao analisarmos o registro do periódico notamos facilmente a mudança de entusiasmo. A guerra, que já era alvo de críticas e que pelo prolongamento não tinha a mesma popularidade do início, entrou a partir da derrota aliada em Curupaiti em seu momento mais tenso e muito se falou, inclusive, sobre o estabelecimento de paz com os paraguaios, hipótese sempre rejeitada pelo imperador e pela própria imprensa, como mostraremos mais adiante.

No Brasil, o difícil momento inspirava cuidados. Caxias, o militar mais prestigiado e membro do Partido Conservador, foi nomeado comandante do exército brasileiro com a missão de reorganizar uma tropa abatida e apaziguar as diferenças entre os líderes agravadas após a derrota. Na Argentina, a repercussão foi ainda mais forte e as famosas *montoneras* nas províncias que faziam oposição ao governo centralizado, exigiram toda a atenção. Fora isso, a resistência dos paraguaios em Curupaiti criou um ambiente favorável para países que tinham interesse em mediar e por fim ao conflito, com destaque para os Estados Unidos.

Em relação ao ano de 1866, tão relevante para o prosseguimento do conflito, a falta de opinião da imprensa sobre assuntos como a nomeação de Caxias e também o encontro entre Mitre e Lopez em Itaití-Corá ocorrido em outubro e que gerou sérias desconfianças no Brasil, é muito lamentada na medida em que deixa grande lacuna no trabalho. Ao mesmo tempo, devemos reconhecer que essa “falta de opinião” está, muito provavelmente, associada ao menor número de exemplares de 1866 encontrados a disposição nos arquivos visitados. Vários exemplares dessa época estavam, quando da visita, sendo restaurados tanto no Hipólito da Costa como na Biblioteca Riograndense e assim não puderam ser aproveitados. Além dos problemas ligados a preservação, temos que levar em conta que foi esse ano, juntamente com o anterior, menos próspero para a imprensa do que outros da mesma década e que dessa forma é compreensível a carência de informações sobre a guerra trazidas pelos jornais nessa época.

3.3 - 1867: dificuldades que não tiram a certeza da vitória

Apesar de não ter contribuído para a formulação de outra imagem do inimigo, a derrota dos aliados em Curupaiti parece ter despertado na opinião pública brasileira outra visão sobre a guerra. O início de 1867 foi marcado por uma significativa mudança: Mitre, forçado pelas rebeliões internas em seu país, transferiu de maneira provisória o comando

das forças aliadas para Caxias, que, durante quase seis meses teve a responsabilidade de reorganizar um exército cada vez mais indisciplinado, desmotivado, e que sofria com as más condições dos acampamentos e com as doenças.

O fato de a convocação do governo imperial no mês de março ter sido rejeitada pelos guardas nacionais, assunto que não encontramos registrado nos exemplares que tivemos acesso, comprova a maior impopularidade da guerra. Embora a imprensa mantivesse intacta a postura de atacar o inimigo, com o passar dos meses tornou-se impossível não registrar também o sofrimento causado pela guerra e opinar sobre as suas consequências.

As dificuldades encontradas pelo governo imperial para manter o exército mobilizado eram nítidas. A participação de escravos, por exemplo, que em eram libertados para lutarem contra os paraguaios é somente uma das comprovações disso. Ao que parece, essa participação, que não pode ser medida em números exatos, foi mais lembrada pelas folhas paraguaias que aproveitaram para diminuir a capacidade do exército aliado sugerindo que um exército que se utilizava de maneira covarde da força de escravos não era digno de vitória. Além disso, essa característica do exército imperial escancarava uma grande contradição na medida em que seu discurso procurava denunciar a opressão imposta por Solano Lopez ao povo paraguaio.

Em uma sociedade escravocrata, talvez tenha sido natural ocultar o quanto os escravos foram importantes para a defesa da Pátria.³¹⁸ Nos periódicos brasileiros, a utilização de escravos na guerra contra o Paraguai foi notada nos momentos de maior dificuldade, quando a guerra era totalmente impopular e as finanças do Império já estavam completamente comprometidas. Nas folhas que tivemos a nossa disposição para a pesquisa, a presença de escravos no exército foi praticamente esquecida.

Aos poucos o estado de espírito foi mudando no império. A campanha mostrava-se longa e difícil. A morosidade das operações, os sérios problemas de infraestrutura, o grande número de baixas por doenças, o desamparo das famílias dos soldados e a necessidade de ampliação dos contingentes foram tornando o recrutamento cada vez menos atraente. (...) Já no começo da guerra cerca de 30% dos contingentes recrutados não chegavam aos campos de batalha. O prosseguimento da campanha em território estrangeiro, porém, deteriorou rapidamente a disposição inicial, aumentando as taxas de deserção e isenção e comprometendo seriamente o esforço imperial.³¹⁹

³¹⁸ SALLES, 1990, p. 63.

³¹⁹ GRINBERG, 2009, p. 401 – 402.

A partir de agora, questionamentos que no início não eram cogitados, passavam a ser feitos por parte da opinião pública: qual era, afinal de contas, o preço que poderia ser pago pela defesa da “honra”? O longo tempo sem ações contra o inimigo aumentou a insatisfação e inverteu completamente o quadro elaborado pelos aliados quando se iniciaram as hostilidades. Se os aliados não tomavam a iniciativa devido à falta de conhecimento sobre o território e outros problemas já citados, os paraguaios tinham a mesma postura devido à falta de recursos.³²⁰ A situação só permitia a Solano Lopez se defender e, nesse ritmo, a guerra ficou enrolada até julho de 1867. Enquanto isso, os custos com a guerra eram arcados praticamente só pelo Brasil, já que, como lembra Ricardo Salles, “tanto a Argentina como o Uruguai não puderam dar prosseguimento ao esforço da guerra, e seus contingentes militares foram mingando enquanto crescia em suas províncias a oposição a luta.”³²¹

A *Sentinela do Sul*, por ser uma das poucas folhas ilustradas do período e ter um humor, muito próximo do deboche e caracterizado pela ironia na forma como relatava os acontecimentos, ganhou grande destaque na época. Editado em Porto Alegre, o periódico que circulou entre julho de 1867 e janeiro de 1869, logo em seu primeiro número, 7 de julho, menciona a guerra, suas dificuldades e enfatiza especialmente os feitos de Manoel Luiz Osório.

Na primeira parte da crônica, além de ficar claro o sentimento de lamento por conta da guerra e todo sofrimento por ela causado, percebemos a insatisfação quanto ao tratamento que o governo central dava a província. Porém, ao mesmo tempo em que assinala a falta de reconhecimento do Império no que se refere às forças do Rio Grande do Sul e protesta contra o excesso de tributos, o periódico, seguindo uma tendência da imprensa sul-rio-grandense no período, exalta o patriotismo do povo da província, que, apesar dos pesares, estava sempre disposto à luta.

³²⁰ Cf. DORATIOTTO, 2002, p. 286.

³²¹ SALLES, 1990, p. 127.

No meio do luto, que envolve a Província do Rio Grande, que tem 30.000 dos seus filhos em armas; por entre as lacerantes dôres, que confrangem os corações de milhares de famílias, que nas longiquas praias do Paraguay viram sucumbir á metralha do inimigo ou a voragem da epidemia existencias caras, entes queridos sem poderem recolher seus últimos suspiros, sem poderem prestar-lhe as derradeiras e funéras honras; através do sombrio desespero que dilacera os corações dos patriotas Rio-grandenses, ao verem esta mesma província, tão excessivamente representada no campo de batalha, condenada ao ostracismo no Areopago do Brazil, - as glorias conquistadas nas guerreiras lides á sombra do pendão Auriverde, ainda achão sonoro echo nos peitos dos Rio-Grandenses. Dizimados pelo tributo de sangue que pagão em tão larga escala; repellidos no seio da representação nacional, os Rio-grandenses não esquecem em um só momento os seus deveres de brasileiros e cidadãos; resignados soffrem pela patria e com a patria exultão, quando victorioso e ovante tremula o estandarte brasileiro sobre as hoste abatidas do inimigo, sobre as bombardas paraguayas, tomadas a bayoneta!E como não ser assim, quando em todas essas glorias a maior parte cabe aos Rio-Grandenses?³²²

Entretanto, o que mais chama a atenção na crônica é o destaque dado ao general Osório e a forma como é enaltecida a cavalaria sul-rio-grandense. Vale a lembrança que nesse momento Osório estava, após reunir com grandes dificuldades o 3º Corpo do Exército, a caminho do Paraguai onde era aguardado com grande expectativa, especialmente por Caxias. Ao relembrar os feitos de Osório e destacar a força da cavalaria do Rio Grande do Sul o periódico faz uma associação com o esperado fim do conflito. Além de tudo, devemos notar que dificuldades como a falta de recursos e as epidemias que atingiam as tropas são, mesmo que brevemente, mencionadas pelo cronista, assim como, é reforçado o discurso da “missão civilizadora”, proclamado e defendido constantemente pelo governo imperial.

Eil-a essa cavallaria invejada pela velha Europa, em cujas filas Garibaldi aprendeu a ser heróe; eilo-s esses generaes provectos, filhos da província, que os melhores louros colherão nos combates do Paraguay. Sua glória é a da provincia, seus louros, nossos são. Por entre os nomes de tantos heroes um há sobre todos que de orgulho faz palpitar os peitos Rio-Grandenses. E' o de Manoel Luiz Osorio. Do heróe do Passo da Patria, do vencedor do Itapirú, de Esteiro Bellaco e de Tuyuty, d'esse genio tutelar do exercito brasileiro, que das cercanias de Montevidéu conduziu os nossos bravos ao coração do Paraguay e ahi conquistou as posições, que ainda hoje occupão as forças alliadas, Osorio, essa figura titanica, digna de ser cantada por Homero, que como o primeiro vulto destaca n'este quadro de luto e glorias, que representa a cruzada civilisadora do Brasil contra o despota da republica guaranytica, é o idolo dos Rio-Grandenses (...) Osorio, que acaba de gravar seu nome nos annaes da história universal, ligando-o por ideleveis laços aos sucessos d'essa sangrenta guerra do Paragauay que o mundo contempla com espanto e admiração, porque não é uma luta só com o inimigo, senão também com

³²² Sentinella do Sul – Porto Alegre – 07 de julho de 1867. MCHC.

os elementos, com as cruzeiras do clima, com a falta de recursos, com a voragem das epidemias (...) Mais do que promete a força humana >> e que tantos louros colheu nas guerras externas, quanto renome conquistou nas lutas que assignarão o decennio da cicil!³²³

Como consideramos no segundo capítulo, em um período que a grande parte da população não tinha acesso a educação e que os jornais ainda não dispunham da fotografia, a caricatura teve papel significativo ao levar ao público fatos e mensagens do conflito.³²⁴ Quanto a essa consideração, *A Sentinella do Sul* certamente foi à principal folha da província. Na mesma edição em que fez menção aos sacrifícios da província, a folha opinou sobre o empenho da província do Rio Grande do Sul na guerra de forma muito curiosa. Com duas ilustrações, a folha compara as províncias do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais revelando a disposição dos sul-rio-grandenses e mostrando a sua insatisfação com o desigual comprometimento.

³²³ *Sentinella do Sul*, Porto Alegre, 07 de julho de 1867.

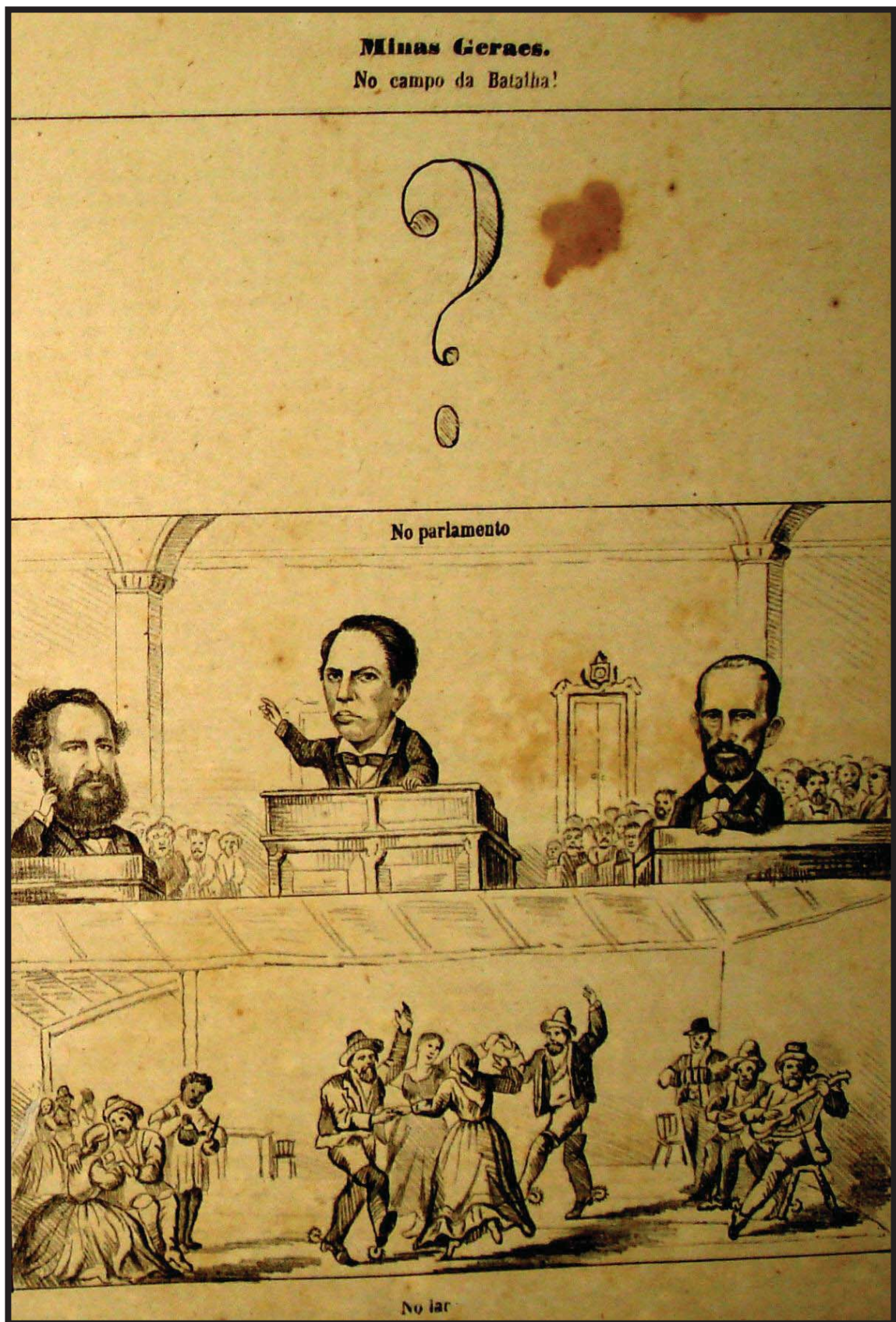
³²⁴ Cf. REIS, 2002, p. 35.

Figura 4: Situação do Rio Grande do Sul durante a Guerra do Paraguai.



FONTE: A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 07 de julho de 1867.

Figura 5: Situação de Minas Gerais durante a Guerra do Paraguai.



FONTE: A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 07 de julho de 1867.

Na edição do dia 21 do mesmo mês, a folha volta a dar atenção ao conflito. Ao noticiar a invasão do Paraguai pela coluna brasileira que foi organizada para socorrer a província do Mato Grosso, o periódico, em sua capa, ironiza e coloca em dúvida as notícias que chegam. O drama dos brasileiros na chamada Retirada da Laguna foi, pelo que verificamos na pesquisa, praticamente esquecido pelos periódicos do Rio Grande do Sul já que os efetivos militares da província não estavam envolvidos nessa ação. Prova dessa falta de interesse pela passagem está no “atraso” da notícia, já que o território inimigo havia sido invadido no dia 21 de abril.

Figura 6: Desconfiança sobre o socorro dado a província do Mato Grosso.



FONTE: A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 21 de setembro de 1867.

Piá – Oh, meu amo porque é que esta tão contente hoje, cantando e tocando viola?

Red. – E’ porque nosso corpo expedicionário do Matto Grosso já invadiu o Paraguay e tomou um Forte do inimigo.

Piá. – Mas lá na cidade não vejo movimento nenhum, nem alegria, nem musica, nem foguetes.

Red. – E’ que já andão desconfiados com as noticias da guerra, e dizem como S.Thomé: ver para crer! Mas eu cá sou diverso; acredito tudo que me faz conta!

325

³²⁵ A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 21 de julho de 1867. MCHC.

Também no dia 21 de julho, curiosamente as vésperas de Caxias iniciar a marcha para cercar Humaitá, outro jornal de Porto Alegre, o *Actualidade*, proporciona a seus leitores algumas exposições sobre a guerra. Dedicado à crítica, a literatura e a notícia, o jornal, chefiado por Miguel C. de Werna e Bilstein e que circulou entre julho e novembro de 1867,³²⁶ deu destaque ao “espírito patriota” do povo sul-rio-grandense.

Criticas circunstancias do paiz nos acabão de exigir novos sacrificios; a honra do Brasil, que quasi só o Rio Grande do Sul tem deffendido chama ás armas seus patriotas. Elles lá vão!... da capital da Provincia, que tem no Paraguay 25.000 homens, que tem em suas fronteiras e guarnições centenares de destacamentos; da cidade que já deu três batalhões sahe ainda um contingente de cento e trinta praças para a campanha. Sparta brasileira, ella ergue-se (...) humilha suas irmans e apressa-se a receber a palma de martyrio, tendo intima convicção, que por laures de gloria só terá o – desprezo e a saudade de seus heróes immolados no altar da patria.³²⁷

Na mesma crônica, além da tentativa de engrandecer os esforços e sacrifícios da província do Rio Grande do Sul, são feitas críticas às administrações que anteciparam o governo de Homem de Mello, então presidente da província e que é amplamente celebrado. Ao mesmo tempo, com a lembrança que desde o governo de João Marcelino Gonzaga, sul-rio-grandenses abandonavam a província para se juntar ao exército, é possível perceber certo inconformismo com o prosseguimento do conflito. Ao enfatizar a importância do 3º corpo do exército, naquele momento já a disposição de Caxias no Paraguai, a crônica ressalta a importância histórica da província do Rio Grande do Sul nas questões imperiais no Prata ao mesmo tempo em que critica a falta de reconhecimento por seu esforços.

A provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul passa por uma dessas benéficas transições, que bem poucas vezes lhe foi permitido usufruir. Ella, a bastarda do Imperio experimenta hoje sob uma illustrada administração, o gozo de seus direitos postergados pelo vergonhoso patronato, de mandões ineptos e ambiciosos que vião em seu porvir, só o que prometia vantagens a elles ou a seus adeptos. As viúvas, os filhos e os orfãos dos trinta mil rio-grandenses, que no campo de batalha comprão a preço de privações, sangue e vidas, a liberdade de sua patria, não tinham quem defendesse seus direitos no lar. Desde o Sr. Gonzaga, que seus filhos são arrancados de seu seio para reforçarem as fileiras

³²⁶ SILVA, J, 1986, p. 137.

³²⁷ A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 21 de julho de 1867.

do exército, tão frequentemente dizimadas; e a administração da provincia, n'essa critica situação em que precisava da verdade dos factos, era victima da mentira, era enganada pelos influentes da terra; e duas invasões inimigas falarão nossos campos, incendiarão nossas cidades e degolarão nossos comprovincianos! A essa administração, que ao menos era deligente, seguira-se a que descuidosa de tudo, embalava-se com as harmonias d'um realejo; passamos depois dessa a outra, que nada attesta o longo periodo de sua existencia. Até que encontramos a energica, justiceira e illustrade, do Exm. Sr. Dr. Homem de Mello. Já erão muitos os soldados que o Rio Grande havia dado; não obstante, ao patriotico apello de tão digno chefe, elles juntarão-se como por encanto e poucos mezes depois o 3º corpo do exercito transpunha o Uruguay, composto de 4.000 rio-grandenses. Esta pagina em que se lê os nomes do Dr. Homem de Mello e do 3º corpo do exercito, é por sem duvida, a mais bella, a mais gloriosa de nossa historia desde a guerra do Prata até hoje. E este pedaço do Brasil, um dos mais ricos e generosos, é olhado como cousa alheia ao governo ou considerado só como tributário! Ella é digna de melhor sorte, e da actual administração, espera o seu engrandecimento, para o que, circumscripta em si mesmo, digo, reduzida a seus próprios recursos, e a seus homens, dispõe de excellentes substancias, a provincia que jamais desmentira suas antepassadas glórias.³²⁸

A posição do jornal fica mais clara em sua próxima edição, 28 de julho. Ao se referir a dedicação do Rio Grande do Sul nos assuntos militares do governo imperial, o periódico, talvez demonstrando ressentimentos antigos, recrimina e denuncia de maneira irônica o abuso imperial sobre a província.

Iluminação a gaz e estradas de ferro, é a ordem do dia. Porto Alegre não tem de que se queixar, está debaixo da protecção das três maiores potencias do mundo – França, Inglaterra e Norte America – Vão os rio-grandenses marchando para a guerra, deffendão sozinhos o império inteiro, que o progresso, a industria, as artes e tudo em fim, o estrangeiro fará desenvolver a bem dos coffres públicos e das vossas commodidades; haveis de voltar na estrada de ferro, ou para andar mais ligeiro no telegrapho electrico. Viva o progresso! Viva o Rio Grande! Viva a Patria! Viva! Pobre Rio Grande, pobre provincia sempre lembrada para pagar dividas que não deve, e sempre sem direito de reclamar seus direitos.³²⁹

Apoiado pelo 3º Corpo do Exército de Osório, no dia 22 de julho o comandante brasileiro, preocupado em responder a opinião pública, colocou em ação o plano de contornar e achar um ponto vulnerável da fortaleza de Humaitá. Nessa manobra os aliados descobriram que a defesa dos paraguaios era ainda mais forte, protegida pelo que ficou conhecido como quadrilátero. No dia 29 os aliados chegaram e ocuparam a povoação de

³²⁸ A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 21 de julho de 1867.

³²⁹ Actualidade, Porto Alegre, 28 de julho de 1867. MCHC.

Tuiu-Cuê, próxima ao acampamento de Tuiuti e também de Humaitá. A força aliada estava a partir dessa manobra dividida em duas partes: a que permanecera em Tuiuti e a que ocupara Tuiu-Cuê, de onde se buscaria uma passagem por Humaitá.³³⁰

Na edição de 11 de agosto de 1867, quando Mitre já havia reassumido o posto de chefe das forças aliadas, o mesmo jornal se refere aos demais conflitos daquele período como uma forma de justificar ou então aceitar a guerra como algo necessário às grandes nações. Apresentando texto que tem como título “Civilização pelo canhão”, a folha opina a respeito do “ditador” Solano Lopez e sobre a missão dos exércitos aliados contra o Paraguai.

Nos horrores da guerra progressa a civilização! Nas machinas de exterminio se immortalisção os homens de hoje! Indagai o que fazem as nações mais cultas e vos responderão: armão-se, preparão-se para a guerra. (...) Não é preciso conduzirmo-nos aos continentes do velho, para achar-mos esta verdade; bastar-nos-ha luta fratecida da União, luta de gigantes que ensanguentou o Norte da América e fez tremer a sisuda e prepotente Europa. Além d'essa, vimos a Hespanha no Pacifico e a França no México, bloqueando portos e metralhando cidades. (...) Não serão civilisadas estas nações? São, sem dúvida: os seus exércitos são numerosos e suas esquadras impotentes.(...)³³¹

Apesar de indiretamente se referir aos sacrifícios feitos para “libertar” o povo paraguaio, a folha volta a demonstrar esperança em um breve final para o conflito. A expectativa do jornal certamente está ligada à ordem que o general argentino dera a Caxias no início do mês. Após muita discussão em relação à estratégia para atacar a fortaleza de Humaitá, os aliados, colocam em ação conjunta, conforme vontade de Mitre, a marinha e o exército contra os paraguaios.

Aproximemos-nos mais; e pelas ultimas noticias, veremos, que uma grande batalha estava eminente, se é que não chocarão-se já os exercitos da alliança com os do Dictador paraguay, a pról da liberdade. E provavel que esta hora o sangue brasileiro, sempre generoso esteja regando a margens do Paraná e Paraguay (...) Era já tempo que a liberdade, esse balsamo divino com rocio matinal que revive a flor, decesse de seu celeste manancial para cicatrizar as feridas que por tão longos annos fizera a cadeia do absolutismo nos pulsos desse povo, que cego a obediencia, desconhecia que elle era o rei e o forte; que por seu fanatismo, por sua obscuridade, por sua educação tergiversada e alimentada em pequeno

³³⁰ Cf. DORATIOTTO, 2002, p. 297 – 298.

³³¹ Actualidade, Porto Alegre, 11 de agosto de 1867 – MCHC.

ambito, era o algoz de si próprio! Era tempo que a especulação, o commercio de vidas, de carne e sangue humano terminasse, e que os livres arrancassem dos carcereiros os oprimidos, e das trevas os ignorantes para que o sol da liberdade iluminasse a estes (...). Esse dia, que será assignado por centenares de hecatombes de livres, deve a esta hora talvez, ter chegado ou estar prestes a chegar. E' o canhão quem proclama a liberdade, são as ruinas os vestigios que deixa após si a civilização.³³²

A grande notícia que o jornal esperava poder publicar em suas páginas após o confronto que anunciava era a tão esperada passagem pela fortaleza de Humaitá. A expectativa da grande vitória, entretanto, a aquela altura já havia sido substituída pela frustração. No dia 15 de agosto a esquadra imperial obteve êxito sobre a posição de Curupaiti, porém, não teve como seguir adiante e dominar Humaitá, conforme as ordens do general argentino. Ordens essas, que ao serem dadas causaram a desconfiança dos militares brasileiros e que ao não serem cumpridas em sua totalidade acenderam nova crise que, até fevereiro de 1868, quando finalmente Humaitá foi ultrapassada, teve que ser cuidadosamente contornada. A expectativa, desejo e quase certeza de uma vitória final sobre o exército de Solano Lopez estava, como se constata na parte final da opinião do jornal, intimamente ligada ao sofrimento e aos prejuízos que o conflito já havia produzido.

Cara tem custado essa lição, pois seja ella aproveitada. Milhares de cadaveres disseminados desde as margens do Yatahi e Uruguay, ou antes d'esde Chuy, Jaguarão e Rio da Prata até os fossos de Curupaity, Tuyuty e Humaitá, são os marcos que atestarão a quédia do tyramno do Paraguay. Porém esta lição que demos e que nos custa mais cará que a elles, é por nós que deve ser lembrada; nós a quem o lucto cobre, a quem as saudades pungem, a quem se exaurirão os recusros, quem nunca deve esquecer, que esses milhares de braços que sustentarma espingardas e espadas, serão mais aproveitados se armados com o timão do arado, o cabo da fouce do machado, com os instrumentos mechanicos, ou que todos junos impelirão pelo caminho da industria, sciencia e artes o paiz para o progresso, abundancia e felicidade.³³³

Na edição de 25 de agosto, *A Sentinela do Sul*, assim como o *Actualidade*, demonstra ansiedade por novas noticias a respeito da guerra e, sobretudo, pelo seu desfecho final. Em um interessante diálogo entre o redator e seu ajudante, comum nas páginas do periódico, questões importantes como o cerco a fortaleza de Humaitá, a volta de

³³² *Actualidade*, Porto Alegre, 11 de agosto de 1867.

³³³ *Ibid.*

Bartolomé Mitre ao campo de batalha e até mesmo o delicado momento no relacionamento entre esse general e Caxias são abordadas.

Piá.- Afinal temos noticias do theatro da guerra, meu amo!

Red. - E que tal são ellas?

Piá.- Não tão boas como a anciedade publica as desejava, mas não obstante são favoraveis á nossa causa. O exercito flanqueou Humaytá e se acha junto ás linhas de Rojas. Osorio, intrepido como sempre, abriu a marcha, tomou S. Solano e conquistou estas novas posições, onde já acampou o grosso do exercito debaixo das ordens do nosso velho general Marquez de Caxias.

Red. - Então acha-se o inimigo reduzido as posições de Curupayti, Humaytá e Rojas, onde concentrou os seus 12.000 homens, e logo que a esquadra tiver subido para Humaytá, tel-o-emos em estreito sitio.

Piá. - Se Deus quiser, assim acontecerá.

Red. - E não houve encontro algum entre as forças alliadas e o inimigo?

Piá. _ Houve, sim senhor, um combate de cavallaria, do qual resultou os nossos destroçarem completamente a cavallaria do tyranno.

Red. - Que parte de nossa cavallaria entrou em acção?

Piá. - Forão 2.400 Rio-grandenses, commandados pelo valente general Andrade Neves, este illustre filho do Rio Grande, que tantos louros já conquistou e tanta honra ganhou nessa gloriosa guerra.

Red. - E o tyranno póde mais uma vez convencer-se da eterna verdade, que a cavallaria do Rio Grande é invencivel e faz prodigios de valor, toda vez que se trate de desaffrontar a honra da patria commum.

Piá. - O general Mitre tornou afinal a voltar ao theatro da guerra e em 31 do mez passado assumiu o commando em chefe do exercito alliado. Meu amo já leu a carta que lhe dirigiu o Marquez de Caxias?

Red. - Não; o que dizia ella?³³⁴

Após opinar sobre o cenário de guerra naquele momento, enaltecer a cavalaria da província que luta em nome da honra e contra o tirano Solano Lopez, o periódico expõe sua insatisfação em relação a desigualdade de compromissos entre os aliados atacando a figura de Mitre. Além disso, o jornal analisa a complicada situação política interna na Argentina e mostra preocupação quanto às indefinições no país vizinho.

Piá. - Caxias mandou-lhe dizer que o exercito debaixo de sua direcção, já tinha avançado até Negrete e que, se Mitre quizesse vir honrar o campo com sua presença, o poderia fazer com toda a segurança.

Red. - Homem, não deixa de ler seu sal a tal carta. Não sei se Mitre comprehendeu o recado, mas a mim parece que o velhote mangou seu bocadinho com elle, dizendo-lhes aquellas palavras.

³³⁴ A Sentinella do Sul – Colloquio entre o Redactor e seu Piá - Porto Alegre, 25 de agosto de 1867 – MCHC.

Piá. - E o mais é que tem razão, porque tudo quanto até agora tem sido feito no theatro da guerra, fizeram-no os generaes brasileiros, e Mitre foi passear a Buenos-Ayres, quando sua presença era mais reclamada.

Red. - Sim, agora que as maiores difficuldades estão vencidas, o general em chefe volta para que depois lhe caiba a elle a maior parte dos louros. O systema não é máu.

Piá. - Verdade é que o pobre do Mitre tem bastante em que pensar por causa dos seus negócios de Buenos-Ayres, que não vão muito bem.

Red. - Lá isto é verdade; o respeitavel ancião de S. José está começando a tornar-se importuno com as suas compras de armamento moderno, revistas e reuniões politicas e militares. E' singular paiz aquelle. Urquiza não passa d'um empregado, do governo, é subdito argentino e portanto devia obedecer a Mitre, mas sem dar-lhe a menor satisfação, compra elle armamento, reúne gente e prepara se com todo descanço para a revolução que proxivamente vai encabeçar, segundo todos seus indicios. E o governo argentino não tem força nem energia bastante para impedir a compra de espingardas d'agulha, artilharia raiada, etc., que um seu subdito faz com a maior ostentação.

Piá. - Sempre lhe direi, meu amo, que aquillo por lá não está muito em ordem e tenho muito receio, que acabada a questão do Paraguay, venhamos a ter duvidas com os nossos leaes alliados, mormente se Urquiza conseguir assenhorear-se do dominio da republica.

Red. - Não duvido nada, e se as operações no Paraguay tornarem outra vez a um estado de longa inacção, tenho até receio que Urquiza levante o grito da rebellião, antes de concluida a guerra contra aquella republica.

Piá. - Muita gente assim pensa, e certo é que o estado de cousas no Rio da Prata, não tem nada de agradável para o Brasil, que sabe Deus que enormes sacrificios terá ainda de fazer, para assegurar á America do Sul o estado de ordem e progresso que anhela, e para qual são eternos obstaculos essas republicuetas hispano-americanas, onde só reina desordem e eterna luta de partidos.

Red. - Homem, estas ficando um politico rematado e orador de mão cheia. (...)

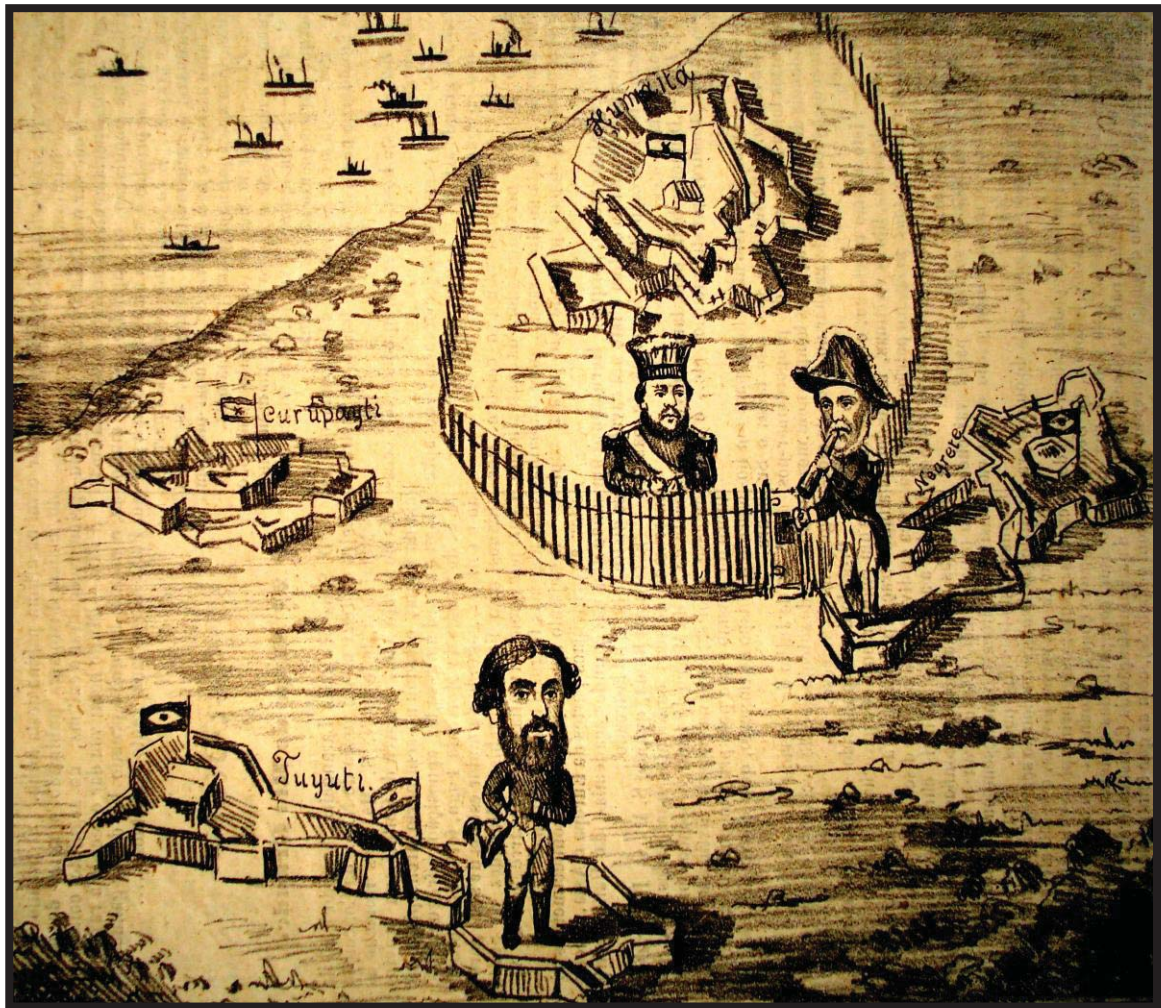
Piá. - A assembléia provincial vai reunir-se agora em Setembro e todos dizem que não a epocha de suas sessões, a Sentinella vai ter muito que fazer e tornar-se muito interessante.

Red. - Póde ser que tenham razão, porque durante as lutas parlamentares sempre reina uma certa agitação na população da capital e dão-se muitos factos que se prestão á serem analysados com a penna (...). E eu tenho um certo gosto por essas cousas, aprecio muito as discussões, as quaes costume assistir, e não deixarei de ocupar-me com ellas, toda vez que haja panno para as mangas.³³⁵

Junto com o diálogo, a folha oferece uma ilustração com as posições de Curupaiti, Tuiti e Negrete ocupadas pelos aliados. A forma como o cerco à fortaleza de Humaitá é representada, com Solano Lopez acuado inclusive pela presença da esquadra as margens do rio Paraná, expressa bem o quanto era aguardada a notícia de fim de guerra.

³³⁵ A Sentinella do Sul, 25 de agosto de 1867.

Figura 7: As posições ocupadas pelos aliados.



FONTE: Sentinella do Sul, Porto Alegre, 25 de agosto de 1867.

Até o início de novembro, quando os aliados tomaram a posição de Tahi cercado completamente por terra a fortaleza de Humaitá e Solano Lopez tentou reagir sem sucesso ao atacar o acampamento de Tuiuti, aparentemente os assuntos ligados a guerra ficaram em segundo plano para a maioria das folhas da província. Conforme a *Sentinella do Sul* e o *Correio do Sul*, ambos de Porto Alegre, haviam alertado em seus últimos números de agosto, as atenções nos próximos dias estariam voltadas para a Assembléia provincial que se reuniria em setembro. Em setembro, no dia 16, enquanto os aliados encontravam-se inertes, o *Jornal d'Annuncios* publicado na cidade de Pelotas e que tinha como principal finalidade anunciar e publicar ocorrências lembra a guerra divulgando o “*Canto de um bravo na guerra do Paraguai*”.

Qual atacar, qual história!
Morra a glória, e viva a pança!
Vindo os cobres, não me importa
Da victoria co'ardança!
(...)
Na barraca descançando,
bem longe das metralhadas,
Não gosto de ouvir nas peças
As tremendas gargalhadas
(...)
seria cousa mui chique
Sem uma perna ou um braço,
Voltar eu a chara patria
E viver feito um madraço!
(...)
Nada nada, vamos indo;
pouca pressa na conquistas
dos valentes que já foram
Não quero achar-me na lista!
(...)
Por isso, lá vai um trago
De puríssima aguardente...
e deitado com desccanço...
vou cantando frescamente.³³⁶

No início de novembro, na edição do dia 06, o *Actualidade* apresenta a seus leitores uma crônica com o título “*O presidente e a opposição*”, na qual destaca os cuidados que o presidente da província, Homem de Mello, tomou diante dos rumores de que Urquiza estaria organizando invasão ao Rio Grande do Sul. Na época, pelo que observamos, outras folhas também trataram do assunto. Ao cumprimentar o presidente, o redator relembra as duas invasões que assolaram a província em janeiro e julho de 1865, que, segundo ele, foram resultados da imprudência do governo.

Como se não bastasse o simples raciocínio para evidentemente provar quão previdente, necessário e justo foi o acto da presidencia, fazendo marchar o contingente do batalhão da Guarda Nacional da Capital para ir guarnecer as fronteira limithrophes ás republicas do Prata; nós vamos combater a injusta (...). Não a duvida alguma que a nossa Capital se não tem esquivado a pagar o tributo que lhe foi imposto, ella concorreu com 33 de voluntários (...). Porem posta em relação sua população com a dos outros pontos da provincia, exceptando o municipio de São Leopoldo, tem sido o que menos concorreo para o pagamento dessa divida sagrada; e pondo em equiparação com o quantum que dera São Gabriel, não entrou com 50,0 para esse capital precioso que a provincia emprestou ao Brasil par que deffendesse a honra de seu pavilhão que Lopez tentou macular. Não faz ainda muito que duas invasões de vandalos talarão

³³⁶ Jornal de Annuncios – Canto de um bravo na Guerra do Paraguay – Pelotas, 19 de setembro de 1867 – MCHC.

nossas fronteiras, assassinarão nossos comprovincianos, incendiarão nossas casas, lavouras e campos e dizimarão nossos rebanhos; uma em Janeiro por Jaguarão ao mando dos caudilhos Munhoz, Apparicio e Angelito Muniz; outra em julho sob o commando de Estigarribia, que desde S. Borja até Uruguayana, nesta longa marcha deixara em sua retaguarda cinzas e sangue. E a que foi devido tanto prejuizo, tanta vergonha e tantas desgraças? A improvidencia, ou para bem explicar-nos ao relaxamento e a especulação. Queixamo-nos, e se então tinhamos razões para fazel-o, por que se não prevenio porque se accusa hoje quem a previne com tempo? (...) Choramos a cegueira dos opposicionistas, que nem sequer querem ver a gente que Urquiza armou e mandou para casa esperar o momento favoravel para dar seguro bote (...) Que vierão elles fazer? É claro, não pode ser contestado que vierão estudar o plano de operações, escolher o ponto vulneravel, o de mais facil entrada, e qual a guarnição das fronteiras. O pior cego, ou o pior surdo, diz o adagio: E' aquelle que não quer ver ou ouvir.³³⁷

Editado também em Porto Alegre, o *Jornal do Commercio*, folha comercial, literária e noticiosa, muito pelo longo tempo em que circulou, contrastando com a grande maioria dos periódicos, tornou-se um dos mais respeitados do período. Porém, não só o longo tempo que circulou e o bom número de exemplares encontrados nos arquivos, principalmente no Moisés Vellinho,³³⁸ fizeram do jornal, órgão oficial do governo, um dos mais significativos para o trabalho.

O modo como os vários redatores do jornal tratavam os diversos temas ligados ao conflito no Paraguai, publicando longos boletins oficiais e reproduzindo retrospectivas mensais dão ao jornal certa especialidade. Além do mais, o grande número de correspondências que recebia e apresentava ao seu público, vindas de jornais de São Gabriel, Uruguaiana, Bagé e São Borja, por exemplo, torna o jornal, apesar de suas intenções particulares, talvez a principal fonte para expormos o comportamento da imprensa sul-rio-grandense no desenrolar da Guerra do Paraguai.

No mesmo dia, 06 de novembro, em que o *Actualidade* fez críticas á aqueles que não reconheciam os cuidados do presidente Homem de Mello na defesa da fronteira do Rio Grande do Sul, o *Jornal do Commercio* publica noticias vindas de Bagé e que contrariam as informações do *Actualidade*.

Escrevem-nos de Bagé o seguinte:<< Acabamos de ser informados pelo bravo capitão Manoel Pereira da Silva, que partiu do exercito no dia 6 e aqui chegou no dia 21, que os boatos de reuniões de Urquiza em Entre Rios e Corrientes são inteiramente falsos: Urquiza se conserva em sua fazenda, e passa porção de dias na cidade de Rosario tratando do embellesamento da cidade. Hontem chegou

³³⁷ Actualidade – O presidente e a opposição – Porto Alegre, 06 de novembro de 1867. MCHC.

³³⁸ AHMV – Arquivo Histórico Moisés Vellinho.

tambem do exercito o alferes Luiz dos Santos, que dali partiu no dia 8, atravessou a provincia de Corrientes, e assegura que não existem semelhantes reuniões e nem se falla em tal, pelo que se vê todos esses boatos são espalhados pelo paraguayos de lá ou pelos de cá, inimigos todos dos nossos cofres nacionaes.>>³³⁹

Três dias depois, na edição do dia 09 de novembro, o jornal apresenta uma interessante retrospectiva sobre o mês de outubro na qual avalia novamente a situação, dessa vez, reforçando as palavras do redator do *Actualidade*. Porém, junto com os elogios ao presidente da província pelas providências tomadas, a folha destaca o sofrimento do povo sul-rio-grandense na luta contra o sempre tido como tirano, Solano Lopez.

Uma noticia aterradora despertou nos primeiros dias do mez de outubro a população da capital em sobressalto. Forão as communicacões da fronteira, que davão Urquiza em marcha contra o exercito alliado (...) Felizmente, d'esta vez ainda houve exageração: Urquiza prepara-se para uma lucta, mais ainda não declarou suas intenções; (...) Nas fronteiras do sul tambem se desvanecem os receios. (...) De momento, porém, esse perigo pode surgir de todos os lados e por isto devemos estar promptos a fazer-lhe frente. Louvavel, pois, e digno de especial nota, foi o empenho com que o nosso presidente, o Sr. Homem de Mello, logo ao receber a noticia official dos temerosos boatos que circulavão nas fronteiras do norte, como nas do sul, tratou de empregar todos os meios ao seu alcance para guarnecer os pontos quiçá ameaçados. Mandando proceder á reuniões da Guarda Nacional em toda a provincia, S.Ex. mandou contingentes de Porto Alegre, Rio Pardo e Cachoeira e os que em outros termos estão sendo reunidos na mesma, para as nossas fronteiras do Uruguay, e deu ordem de marcha a idénticos contingentes da guarda cívica de Rio Grande, de Pelotas, Piratini, Bagé, etc., que deverão se occupar da fronteiras do sul e impedir qualquer movimento repentino, como no tempo do Sr. Gonzaga. Louvores sejam dados á S. Ex. pelas providencias que tomou, embora ellas viessem pesar de maneira sensível sobre o povo, já tão exausto e prostrado, pelos constantes sacrificios de vidas e sangue que tem feito n'essa sangrenta guerra contra o tyranno do Paraguay.³⁴⁰

Na mesma retrospectiva, todavia, são outras questões que merecem maiores cuidados. Uma delas, seguramente, diz respeito à fracassada tentativa do inglês Gould obter a paz no continente. Sobre essa questão precisamos mais uma vez considerar a impopularidade da guerra que naquele momento, em que as forças aliadas estavam praticamente sem ação apesar de estarem bem posicionadas, aumentava a cada dia. Não era

³³⁹ *Jornal do Commercio* – A' respeito de Urquiza – Porto Alegre – 06 de novembro de 1867. AHMV.

³⁴⁰ *Jornal do Commercio*, Porto Alegre, 09 de novembro de 1867 - Retrospectiva mensal, outubro – AHMV.

a primeira tentativa de terminar a guerra ignorando aspectos importantes do tratado de 1º de maio de 1865, o encontro entre Mitre e Lopez ocorrido em setembro de 1866 já era resultado do desgaste e descompasso entre os responsáveis por conduzir os aliados contra o Paraguai. Dois sentimentos são notados na memória que o *Jornal do Commercio* faz sobre o mês de outubro: a frustração provocada pelo adiamento do fim da guerra, que parecia tão próximo, e a repulsa em relação a um acordo de paz incapaz de garantir, conforme o discurso do governo, a honra do povo brasileiro.

Um mez deslisou-se pelas paginas da historia, desde o nosso ultimo retrospecto. Recapitulemos os factos que assignarão a sua passagem nos annos do império, e principalmente nos d'esta varonil provincia. As fracas esperanças de paz, que ao findar-se o mez de Setembro brilhavão atravez das negras nuvens encampelladas no horisonte lá pelas longínquas praias do Paraguay, não forão mais que um meteoro, ou antes, um foguete artificial que por momentos ostentou fictício brilho, para depois sumir-se no nada, que era a sua origem e essencia. Não nos enganamos, quando em nosso ultimo retrospecto dissemos: a paz, feita com Lopez e não assignada sobre as ruínas de Assumpção, é a deshonra! Não nos enganamos, e como nós, pensou a grande alma da nação, como nós também pensou o governo, que activando as reuniões e remettendo tropas para o theatro da guerra, deu a unica resposta possível às officiosas propostas do secretario da legação ingleza na Confederação Argentina. Mas não fomos nós sós que assim respondemos: Lopez também, na extensa nota do ministro Caminos ao Sr. Gould, recusou formalmente os officios da Inglaterra. Sua proposta foi prova de que aquella negociação não passou de uma comédia, na qual Lopez, abusando da ingenuidade do futuro diplomata inglez, achou meios de enviar à Europa mais um novo próprio para favorecer a sua causa. Não, a paz era impossível, ella não podia fazer-se, e o Brasil deve levar a sua cruz ao Calvario, para afinal conquistar esplendido triumpho. O paiz não quer a paz á troca da deshonra: elle a quer, deseja a ardentemente, mas digna, honrosa, fructifera para a civilização e a liberdade do commercio e da navegação universal. E pois, desabusado o Sr. Gould, de suas illusórias esperanças, a guerra continua sem interrupção (...) ³⁴¹

O pensamento de que o Tratado da Tríplice Aliança deveria ser respeitado até o final fica bastante claro, notadamente no referente às tratativas de paz. Assim, de modo geral, a opinião pública, expressando o sentimento da sociedade, desejava ardentemente o final da guerra e inclusive se mostrava impaciente com sua continuidade, porém, ao mesmo tempo, criticava qualquer possibilidade de a guerra ser finalizada sem que Solano Lopez fosse definitivamente derrotado.

No dia seguinte, a crônica continua dando destaque para os sucessos dos aliados em São Solano, Vila do Pilar e Tahi em setembro e outubro de 1867, que garantiram o

³⁴¹ *Jornal do Commercio*, 09 de novembro de 1867.

cerco á fortaleza de Humaitá tornando a situação ainda mais difficil para Lopez. Chama a atenção, porém, que possivelmente pela cansativa espera pelo fim da guerra, ao reconhecer e eternizar os feitos da cavalaria sul-rio-grandense e de personagens como os generais Andrade Neves e Porto Alegre, esse último festejado por impedir que Lopez recuperasse a posição de Tuiuti, a folha acaba revelando grandes dificuldades como a cólera, a falta de comida e munição para os soldados que, além de tudo, não recebiam mais seus soldos.

A Villa do Pillar, tomada em franco assalto pelo heróe Andrade Neves e seus valentes rio-grandenses é um eterno padrão de gloria para as armas brasileiras, que ahi conquistarão um dos seus mais esplendidos triumphos n'esta luta que tantos louros tem reunido o exercito do Brasil. Honra seja feita á cavallaria rio-grandense ao seu destemido chefe! O dia 21 de setembro marcou mais um facto importante na historia da guerra. (...) Há derrotas que são mais gloriosas que muitas victorias esta foi uma d'elas: fomos rechaçados, mas guardamos as nossas posições, salvamos o comboio. E não basta: o dia 3 de outubro gravou uma nova vitória nos annaes do exercito brasileiro. Atacado quase de surpresa em S. Solano, os generaes Andrade Neves e Mena Barreto e o coronel Fernandes Lima, alcançaram mais um esplendido triumpho envolvendo o inimigo e aniquilando toda a sua coluna. Ao passo que em terra conquistavão os nossos bravos essa nova Victoria, a esquadra, bem situada em frente á Humaytá, continuava a lançar suas bombas e balas ardentes sobre os reductos do inimigo, causando-lhe grandes estragos. Mas nem tudo são glorias, a medalha tambem tem seu reverso. E' o cholera que invade outra vez o exercito, dizimando suas fileiras; são as dificuldades de communicação entre os dois exércitos, o perigo em que estão todos os comboios com viveres e munições; é o incêndio que devora os barracões de commercio e a capela provisória; é finalmente a falta de recursos, que desmoralisa os soldados, que há 8 mezes não recebem soldos e passam dias á meia ração. E' que esta guerra não é brinquedo; é que ella ainda nos vai custar sacrificios immensos; o valor e abnegação do exercito brasileiro, porém, são inesgotaveis e superarão todos os obices e todas as dificuldades. Novas glorias sem dúvida, novas victorias nos trará o mez que começa, e oxalá possa elle avisinhar-nos do termo d'esta lucta, em que o Brasil se sacrifica em prol da civilisação e dos interesses do commercio universaes; nobre tarefa, mais perigosa tambem e cheia de sacrificios.³⁴²

No mesmo exemplar, encontramos um pequeno comentário a respeito da guerra no qual a folha fortalece os valores e a importância do Rio Grande do Sul salientando a desigualdade de esforços em prol da guerra e reclamando a pouca participação política da província no cenário nacional.

Honra seja feita á este nobre e valente povo. E' inesgotável o patriotismo do Rio Grande, e enquanto um filho da província poder ainda manejar a lança ou brandir a espada, não se sujeitará á desonra, não se curvará ao inimigo. Mas onde

³⁴² Jornal do Commercio, Porto Alegre, 10 de novembro de 1867. AHMV.

fallecem as forças, onde a lucta se torna suprema, o governo deve cuidar de reforços, tanto mais quanto províncias há, dez vezes mais populosas que a nossa, e que ainda nada fizerão, que nem 1.000 soldados fornecerão até agora, embora fornecerão á representação nacioanal e aos conselhos da coroa a terça parte de todos os seus membros.³⁴³

Na edição de 16 de novembro o *Jornal do Commercio* publica correspondência que recebeu de *O Annuncio*, de São Borja, contendo a notícia sobre o bloqueio imposto pelo exército aliado sobre Humaitá e louvores ao general Osório e ao marechal Caxias, esse, poucas vezes lembrado pela imprensa da província.

Se é inesquecível o arrojo do general Osorio, invadindo o Paraguay com quarenta mil homens, não é menos o do marechal Caxias na sua emprega de sitiar com pouco mais as forças inimigas concentradas em suas fortificações que se estendem desde Curupaiti até o flanco direito de Humaytá. O primeiro conseguiu a sua passagem seem outro fim mais do que acampar o exercito em territorio paraguayo, como se no Brasil já faltasse terra para o jazigo de tantos milhares de filhos denodados. ; o segundo conseguirá talvez o seu empenho de assediar o longo terreno constituído em verdadeira praça-forte, trancando litteralmente o inimigo pelo lado do Chaco, que lhe derem nunca menos de vinte mil homens.³⁴⁴

Pela correspondência percebe-se também uma tentativa de justificar o prolongamento do conflito denunciando o despreparo do Império para o mesmo, mas também a elaboração de planos impossíveis de serem executados. Nesse ponto, o jornal colabora com a explicação normalmente utilizada para explicar o prolongamento do conflito: falta de experiência militar em conflitos mais longos e falta de sintonia entre as idéias ou interesses dos principais líderes.

Ambos elles compreenderão a sua situação; ambos arriscarão a sua reputação como meio de acalmar a sofreguidão imperdoável dos generaes de casaca, que fantasião planos inexquiveis, e exigem do governo a sua prompta execução. Já que o Brasil aceitou a guerra sem os necessários elementos para inicia-la com vantagem, cumpre esperar com prudência pela sua marcha, que por isto mesmo

³⁴³ *Jornal do Commercio*, Porto Alegre, 10 de novembro de 1867.

³⁴⁴ *Jornal do Commercio*, Porto Alegre, 16 de novembro de 1867. AHMV.

não póde ser rápida. E' mister que nos resignemos ás circumstancias, e não desesperamos do triumpho, se quizermos evitar a humilhação e o ludibrio.³⁴⁵

Três dias depois, na edição do dia 19 de novembro, o *Jornal do Commercio* publica em suas páginas os boletins oficiais do exército emitidos do quartel general em Tuiú-Cuê nos dias 01 e 02 do mesmo mês. Ao divulgar esses boletins, além de novamente trazer as vitórias alcançadas em Tahi, a folha oferece ao leitor detalhes sobre número de mortos e feridos.

<< Tenho a honra e satisfação de comunicar á V. Ex. a noticia dos importantes triumphos alcançados pelos nossos soldados, extractada das cartas do Exm. Sr. Marquez de Caxias, com datas de 1 e 2 do corrente mez. O primeiro foi a tomada da forte posição do proteiro Obello, defendida por três ordens de trincheiras apoiadas em banhados que nossos soldados passarão com garra.(...) Tomamos tambem no referido potreiro 2.500 rezes, muitos bois mansos e alguns cavallos ensilhados. Nossa perda foi de 352 homens fora do combate entre mortos e feridos. O segundo triumpho tem lugar em Tayi, para onde fez Lopes seguir de Humaytá tres vapores, á noite, com a tropa. Aquella força esta manhã foi atacada e derrotada completamente pela nossa (...) quase nenhum paraguayo escapou. Dos 800 que se calcula sua força, mesmo os que se atirarão á água muitos foram mortos. Tivemos apenas 10 mortos e 21 feridos.>>³⁴⁶

Na mesma edição, o periódico publica parte de correspondência enviada por Bartolomé Mitre para o vice-presidente argentino Marcos Paz, na qual o chefe das forças aliadas relata alguns números sobre a vitória aliada em Tuiuti e confirma o completo bloqueio, naval e terrestre, estabelecido contra Solano Lopez. Diante das novas notícias, a folha volta a demonstrar otimismo quanto ao desfecho da guerra, prevendo inclusive, que o próximo ano ficará marcado pelo fim do conflito.

Exm. Sr. vice-presidente da republica, Dr. Marcos Paz. Depois de minha ultima que noticiava o triumpho de Tuyuty, nada ocorreu de novo. A perda do inimigo foi maior do que annunciei. Até hontem enterrarão-se 2.010 cadavers do inimigo, e ainda havia muitos nos banhados (...).Depois de 24 de Maio, que o inimigo teve 5.000 mortos, não houve mortandade mais espantosa n'esta guerra. Nossas perdas tambem foram maiores do que annunciei anteriormente, todavia não são consideraveis. (...) Por terra já não entra nada ao exército paraguayo e o bloqueio

³⁴⁵ *Jornal do Commercio*, Porto Alegre, 16 de novembro de 1867.

³⁴⁶ *Jornal do Commercio*, Porto Alegre, 19 de novembro de 1867. AHMV.

fluvial e terrestre é completo. Em tal situação estamos igualmente prevenidos contra uma tentativa desesperada de Lopez. Após os acontecimentos últimos, estamos a crer que a tremenda lucta com o tyranno Lopez está a terminar e parece fora de duvida, que o anno de 1868, nos trará a paz que tanto almejamos, depois de ter esmagado o mais vil e traiçoeiro dos governos. Bem vinda seja a paz.³⁴⁷

Na edição do dia 24 de novembro, a expectativa do jornal fica ainda mais clara quando sua crônica já demonstra preocupação quanto às duras consequências que os longos anos de guerra trouxeram. Foram às dificuldades financeiras, resultantes do compromisso com a guerra e os altos juros que deveriam ser pagos que mais preocuparam o redator. Colocando a abolição da escravatura como certa, o periódico defende a chegada de imigrantes como sendo a principal saída para se afastar à crise e recuperar os cofres públicos.

A' medida que vamos chegando ao termo d'essa dolorosa chamada guerra do Paraguay, tambem mais claramente se manifestão as tristissimas consequências d'esse esforço extremo á que foi obrigado o paiz, e que lhe exauriu a seiva vital, esgotando todos os seus recursos financeiros. Para podermos fazer face á esses compromissos há um único meio efficaz, - o augmento da renda publica (...) Para conseguir isto, é absolutamente preciso augmentar-se a renda do Imperio pelo augmento da produção; porque augmentar-se a renda por novos impostos lançados ao trabalho e a producção actual, seria uma heresia econômica, uma verdadeira desgraça para o paiz. Demasiados já são os últimos impostos que vierão onerar a producção, a industria e o commercio; querer-se augmentar este peso para fazer face aos antigos e modernos compromissos financeiros, seria ameaçar o Brasil com a mais completa e prematura ruína. O grande problema, pois, é augmentar-se a renda de maneira suave e natural, pelo augmento da producção; para conseguirmos isto, a condição essencial é a aquisição de novos braços, tanto mais quanto inevitável é a abolição da escravidão. Para o Rio Grande, que poucos escravos possui e cujos braços fortes e vigorosos forão sensivelmente diminuídos pelo pesadíssimo tributo que lhe impoz a guerra, a aquisição de braços é uma imprescindível necessidade; a nossa colonisação é o balsamo soberano para as feridas que esta horrível guerra nos abriu. Convicto d'esta verdade, por vezes já temos feito sentir a necessidade de se dar maior desenvolvimento á imigração, que nos últimos annos foi insignificante.³⁴⁸

Nos dois exemplares de dezembro, um do dia 18 e outro do dia 24, encontramos duas crônicas que ilustram tanto o momento militar quanto o da imprensa, determinada a denegrir a imagem de Solano Lopez, construída pelo Império e fortalecida por ela própria.

³⁴⁷ Jornal do Commercio, Porto Alegre, 19 de novembro de 1867.

³⁴⁸ Jornal do Commercio, Porto Alegre, 24 de novembro de 1867. AHMV.

Apesar de registrar as dificuldades, os prejuízos e de se mostrar inconformada com o pouco valor dado ao empenho da província, a imprensa do Rio Grande do Sul até o início de 1868, de modo geral pelo que averiguamos, além valorizar as virtudes dos sul-riograndenses preocupou-se, principalmente nos momentos mais difíceis, em justificar a necessidade ou então a missão brasileira na guerra.

Bom exemplo dessa postura é encontrado na crônica do *Jornal do Commercio* na edição do dia 18 de dezembro de 1867. Nela, ao noticiar a visita de Solano Lopez ao campo em que ocorreu a batalha em Curupaiti, longo tempo depois de esse ter sido abandonado pelos aliados, o cronista realça a imagem de covarde e de tirano dada ao presidente paraguaio desde o início da guerra. O discurso do governo se mantém vivo quando é lembrado o tratamento que os paraguaios davam aos prisioneiros do Marquez de Olinda e principalmente quando afirma que o governo de Solano Lopez era o grande mal do continente.

Tres mezes depois do ataque de Curupaity, Lopez quis visitar os entricheiramentos d'esse lugar e ver o campo de combate. Os paraguayos costumão receber Lopez com vivas e aclamações de toda a classe tendo a cabeça descobertas. Porém desta vez houve ordem que ninguém d'esse um grito nem tirasse o bonet. Pouco depois apresentou-se um homem com largo poncho e chapéo á mexicana, e depois delle vários ajudantes á uma quadra de distancia. Era Lopez que de medo e cobardia se disfarçara para visitar tres meses depois um campo abandonado pelas nossas forças! Tal é a índole d o tyranno que continua a sacrificar esse desgraçado povo ao passo que que elle fica a uma ou duas léguas distante do lugar onde morrem milhares de paraguayos. Lopez nunca assistiu ao mais pequeno combate (...). Porém, o que mais no tem indignado é a maneira selvagem por que elle trata o presidente do Mato Grosso e os officiais aprisionados no Marquez de Olinda. Estes distinctos cavallheiros brasileiros vivem no Passo-Pacú, debaixo de uma casa de palha quase toda aberta e no mais nojento estado. Dá-se-lhes todos os dias um pedaço de carne e uma espiga de milho; são elles que cozinhão e que se servem, sem contar com recurso algum. Estes factos são positivos, garantimos a sua veracidade, para que ninguém duvide d'elles e se conheça as crueldades que pratica Lopez até com homens respeitáveis como o presidente do Mato-Grosso. A coroa do autocrata Solano Lopez é e será sempre a maldição da humaniadde e uma nodoa da historia americana. A luz vai se fazendo, e quantas maldades não havemos de saber depois de concluída a guerra!³⁴⁹

Já na edição do dia 24, dois são os pontos que chamam a nossa atenção: as criticas feitas contra Bartolomé Mitre, responsabilizado pela falta de operações militares

³⁴⁹ Jornal do Commercio, Porto Alegre, 18 de dezembro de 1867. AHMV.

contra os paraguaios e a preocupação em relação a uma possível aproximação entre os governos da Argentina e do Paraguai visando um acordo de paz.

O que nos custa a compreender são as operações diante do inimigo. Vemos a esquadra brasileira bombardear segura, eficazmente a fortaleza de Humaytá e as fortificações de Curupaity, mas não vemos que as tropas aliadas respondão por terra atacando simultaneamente os paraguayos. E todos perguntão como isto se explica. O marechal Caxias, por meio de um hábil movimento de flanco, contornou com indomável energia o inimigo caindo-lhe sobre a retaguarda, tudo parecia estar prompto para um ataque feliz quando o general Mitre se apresentou a toda pressa para reassumir o commando, e a inércia tornou-se a ordem do dia onde antes predominavão a actividade e a coragem. Por esta mudança de plano todos aqui fazem carga ao general Mitre, censurando-o. Se elle carecia de reforços de certo não faltavam meios de argumentar sem grande demora o contingente argentino, mas não vemos que taes esforços tenham sido pedidos. Porque? torna-se a perguntar. Além d'isto, vemos nas folhas de Buenos Ayres injustas censuras da esquadra e exercito do Brasil, sobre os quaes recae todo o peso da guerra. Qual a razão de tudo isto? A Victoria, não podemos duvila-o, está ou esteve ao alcance da mão dos alliados. Caxias parecia na véspera determinar triumphante a guerra. A esquadra brasileira está mostrando para quanto serve, mas o exercito não se move. Não podemos compreender a causa. Hontem o vapor ----- trouxe-nos do Rio da Prata a noticia de ter feito Lopez propostas de paz, que o governo de Buenos Ayres julgava aceitáveis. Quaes são, porém, estas propostas? Veio isto deixar-nos ainda mais perplexos.³⁵⁰

Já era possível notar no final de 1867, mesmo sem muitos exemplares de 1865 e 1866 para análise, que o entusiasmo dos periódicos já não era mais o mesmo. Apesar de as novas abordagens não significarem exatamente críticas contra o governo imperial, o relacionamento conturbado entre os aliados, dúvidas em relação à continuidade da guerra e a insatisfação quanto à desvalorização pelos empenhos da província passaram a ser frequentes nas páginas dos jornais.

3.4 – 1868: as contradições do discurso e a paciência esgotada

Com o avanço aliado sobre Curupaity e o cerco imposto à fortaleza de Humaitá os ânimos foram sensivelmente renovados. Depois de longos meses sofrendo com as penúrias da guerra os jornais enunciavam a vitória como certa e esperavam anunciá-la antes mesmo do início de 1868. Porém, a grande expectativa foi transformando-se com o passar dos primeiros dias do novo ano em uma visível frustração.

³⁵⁰ Jornal do Commercio, Porto Alegre, 24 de dezembro de 1867. AHMV.

Enquanto aguardava pela notícia da vitória contra os paraguaios, as folhas trataram de reforçar as críticas contra Solano Lopez, recordar as vitórias numa clara tentativa de manter a mobilização, mas também, de um modo que até então não havia ocorrido, passaram a contestar a conduta dos aliados, notadamente dos argentinos. Apesar disso, averiguamos que mesmo as menores apreciações não eram dirigidas diretamente ao governo. Na maioria das vezes, a “crítica” vinha combinada com acusações contra Lopez, com dúvidas sobre a atuação dos aliados, com justificativas ligadas ao clima e as dificuldades impostas pelo terreno e principalmente com louvores direcionados a província e ao “honrado e destemido” povo sul-rio-grandense.

Na crônica do *Jornal do Commercio* publicada na edição do dia 04 de janeiro de 1868 temos uma boa amostra do comportamento da imprensa até aquele momento. Ao mesmo tempo em que lamenta a continuidade da guerra e reconhece o sofrimento e as dificuldades financeiras determinadas por ela, o cronista recupera o quadro militar favorável às forças aliadas, avalia a importância de Caxias e de Osório, enfatiza as condições naturais, ataca os aliados e reforça a necessidade de defender a honra do Império.

Não realizou o anno de 1867 as esperanças que em seu começo acariciavão o Brasil. A melindrosa situação que então se antolhava ao império não melhorou; o horisonte, carregado de negras e encastelladas nuvens ao despontar a aurora de 1867, ainda hoje não está límpido e claro. (...) Essa guerra insana que pelemos, não só contra as forças do inimigo, mas também contra as crueldades do clima e da peste, contra o desleixo dos nossos próprios aliados deve ter seu fim porque vai n'ella a dignidade e a honra do imperio. O grosso do exercito moveu-se de Tuyuty para Tuyu-Cuê e S. Solano, d'ahi tomou Pilar, potreiro Obella e o passo de Tayi, desorte que o cerco de Humaytá está completo, com excepção única da saída que Lopez está abrindo no Chaco. (...) Á esquadra, forçando a passagem de Curupayti, acha-se fundeada junto aos muros de Humaytá, que é constantemente bombardeado. (...) A influencia do commando do primeiro estratégico do Brasil, do velho Marquez de Caxias, se manifesta claramente em todas estas disposições que offercem a garantia de um bom êxito de lucta, embora não se possa determinar a sua duração. O anno de 1867, que operou mudanças no commando em chefe, e que viu surgir um novo corpo do exercito, o terceiro, no theatro da guerra sob o mando do valente barão do Herval, foi rico em glorias para o Brasil, mas essas glorias do campo de batalha, forão compradas á custa de sacrificios sem fim e sem conta.(...) Não forão as balas do inimigo que mais estragos fizerão; foi a peste, foi o cholera morbus que aceifou tantas existências preciosas e atirou á orphandade e viuvez um sem numero de famílias, tirbuta que em mais vasta escala foi pago pela nossa província. Cerca de 40.000 soldados forão no decorrer do anno remetidos do imperio para o theatro da guerra afim de preencherem as lacunas abertas no exercito aliado pelas armas inimigas e pelos estragos da peste.O Brasil, adversário sempre leal e dedicado supporta quasi só o peso de todos os sacrificios d'esta horrível guerra.(...). A resistência pertinaz do tyranno paraguay, ainda dará que fazer ao exercito aliado, entretanto deve ser a paz dictada pelos aliados sobre as ruínas de Humaytá ou sobre os muros de

Assumpção (...) resultado que firmará nossa preponderancia na América do Sul.
351

A *Sentinela do Sul*, no dia seguinte, embora não faça tantas considerações sobre o conflito manifesta um sentimento semelhante quando procura justificar o conflito e amenizar o seu prolongamento destacando o dever de defender a honra do Império.

A guerra não é o parto violento da resolução de um homem, seja elle um semi-deus, seja outro Napoleão ou qualquer ambicioso autocrata; é um successo providencial que se filia ás leis da historia e á marcha da civilisação. Assume por vezes proporções de um acontecimento fatal, como qualquer producção da ordem physica. E' de triste melancholia o espactaculo que apresentão essas grandes justas das nações, de heroicos feitos e de lances cruéis. Sob as reverbações da fama dorme a sombra pesada da morte. No chão humido do sangue peleja, pálidos de projectão os clarões da gloria. Não compensão os sacrificios as mais opulentas coroas, as mais ruidosas homenagens; um sentimento porém, se extasia sereno em meio das asperesa de uma campanha, das amargas tribulações da saudade; a consciência do dever, única força que domina o desespero, enérgico sopro que infunde a coragem nos ânimos abatidos. Abençoada a nação sobre que essa virtude impera. Assim é o Brasil e n'este Imperio, que tem dado ao mundo as provas de suas robusta nacionalidade com manifestações repetidas do patriotismo dos seus filhos, desde o mar Amazonas até planícies do sul, o nosso Rio Grande tem sustentado indiscutível primazia”
352

Na edição do dia 09 de janeiro, o *Jornal do Commercio*, obedecendo a uma espécie de regra dos periódicos da província que opinavam sobre a Guerra do Paraguai, continua sua memória sobre o ano de 1867 fazendo referência a efetiva participação do Rio Grande do Sul no conflito.

Lançando as vistas sobre a nossa província, vemos que ella, se não teve motivos para exultar de prazer, pelo menos pode orgulhar-se, levantar altiva a frente e dizer: - cumpro mais uma vez o meu dever; cumpro-o não obstante os enormes sacrificios que nos annos anteriores já havia feito! A província que já havia dado mais de 20.000 homens para a guerra; á província que sofrera uma invasão do inimigo; a província que tem de fornecer quase todos os gêneros alimentícios para o consumos do exércitos, - a está nobre, varonil, mas tão sacrificada província, disse o governo: - Preciso de mais um exercito, preciso d'elle no praso mais curto, e preciso-o valente, destemido, aguerrido e bem disciplinado, porque é elle quem vai dar o golpe decisivo no theatro da guerra! A província ouviu este apello, e sem hesitar, sem lembrar-se que nenhuma de suas co-irmãs fizera tanto

³⁵¹ *Jornal do Commercio*, Porto Alegre, 04 de janeiro de 1868. AHMV.

³⁵² *A Sentinela do Sul*, Porto Alegre, 5 de janeiro de 1868. MCHC.

como ella, que algumas nada fizeram, não obstante terem o quádruplo da população do Rio Rio Grande, - ella, heróica e nobremente resignada como sempre, fez um último esforço e em menos de 3 mezes deu um novo exercito ao imperio. (...) Entretanto, se lançarmos as vistas pela província, não encontraremos senão luto, lagrimas e miséria. Sacrificados desde o principio da guerra, os rio-grandenses já mandarão cerca de 30.000 homens aos campos do Paraguay, e milhares d'esses ahi perderão a vida, succumbindo em combate ou na maca do hospital. Sim, as balas do inimigo, os estragos do cholera e doutras moléstias epidêmicas, os frios e os calores, as privações de toda a espécie, ceifarão ainda milhares de vidas de filhos do Rio Grande, que (...) são os sustentáculos dos seus abandonados agora á mais completa miséria! Sim, triste terrível foi o ano de 1867 para a província do Rio Grande, o luto da orphandade e das viúvas cobriu-a, e a miséria subiu de ponto.³⁵³

Embora registre a disposição dos sul-rio-grandenses no apoio a causa do Império, usando de exemplo a presença do 3º Corpo do Exército organizado e comandado por Osório, a crônica chama atenção do leitor para o estado de infelicidade e miséria que se encontra a província, principalmente na região da fronteira mostrando uma leve tendência de mudança de discurso.

Se em Porto Alegre já se morre de fome, o que irá pelas fronteiras, onde não encontra mais um homem valido, onde marcharão todos que podião manejar uma lança? Luto, pranto e miséria é a partilha do Rio Grande do Sul n'esta malfadada guerra; (...) gloriosa foi essa lucta para o Rio Grande, mas a gloria não paga os sacrificios, a gloria não allivia o luto da viúva e do orphão, a gloria não restitue ás famílias o pão e arrimo que perderão. Oxalá o novo anno nos traga o fim da guerra, e reconduza aos braços de suas famílias, os rio-grandenses que hoje ainda, em numero de cerca de 20.000, pelejão nos theatro da guerra pela honra e integridade do imperio. É tempo que cessem os sacrificios; é tempo que regressem ao lar doméstico os soldados do Rio Grande, onde os esperão a lavoura e o rodeio, desertos há tanto tempo, quase que abandonados. (...) Não queremos glorias por tal preço.³⁵⁴

Ainda no dia 09, em outra nota, a folha refere-se à urgência de se terminar a guerra no Paraguai. Os problemas financeiros e a insatisfação com situação política da província do Rio Grande do Sul, excluída da participação política no cenário nacional, são citados pela folha que, como se estivesse com a paciência esgotada, garante que não deixará de registrar os possíveis erros do governo em relação à guerra.

³⁵³ Jornal do Commercio, Porto Alegre, 09 de janeiro de 1868. AHMV.

³⁵⁴ Ibid.

Não somos dos pessimistas que vêm em todos os actos do ministério outras tantas causas da ruína do paiz; reconhecemos mesmo muitos serviços valiosos prestados por elle em tão mellindrosa situação, mas a homenagem á verdade impôs-nos o dever de tambem proflgar seus erros. Sem outras ligações políticas mais do que aquelas que entendemos em nossa consciência serem de proveito geral para a nossa pátria e especialmente para esta província que collocamos sempre acima de tudo, o Jornal do Commercio nunca se deixará vencer por quasquer considerações. A situação política e econômica do paiz tornou-se a mais anormal possível. O governo imperial, singularmente tenaz em maltratar o Rio Grande, ainda não se dignou restituir-nos o goso de nossos direitos constitucionais, e hoje que está findo o mandato da assembléa provincial não temos mais representação alguma, além da municipal. O Rio Grande não tem deputados geraes nem provinciaes, e entretanto o governo não se resolve a mandar proceder á eleição. Não sabemos se o anno que corremos trará mudança d'essa anomalia constitucional;(...) E' duro ver-se recompensados sacrificios immensos, como a província tem feito sem desprender uma só queixa, sem uma reflexão sequer, com a exclusão completa da communhão brasileira, com a privação menos justa dos direitos sagrados das províncias do imperio.³⁵⁵

Dois dias depois o periódico divulga artigo que circulou em jornal europeu em outubro de 1867, cujo nome não pode ser identificado devido às condições do exemplar. Nesse jornal, a atuação de Bartolomé Mitre a frente das tropas aliadas e o Tratado da Tríplice Aliança são alvos de crítica.

No de 26 de Outubro encontra-se o seguinte artigo sobre a Guerra do Paraguay para o qual chamamos attenção de nossos leitores. Está elle escripto em completa harmonia de vistas com o que por mais de uma vez temos dito em relação a péssima direcção que tem dado o general Mitre que prefere a conforto do que o fumo dos combates. Eil-o: <<Diexando o general Mitre o commando supremo das forças alliadas, á que tinha direito pelo tratado de Buenos Ayres devido a algumas questões que abalavam a Republica Argentina, succedeu-lhe no mando o general brasileiro Marquez de Caxias. A importância d'esta noticia logo se tornou patente por um movimento de flanco em que o Marquez rodeou o quadrilátero que protegia o lado de terra a grande fortaleza de Humaytá, cujo arrasamento é uma das estipulações da alliança. (...) Tanto o exercito quanto a armada achavão animados do melhor respiro ao passo que as forças paraguayas achavão desanimadas (...). Antes, porém, que com segurança e probabilidade de bom êxito pudesse dar a ordem para o assalto, o general Mitre, tendo conseguido os fins de sua temporária ausência voltou ao quartel general e reassumiu o commando das tropas alliadas (...). A consequência d'esta volta foi uma mudança no plano de operações. Em vez de um salto que promettia a prompta victoria o general Mitre mandou estabelecer um cerco, que necessariamente deve ser lento, começando ao tempo os ataques contra Curupaity e Humaytá do lado do rio. Estes bombardeamentos pelas duas divisões de encouraçados brasileiros estão fazendo grande danno ao inimigo, mas não sendo apoiados por terra, não podem produzir a prompta terminação da guerra. A' vista d'este estado de coisas, diz-se que Lopez fez propostas de paz, que o gabinete de Buenos-Ayres estava disposto a acolher favoravelmente. (...) parece ter sido um erro do tratado de Buenos Ayres, estipular que as operações de

³⁵⁵ Jornal do Commercio, Porto Alegre, 10 de janeiro de 1868. AHMV.

guerra em territorio argentino ou em uma parte do Paraguay limitrophe com elle, o commando dos exércitos alliados pertenceria ao presidente general Mitre, não ter fixado o mínimo de contingente de forças com que devia contribuir cada um dos aliados. A situação actual do general Mitre, presidindo os destinos da guerra e tendo por subordinado um general tão superior em tática e experiência como o Marquez de Caxias, ao passo que elle mesmo não contribui com sexto das forças de terra nem com uma unica canhoeira, de certo nunca foi previsto ao concluir-se a alliança. Embora se deva presumir que a sua hesitação em assaltar as linhas paraguayas provém de reputar insufficientes as forças alliadas, não consta que se mandasse reforços argentinos para o Paraguay, depois de restabelecida a tranquillidade interna.³⁵⁶

As primeiras notícias de 1868, que tivemos acesso trataram basicamente de resgatar o ano de 1867. Entretanto, a partir do momento em que crescia a ansiedade por novas notícias e o desgosto pela seqüência da guerra, a opinião dos jornais foi sendo alterada. Como mencionou Mauro Cesar Silveira, ao analisar as caricaturas divulgadas nos jornais brasileiros na época:

A longa duração da guerra acabou evidenciando que a ansiedade imperial em obter uma rápida vitória era, de certa forma, justificada. O tempo revelou-se o calcanhar-de-aquiles do lado brasileiro, minando a argumentação moral e política da chamada missão libertadora e exibindo inegáveis virtudes do inimigo – como a disciplina e a bravura dos soldados guaranis (...).³⁵⁷

Nem mesmo a notícia apresentada pelo *Especulador*, de Rio Grande, no dia 18 de janeiro, dando conta da possibilidade de movimento da esquadra e da morte do vice-presidente argentino, Marcos Paz, que fez com que Mitre se retirasse mais uma vez de cena, serviram para restaurar a confiança.

O general Mitre tivera uma longa conferencia com o marquez de Caxias, e d'ella nada transpirou. O rio Paraguay enche com muita força, que facilitará os movimentos da esquadra, e parte dos obstáculos serão removidos pela correnteza das águas. Fallava-se que a esquadra imperial ia tentar em breve a passagem do Humaytá, logo que a enchente do rio isto permitisse. Só assim ficaria Lopez completamente cercado e impossibilitado a receber quaesquer recursos do interior do Paraguay. Mais desoladoras que as que tínhamos, são as noticias que hontem recebemos de Buenos-Ayres. O cholera-morbus continuava fazendo

³⁵⁶ Jornal do Commercio, Porto Alegre, 12 de janeiro de 1868. AHMV.

³⁵⁷ SILVEIRA, 1996, p. 153.

horríveis estragos e não fazia menos de 60 victimas por dia. Entre estas, conta-se o Dr. Marcos Paz, vice presidente da confederação, que falleceu á 2 do corrente, á uma hora da tarde. O general Mitre foi chamado para assumir as rédeas do governo. Continuava a revolução no Rosario e Santa Fé, coadjuvada, segundo parece, pelo caudillo Urquiza. (...).³⁵⁸

Até mesmo a opinião emitida pela imprensa europeia passou a ser apreciada e reproduzida por algumas folhas da província. No dia 15 de janeiro o Diário de Pelotas reproduziu em suas páginas uma pequena nota de um jornal de Paris que faz referência ao maior empenho do Brasil em comparação aos aliados. Vale a lembrança que junto com a instabilidade da relação entre os aliados, ocorreu um crescimento no interesse de outros países pelo conflito que acontecia na América do Sul. A intervenção de outro país, interessado em mediar a paz entre a Tríplice Aliança e o Paraguai, ainda chamaria a atenção dos periódicos do Rio Grande do Sul.

Referindo-se aos últimos sucessos de Tuyuti, conclue assim um jornal de Paris, o Monde: << Esta guerra insensata talvez traga para a America do Sul notaveis conseqüências. O Paraguay mostra entusiasmo: alli todos são soldados, e as próprias mulheres entregão suas jóias para a despeza da guerra. Ao contrario as republicas do Prata, que poupão-se ao menor sacrificio, e só prestão insignificantes contingentes. O Brasil supporta, pois, elle somente todo o peso da lucha, e por isso tem sido forçado a recorrer a menos extraordinários, armando escravos e presos da justiça; e até o imperador já renunciou parte de sua própria lista civil. Em semelhante conflicto, que a ambição deu origem, e que a obstinação perpetua, o Brasil, único estado monarchico que ainda resta na America, póde perder-se.>>³⁵⁹

A incerteza quanto ao desfecho da guerra só poderia ser evitada com boas notícias vindas dos campos de batalha. Contudo, depois de tanto tempo esperando, essas deveriam ser concretas e definitivas. Nas edições do *Jornal do Commercio* de 23 e 24 de janeiro de 1868 encontramos os primeiros e melhores exemplos da mudança de comportamento da imprensa.

³⁵⁸ Especulador, Rio Grande, 18 de janeiro de 1868. BRG.

³⁵⁹ Diário de Pelotas, Pelotas, 15 de janeiro de 1868. BRG.

As ultimas noticias vindas do theatro da guerra, não admittem mais duvidas. O denso véo com que a mentira official envolvera o paiz, acaba de rasgar-se ante a triste realidade dos factos. Lopez, a quem sem apresenta cercado em Humaytá, apoiado sobre os restos de um exercito esfarrapado, nu e morto de fome, é mais que nunca senhor de suas acções (...) Ainda hontem se dizia: Lopez está perdido; mais uns mezes e dictaremos a paz em Assumpção; hoje, já não se ouse duvidar, - a guerra promete durar ainda muito, e os recursos do Brasil estão quase extintos. Para que esse systema de mentiras officiais? (...) O que se nos tem dito desde o começo da guerra? Lopez é um gaúcho com ridículas pretenções; é estúpido despótico e completamente incapaz; elle domina o seu povo pelo terror e pela superstição, não tem recursos, nem pode resistir ao embate das armas de tres nações em alliança! (...) Ha tres annos que Lopez está perdido, há tres annos que diariamente nos contão que em poucos mezes a guerra estará concluída, e entretanto ella continua e com todo o vigor de uma resistência enérgica, bem calculada e apoiada sobre poderosos recursos. Ha dois annos que Lopez e os seus soldados estão morrendo á fome, nus, á tiritar de frio, perguntai aos officiais que recentemente voltarão do Paraguay, e dir-vos-hão que ao contrario d'isso, elles tem alimentos em abundancia, e que a carne mais gorda que se come no nosso exercito, é das rezes que são tomadas ao inimigo.(...) ³⁶⁰

Retratando um visível descontentamento com a continuidade da guerra, a crônica, além de reconhecer a capacidade de resistência do Paraguai e indicar até mesmo os méritos de Solano Lopez, crítica, embora não cite nomes, o governo e a própria imprensa por omitirem a verdadeira situação do conflito contra o Paraguai. Segundo o jornal, se a realidade sobre as condições da guerra fosse trazida á público haveria possibilidade de remobilização.

Seguindo o systema da imprensa platina, se tem mentido para o paíz, se tem ridicularisado um inimigo respeitável pelo seu valor e recursos que dispõe, sem que viesse a mente de nossa imprensa e dos nossos homens de Estado, que cobrir de ridículo o inimigo, é minguar as glorias nacionaes, porque quanto mais forte e valente é o inimigo, maiores tambem são as glorias que conquistamos (...). Se Lopez for tudo quanto dizem, que glória pôde caber ao Brasil n'essa lucta em que há tres longos annos faz infructiferos esforços. Não, Lopez é um adversario temível, um bom estratégico, um homem intelligente, que soube organizar a sua defeza com a percia de um rematado cabo de guerra. Lopez tem provado ser bom general (...) Não faltou quem o dissesse há muito tempo que (...) a funesta missão de Saraiva e a ruptura de guerra contra o governo de Aguirre, sem declaração prévia e estendendo a mão a rebellião de Flores, predissessem a funesta intervenção do Paraguay. Mas as prophcias foram desprezadas. A mentira official já não tem cabimento; a verdade surge no horizonte e o povo comprehende afinal que até agora fôra illudido e que a situação no theatro da guerra é tal, que exige mais sacrificios por parte do povo, complicando-se cada vez mais pelas criticas circunstanciais em que marchão as republicas Oriental e Argentina. Afinal soltou-se a grande e decisiva palavra: - se a esquadra não puder forçar a passagem de Humaytá, a guerra ainda durará annos e exigirá mais

³⁶⁰ Jornal do Commercio, Porto Alegre, 23 de janeiro de 1868.AHMV.

50 ou 100 mil homens.- Eis ahi o resultado de tantas mentiras, de tantos embustes com que se tem embalado o povo.³⁶¹

Na edição que circulou no dia seguinte, a folha, depois de opinar sobre a intervenção imperial contra o governo de Aguirre em 1864 e demonstrar preocupação em relação à tão esperada passagem pela fortaleza de Humaitá, continua a sua “denúncia” contra a atuação do governo na guerra. O despreparo militar dos soldados que iam as pressas para o campo de batalha são colocadas como um dos principais motivos para as imensas dificuldades encontradas pelos aliados.

De desengano em desengano chegamos ao conhecimento da verdade, e desde que ella se nos apresenta clara e palpável, tambem se nos mostram em sua verdadeira luz os erros cometidos pelo governo. O paiz, acudindo ao chamado do governo e á voz do patriotismo, deu ainda, durante o ultimo anno, cerca de 20.000 soldados para a guerra, e não obstante mais esse pesado ônus de sangue, não appareceu resultado algum (...) – chegados succumbião nos hospitaes de Corrientes e do Cerrito, victimas dos insultos do climas; filhos das províncias do norte em sua máxima parte não podião resistir á repentina mudança de clima; recrutas que nunca tinhão pegado em armas, não podião resistir ao peso do serviço de campanha. Assim é que mais da metade dos novos contingentes inutilisava-se á chegada: a outra metade era distribuída nos diferentes batalhões para encher as vagas existentes (...). E os nossos estadistas não comprehendêrão o erro que commettião. O que lhes cumpria para não inutilisar os sacrificios do paiz, para tirar d’elles real e verdadeiro proveito, não era mandar ao theatro da guerra pugillos de homnes recentemente recrutados, que nem Idea tinhão do serviço militar, mas exércitos disciplinados, bem armados e exercitados. É para conseguir este resultado, bastava estabelecer-se na província do Rio Grande um campo de instrucção, nas immediações de S. Borja, por exemplo, para onde se mandarião todos os contingentes vindos de diversas partes do imperio. Ahi facilmente se aclimarião os filhos de todas as regiões, os soldados tornarse-ião disciplinados, receberião a necessária instrucção, e quando fosse occasião de marcha, dirigir-se-ião ao Paraguay já bem adestrados no manejo das armas. Seis mezes de exercito continuado terião sido sufficientes para proporcionar-nos um novo exercito; (...) Desta maneira as remessas de soldados não terião desaparecido sem resultado; os recém chegados não terião em grande parte succumbido ás pestes e incommodos de aclimatação, não terião chegado ao theatro da guerra como recrutas inservíveis, nem terião tão pouco estranhado o peso do serviço. Era esta a única maneira de utilizar-se os esforços do povo, em proveito da pátria. (...) Não perdemos annos, perdemos muitos milhares de soldados, mas sirvão-nos de exemplo as lições do passado (...).³⁶²

³⁶¹ Jornal do Commercio, 23 de janeiro de 1868.

³⁶² Jornal do Commercio, Porto Alegre, 24 de janeiro de 1868 .AHMV.

Mesmo que seja o *Jornal do Commercio* a nossa maior referência para analisarmos o início do ano de 1868, sendo seus a maioria dos exemplares que encontramos, podemos afirmar, devido à grande influência que esse jornal teve no período, que a imprensa do Rio Grande do Sul passava por uma clara mudança de comportamento em relação a Guerra do Paraguai. Embora ainda houvessem folhas, como a *Sentinella do Sul* e o *Especulador*, por exemplo, que na falta de notícias animadoras continuavam recordando as principais vitórias contra os paraguaios e homenageando seus principais heróis, como já demonstramos, a maioria delas passaram a retratar a impopularidade da guerra.

Entre tantas questões, os jornais passaram a se preocupar e a chamar atenção para as dificuldades econômicas provocadas pelo conflito. Ao abordar esse tema, o *Correio do Sul*, importante folha do período, retrata todos os sacrifícios feitos até aquele momento pela província do Rio Grande do Sul, que, segundo o cronista, eram maiores do que os feitos por qualquer outra do Império.

Ha situações supremas que exigem medidas heróicas: A do nosso commercio n'este momento é uma d'estas. A reacção da guerra com o Paraguay, que pelejávamos ha mais de tres annos, começa a manifestar-se de maneira alterradora em relação ao commercio (...) O credito do Brasil na Europa está profundamente abalado. Enquanto esta guerra durar o governo deve ser condescendente com o Rio Grande (...) Não se trata só de exigir sacrificios ao Rio Grande, quando outras províncias mais ricas, mais populosas, mais felizes e mais protegidas; nada fazem. A pobre borralheira que serve mais que todas, e mais que todas se sacrifica, tambem tem direito á alguma consideração. A paciência do povo não é inesgotável, e o soffrer sempre cançã os mais pacientes.

363

Os poucos exemplares de janeiro que tivemos a disposição, não nos permitiram profunda análise, já que praticamente não citaram a definitiva saída de Bartolomé Mitre do comando e pouco repercutiram o comando que Caxias passou a ter a partir daquele momento sobre as forças aliadas. Na Argentina, segundo notícia publicada pelo *Jornal do Comércio* no dia 05 de fevereiro, as eleições eram o principal assunto dos jornais.

Fora friamente recebido em Buenos Ayres o general Mitre, que chegára sem ser esperado. A imprensa ocupava-se essencialmente da eleição de presidente da república, aceitando cada jornal o seu candidato. O cholera diminuira de

³⁶³ Correio do Sul, Porto Alegre, 28 de janeiro de 1868. MCHC.

intensidade na capital, mas prosseguia na sua obra de devastação pelo interior das províncias. Quadrilhas de vagabundos percorrião o departamento do Rosario, despojado de tudo quanto possuião tanto unitários como federaes.³⁶⁴

No mesmo dia, *O Especulador*, jornal literário, noticioso e comercial que circulava na cidade de Rio Grande, traz notícias sobre os ocorridos no mês de janeiro na guerra contra o Paraguai tendo como fonte jornais de Montevideú. A troca de correspondência entre diversos jornais foi uma das estratégias mais utilizadas pelos periódicos para cobrir a guerra. Com a crônica, mesmo sem demonstrar grande entusiasmo, a folha descreve os preparativos para nova tentativa de ultrapassar a fortaleza de Humaitá, alerta sobre o novo momento do exército após Mitre deixar o seu comando, menciona as melhores condições do clima e a tentativa de Lopez manter suas tropas mobilizadas anunciando a falsa morte de Mitre.

Os jornais d'esta cidade alcanão a 31 do passado. A guerra continuava no <<statu quo>>; os exércitos nas mesmas posições; a esquadra nas mesmas aguas. A' 10 a primeira grande divisão naval bombardeára Humaitá, e segundo affirmão os observadores, o fogo causou-lhe estragos de consideração. O cholera diminuíra em Itapirú e no Chaco. Por esta ultima parte esperava-se que em breve seria ferido um grande combate. Lopez continuava a permancer no seu acampamento de Tibicuary. Uma expedição de 6.000 brasileiros partira para o Chaco, afim de impedir a continuação das fortificações inimigas que ali se levantão. Assegura-se que uma força de dois mil paraguayos passou ao sul do rio Oiro, com o fim de cortar á 1ª grande divisão naval (...). A operação do inimigo é audaz e sem probabilidade de bom resultado; mas dado o caso que elle conseguisse cortar a linha de comunicação, a esquadra encouraçada se veria na alternativa ou de forçar o passo de Humaitá, ou voltar ao seu antigo fundeadouro de Curuzú. O primeiro passo seria a terminação da guerra; o segundo, a aglomeração de maiores difficuldades pelas novas fortificações que o inimigo levantasse. (...) Com a retirada do general Mitre notava-se mais algum movimento no exercito. O tempo refrescara, depois de muitas chuvas que ali houve. A' 15 houve uma tremenda explosão e desastroso incêndio na linha inimiga. Durante o incêndio, a bateria brasileira continuou o seu fogo, arrojando bombas de tal maneira dirigidas, que sua explosão fazia prever novos e tremendos estragos. Lopez distribuíra um para suas tropas annunciando a morte de Mitre. Há mais de 6.000 enfermos no hospital do exercito.³⁶⁵

³⁶⁴ Jornal do Commercio – De Buenos Ayres - Porto Alegre, 05 de fevereiro de 1868. AHMV.

³⁶⁵ O Especulador – De Montevideó – Rio Grande, 05 de fevereiro de 1868. BRG.

No dia 09 de fevereiro, respeitando uma de suas características e ao mesmo tempo contrastando com a maioria das outras folhas que tivemos acesso, *A Sentinella do Sul* se dedica a lembrar e glorificar as vitórias anteriores. Enfatizando a cavalaria sul-riograndense, a folha recorda a vitória obtida pelo general Andrada Neves em agosto de 1867.

Estampamos hoje nas paginas do centro de nossa folha a vista de um ataque executado pela cavallaria rio-grandense ao mando do general Andrada Neves nas imediações do Rio-Hondo em 3 de agosto de 1867. Qual o coração rio-grandense, que não estremecerá de jubilo ao ver essa cavallaria invicta, como se atira de encontro ao inimigo, levando-o de vencida ao primeiro choque, derrubando-o, pesando-o, esmagando-o, fazendo-a retroceder, e fugir em vergonhosa debandada?Vêde ahi o velho guerreiro, o heróe de cem combates, o invicto José Joaquim, como á frente de seus centauros se atira ao meio d pelleja, onde mais ardente ferve a luta e vêde finalmente os bravos lanceiros do Rio Grande, que trocando ainda hontem o humilde arado do lavrador, o laço do creador, pela lança e a férrea espada do guerrilheiro (...)Andrade Neves, de sabre em punho e montado em fogooso ginete, pelleja ao lado de seus camaradas; um ou outro já se adiantou ao general levado por febril enthusiasmo; o estandarte do Brasil fluctua ovante no meio do piquete do general(...).³⁶⁶

Aparentemente, as inúmeras vezes em que a vitória final esteve próxima e acabou escapando deixaram as folhas da província mais precavidas. No dia 14 de fevereiro de 1868, quando Caxias já comandava as forças aliadas e essas estavam próximas de ter o esperado sucesso diante da fortificação de Humaitá, o *Jornal do Commercio* salienta o longo tempo de espera e rejeita as falsas esperanças.

Effectivamente, vistas as coisas á luz da razão, não há fundamento para alegrias, nem ao menos para lisonjeiras esperanças! Sucedem-se os vapores procedentes do Rio da Prata; espera-se sempre a vinda do seguinte, que se realiza, por fim, adiando a importação de grandes noticias para o immediato! A anciedade da população é para elles um poderoso incentivo. (...) O povo, caçado de esperar em vão e de chorar as desgraças da patria, que lhe tocão de perto, maldiz estas sórdidas especulações. (...)³⁶⁷

Nesse período, a longa espera por um resultado final para o conflito não era perdoado pela imprensa brasileira. Nelson Sodré cita a Opinião Liberal, do Rio de Janeiro, edição de 28 de fevereiro de 1868 onde fica claro descontentamento.

³⁶⁶ A Sentinella do Sul – Porto Alegre, 9 de fevereiro de 1868 – MCHC.

³⁶⁷ Jornal do Commercio, Porto Alegre, 14 de fevereiro de 1868 – AHMV.

Paz, Paz! É o brado íntimo de um povo oprimido. A guerra converteu-se em desastre, a sua prolongação trará o cataclismo. O capricho imperial improvisou uma série de desastros, desde o Estado oriental, e esses desastros têm pesado como um flagelo sobre o povo inocente. (...) E há quatro anos que essa guerra de inércia devora a população brasileira, vítima de um recrutamento feroz! (...) Continuar a guerra é matar barbaramente o país. A guerra está completamente abandonada pela opinião. (...) E, demais, a honra que se entrega aos cuidados de galés e pretos-minas não é honra, é uma mentira!³⁶⁸

Figura 8: Homenagem ao General Andrade Neves.



FONTE: A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 09 de fevereiro de 1868.

³⁶⁸ SODRÉ, 1999, p. 201.

A ultrapassagem da esquadra pela fortificação de Humaitá ocorrida no dia 19 de fevereiro de 1868 seria, curiosamente, noticiada pelos jornais somente em março. Apesar da troca de informações feita com diversas folhas da província e do grande número de correspondência que recebia de regiões mais próximas do campo de batalha, a edição do *Jornal do Commercio* do dia 04 de março de 1868 é prova das dificuldades que a imprensa tinha para manter-se atualizada. Em sua retrospectiva do mês de fevereiro, a influente folha de Porto Alegre demonstra preocupação quanto á ordem política no Uruguai após o assassinato de Venâncio Flores, ocorrido no dia 15 de fevereiro, e cogita, mesmo sem muita convicção, a possibilidade de já ter ocorrido um ataque decisivo contra o inimigo.

Que a morte de Venancio Flores não deixara de contribuir para que haja alguma reacção do partido blanco na campanha do Estado Oriental, é fóra de duvida, e as noticias vindas do Salto assim o fazem crer; mas este partido de assassinos não pode jamais encontrar apoio e acolhimento na população; seus esforços serão vãos e as nossas fronteiras não correrão perigo. Quando mesmo, porém, estas nossas previsões forem inexactas, quando se ralisar algum movimento blanquillo considerável, - ainda assim o Rio Grande, embora exausto de forças, não precisa receiar os insultos dos assassinos Aparicio e Munhoz; a índole guerreira da província sabe repellir com energia as agressões hostis, e o rio-grandense, já invencível no campo da batalha, torna-se leão indomável quando defende o seu lar. Do theatro da guerra não nos trouxe grandes novidades o mez que findou. Diríamos que nada nos trouxe, se não fosse a promessa de um ataque simultaneo por mar e por terra, destinado para o dia 15, e de que talvez nos traga noticia o vapor que esperamos. Oxalá esta esperança não seja illusória; oxalá a operação tenha sido tentada e levada ao fim com bom êxito, - porque a questão de nossa guerra no Paraguay começa a complicar-se horripelmente, e um prompta solução pelas armas se torna uma verdadeira e imperiosa necessidade, antes que uma intervenção nos venha impor uma paz degradante. O Sr. Visconde de Porto Alegre, o heróe de Curuzu e Tuyuty, fez reviver as suas glorias de Monte Caseros, era esperado n'esta capital havendo deixado o exercito por doente. As noticias da corte e do resto do imperio que nos trouxe o mez de fevereiro não são satisfactorias; tem mesmo um caracter de extrema gravidade. A crise financeira e commercial ainda continua a pesar sobre o paiz.(...) Só o próximo fim da guerra pode restabelecer o nosso equilibrio commercial e financeiro (...)³⁶⁹

A folha alerta para os problemas que a continuidade da guerra pode trazer e teme por uma intervenção de paz que não seja honrosa para os brasileiros. Ao que parece, a posição da imprensa no que se refere à paz com o Paraguai manteve-se a mesma do início ao fim da guerra. A forma como a crônica coloca o Brasil como sendo o país encarregado

³⁶⁹ *Jornal do Commercio – Retrospectiva – Porto Alegre, 04 de março de 1868. AHMV.*

de resolver as diferenças políticas e militares na América do Sul, além de ilustrar bem o pensamento do governo imperial no período, fortalece o discurso da missão civilizadora.

Felizmente é muito pura e muito sã a índole do nosso povo: felizmente é o seu espírito pouco inclinado á desordem e á anarchia. A província do Rio Grande pelo menos, a que mais largo concurso de sangue tem dado á causa que pleiteia nas inhospitas campinas do Paraguay, tem repellido com indignação todas essas odiosas insinuações, que vem estampadas na imprensa pamphletista da corte. Uma unica noticia produziu abalo mais profundo: foi a de uma provavel intervenção dos Estados Unidos na guerra do Paraguay, intervenção que sem dúvida poria fim á guerra, mas que tambem traria comsigo a deshonra para o pavilhão nacional. A' grande republica do Norte nenhum direito assiste para intrometter-se nos negocios do Prata; nenhuma razão o autoriza a querer impor a sua vontade no continente sul-americano, onde o Brasil é a única potencia a quem competem direitos arbitraes. Na América do Sul cabe ao Brasil o mesmo papel que na do Norte aos Estados-Unidos. A honra da nação será salva mesmo que tenha de succumbir o ultimo dos filhos do Brasil. Até hoje tem sido guerra; - então será cruzada santa.³⁷⁰

3.5 - Enfim, a fortaleza de Humaitá é superada!

A ultrapassagem pela fortaleza de Humaitá, conforme a própria imprensa do período registrou, mudou completamente o quadro da guerra. Imediatamente, as folhas resgataram o entusiasmo anterior e de forma geral avaliaram o sucesso da esquadra imperial como sendo o último e definitivo grande esforço contra os paraguaios. Além da vitória sobre Humaitá ter repercutido na imprensa como sendo determinante, impediu que um novo discurso, que se opusesse ao proferido pelo governo, fosse por ela criado e consolidado.

As mudanças ocorridas no teatro de guerra, ligadas essencialmente a ultrapassagem pela fortaleza de Humaitá, serviram para alterar mais uma vez a posição da imprensa. No dia 03 de março a folha ilustrada, *A Sentinella do Sul*, divulga euforicamente a tão esperada vitória aliada sobre a fortaleza inimiga. Além de lembrar a Batalha de Riachuelo, ocorrida em junho de 1865 e destacar importantes personagens como Delfim de Carvalho, Caxias e Andrada Neves, o periódico demonstra, claramente, a esperança que atingiu a todos naquele momento. A guerra estava, finalmente, chegando ao seu final.

³⁷⁰ Jornal do Commercio, Porto Alegre, 04 de março de 1868.

Rasgou-se o véo: a honra do paiz está salva. Um esplendido triumpho obteve a armada imperial. Uma esquadilha composta de seis encouraçados, ao mando do intrépido Delfim, forçou Humaitá e tomou Assumpção, perdendo apenas um homem. Está vencido o impossível. (...) A imparcialidade da história, com letras d'ouro, registra em suas paginas o glorioso feito de 19 de fevereiro. Com nobre orgulho o Brasil exultará essa victoria, que causará assombro ao mundo inteiro (...) Como em Riachuelo Barroso fez baqueala ousadia Paraguay (...) Os dias 11 de junho de 1865 como de 19 fevereiro de 1867 jamais poderão sahir da memória dos brasileiros.(...) A queda do despota do Paraguay precipita-se. Enquanto por um lado a esquadra arvora o estandarte brasileiro na capital do Paraguay, o exercito por outro nova victoria oferece ao paiz. No mesmo dia em que a esquadra forçou Humaitá, o reducto Estabelecimento, posto avançado do inimigo entre Humaitá e Santa Honda, cahio em poder das armas da aliança. Nem um só homem escapou da guarnição! Os que não succumbirão, cairão prisioneiros! O ataque foi dirigido pelo venerando Marques de Caxias, e á frente dos assaltantes se achava o heróe rio-grandense barão do triumpho. Três horas durou a resistência do reducto, artilhado por quinze boccas de fogo; porém findas ellas, os assaltantes eram senhores das fortificações. As baionetas de nossos infantes e a intripidez de nossa cavallaria, que deitou o pé em terra, enobrecendo ainda mais o torrão rio-grandense, a resistencia foi ineficaz e a victoria certa. (...) Temos fé no futuro, e a esperança que nos queima a alma nos annuncia que esta nefasta guerra, que tanto abalou o paiz e tanta miseria trouxe ao seio de nossas famílias está prestes a concluir-se, com honra para o imperio do Cruzeiro e para aquelles que no campo da batalha hão patenteado tanta abnegação quanto heroismo. Esta é a nossa crença, crença que se firma em factos. Até aqui vacilamos, viajamos no mar da incerteza, se é que não descreíamos de tudo; porém em presença de triumphos tão eloquentes, não temos receio em affirmar, que dentro em pouco, ovantes marcharão as tropas brasileiras sobre o soberbo Humaytá e que neste como em Assumpção o poder despota desapparecerá.³⁷¹

Com a mesma euforia, no dia 07 de março é a vez do *Jornal do Commercio* considerar a conquista da esquadra brasileira. O periódico, ao comemorar e exaltar a tão esperada passagem por Humaitá deixa transparecer uma clara sensação de alivio e relembra a importância da vitória obtida na Batalha de Riachuelo em junho de 1865.

Gloria ao Brasil! Salve denodados defensores do Imperio! Aos ventos da victoria desfraldão-se as bandeiras do Brasil, e correm velozes as nuvens chumbadas que obscurecião o céu da nossa pátria! Surgiu, nadando em luz, o sol das nossas glorias. Venceu a justiça, venceu o direito no triumpho alcançado pela bandeira dos livres! A grande alma da nação prostrada pela incerteza, pelas delongas, ergueu-se magestosa aos gritos entusiasticos de um povo saudando o dia do seu maior triumpho. E' a resurreição da nossa patria; é o renascimento do Brasil, saudado pelos canhões formidáveis de Humaytá. Já não é um mytho, uma esperança, uma aspiração, a posso ou o bombardeio de Assumpção, da capital testemunho da tyrannia que se estendia sobre a misera republica do Paraguay. Os canhões do Brasil já echoarão sobre os muros da cidade deserta, que na phrase do tyranno seria transformada em cinzas, antes que a bandeira dos alliados tremulasse em seus muros! (...) Que mais bella commemoração dos nossos sacrificios, dos nossos feitos, do sangue e vapor de nossos irmãos? O povo d'esta

³⁷¹ A Sentinella do Sul – *O Triumpho da Esquadra* - Porto Alegre, 3 de março de 1868. MCHC.

capital, soube traduzir o seu justo e nobre orgulho, em torrentes de jubiloso e fervente entusiasmo. Humaytá e Assumpção, já responderão ao homérico feito de Riachuelo: - 11 de junho – 19 de fevereiro, eis as duas grande paginas que a esquadra nacional escreve na historia da nossa patria! – Mais um dia, mais um vapor, e que o povo, a nação inteira brade no delírio do entusiasmo, no fervor do patriotismo: - Acabou a aguerra! – Gloria ao Brasil!³⁷²

No dia seguinte, o assunto da folha, e não podia ser diferente, permanecia sendo a vitória que havia alterado o ânimo das coisas. Para o cronista, todos os sacrifícios feitos pelo Império foram recompensados pela vitória contra o inimigo que é diretamente acusado de ter provocado o início da guerra e de ter provocado um povo que se dedicava somente ao trabalho.

Longa foi a lucta, tristes e desoladoras as suas peripécias, - mas afinal a victoria veio coroar os esforços dos valentes soldados da alliança, e próximo o termo glorioso d'essa cruzada santa que fizemos no Paraguay, em nome da civilização e do progresso do seculo. Eramos um povo agrícola e industrioso, que entregue as lides do progresso material e as luctas políticas que acompanham o desenvolvimento das nações, eurava de occupações pacificas e esmerava-se em colher os fructos do progresso inherentes á instrucção, as letras e ás artes, - quando um dia o brutal insulto de bárbaro visinho, ferindo os nossos brios de nação, nos pôs as armas nas mãos e chamou-nos ao campo de batalha. Trocando o arado do lavrador, o laço do criador e a ferramenta do artista, pela espada do guerreiro, vimo-nos repentinamente em frente do inimigo. Vinte annos de paz profunda, interrompidos apenas por um passeio militar que terminou em Monte Caseros, havião alienado o povo brasileiro ás lides guerreiras (...) não morrêra a índole da nação, não se acabára o seu brio, não se lhe embetara a consciencia do dever. Veio a provocação, e um povo agrícola armou-se em guerra, abandonou tudo e com entusiasmo raro, com valor nunca existido, se atirou á lucta em desaffronta dos seus brios ultrajados.³⁷³

Na seqüência, quando recupera rapidamente a rendição de Estigarribia, e as vitórias em Tuiuti e em Riachuelo, por exemplo, aparecem outras estratégias utilizadas pela imprensa para legitimar a guerra contra o Paraguai e denegrir a imagem do inimigo. Em primeiro lugar, é visível a tentativa de demonstrar que o Império, ao contrário do Paraguai, não estava preparado para um conflito, sendo isso, uma prova de que o mesmo não havia sido pensado ou instigado pelos brasileiros. Além disso, o modo como reconhece a bravura do inimigo, algo pouco comum para as folhas da época, e lembra as dificuldades naturais encontradas no Paraguai servem naturalmente para justificar as dificuldades e o longo tempo de guerra.

³⁷² Jornal do Commercio – *Gloria ao Brasil* – Porto Alegre, 07 de março de 1868. AHMV.

³⁷³ Jornal do Commercio – *A gloria da Patria* - Porto Alegre, 08 de março de 1868 .AHMV.

Não havia exercito, não tínhamos armada; foi necessário crear ambos, organizar tudo, vencer obstáculos sem fim. Mas o valor brasileiro triumphou; exércitos improvisados, quasi sem exercício e instrução militar, obrigarão Estigarribia a render-se, forçarão o Passo da Patria, tomarão Tuyuty; uma esquadra de pequenos vapores de madeira anniquilou a esquadra paraguaya em Riachuelo, forçou Cuevas, destruiu Itaipurú. Era o patriotismo que inflamava os brasileiros, que lhe inspirava valor sem igual, ímpeto irresistível. Mas não bastava isto. Estavamos em terra inimiga, combatíamos um inimigo forte, audaz e preparado há longos annos para uma guerra decisiva. Um povo escravo, militarmente organizado e cegamente obediente á um déspota que dispunha-se em cego fanatismo aos invasores que lhe trazião a luz da liberdade e da civilisação; era necessário mais alguma coisa do que valor e abnegação, e o Brasil se viu forçado a organizar exércitos dignos de hobrearem com os melhores da velha Europa; (...) isto custou tempo e sacrificios enormes; os aliados tiverão de passar annos em terra inimiga para organizar os meios de ataque, ao passo que o inimigo há muito tinha organizado os de defeza. Os combates, as pestes, as cruezas do clima, dizimavão nossos valentes; deifficuldades de toda a classe e sacrificios sem fim vierão pesar sobre o paiz.³⁷⁴

Além de destacarmos a exaltação do “patriotismo do povo brasileiro,” esse direta ou indiretamente presente em praticamente todos os registros que encontramos, chamamos a atenção para a forma como o jornal procurou “esconder” a impopularidade do conflito que ele mesmo já havia evidenciado em edições anteriores. Definitivamente, o resultado obtido em Humaitá mudou, mais uma vez, o comprometimento dos jornais.

Mas o Brasil resignado soffreu tudo, habilitando o goveno a continuar a guerra pela remessa constante de soldados para o teatro da guerra, por dádivas espontâneas e pelo pagamento de pesados tributos (...).No Brasil pacificos cidadãos estão transformados em militares, e uma esquadra formidavel, que não receia a comparação com as melhores do mundo, nos habilitou finalmente a tentar o golpe decisivo. (...) Humaytá já não assusta o mundo; Passando Humaytá, está completo o sitio posto á fortaleza, onde Lopez terá de capitular, se não quizer morrer á fome. Fluctua o pavilhão brasileiro nos muros de Assumpção; a capital da inimiga republica está em poder dos aliados: a guerra chega ao seu termo. Era tempo, porque as circunstâncias do paiz se complicavão, a intervenção estrangeira nos ameaçava. Hoje, a confiança no governo está restabelecida, a situação se consolida, a esperança de uma próxima e honrosa paz transforma tudo. Hoje tambem, se o estrangeiro insolente quizer vir impor-nos a paz, apontar-lhe-hemos para Assumpção humilhada, para Humaytá agonisante, e dir-lhe-hemos: o Brasil sabe cumprir o seu dever como nação e como primeira potencia da América do Sul. Cuidai dos vossos negócios e deixai-nos proceder como devemos! A passagem de Humaytá, a tomada de Assumpção, transfomarão tudo. O termo da guerra approxima-se propicio para a causa do progresso e civilisação. (...).³⁷⁵

³⁷⁴ Jornal do Commercio , 08 de março de 1868.

³⁷⁵ Ibid.

A passagem pela fortaleza de Humaitá não foi assunto somente para o *Jornal do Commercio*. Além do jornal de Porto Alegre, outros como o *Arcádia*, de Rio Grande, e o *Diário de Pelotas*, jornal comercial, noticioso e político, retrataram a “glória” obtida pela marinha brasileira a reconhecendo como emergencial e decisiva. O *Arcádia*, jornal influente sobretudo na região sul da província, da mesma forma que o *Jornal do Commercio*, reforça o discurso da luta da *civilização* contra a *barbárie* e da missão brasileira de salvar o oprimido povo paraguaio.

A passagem de Humayta pela esquadra brasileira, é um dos feitos mais grandiosos da marinha de guerra, e que seus annaes levarão á posteridade em brilhantes paginas (...). Mais uma vez os filhos do gigante império sul-americano deram provas d’essa coragem prudente, que tanto as distingui; - attributo do homem civilizado que respira o ar da liberdade. Foi na madrugada do dia 19 do mez passado que se effectuou a passagem. A uma divisão da esquadra, composta dos encouraçados Barroso, Bahia, Tamandaré, e dos pequenos monitores Pará. Rio Grande e Alagoas, que eram levadas a reboque, e commandados todos pelo capitão de mar e guerra Delfim Carlos de Carvalho, coube a honra de a fazerem. Esses navios e suas valentes guarnições iam lutar com o real e o ignoto; com os homens e com um elemento;. (...) Mas, onde se acha o pequeno monitor Alagôas, que não chega tambem ao termo desejado? (...) O bravo barão de Inhaúma, commandante em chefe da esquadra, conhecendo que o pequeno monitor não poderia só effectuar a passagem, manda fazer signal do navio chefe para que que elle dê fundo. E’ que o anjo das batalhas gritou ao bravo: - Avante a gloria de espera. O Alagôas põe-se de novo em marcha, com o fim de vencer a formidável barreira (...) Enquanto a esquadra brasileira effectuava felizmente tão importante operação, o exercito da terra bombardeava as linhas inimigas. Na madrugada d’esse mesmo dia, o consummado cabo de guerra marquez de Caxias, á frente de 6 ou 8 mil homens das tres armas, tomava de assalto o reducto denominado Estabelecimiento, localizada ao norte de Humaitá, e por onde passava o gado e outros mantimentos que vinham do Chaco para a praça. A cavallaria rio-grandense distingui-se como sempre; a fama, mais uma vez occupou-se com o nome de Andrade Neves e com alguns de seus (...) Com a passagem de Humaitá e a tomada do reducto Estabelecimiento o sitio tornou-se mais apertado e o inimigo, falto de mantimentos, terá de render-se ou atacar desesperadamente um ponto da linha sitiante para ver se rompe e consegue lançar-se no interior do paiz. A dictadura de Lopez, no Paraguay, póde-se dizer, está a acabar; - o pobre povo que elle tem fanatizado e opprimido, dentro em pouco será livre. Ao Brasil deverá elle sua liberdade. A escravidão de um povo, como já dicemos, não póde ser eterna. Os triumphos da barbaria são apenas momentaneos. E o poder dos tyrannos é zero quando Deus diz: - BASTA.³⁷⁶

As novas condições que a esquadra imperial teve em fevereiro de 1868 para ultrapassar a principal fortaleza paraguaia são, em partes, ignoradas pelos relatos deixados pela imprensa. Mesmo que a crônica do *Arcádia*, por exemplo, cite os monitores Pará, Alagoas e Rio Grande, não menciona que os mesmos só estavam a disposição desde o final

³⁷⁶ Arcadia – Guerra do Paraguai: a passagem de Humayta e a tomada do reducto Estabelecimiento – Rio Grande, março de 1868. MCHC.

de dezembro de 1867. Da mesma forma, a crônica ignora a cheia do rio Paraguai que facilitou a passagem pelas correntes que cruzavam o rio. Porém, ao mesmo tempo, observamos que o sucesso da esquadra não é associado pelo jornal ao afastamento de Mitre do comando das forças aliadas, como faz parte da historiografia.

Já o *Diário de Pelotas*, na edição de 10 de março, demonstra o alívio que a tão esperada notícia da passagem pela fortaleza dos paraguaios trouxe aos brasileiros e o grande significado que teve. Ao refletir sobre a importância do sucesso da esquadra imperial frente à principal defesa paraguaia, o jornal de Pelotas avalia as dificuldades econômicas ampliadas pela crise que atinge o comércio, a ameaça que podia significar uma intervenção que estabelecesse a paz sem respeitar a honra do Império e o agravamento da crise instalada no Uruguai e na Argentina. Além do mais, sem levantar maiores detalhes a folha aponta para problemas de entendimento entre os aliados afirmando ser impopular a aliança na região do Prata.

Era tempo que no Paraguay houvesse uma mudança no estado de coisas; senão, quem sabe o que teria ocorrido no imperio? A crise financeira, complicando-se com o estado de prostração em que a falta de braços deixou o paiz, e unindo-se á profunda descrença que começava a lavrar em todas as camadas do povo, que via baldados os seus sacrificios pela prolongação indefinida da guerra, em que mezes inteiros só nos dava palmos de terreno, ameaçava perturbar a ordem social. (...) A palavra – abdicação – se ouvia; a imperial família era atirada á discussão; manifestavão-se tendências perigosas e subversivas da ordem publica, augmentada ainda pela penúria e carestia de gêneros de primeira necessidade, devido embaraços do commercio, completamente abatido pela repentina baixa do cambio. (...) E outro perigo ainda mais grave ameaçava o paiz: a intervenção estrangeira, a mediação offerecida, pela grande republica do Norte. E este era o perigo mais real, porque, se o governo houvesse sido obrigado a sugear-se á mediação dos Estados Unidos, aceitando uma paz pouco airosa, quem sabe de que maneira horrível o povo brasileiro, tão profundamente offendido em seus brios, depois de ter feito sacrificios sobrehumanos, teria reagido. As complicações provenientes do assassinato de Flores e da sublevação dos blancos no Estado Oriental, por sua vez podião suscitar difficuldades sem fim (...) punhão em completa duvida a continuação da alliança, aliás impopular nas margens do Prata. Bem se vê que nada mais difficíl, nada mais complicado e perigoso, do que a situação do Brasil no theatro da guerra, se uma prompta e esplendida victoria não houvesse de todo mudado a face das coisas. (...).³⁷⁷

Segundo o periódico, com a fortaleza de Humaitá superada, os diversos problemas e complicações resultantes da guerra estavam superados ou a caminho de ser. Depois de considerar os perigos da sequência do conflito, a folha, seguindo o padrão da

³⁷⁷ *Diário de Pelotas – As consequencias da victoria* – Porto Alegre, 10 de março de 1868. MCHC.

imprensa da época, ataca Solano Lopez o responsabilizando pela guerra e o comparando à Napoleão.

Já tremula a nossa bandeira em Assumpção, e abatida e humilhada a soberba Humaytá, em cujos muros se achão refugiados os últimos restos do exercito paraguayo, que ou bem serão varridos á ponta da bayoneta, ou obrigados a capitularem, entregando-nos o único causador de tantos males, o caricato imitador de Napoleão I, que com a sua louca ambição, causou a ruína do seu paiz, sem conseguir impedir a alliança de levar a cabo a sua tarefa gloriosa, de abrir as fronteiras do Paraguay á civilisação do seculo. E' um grande triumpho que conseguimos e que veio muito á propósito, porque transformou tudo e tudo salva, quanto já se julgava perdido. Com este successo das nossas armas restabelecer-se ha a confiança do commercio no futuro do Brasil (...) O restabelecimento do equilibrio financeiro pertence naturalmente ao futuro; mas o Brasil, uma vez que esteja terminada a guerra (...) com facilidade superará em poucos annos da benefica paz (...) Em relação aos negocios do Prata não serão menos esplendidos os resultados de nossa victoria (...) O sangrento e sempre anarchico partido blanco, não mais se levantará do estado de prostração a que o reduziu seu ultimo e bárbaro acto, e o socego ficará solidamente estabelecido. Em relação á Confederação Argentina, os resultados de nossa victoria não serão menos brilhantes, porque, graças á influencia d'essas noticias, Mitre conseguirá suffocar a revolução de Santa Fé e Urquiza, prudente sempre, sempre fino, julgará impportuna a sua intevenção. A' respeito da intervenção norte-americana, finalmente, nada mais precisamos dizer; o echo das victorias de Humaytá e Assumpção é sufficiente para significar ao estrangeiro (...) Taes são os resultados próximos e palpaveis (...) que em breve levará ao termo glorioso da guerra.³⁷⁸

É fácil notarmos o efeito que o resultado sobre a fortaleza de Humaitá teve para a imprensa do Rio Grande do Sul. Era opinião geral – combinada com profunda esperança – que a vitória sobre a fortaleza de Humaitá significava o fim das possibilidades de Solano Lopez permanecer resistindo. O sentimento era único: com a queda de Humaitá começava o último capítulo da guerra. Evidentemente, o orgulho pelo feito da esquadra espalhou-se pelo país. Na edição de 17 de março o *Jornal do Commercio* publicou em suas páginas parte da correspondência recebida do Rio de Janeiro na qual é registrada os festejos na capital do Império.

Havia de chegar o dia em que eu pudesse escrever-lhe com o espirito desannuviado d'aquella negrura, proveniente do desanimo! Avaliei sempre com imparcialidade as coisas da guerra, e nutro ainda hoje a convicção de quanto tenho dito a esse respeito. Houve muita incúria, muito desleixo e muito capricho; mas com tudo n'este mundo tem fim, terminarão tambem essas causas da prolongação da guerra, e temos agora em que fundar a esperança da paz. A passagem de

³⁷⁸ Diário de Pelotas, Pelotas, 10 de março de 1868.

Humaytá, o triumpho sobre esse colosso que todos julgavão inexpugnável, é um feito brilhantíssimo, que honra extraordinariamente a marinha e o exercito brasileiros, desde os chefes até ao simples e humilde soldado.(...) E' indescriptivel o enthusiasmo que produziu no animo do povo! Havia para isso duas razões poderosas. Tinha-se incutido no espírito publico o receio de um desastre na ousada tentativa e sabia se que o triumpho era quase a ultima cavadella na sepultura que há de engulir a actual presidência da republica do Paraguay. Causa para assombro, motivo para enthusiastica alegria! Não foi necessária a recommendação official que, por costume, precede os festejos públicos; (...) A causa era do povo, o povo tomou a seu cargo manifestar livremente o enthusiasmo. Forão tres dias de verdadeiro delírio. (...) Os nomes de Caxias, Inhaúma, Delphim e Maurity andavão em todas as bocas, no meio de repetidas e ardentes brados de louvor. De noite, illuminou-se toda a cidade (...).³⁷⁹

A passagem por Humaitá, conforme registrou *A Sentinella do Sul*, também foi motivo de festa em Porto Alegre. Em um diálogo entre o redator e seu ajudante a folha relatou a euforia que tomou conta da capital da província.

Piá. – Prompto, meu amo, aqui está o seu piá.

Red. – Olá, que novidades temos?

Piá. – Estou contentíssimo, Não sei como me hei de conter; o triumpho alcançado pelas armas brasileiras contra o Paraguay, me arrebatou. Em como Porto Alegre em peso nos despertamos ao ouvir o écho dos canhões do vapor que nos trouxe tão gloriosa nova. Corremos ao trapicheda alfândega, e ahi, pela leitura de um boletim, ficamos orientados que a guerra que se parecia interminável, estava a concluir-se, em consequência do arrojado feito da esquadra em passar o Humaytá e da completa derrota da guarnição do Estabelecimento. Colhidos com tão surpreendente victoria, saudamol-a com frenético enthusiasmo. Aos ares dirigimos milhares de foguetes festivos e as ruas percorremos ao som da musica. O contentamento era geral. Nacionaes e estrangeiros erão unanimes em victoriar tão fausto acontecimento. Todo o dia foi um dia de festa. As repartições publicas se havião fechado, os agentes consulares embamdeirarão suas residências, o povo, oh! Esse foi o heróe do dia que bem comprehendeo o alcance da victoria. A' noite, não obstante a chuva, todas as bandas de musica sahirão a percorrer as ruas e com ellas o povo se agglomerava, os foguetes se succedião e os vivas se repetião. (...) Nessa como na noite seguinte quase todas as casas particulares forão illuminadas e em solemne Te-Deum foi entoado ante-hontem, na cathedral, em acção de graça por tão grande victoria.

Red. – Porto Alegre cumprio o seu dever. Capital da provincia que tem cingido a coroa do martyrio, em quanto outras usufruião as delicias de Capua, devia levantar-se como um só homem para victoriar um triumpho tão esplendido, não só por elle ser o prelúdio da próxima conclusão da guerra, como pelo facto da conclusão desta ser uma esperança dos nossos males minorarem.³⁸⁰

³⁷⁹ Jornal do Commercio – Do nosso correspondente. Rio de Janeiro 06 de março de 1868 – Porto Alegre, 17 de março de 1868. AHMV.

³⁸⁰ *A Sentinella do Sul - Colloquio entre o Redactor e seu Piá* - Porto Alegre, 10 de março de 1868. MCHC.

Figura 9: A vitória aliada sobre Humaytá e Assumpção.



0
FONTE: A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 03 de março de 1868.

As comemorações referentes a passagem da esquadra por Humaitá, eram, diante do prolongamento da guerra e da impopularidade do conflito, plenamente compreensíveis. A delicada condição financeira do Império, mencionada com grande preocupação pelos periódicos, só poderia realmente ser resolvida com o fim da guerra. Entretanto, a euforia dos brasileiros em nenhum momento combinava com a postura de Solano Lopez, que, conforme destaca Doratioto, “não dava a guerra como perdida, mesmo depois do cerco aliado a Humaitá por terra e água.”³⁸¹

³⁸¹ DORATIOTO, 2002, p. 326.

É notável que a queda de Humaitá, tanto no aspecto militar como no aspecto psicológico, marcou o início de uma nova etapa do conflito. Porém, devemos dizer ainda que a vitória brasileira, ao contrário do que anunciavam os periódicos, não representou o rápido desfecho do conflito. Na edição de 19 de março, exatamente um mês após a esquadra brasileira cruzar por Humaitá, o *Jornal do Commercio*, amparado por informações que colheu em jornais de Montevideu e em telegramas vindos de Buenos Aires, divulga a chegada dos navios brasileiros á capital paraguaia, retrata a reorganização dos paraguaios e ironiza a tentativa de reação de Lopez.

Fomos obsequiados com jornais de Montevideo até 8 do corrente, e d'elles extrahimos o que encontramos de maior interesse.(...) Depois da passagem dos encouraçados forão bombardeadas durante duas horas a alfândega, o arsenal, o palácio do presidente, vindo depois d'este tempo, Berges a bordo com bandeira de parlamentar, propondo entrega da cidade, na qual não havião forças para resistir. Tudo, no exercito, faz crer que se dará em breve uma batalha, suppondo-se que esta tenha lugar do lado de Tuyuty; pois é onde Lopez tem hoje seu exercito. Nos telegramas enviados de Buenos-Ayres, lê se: Os paraguayos reconcentrarão-se em Tuyuty, tirarão das baterias, as peças voltantes,. Collocarão segunda linha de peças de primeiro calibre. Parece que isto quer indicar a intenção de uma saída. (...) Um passado paraguayos diz o seguinte: << Que Lopez acha-se em Passo-Poci, que no Humaytá existem 14 mil soldados, entre velhos e moços, dos quaes seis mil doentes. Em Tebicuary tres mil homens; na ilha não excedem a dois mil: Que entre Assumpção e Tebicuary e o quadrilátero, regulão as forças paraguayas em vinte e dois mil homens>>. Segundo declaração de outro, Lopez deu ordem de reunirem-se todos os nadadores de seu exercito, que pretende mandar pelo lado do Chaco abordar os encouraçados de Tayi. (...) As vigias tinhão dado parte a 26, que notava-se grande movimento no exercito inimigo, e que elle retirava da linha a artilharia voltante, collocando na segunda linha grossas peças. Dentro das trincheiras tinha elle cerca de cem mulas. Outro telegramma de Buenos-Ayres dá notícia de que é falso o boato que se espalhou do fusilamento de officiais por Lopez. Uma carta particular dirigida a um jornal do Rio Grande diz o seguinte:<< Regressou expedição, enviada pelo marquez de Caxias, á bombardear Assumpção, havendo cumprido as ordens do benemerito general com pontual exactidão. Testemuha occular refere que em Tebicuary á leste do Chaco, encontrou-se grandes depósitos de xarque e milho, ao que o inimigo atacou o fogo.³⁸²

Apesar de os encouraçados brasileiros terem conseguido ultrapassar a fortaleza e até mesmo bombardear a capital Assunção, foram precisos mais cinco meses para os aliados entrarem e ocuparem de forma definitiva Humaitá. As informações trazidas pelo *Jornal do Commercio* na edição apresentada anteriormente eram concretas no que se refere a uma possível saída dos paraguaios. Lopez, ao perceber que sua fortaleza estava dominada por um

³⁸² *Jornal do Commercio*, Porto Alegre, 19 de março de 1868. AHMV.

rigoroso cerco abandonou Humaitá em março de 1868. No dia 23 do mesmo mês, cerca de dez mil soldados que defendiam a fortaleza fizeram o mesmo e uniram-se a Solano Lopez no novo quartel-general instalado na foz do rio Tebicuarí.

Embora os números não sejam precisos, acredita-se que três mil paraguaios permaneceram defendendo Humaitá. Segundo Doratioto, “mais uma vez a esquadra imperial não fez valer sua superioridade naval e, desconhecendo o que ocorria, não impediu tal retirada.”³⁸³ Em sua primeira edição de abril de 1868, o *Jornal do Commercio*, ao recuperar os principais acontecimentos do conflito segue glorificando a passagem por Humaitá e justificando todos os festejos provocados pela vitória, porém, reconhece e lamenta que a guerra ainda não tenha, como julgava a opinião pública, o seu fim tão próximo.

Feito audaz e sublime, digno de ser gravado nas brônzeas taboas da historia universal, a passagem de Humaytá (...) Não foi sem razão essa série não interrompida de festejo, esse delirar do enthusisamo aos dias próximos á recepção da noticia; não foi sem razão, por que o feito glorioso de Humaytá era o pronuncio da próxima victoria final. Não era ainda sem razão essa alegria na capital do Rio Grande (...). Teve razão o povo da capital, de exultar quando recebeu estas noticias. Aclamada a primeira exaltação, anciosos esperarão todos as novas que o vapor de meizados do mez nos devia trazer do teatro da guerra. Esperanças brilhantes animavão todos os brasileiros amantes do paiz e próximo se proclamava o termo da guerra. As noticias que nos trouxe o Guaporé, sem diminuírem a gloria dos feitos de 19 de fevereiro, reduzirão a uma escala menos próxima, o anhelado fim da campanha do Paraguay. Não é obra de annos, mas tambem não o é de dias, como ao principio se julgava. Assumpção foi bombardeada, mas ainda não estava occupada pelas tropas brasileiras, que se preparavão para esta expedição; Lopez está encerrado em Humaytá, mas ainda communica-se com o Chaco e hostilisa os nossos navios; o cerco só póde ser completo depois de tomado o Novo Estabelecimento, na margem direita do Paraguay, nos pântanos do Grã-Chaco. E Lopez, o inimigo audaz e sanguinário, ainda não está desanimado; dominados as suas tropas pelo terro e mandando executar os commandantes de Humaytá, tentou nova e audaciosa empresa mandando abordar os nossos encouraçados. (...) As ultimas noticias que recebemos, nos dão como preparada, a expedição para Assumpção, e quiçá o vapor que se espera, nos traga a nova da occupação da capital do inimigo. (...) Se não fosse a communicação que resta ao inimigo no Chaco, poderíamos abandonar-nos á illusão de contar-se por dias a duração da guerra (...) conservando, porém, aquella communicação, ainda poderemos contar com alguns mezes de resistencia. Em todo o caso, porém, essa resistencia não poderá ultrapassar 6 mezes, e a paz se aproxima, póde mesmo ser precipitada por algum acontecimento extraordinário, por algum acto desesperado em occasião do qual Lopez receba o justo castigo do seu indômito orgulho. Esperemos, pois, as novas que trazer-nos deve o mez de Abril.³⁸⁴

³⁸³ DORATIOTO, 1996.

³⁸⁴ *Jornal do Commercio – Retrospecto – Porto Alegre*, 01 de abril de 1868. AHMV.

O mês de abril não apresentou, como esperava o *Jornal do Commercio*, as novidades esperadas. A própria tomada de Assunção, dada como certa por alguns jornais em crônicas que apresentavam o sucesso sobre Humaitá, mas que ainda não havia ocorrido, era motivo para que antigas desconfianças e críticas, aos poucos, voltassem a ter espaço. Na retrospectiva do mês de abril, o periódico lamenta o tempo que a marinha imperial ficou sem tomar iniciativa após a passagem por Humaitá, dando a chance de Lopez escapar.

O mez que findou ainda não nos trouxe noticias decisivas do theatro da guerra. Estreitou-se o cerco de Humaytá, occupando os aliados Curupayti e Passo Pucú, onde assentarão as suas baterias para o ataque decisivo, que pôde ter tido lugar em Abril, mas cuja noticia ainda não chegou á esta capital. Tivemos outra vez dous mezes de quase completa inacção no campo da guerra, e a occupação de Assumpção, que consideramos próxima em nossa ultima resenha mensal, ainda não se effectuou. Destruiu-se os dois vapores que Lopez tinha em Humaytá, mas essa destruição veio demasiadamente tarde, porque só teve lugar depois de haverem esses vasos servido á Lopez, para transportar a maior parte do seu exercito e do seu trem de guerra, provisões, etc. Para o campo fortificado de Tebicuary, d'onde lhe fica livre a retirada para Villa Rica e interior do paiz. Lopez, sua amasia e o bispo do Paraguay acompanharão essas forças, deixando em Humaytá apenas os artilheiros precisos para o serviço das 88 peças do grosso calibre que ficarão na fortaleza (...)Estreitado o cerco, estabelecidos os parallelos e levantadas as baterias, achando-se alias bem municados os navios encouraçados, o bombardeio de Humaytá, quando for levado á effeito, deverá entregar-nos senão a fortaleza em sua fórma actual, pelo menos as suas ruínas, porque a resumida guarnição não conseguirá defeneder a praça durante muitos dias. E podia terminar a guerra com esse successo, se Lopez não se tivesse retirada para Tebicuary. Foi uma verdadeira desgraça não se conseguir desde logo a destruição dos seus navios e a demolição das baterias de Timbó e Novo Estabelecimento; por que d'ahi resulta a prolongação de guerra, e com ella a de nossos sacrificios já sem conta.³⁸⁵

Segundo a crônica, o corte nas comunicações entre Timbó e Humaitá poderia ter antecipado o final da guerra. Porém, somente no dia 23 de março, quando Lopez já havia se retirado, é que os navios brasileiros puderam romper esse ponto e destruir os vapores citados pelo jornal. A fuga de Solano Lopez acarretou grandes prejuízos para os aliados, e os jornais pareciam já estar cientes dessa nova condição.

O *Jornal do Commercio* pondera a respeito do quadro de guerra naquele momento demonstrando evidente frustração. Além disso, a imprensa, no geral, ao mesmo tempo em que criticava o prolongamento do conflito apontando algumas falhas, reforçava o discurso de defesa da honra do Império e isso significava, em qualquer condição, a captura de Solano Lopez. Nesse sentido, como frisa o jornal de Porto Alegre, mesmo com

³⁸⁵ Jornal do Commercio – Retrospecto – Porto Alegre , 01 de maio de 1868 – AHMV.

as forças paraguaias estando totalmente dominadas, não seria possível declarar o fim da guerra estando Lopez ainda longe da mira dos aliados.

Hoje, embora Humaytá caia e Assumpção seja ocupada, continuará a guerra (...) E' certo que tomando Humaytá e o ocupada Assumpção, nada impedirá a aliança de declarar oficialmente a sua victoria, estabelecendo um governo provisório paraguay e considerando Lopez rebelde e fóra da lei. Mas isso não é o fim da guerra, a resistencia durará enquanto o marechal Lopez pisar territorio paraguay. Fizemos muito, é verdade; mas tambem ainda resta muito a fazer, e o fim da guerra não se nos antolha tão próximo, como muitos julgão. Tivesse Lopez ficado encerrado em Humaytá, com mais alguns heróicos esforços estaria terminada a guerra em dois ou tres mezes. Hoje que elle se acha no interior, tando Villa Rica por base de suas operações, ainda passarão muitos mezes sem que o Brasil possa embainhar a sua valente espada e cantar a victoria completa nos campos do Paraguay. Entretanto a nação que tanto tem feito e tantas glorias tem conquistado conitnuará seu empenho; o Brasil levará ao cabo a sua tarefa pesada mas cheia de gloria (...) O resto devemos confiar de Deus, da justiça de nossa causa, do valor dos nossos bravos e do patriotismo dos brasileiros, que não saberão recuar do sacrificio algum para conseguirem a victoria na guerra em que se achão empenhados, e que ainda não conta rival na America do Sul.(...) ³⁸⁶

Na época, as folhas também davam atenção para a situação política da província sempre lamentando e condenando a falta de representatividade sul-rio-grandense nos assuntos do Império. A mudança no governo da província em abril de 1868, quando Joaquim Vieira da Cunha assumiu a presidência no lugar de Marcondes Homem de Mello, presidente bastante citado pelos jornais que encontramos, foi pretexto para *A Sentinella do Sul* relembrar brevemente a condição política do Rio Grande do Sul naquele momento.

No dia 13 de Abril depôz o Exm Sr. Dr. Marcondes Homem de Mello as redeas do governo, e embarcou no dia 14 com destino ao Rio de Janeiro, onde é chamado pela reunião da camara temporária, de que é membro pela provincia natal. (...) A provincia, vendo partir o Sr. Dr. Homem de Mello, acompanha-o não só com vistas gratas e saudosas, mas tambem com a esperança sem duvida bem fundada de que S. Ex. no seio do parlamento, arvorar-se-há representante e consul d'esta terra, privada de sua legitima representação. O Rio Grande, n'esta sessão, terá um representante, não precisará pedir protecção aos deputados de outras provincias. Seu presidente ahi esta, ocupando uma cadeira, e toda a vez que entrarem em jogo os interesses d'esta provincia, o Sr. Dr. Homem de Mello fará por ella o que podião fazer os seus proprios deputados.(...) O Sr. Homem de Mello é deputado por S. Paulo, mas é presidente do Rio Grande, e por isso nosso deputado tambem; a provincia desherdada e fóra da communhão constitucional conferiu na hora da partida ao seu presidente o mandato honroso de representar os seus interesses na camara (...) No dia 13 de Abril assumiu a presidência, o Exm. Sr. Dr. Joaquim

³⁸⁶ Jornal do Commercio, 01 de maio de 1868.

Vieira da Cunha, e temos a convicção profunda que essa data assignará o começo de uma administração tão benéfica em seus resultados, attenta a circumstancia de que S. Ex. é rio-grandense. (...) O governo imperial nomeando o Dr. Joaquim Vieira da Cunha para 1º vice-presidente da provincia, quando estava próximo a partida do Sr. Homem de Mello, prestou não justa homenagem as eminentes qualidades d'esse venerado ancião, mas também mostrou respeito e deferência á opinião da provincia, chamando para esse cargo o presidente da assembléa provincial, isto é, representante mais genuíno da opinião. (...) ³⁸⁷

Com o passar dos dias, naturalmente, apesar da passagem por Humaitá ser ainda usada como prova da capacidade e superioridade das forças aliadas, a euforia dos periódicos foi diminuindo. A edição de 08 de maio do *Jornal do Commercio* é um bom exemplo disso. Mencionando o relatório do ministro inglês Gould, o mesmo que havia tentado sem sucesso por fim a guerra um ano antes, relembra e censura o comando das forças aliadas pelas vezes em que as vitórias não foram devidamente aproveitadas. Nessa opinião, vale destacar que não somente Bartolomé Mitre é criticado, mas que também Caxias é responsabilizado pela falta de iniciativa após a ultrapassagem de Humaitá.

Nosso systema de demoras e procrastinações tem sido a causa do prolongamento da guerra. Os aliados tem executado façanhas dignas de eterna nomeada, e a valentia do exercito brasileiro se ha revelado inexcédível; mas o comando em chefe, não tem sabido tirar das vantagens obtidas o proveito necessario. O Sr. Gould especifica em seu relatório a passagem do Paraná pelo inimigo, que a esquadra não impediu a acção de 21 de Maio, que deixou de prosseguir-se na victoria; a de 2 de setembro de 1866 (tomada de Curuzú) onde se deu tempo ao inimigo para fortificar Curupayti, e finalmente a marcha para Tuyu-Cué, em occasião que se podia cortar ao inimigo as communicações com o interior. Arrazoemos: Na passagem do Paraná a esquadra não teve a iniciativa necessaria; no dia 21 de Maio a culpa cabe a Mitre, porque querendo o valente Osório continuar á avançar, não lh'o permitirão as ordens do general em chefe. Em Curupayti ainda toda a culpa cabe á Mitre, porque querendo o conde de Porto Alegre marchar sem demora sobre Curupayti, teve ordem de fortificar Curuzú, e quinze dias depois quando o inimigo já estava fortemente entricheirado, mandou o general em chefe, contra a opinião do general brasileiro, tentar o assalto e tocar a retirada, quando a victoria era quase certa. Mas Tuyu-Cué? Então já commandava Caxias, e é á esse chefe que toca a censura do diplomata inglez, que não deixa de ser justa, porque hoje está provado que as linhas extremas de Lopez erão guarnecidas com peças de madeira em vez de canhões, e que um enérgico movimento para frente, talvez houvesse cortado todas as communicações com o interior, pelo menos por terra. Hoje, porém, há motivos mais sério ainda para duvidar-se da estrella feliz do commando em chefe, porque após os feitos heróicos do dia 19 de Fevereiro, é sem duvida culposa a inacção dos exércitos da esquadra. Se as vantagens conseguidas n'aquelle dia houvessem sido devidamente aproveitadas, os vapores de Lopez terião sido levados a pique antes de evadir-se o

³⁸⁷ A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 04 de maio de 1868. MCHC.

déspota com o grosso do exercito. E foi n'esse lance que se jogou a sorte da guerra. Lopez cercado em Humaytá, inutilizadas as suas fortificações no Chaco, e occupada Assumpção, a victoria teria estado próxima (...)mas nada se fez. Dois longos mezes decorrerão e tudo ainda está no mesmo estado (...).³⁸⁸

Além de repreender a falta de ação de Caxias, a crônica lamenta os gastos com o conflito. O estado financeiro do Brasil sempre foi assunto e motivo de preocupação e análise dos periódicos durante o conflito, especialmente quando esse já se tornara mais longo do que o esperado. Sustentar uma guerra fora de seu território comprometeu seriamente as finanças públicas do Império.

Esse infeliz systema de descançar-se após vitoria, de não utilizar as vantagens ganhas, tem sido a nosssa desgraça, prolongando infinitamente esta guerra tão ruinosa, que custa ao Brasil o melhor do seu sangue e de sua força vital. Já se diz ao povo sem rebuço que a guerra póde durar mais um anno. Santo nome de Deus! Mais um anno, isto é, mais 15 ou 20.000 vidas, mais 40 ou 50 milhões, mais 365 dias de sacrificios constantes, de difficuldades sem conta, que diariamente augmentão com o estado das coisas na republica do Uuruguay e na Confederação Argentina. O systema de delongas que tem medrado no exercito alliado, é causa da prolongação da guerra, tanto mais quanto é certo que o mesmo golpe audaz que com descommunal heroísmo tentou a esquadra e executou em 19 de Fevereiro, podia tel-o feito já no anno passado, em que contava com os mesmos elementos, em que a enchente do rio Paraguay foi menor (...). Com a metade ou a quarta parte do dinheiro que nos custarão os últimos tres annos de hesitação e delongas, ter se-hia construído em menos de um anno uma estrada de ferro que ligasse ao Rio de Janeiro ao Mato-Grosso, e que nos teria dado uma nova e sem comparação mais favorável base de operações ao Norte de Assumpção.³⁸⁹

Embora não abra mão do pensamento que o presidente paraguaio deve ser pessoalmente derrotado para que uma paz honrosa para o Império seja feita, o jornal considera perigoso o prolongamento da guerra. Deixando claro o grau de impopularidade que a guerra tinha alcançado, a folha coloca em dúvida a possibilidade de uma paz que garanta honra do país se ao mesmo tempo ele estiver completamente arruinado.

³⁸⁸ Jornal do Commercio , Porto Alegre, 08 de maio de 1868. AHMV.

³⁸⁹ Ibid.

A dignidade da nação está empenhada e a guerra deve ser pelejada; devemos vencer, - não queremos a paz, rejeitamos-a como deshonrosa, enquanto Lopez não estiver fóra do Paraguay, e os estandarte aliados não tremularem ovantes em Assumpção e Humaytá. Mas também o sangue e o suor do povo não devem ser prodigados em vão, perdidos em eternas demoras e adiamentos. E' tremenda a responsabilidade dos chefes d'esta guerra, porque n'ella entra em jogo a vida e o futuro todo do Brasil. Mais de dois annos de sacrificios como os que supportamos diariamente, e o paiz estará totalmente arruinado. Então a victoria já não nos servirá (...) Lopez vencido, poderá ainda cantar triumpho, porque causou a ruína do seu inimigo. Não, pelo amor de Deus,; saibamos aproveitar os ensejos favoráveis; não se perca um dia, porque cada um custa ao paiz annos de sofrimento, de miséria, de privações e de lagrimas. Uma grande desgraça aliás já ameaça a causa da alliança, Mitre, o general procrastinador por excellencia, promette voltar ao exercito para assumir o comando supremo. Façamos alguma coisa, tentemos um esforço audaz antes que elle venha, senão ficaremos annos inteiros nas posições que occupámos, á custa do sangue brasileiro. Já que não se realizarão as eperanças tão fundadas que á toda a nação inspirarão os gloriosos feitos de 19 de Fevereiro, não se perca mais tempo agora, que se aproxima o momento em que Mitre pretende reassumir o commando. Até agora temos ganho muitas glorias, colhido muitos louros, mas poucos resultados reaes. A occasião é solemne; é necessario resolução e energia, para não tornar baldados tantos sacrificios.³⁹⁰

O apelo que faz a folha pelo final da guerra reflete abertamente a angústia do povo. Com o passar do tempo, o entusiasmo e a disposição que se verificaram no início da campanha foram desaparecendo. As vitórias alcançadas sobre o Paraguai só poderiam ser comemoradas se representassem o definitivo fim da guerra.

Outro jornal que lamentou a continuidade da guerra foi *O Especulador*, de Rio Grande. Na edição de 17 de maio, além de fazer referência sobre os gastos com a guerra, o jornal denunciou a difícil situação do exército e dos soldados brasileiros que lutavam pelo Império no Paraguai. Embora o periódico de Rio Grande não faça referência sobre as deserções, sabe-se que as difíceis condições enfrentadas pelo exército e descritas pela folha, dificultaram a manutenção da coesão nas fileiras do exército.

A' medida que se vai prolongando esta guerra nefasta, que nos custa o melhor do nosso sangue e de nossa seiva vital, também se tornão patentes os vícios orgânicos do systema até hoje empregado em sua direcção. Enormes sommas de dinheiro têm sido malbaratadas; o governo gasta com nobre generosidade; elle não quer que o soldado soffra fome e nudez, que o doente seja mal tratado. E entretanto, ouvindo-e os officiaes que voltão do theatro da guerra, não se encontra a bem dizer um só que não conte horrores de que vai por lá (...) Por mais que os generaes queirão fiscalisar os fornecimentos de viveres, viço dos hospitaes, os abusos são tantos, tantas fortunas se fazem a custa dos míseros soldados, que causa horror ouvir-se contar todas essas coisas. O que mais deve admirar-se nos soldados brasileiros, que há tres annos pelejão no Paraguay, não é tanto a sua bizzarria e rara

³⁹⁰ Jornal do Commercio, 08 de maio de 1868.

valentia, é mais que tudo a sua abnegação, a resignação com que supportão misérias, privações e injustiças, sem perderem o animo, sem soltarem uma queixa, sem arrefecerem no ardor do cumprimento dos seus deveres. O soldo do exercito é mal pago; acontece frequentemente estarem as tropas muitos mezes em atraso, e isso que dizer que o misero soldado fica reduzido a viver do rancho, que é insufficiente e quase sempre de má qualidade, porque o fornecedor não se contenta com poucos lucros, quer ganhar mundos e fundos, e para fazer a sua fortuna em poucos mezes não hesita em sacrificar o soldado. Mal pago, mal alimentado, mal vestido, porque em relação ao fardamento se succedem coisas idênticas, o soldado tem de supportar os rigores de uma campanha, rica de penosos serviços, e sujeitar-se ás exigências do exercito e da disciplina, que frequentemente o mandão despertar, quando apenas conciliou o somno, ou os chamão ás armas por meras etiquetas e impertinências dos commandantes, quando justamente se prepara para tomar a sua pobre e insufficiente refeição. Se as privações, as fadigas e o ferimento em combate levão o soldado enfermo ao hospital, ahi encontra cuidados médicos, é verdade, mas os commodos são escassos (...) A espantosa mortalidade no exercito é em grande parte devida á má condição do serviço sanitario. Morrendo o soldado no hospital seu espolio é vendido em hasta publica e as mais das vezes por dez reis; eesta insignificante somma nem sempre chega á pobre família, coberta de lucto, e quando chega, é depois de annos e de longo trabalho por parte dos herdeiros que têm de andar de ante-sala em ante-sala, a chorar e pedir. (...) Erijámos em nossos corações altares ao patriotismo e á dedicação, e a CARIDADE PUBLICA se encaarregue de completar a obra do governo, de preencher as lacunas que este deixe na sua previdencia e na sua justiça.³⁹¹

A edição de 04 de junho do *Jornal do Comércio* sintetiza bem a postura da imprensa diante da guerra naquele momento. Recordando o mês de maio, a folha celebra o completo bloqueio de Humaitá, obtido no início de 1868, ressalta o discurso de defesa da honra e ataca Lopez, inimigo sempre apresentado como agressor.

O mez de Maio poucas alegrias trouxe ao nosso imperio, que como Sysipho ainda rola a pedra da fabula, essa malfadada guerra-do-Paraguay, que nos custa o melhor do nosso sangue e de nossas forças. O dia 3 de Maio, já celebre nos annaes d'esta guerra, é verdade que mais uma vez assignalou um feito glorioso; mas precisamos não de um, senão de dezenas, de centenas talvez, antes que seja quebrada e subjugada a feroz vontade, a resistencia desesperada do tyranno do Paraguay. Afinal está completo o sitio de Humaytá; os esforços perseverantes das tropas alliadas conseguirão no 3 de Maio desalojar o inimigo de sua posição no Chaco, e cortadas assim todas as communicações com a fortaleza sitiada, não tardará esta a render-se, visto que a sua guarnição não póde ter viveres por muito tempo. Não foi sem sacrificios que conseguimos a posição do Chaco; o acto da tomada e a defesa contra um ataque posterior do inimigo, mostrarão mais uma vez que os louros não se colhem n'essa guerra, sem bem pesados sacrificios. Mas o essencial é que demos mais um passo para a frente, e que, rendida a soberba Humaytá, será livre a navegação do Paraguay, e a nossa esquadra, senhora do rio, poderá operar sobre Assumpção e penetrar no alto Paraguay, lá onde o nosso ovante pavilhão foi calcado e rasgado pela brutal mão do despotismo, e onde a manopla férrea do tyranno pesou sobre os nossos irmãos de Mato-Grosso. A injuria será lavada,

³⁹¹ O Especulador, Rio Grande, 17 de maio de 1868 .BRG.

Mato-Grosso libertada; Assumpção aniquilada, - mas a conclusão da guerra? Esta nos antolha ainda longínqua e pouco esperançosa; Lopez este em Tebicuary e a guerra de recursos lhe abre os seus horisontes. Para um caráter indômito como o de Lopez, que dispõe de um pobre povo fanatisado, que chega a armar as mulheres para a defesa dos seus tyrannisados lares, essa esperança é tudo, porque ella lhe dá tempo, e tempo é a solução do problema pendente.³⁹²

As agitações políticas no Uruguai e na Argentina e as dificuldades econômicas que aumentaram a impopularidade da guerra também são analisadas pelo jornal. Conforme já descrevemos, Solano Lopez, manteve-se até o fim, mesmo nos momentos mais difíceis, esperando por algo que alterasse a seu favor o quadro da guerra. Depois de alertar sobre as possibilidades e esperanças que Lopez ainda podia ter e se beneficiar, o jornal volta a criticar o comando aliado e mostrar descontentamento com a situação política da província.

Quantos incidentes podem sobrevir, que influão em sentido favorável para elle, desde que a guerra se prolonga infinitamente? A intervenção estrangeira, a mudança de política em Buenos-Ayres, a crise financeira e econômica que ameaça os paizes alliados, tudo isso são outras tantas estrellas de esperança que rutilão para Lopez no mysterioso firmamento do futuro. (...) Todo o mal foi a retirada de Lopez de sua posição em Humaytá: tivesse a esquadra aniquilado os seus vapores, obrigando-o a encerrar-se na fortaleza, a guerra estaria acabada. Mas Lopez escapou-se, e enquanto elle viver teremos guerra, embora a victoria official seja cantada na cathedral de Assumpção, embora os estandartes alliados fluctuem nos zimbórios da residência do tyranno. O mal está feito; hoje restanos combater, até vencermos. E' dura, é triste necessidade, mas é preciso sujeitarmo-nos ás consequencias dos erros que pelos commandantes em chefe forão commetidos desde o começo d'essa malfadada guerra, até o momento em que Lopez arvorou o seu estandarte em Tebicuary. (...) Mais favoráveis não são as novas que nos chegão dos estados visinhos, nossos alliados. (...) Em Uruguay a revolução se prepara, lenta mas infallivelmente; os elementos se reúnem, e um poder abatido e privado dos meios de defender-se (...) Oxalá assim não seja, mas temos pouca esperança do contrario. (...) E' fóra de duvida que tudo depende da eleição presidencial de Buenos-Ayres; sendo Urquiza eleito, e procedendo elle em sentido infenso á alliança, só Deus sabe quaes serão as consequencias. Em todo o caso está muito annuviado o horisonte das republicas do Rio da Prata, e o mez de Junho, em que deve ser effectuada a eleição, nos trará importantes acontecimentos que muito poderão influir sobre o futuro da guerra. (...) As dificuldades políticas reúnem-se nos estados do Prata, as financeiras, que não são menores, nem de solução mais fácil. (...) O nosso império viu no mez de Maio aberto o parlamento brasileiro, onde occupão os seus lugares os representantes de todas as provincias, com única excepção da pobre enteada Rio Grande, que banida da roda de suas irmãs, e privada de seus direitos constitucionaes, só tem licença para derramar o seu sangue no Paraguay.³⁹³

³⁹² Jornal do Commercio, Porto Alegre, 04 de junho de 1868. AHMV.

³⁹³ Ibid.

Ainda em junho, na edição do dia 24, *A Sentinella do Sul*, publicou uma ilustração investindo contra a “covardia” de Solano Lopez. Na figura, que é um bom exemplo da variação da imprensa do Rio Grande do Sul, Solano Lopez é colocado escondido atrás de sua esposa, Elisa Lynch.

Figura 10: A covárdia de Lopez.



FONTE: *A Sentinella do Sul*, Porto Alegre, 24 de junho de 1868.

Entre os prejuízos provocados por coleções incompletas ou mal conservadas nos arquivos, seguramente o maior de todos pode ser notado no momento de retratarmos o comportamento da imprensa a partir do segundo semestre de 1868. Tanto as mudanças políticas ocorridas no Brasil, como a volta do Partido Conservador ao poder e a vitória de

Sarmiento na Argentina, que já era anunciada como perigosa pela imprensa, tornam especial esse novo momento. No Brasil, o desentendimento entre liberais e conservadores expressou automaticamente a volta da rivalidade entre os jornais e de imediato a divisão de opiniões. Como diz Francisco Alves:

A maioria dos jornais havia acompanhado o remanso político do II Reinado, embora alguns chegassem a criticar a falta de unidade ideológica nas frentes de coligação partidária até então em voga, reivindicando a ação de conservadores e liberais “puros”. A inversão de 1868, entretanto, significou também uma virada para a imprensa, uma vez que o debate partidário voltaria à ordem do dia nas páginas dos periódicos.³⁹⁴

Além das mudanças no campo político que afastavam perigosamente Brasil e Argentina, o segundo semestre de 1868 também assistiu importantes operações militares. Em julho, o 3º Corpo do Exército, comandado por Osório atacou Humaitá sofrendo duros estragos. Entretanto, alguns dias depois, após os paraguaios abandonarem a fortaleza devido à falta de recursos, os aliados finalmente, entram em Humaitá. No mês de agosto, dois assuntos devem ter, certamente, ocupado os jornais: Caxias, que considerando cumprida a missão e restaurada a honra do Império passou a defender o fim da guerra, e a retirada das tropas argentinas do conflito.

No final de dezembro, consecutivos combates arruinaram o poder militar de Solano Lopez e tiveram grande significado na medida em que abriram o caminho para a ocupação de Assunção, ocorrida no primeiro dia de 1869. Infelizmente, os poucos números que encontramos desse período não nos fornecem registros suficientes para formarmos um novo quadro sobre o posicionamento da imprensa sul-rio-grandense ou mesmo constatarmos que esse não foi novamente alterado.

Conforme Doratioto, os últimos sucessos obtidos no campo militar contra os paraguaios “não reverteram a impopularidade que a guerra adquirira junto á opinião pública brasileira.”³⁹⁵ A proposta de terminar a guerra, feita por Caxias, repercutiu positivamente entre os brasileiros porém não sensibilizou o imperador. Na edição de 08 de novembro, mesmo ironizando a produção artística no Paraguai, *A Sentinella do Sul*, ao publicar

³⁹⁴ ALVES, 2009, p. 147.

³⁹⁵ DORATIOTO, 1996, p. 47.

ilustração do jornal paraguaio, *Cabichuy*, mostra a realidade da guerra divulgando a pressão feita por D. Pedro II naquele momento.

Figura 11: D. Pedro pressiona Caxias pelo fim da guerra



FONTE: A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 08 de novembro de 1868.

Como diz Francisco Doratiotto, “o imperador manteve até o fim do conflito a convicção de que era preciso destruir de vez toda a influência “lopizta” no Paraguai, daí recusar a paz que não atendesse a esse objetivo.”³⁹⁶ Como observamos, até então, mesmo nos momentos mais críticos, a imprensa jamais havia se mostrado favorável a idéia de paz sem que antes tivesse garantida a honra do Império, seguindo, portanto, o pensamento de D. Pedro.

A forma como a imprensa sul-rio-grandense noticiou a chegada dos aliados em Assunção no dia 01 de janeiro de 1869, permanece sendo uma dúvida, devido à falta de exemplares desse período. O modo como foi retratado o sucesso da esquadra brasileira sobre Humaitá nos permite imaginar a euforia da imprensa ao anunciar a tão sonhada

³⁹⁶ DORATIOTO, 2002, p. 339.

chegada na capital do inimigo. Porém, ao mesmo tempo, depois de quatro anos de guerra, do fim do chamado “ministério da conciliação” e de tantas falsas esperanças anunciadas, temos motivos para acreditar que a presença do exército aliado em Assunção não foi suficiente para fazer ressurgir na opinião pública da província o entusiasmo de antes.

Qualquer expectativa motivada pelas vitórias alcançadas em dezembro de 1868, que arrasaram o exército paraguaio e abriram caminho até Assunção, foi imediatamente apagada pela fuga de Solano Lopez. Nesse episódio, Caxias foi um dos alvos prediletos da opinião pública, que responsabilizava o comandante brasileiro. Nesse momento tanto o imperador, por rejeitar a paz que era esperada por grande parte da população, como Caxias, por estar à frente de um exército que não foi capaz de impedir a fuga do presidente paraguaio, já eram, direta e indiretamente, alvos de críticas de parte das folhas do Rio Grande do Sul.

Mesmo com Assunção destruída e ocupada pelos aliados a guerra continuava. No dia 19 de janeiro de 1869, desgastado fisicamente e sem entender os motivos para a continuidade da guerra, Caxias retira-se do Paraguai e o compromisso de organizar a perseguição a Solano Lopez foi passado ao conde d’Eu, genro do imperador. Sem entrar na discussão sobre as circunstâncias da fuga do presidente do Paraguai, a mesma estendeu a guerra por mais um bom tempo e exigiu esforços que poucos ainda estavam dispostos a oferecer. Em janeiro de 1869 pouco se sabia sobre o paradeiro de Solano Lopez. De acordo com Doratioto:

(...) a situação no Paraguai era difícil para o Império, não porque o inimigo ainda fosse uma ameaça séria, pois, com poucas armas e homens, o máximo que Solano Lopez poderia fazer era continuar em posição defensiva, sem perspectiva de vitória. O maior desafio para o governo imperial era a desorganização do seu exército e o estado de ânimo da tropa brasileira que beirava a desobediência, que poderiam impedir qualquer ação de envergadura contra o inimigo, que poderia, assim, consolidar posições no interior do país. Se isso ocorresse e no Brasil se agravasse, ainda mais, o descontentamento popular com a guerra – o pior dos quadros para o Rio de Janeiro –, a saída seria uma paz negociada para o fim do conflito.³⁹⁷

O novo momento de disputa entre liberais e conservadores, seguramente, teve grande peso nas críticas que eram feitas ao comando de Caxias. Mesmo assim, é inegável o

³⁹⁷ DORATIOTO, 2002, p. 396.

desanimo que sua retirada do comando provocou no exército brasileiro. Também por isso, a escolha do conde d'Eu para o comando geral no restante da guerra, ao que parece, foi bem vista pela imprensa.

A grande maioria dos poucos exemplares contendo registros sobre a última fase da guerra são do *A Reforma*, periódico político, noticioso e comercial que circulou em Porto Alegre entre junho de 1869 e junho de 1912. Na edição do dia 20 de junho de 1869, *A Reforma*, publica parte das considerações dos senadores na sessão do dia 25 de maio a respeito da saída de Caxias e da chegada do genro do imperador para assumir o comando do exército.

Na necessidade de encetar novas operações em perseguição do inimigo audaz (...) foi indispensavel substituir o prestigio do heróico duque de Caxias por uma personagem tão altamente collocada, que se presta a sustentar o nome elevado do Brasil n'aquellas paragens inhospitae, que os mais illustres guerreiros podiam abandonar, pensando que os perigos tinham cessado, e, portanto, a colheita de gloria. Dois pensamentos resumbram desse período: o 1º era impossível substituir por outro general que não fosse o príncipe. (...) o 2º que o exercito estava em debandada, pensando que os perigos tinham cessado (...). O bravo dos bravos, o deos Marte havia dito que estava acabada a guerra; no exercito a tendência geral era a de irem-se todos embora, porque não havia mais nem perigos que correr, nem louros, que colher; o governo, pois, conhecendo o perigo da situação, foi buscar o único personagem que em taes circumstancias podesse pôr barreira á debandada (...) O ex-general em chefe convenceu se de que estava concluida a guerra, e só assim se póde explicar sua retirada; o exercito deixou-se dominar da impressão do general, e todos queriam retirar-se; O exercito havia mister de um general que, superior e estranho a partidos, não se deixasse influenciar pelas paixões políticas e não metesse na guerra paixão partidária. Debaixo deste ponto de vista ninguem melhor podia servir do que o Sr. conde d'Eu; (...) O SR. BARÃO DE COTEGIPE: - Para que se insta tanto nessa declaração? O nobre general enganou-se. Foi mais um engano dos que tem havido nesta guerra. V. Ex. tambem não se enganou? O Sr. Zacarias registra mais esta confissão do governo; é a segunda, e muito importante, que tem obtido.

³⁹⁸

Devemos considerar, em primeiro lugar, a posição política do periódico. Órgão do Partido Liberal, ao expor parte do debate entre os senadores o periódico deixa claro seu posicionamento quanto ao momento da guerra e sobretudo quanto ao modo que Caxias deixou o exército.

³⁹⁸ *A Reforma*, Sessão em 25 de maio de 1869 - Porto Alegre, 20 de junho de 1869. MCHC.

O nobre ministro da marinha confessa, e portanto o governo, que o Sr. Caxias enganou-se quando deu a guerra por finda. Mas o orador é que não pôde admittir sem reparo a explicação. Ninguem devia conhecer melhor do que o nosso general as condições da guerra do Paraguay; S. Ex. declarou muito terminantemente ao governo, em documento official, que nunca se devia esperar revolta do povo paraguayo contra Lopez. O ex-comandante em chefe não podia desconhecer quaes eram os planos de Lopez. E' inegável que nos planos de Lopez ha duas partes distinctas. Na primeira, isto é, quando elle, a pretexto de equilibrio, invadio as nossas províncias de Mato-Grosso e Rio-Grande e as republicas vizinhas, e mostrou-se político estúpido e militar sem capacidade; mas na segunda, isto é, desde que limitou-se á defensiva, tem incontestavelmente mostrado grande tino. (...) Não se deve desprezar a palavra do inimigo. Lopez, que nunca confessára suas derrotas, no momento em que ia começar a nova phase por elle annunciada, declarou alto e bom som que fôra derrotado em Lomas Valentinas e a Angostura; mas acrescentou logo que – salvando-se elle, salvava a republica. N'estas circunstancias, um general que embainhando a espada, diz: - está a guerra acabada, - e imprime no exercito um movimento retrogrado, uma debandada, commette o maior erro que se pôde imaginar. (...) É preciso, é indispensavel, que, com toda a clareza se saiba quaes são as actuaes circunstancias; Se são peiores, não se occulte isto, peça-se mais força, e o paiz não se recusará (...) Seja, portanto, o nobre ministro franco; revele ao paiz em que circunstancias estamos; elle tem o direito de o saber e com precizão e verdade.³⁹⁹

A publicação do *A Reforma*, não demonstra somente o momento delicado vivido por Caxias, acusado no parlamento de não interpretar corretamente o quadro da guerra, mas sim, como já dissemos, deixa claro a renovação da tensão política que era diretamente transmitida pelas folhas. Como diz Amado Cervo:

É via de regra, obra da opposição: conservadora até 1868, liberal desde então até seu final. Não há opposição à guerra em si, mas as questões a ela pertinentes, suscitadas no Parlamento, denotam seriedade, porque em grande parte têm fundamento. Os temas privilegiados da critica à guerra são a ingerência de interesses partidários, descuido pela situação interna, incompetência do comando das operações, prolongamento inaceitável, desequilíbrio entre os custos e os resultados da guerra e, finalmente, o perigo de um temível militarismo nascente.⁴⁰⁰

Em julho de 1869, Osório, a pedido do conde d'Eu e diante do convencimento do governo imperial de que sua presença poderia reanimar a tropa, mesmo sem estar ainda recuperado do ferimento da batalha do Avaí que lhe obrigara a deixar a guerra, retorna ao Paraguai e assume o comando do 1º exército. Segundo Genivaldo

³⁹⁹ *A Reforma*, Porto Alegre, 20 de junho de 1869.

⁴⁰⁰ CERVO, 1981, p. 108.

Gonçalves Pinto, “a importância de Osório transcendeu a sua própria existência, e o conde d’Eu estava ciente da importância da presença dele em combate para o estímulo e perseverança na continuação da árdua tarefa de finalizar a guerra.”⁴⁰¹ A volta do general, personagem mais referenciado pela imprensa do Rio Grande do Sul, foi analisada pela folha de Rio Grande, *Arcádia*, em uma edição do mês de julho. Se Caxias estava tendo que enfrentar a opinião pública e responder as críticas que recebia, Osório continuava sendo prestigiado pela imprensa.

O general Osório marchou para o teatro da guerra! E’um novo sacrificio; um novo rasgo de heroicidade e patriotismo, de que a historia do universo não apresenta exemplo. Enquanto uns abandonam seus postos, para na tranquillidade domestica fruírem os regalos de uma vida ociosa, outros correm apressurados em defeza de seus irmãos d’armas, da pátria, e da integralidade nacional. Osório, despreza todas as commodidades, deixa o seu querido lar, e lá vai, ainda bastante doente, cheio de coragem e abnegação em desafronta da pátria. Valente e invencível, Osório soube sempre comprehender os deveres do soldado; porém, invalido e cansado, o inclito general ultrapassa as raias do dever para unicamente attender aos impulsos de seu nobre coração ao acudir aos reclamos de seus bravos companheiros. Que a estrella da felicidade guie sempre esse heróe; que o Deus das batalhas o tenha sob sua guarda; (...) - A’s 11 horas de sexta feira embarcou o S. Exc. a bordo do vapor Gerente. Uma guarda de honra fez-lhe a devida continência, e muito povo acompanhou-o até a barra, a bordo do Jaguarão e Perseverança. (...) Saudades, e prazeres profundos deixa o coração dos rio-grandenses que em fervorosas preces pedem a Deus a conservação da vida do seu querido general. Fagueiras auras o conduzam, e a estrella da felicidade lhe ilumine os passos.⁴⁰²

O *Echo do Sul*, periódico que circulava em Rio Grande e dedicava-se principalmente a literatura, também deu espaço para noticiar a volta de Osório para a guerra. Assim como o *Arcadia*, o jornal trata de destacar o patriotismo do general e a importância de seu retorno.

A estada do general Osorio em Buenos Ayres muito lisonjeou as vistas do nosso ministro Paranhos, pois é sabido, por confissão do mesmo ministro, que a presença do general muito efficazmente concorreu para alisarem-se as difficuldades pendentes sobre a organização do governo provisório no Paraguay, bem como para fortalecer a tendência que começa a manifestar-se nos homens eminentes da republica, de fraternidade e benovelencia para com a nação brasileira. Em S. Nicolau, pequena povoação á margem direita do Paraná,

⁴⁰¹ PINTO, 2006, p. 119.

⁴⁰² *Arcádia*, Rio Grande, fevereiro de 1869 – *Manifestações populares*. MCHC.

desembarcou o general para informar-se da comissão de officiaes brasileiros que ali estava, do estado do serviço de embarque de cavallos. (...). Uma comissão composta dos coroneis Paranhos, Carlos Resin e Antonio Augusto, offereceu ao general em nome dos officiaes residentes n'aquella cidade, dos nacionaes e estrangeiros, um jantar, que teve lugar no dia 4.(...) O jantar foi uma festa esplendida. O enthusiasmo tocou seu auge. (...) Todas estas esplendidas manifestações, assim como a que teve o general em Buenos-Ayres, são homenagens justas devidas ao grande patriota, que depois de haver prestado os maiores serviços n'esta guerra, deixa o lar domestico, despreza a saúde gravemente compromettida e cheio de abnegação lança-se de novo pressuoroso ao campo da honra.⁴⁰³

A partir da ocupação de Assunção, ocorrida no início daquele ano, começaram as tratativas para o estabelecimento de um governo provisório no Paraguai. José Maria da Silva Paranhos, membro do Partido Conservador e citado pela crônica, era o encarregado de iniciar as complicadas tratativas. As incertezas que haviam entre Brasil e Argentina, comentadas rapidamente no primeiro capítulo, e o fato de o Tratado da Tríplice Aliança não delinear sobre a instalação de um governo provisório, explicam a dificuldade da missão de Paranhos. Sarmiento, presidente recentemente eleito na Argentina temia a posição que o Império do Brasil poderia tomar após a guerra, por outro lado, os brasileiros desconfiavam das aspirações que o governo argentino poderia ter no Paraguai.

Para o Império, o governo a ser instalado no Paraguai deveria, antes de tudo, se comprometer com os termos do Tratado da Tríplice Aliança assinado em maio de 1865 e assim, colaborar com os aliados na perseguição a Solano Lopez. O fato do presidente paraguaio ainda não estar deposto foi um importante obstáculo para as negociações em torno da instalação do governo provisório. Fora isso, como salienta Carlos Delgado Carvalho, sobretudo argentinos e uruguaios questionavam o fato de a paz futuramente ser tratada com um governo provisório que não teria autoridade ou soberania diante da nação.

404

Acuado após as derrotas de dezembro de 1868, Solano Lopez teve como melhor e talvez única alternativa partir em direção as cordilheiras. A nova posição ocupada por Lopez foi motivo de preocupação para o governo brasileiro, que acreditava, conforme Keila Grinberg, “que daquela posição o ditador paraguaio poderia reorganizar seu exército e voltar ao poder, forçando o Império a negociar uma paz que àquela altura seria

⁴⁰³ Echo do Sul – O general Osório - Rio Grande, 22 de junho de 1869. BRG.

⁴⁰⁴ CARVALHO, 1998, p. 92 – 93.

humilhante”.⁴⁰⁵ Sobre as batalhas ocorridas em 1869 ou sobre a campanha da cordilheira nada praticamente foi encontrado nos exemplares que tivemos a disposição. Ao fazer de Peribebugui a sua nova capital, Lopez procurava tirar proveito da geografia da região, desconhecida para os aliados.

Na edição do dia 29 de junho, quando após muitas discussões os aliados já haviam chegado a um acordo quanto à criação do governo provisório, *A Reforma*, publica notícias chegadas de Assunção dando conta da marcha do exército em direção as cordilheiras onde se encontrava Solano Lopez. A pequena nota da conta basicamente da tentativa de se romper os principais pontos de acesso de Lopez e enfatiza o esforço feito pelo conde d’Eu para terminar a guerra. Além disso, a nota refere-se às famílias que se encontravam em Cerro León em difíceis condições e foram enviadas para Assunção.

Uma correspondência de Assunção diz: Os feitos sucedem-se, pois s.ex. o sr. conde d’Eu, quer terminar quanto antes esta prolongada guerra. O general Portinho com 2.500 homens e abundante cavalaria, saiu da Tranqueira de Loreto para a Villa Rica, a cotar a retaguarda de Lopez, e com estas forças e as do general Menna Barreto e as que saíram do Rosario ás ordens do general Camara, pretendem encerrar o inimigo. O grosso do exercito segue a marchas forçadas para as cordilheiras, perto do Cerro Leou. (...) O principe é extraordinariamente activo, zeloso, e com muita disposição para concluir brevemente a guerra. Não cessa elle de admirar o general Osorio, que apesar do estado em que se acha, levanta-se de madrugada a percorrer os acampamentos, lihas e postos avançados; em manhã, de rigoroso frio e muitas vezes garrando. Felizmente Deus o tem protegido pois não tem peiorado de seus encomodos. No dia 11 chegou aqui o João Manoel com a sua divisão trazendo cerca de 2 mil familias. Causava dor ao coração mais impedernido, vendo tão grande numero de crianças e mulheres nuas e esfarrapadas, mortas de fome e tiritando de frio.⁴⁰⁶

Nos exemplares que encontramos do mês de julho, notamos que o *A Reforma* preocupou-se em reпреnder a atuação do Partido Conservador e de Paranhos, que trabalhava na instalação do governo provisório no Paraguai. No dia 02 de julho a folha analisa a situação financeira do Império e demonstra temor pela continuidade da guerra. Apesar de já estar em andamento a negociação em torno do governo provisório a se instalar no Paraguai, o periódico não perdoa a posição do governo que insiste em querer terminar em definitivo a guerra somente diante da morte ou prisão de Solano Lopez. É

⁴⁰⁵ IZECKSON, 2009, p. 413.

⁴⁰⁶ *A Reforma*, Porto Alegre, 29 de junho de 1869 – O general Osório. MCHC.

nítida, nessa opinião, o efeito da mudança ocorrida no quadro político brasileiro em julho de 1868.

A continuação da guerra e o máo estado das finanças eras as tremendas calamidades, que primeiro, convinha conjurar. Sem a terminação prompta da guerra e immediato restabelecimento do estado financeiro, toda a esperança de salvamento era perdida. Mas a guerra ahi está; e, o que é mais; ainda que Lopez queira, o governo de Sua Magestade com elle não fará a paz; porque elle está tinto do sangue brasileiro!!! Assim, pois, a guerra, cuja terminação era promettida como meio único de salvação para o paiz, não poderá terminar, emquanto durar o actual gabinete, senão pela morte ou prisão de Lopez! As finanças, essas, se não estão em peor estado, cousa alguma tem melhorado.⁴⁰⁷

Na edição de 16 de julho de 1869, a posição do jornal quanto ao desempenho do governo e do Partido Conservador é ainda mais clara. O periódico faz um rápido balanço sobre a atuação dos conservadores no poder após, em sua opinião, golpe contra a ordem política e social do Brasil. As considerações do jornal limitam-se a avaliar a posição dos conservadores quanto as finanças e a mudança do discurso dos mesmos quanto a guerra contra o Paraguai.

Completa-se hoje um anno que o partido conservador, por um golpe de Estado, escalou as summidades do poder. Faz um anno que o partido liberal, pelo mais incrível capricho da corôa, foi acintosamente, a despeito do voto da opinião nacional – manifestado nas camaras e pala mesma coroa, - despojado do governo do paiz. 16 de julho é uma data memorável que o Brasil não póde esquecer, e que o partido liberal não póde deixar de recordar. (...) O golpe de 16 de julho, é bom repetil-o, foi uma verdadeira revolução, não só política como tambem social, a qual nem a constituição, nem o bem estar do paiz, nem as suas condições internas ou externas, podiam jamais justificar. Ha um anno que governa o partido conservador; e a direcção que tem elle imprimido nos negócios, é certamente a mais detestável, senão tambem a mais estéril (...). Na opposição clamavam desenfreadamente, os nossos adversários contra o regimen de papel moeda. Mal sabem porém esses salvadores da patria ao poder, mal tomam o leme da governança do paiz, eis que é o seu primeiro acto o decreto que autorisou a emissão de papel moeda! O governo passado augmentára os impostos. Foi por isto accusado pelos conservadores; agora deixam elles intactos ou quasi intectos os mesmos impostos (...). Isto em relação as finanças. Em relação á guerra: aquelles que há um anno clamavam contra a continuação da guerra, que taxavam a sua continuação de uma calamidade publica, hoje votam pela sua prolongação (...).⁴⁰⁸

⁴⁰⁷ A Reforma, Porto Alegre, 02 de julho de 1869. MCHC.

⁴⁰⁸ A Reforma, Porto Alegre, 16 de julho de 1869. MCHC.

Novas acusações contra a postura dos conservadores na guerra aparecem na edição do dia 24 de julho. Para o jornal, a instalação de um governo provisório no Paraguai é um grande erro que tem como culpado o ministro Paranhos. Na época, o diplomata brasileiro era constantemente acusado, não só pela oposição no Brasil, mas também na Argentina, de trabalhar para formar um governo provisório em que ele próprio fosse a maior autoridade.

Está em entregue ao domínio publico o acordo dos plenipotenciários do Brasil e das republicas Argentina e Oriental, bem como a correspondencia trocada entre os plenipotenciários das tres nações alliadas e os commissários paraguayos; documentos officiaes relativos ao estabelecimento d'um governo provisório no Paraguay.(...) Não é este talvez o momento mais próprio para a discussão d'esses importantes documentos, porém, no cumprimento sincero e leal do nosso dever perante o publico, não podemos deixar de classificar – grande erro político – esse que pretende impor um governo no Paraguay. O governo provisório em Assumpção é um monstro – diplomático, filho da fatal política imperial no Rio da Prata, que tem tido como interprete, desde muitos annos, o Sr. Paranhos, nosso actual ministro d' estrangeiros, que, infelizmente tem sido julgado o diplomata mais próprio para representar-nos junto ás republicas vizinhas. Já n'esse tempo, como se pôde verificar no protocollo das conferencias, Berges sustentou com arrogância e ameaças a causa do Paraguay, enquanto o Sr. Paranhos com a sua fina diplomacia não arredava um passo no terreno dos cumprimentos e cortezias! Colhemos agora o fructo d'essa criminosa política, sustentada pelos conservadores durante os seus 14 annos de reinado. (...) Mac-Mahon retira-se do Paraguay, e em quanto forma-se o governo provisório em Assumpção, aquelle diplomata despede-se de Lopez, e apresenta-lhe a carta na qual Grant, o presidente da grande e poderosa republica dos Estados Unidos, faz votos pela conservação das boas relações d'amisade do seu paiz com a republica do Paraguay da qual Lopez é presidente! O Sr. Caxias entendeu que podia acabar a guerra, dando-a por concluida em sua celebre ordem do dia; o Sr. Paranhos entende que pode agora cortar todas as difficuldades internacionaes dizendo: lá está o governo provisorio do Paraguay. Não, Srs., o paiz condemna vossas obras deplorando o descrédito e o ridículo que chamais sobre a diplomacia do governo do Brasil. A nação quer a luz, a verdade, um desfecho honroso para a lucta, e não esse arte-facto ridículo com que procuraes illudir o bom senso nacional.⁴⁰⁹

Na edição do dia 30 de julho os preparativos das tropas aliadas para o ataque definitivo contra Solano Lopez ocupam as páginas do *A Reforma*. Após o Conselho de Guerra ocorrido entre os aliados no dia 07 de julho prevaleceu a idéia do conde d'Eu que, divergindo de outros generais, como Mitre, por exemplo, pretendia atingir a retaguarda da

⁴⁰⁹ A Reforma, Porto Alegre, 24 de julho de 1869. MCHC.

posição de Solano Lopez e evitar assim um ataque frontal.⁴¹⁰ Durante todo o mês de julho os aliados estiveram envolvidos no sentido de colocar em ação o plano contra Lopez.

Do theatro da guerra nada se refere de notável. Os exércitos aliados ocupavam a mesma posição. Activavam-se porém, os preparativos para atacar Lopez. Dizia-se que o plano do ataque seria este: Uma esquadilha subirá o Rio Paraguay até a altura do Villorio da Embocada alli se desembarcará um corpo de exercito das tres armas de cinco a sete mil homens; essas tropas farão uma marcha rápida para os pontos de <<Altos e <<Atyras,>> e apoderar-se-hão das immediações do Cucupé, quartel general de Lopez, fundição e deposito general de artigos bellicos; ao mesmo tempo que se effectuar esta atrevida marcha, se execcutará outra operação de flanco, com um corpo de cavallaria de cinco mil homens que se dirigirá á Velenzuela. D'alli á Peribeby, occupando até Cacupá todos os pontos da retirada do inimigo; e quando a estratégia tiver dado resultado operado pela lógica, então as tropas da vanguarda darão o ataque em combinação simultânea com as que já tomaram posição dos pontos que tem de retirada o inimigo. Este era o plano combinado, segundo um correspondente da <<Tribuna>>; porém, ignoravam-se os detalhes. Dizia-se que Lopez estava muito fortificado em Ascurra; que em Cacupé tem a nova fundição onde se fundem oito canhões diários, e que oitocentos prisioneiros do exercito aliado trabalham alli. Segundo o mesmo correspondente, a mais exacta carnificina de Lopez de que se tem noticia até hoje é a seguinte: Na Villa Concepcion foram passadas pelas armas 63 mulheres das mais decente famillias da povoação. Antes de morrer, estas infelizes foram despidas e atadas umas ás outras. Um circulo de soldados as rodeava, e foram estes os executores d'esse horrivel crime. (...). Em Carapebuá a hecatombe foi immensa: não se sabe o número de famílias, porém a opinião geral dos prisioneiros e passados é que esse lugar foi theatro de uma das maiores carnifficinas.⁴¹¹

No início de agosto o plano do príncipe d'Eu foi posto em prática e a passagem até Peribebeu foi aberta. De 12 a 16 desse mês travaram-se as decisivas batalhas de Peribebeu e de Campo Grande e os aliados venceram a resistência de Lopez, que, entretanto, mais uma vez conseguira escapar. De acordo com Doratioto, “vencer a guerra passou a depender antes da paciência, coragem e resistência das forças brasileiras do que do gênio militar de seus comandantes.”⁴¹²

Ao mesmo tempo, no dia 15 de agosto, foi instalado o governo provisório em Assunção. Assim como a vitória aliada em Peribebeu não significou a prisão de Lopez, a instalação de um governo provisório que “dependia em tudo dos aliados”⁴¹³ não permitiu

⁴¹⁰ Cf. DORATIOTO, 2002, p. 405 – 406.

⁴¹¹ A Reforma, Porto Alegre, 30 de julho de 1869. MCHC.

⁴¹² DORATIOTO, 2002, p. 402.

⁴¹³ Ibid. p. 435.

que se iniciassem as tratativas em volta do tratado de paz. Na perseguição a Lopez, que se estendeu até março de 1870, os aliados não tiveram que enfrentar mais combates contra os paraguaios, porém, não ficaram livres da fome, do frio e de outras dificuldades impostas pela marcha. Além disso, esse novo adiamento provocado pela insistência na captura de Lopez trouxe novos prejuízos ao Império e críticas por parte da oposição e da opinião pública empenhada em defender os liberais.

Os acervos dos arquivos visitados, infelizmente, não contam com exemplares de periódicos que registraram a última fase da guerra. O único exemplar que encontramos da parte final do ano de 1869, edição de 17 de dezembro do *A Reforma*, não trata especificamente do andamento da guerra, mas sim, da atuação dos conservadores, novamente acusados pelo prolongamento da guerra e de omitirem a verdade da população.

O imperio está em paz. Os estellionatarios de 16 de julho escrevem em sua gazeta: - << os serviços do actual gabinete são manifestados por um certo bem-estar, que se faz sentir por todo o paiz.>> Foi o <<Dezesseis de Julho, jornal dos ministros da justiça e do império, que proclamou á nação a epocha, enfim chegada, da sua salvação. (...) Mas proclamar-se na corte, pela imprensa, que o paiz sente o seu bem-estar, é mais que audácia, é a cynica coragem de affrontar-se a verdade, de ostentar desconsideração pelas manifestações do espírito publico! Bem-estar quando vemos: A guerra no exterior que se prolonga sobrecarregando d'um modo espantoso os mirrados cofres do Estado; Um divida que nos opprime, e ameaça levar o paiz ao abysmo da bancarrota; Um diplomacia que desacredita o paiz parecendo esforçar-se em plantar os germes de futuras e graves complicações internacionaes; Um governo despótico que tem offendido os brios e a dignidade nacional pelo desvario com que tem procedido em seus acto (...); A criminosa applicação que se faz dos dinheiros públicos em favor dos amigos, dos parentes e correligionários que se vendem; O desprezo que ostenta o gabinete pelas leis, e a intolerância com que governam os fanáticos partidários que presidem as provincias, avassallando-as e provocando-as á resistencia;(...) Ao verem tudo isto, os mebros do gabinete julgam o imperio pelo mundo que os rodeia e não vacillam em escrever que o paiz gosa d'esse bem estar que só existe em suas cabeças desvairadas. Feliz Brasil! Os ministros do 16 de julho cantam as suas glorias e saúdam a regeneração da patria! Emquanto elles fazem isto o povo soffre, e a nação se estorce em profundas agonias (...). Há de chegar a epocha da regeneração e felicidade da patria, quando esta desgraçada situação cahir fulminada pela lei eterna que dirige os povos modernos pelos caminhos da liberdade e da democracia.⁴¹⁴

O drama acompanhou de perto as tropas brasileiras que perseguiram Solano Lopez no final de 1869. Além das disputas pessoais entre os oficiais, dos salários atrasados e do desconhecimento do terreno, as chuvas em excesso prejudicaram os

⁴¹⁴ *A Reforma – O bem estar do imperio* - Porto Alegre, 17 de dezembro de 1869. MCHC.

caminhos utilizados para abastecer os soldados, que, castigados pela fome não tinham o mesmo ânimo para prosseguirem o presidente paraguaio. Os pedidos de dispensa tanto de voluntários como de oficiais aumentavam a cada dia. A difícil situação desanimou até mesmo o conde d'Eu, que, embora acreditasse na captura de Lopez não demonstrava confiança que essa se daria em breve. A situação complicou-se tanto que o comandante do exército aliado cogitou retirar-se da campanha e voltar para o Brasil.

Preocupado com o momento delicado que as tropas enfrentavam no Paraguai, D. Pedro II deu a Paranhos a tarefa de garantir que o príncipe permanecesse no comando e finalizasse a guerra. Com um pequeno exército improvisado e em precárias condições, Solano Lopez insistia em marchar para o interior de seu país e ordenava a execução de supostos traidores. No início de 1870, tanto pela insatisfação dos soldados como pela poucas condições de resistência de Lopez, algumas tropas, especialmente de voluntários, retiraram-se do Paraguai.⁴¹⁵

A resistência de Solano Lopez durou até o dia 1º de março de 1870. Nesse dia as tropas comandadas pelo general Câmara chegaram ao acampamento paraguaio em Cerro Corá e travaram o último embate contra o inimigo. Inutilmente Lopez tentou nova fuga, porém, foi alcançado e atingido por uma lança. Embora Chico Diabo, como era conhecido o soldado que o feriu, tenha ficado famoso por ter matado o presidente paraguaio, sabe-se que Solano Lopez, já ferido, foi atingido por um tiro que lhe tirou a vida. Independente da discussão ou das dúvidas que possam existir sobre o ato que pôs fim a guerra, a morte de Lopez, apesar de ter sido motivo para comemoração e servido para restaurar a imagem do imperador, foi tratada com muito cuidado pelo governo imperial que temia que a notícia fosse mal recebida em países importantes fora da América.⁴¹⁶

Sem exemplares de jornais de 1870, ficamos, lamentavelmente, sem meios para discutir a participação da imprensa do Rio Grande do Sul justamente no momento que assinalou o final da guerra que por longos anos lhe chamou atenção. Em uma edição de janeiro de 1871 do *América*, periódico que começou a circular em Porto Alegre em agosto de 1870, encontramos uma pequena e única amostra do efeito que teve o final do conflito. Rapidamente, a folha recordou os horrores e o sofrimento causado pela guerra e comemorou o 1º de março de 1870, quando ela foi finalizada.

⁴¹⁵ DORATIOTO, 2002, p. 448 – 449.

⁴¹⁶ *Ibid.*, p. 453 – 454.

Saudamos cordialmente aos nossos leitores. Também o dia de ontem foi saudado em seu despertar, pela alegria do céu, e pelo triste silêncio da terra, mais tarde pelo sol, que também iluminou a nova era de 1871! O ano de 1870, teve para o Brasil dias memoráveis, tal é o 1º de Março, em que extinguiram-se as calamidades que por tanto tempo encheram de luto e pranto, a grande família brasileira! Essa hecatombe sanguinolenta, que rios de lagrima também fez correr, desapareceu do pensamento da humanidade, mais bem pela Providência Divina do que pela casualidade! Os sacrifícios eram já demasiados e necessitavam ter um paradeiro. O açougue de carne humana, o patíbulo de vítimas ilustres estava erguido no Paraguai, apesar do unânime protesto da civilização que irrisoriamente era todos os dias esquecida, calcada aos pés inhumanos de bárbaros inimigos, e para colmo da desgraça horripantemente despresada! Porém semelhante atentado contra Deus, não podia continuar por mais tempo, a Providência guiando os passos de Câmara, deu casta em Aquidaban, ao moderno Nero que se denominava Lopez; resistiu a paz à nossa cara pátria, ao passo que vingava para sempre os insultos de que ella havia sido victima. (...).⁴¹⁷

Ao saudar o novo ano, que se iniciou sem guerra após seis anos, o jornal fortaleceu o discurso pronunciado pelo governo imperial desde o começo do conflito afirmando que o Paraguai era o causador e que assim, a vítima era o Brasil.

A civilização refugia-se no esconderijo barbarismo, a sciencia desfallece entre corpos moribundos, a literatura abandona-se aos azares da negra sorte das armas! Nos terminamos com esse mal, regosijemo-nos; elles principiaram, deploremos com vehemencia esse arrebato, indigno de povos tão adiantados. O que será o novo anno de 1871? Todos ignoram, elle depende do porvir; pois bem, confiemos em Deus, para que esse porvir seja mais bondoso que os legados do passado!⁴¹⁸

Por mais que a impopularidade da guerra, notadamente após o fim da política da conciliação, tenha provocado críticas ao prolongamento do conflito e a forma como o governo imperial atuava nas tratativas em torno do governo provisório no Paraguai, nos parece óbvio, diante da grande expectativa que há tempos se mantinha em relação ao final do conflito, que a morte de Solano Lopez tenha sido celebrada pela maioria dos periódicos.

Vencida a guerra no campo militar, começava outra no campo diplomático que certamente manteve a imprensa atenta. Com pretensões bem definidas na região, principalmente os governos de Brasil e de Argentina continuaram a discussão a respeito do futuro do Paraguai. Os argentinos, interessados em anexar parte do território paraguaio ao

⁴¹⁷ América, Rio Grande, 02 de janeiro de 1871. MCHC.

⁴¹⁸ Ibid.

seu, insistiam na idéia de conservar as cláusulas do Tratado da Tríplice Aliança exigindo muito da diplomacia brasileira que se preocupava com a consolidação do governo paraguaio e fazendo com que o Brasil mantivesse tropas no Paraguai. Assim, como diz Doratioto, “entre 1869 e 1876 o Paraguai foi praticamente um protetorado do Império.”⁴¹⁹

Em separado, o que não agradou a Argentina, o governo brasileiro assinou um tratado de paz com os paraguaios no início de novembro de 1872 que garantiu ao Brasil a liberdade de navegação no Rio Paraguai e confirmou os limites que reivindicava.⁴²⁰ A disputa de limites entre o Paraguai e a Argentina, por sua vez, só foi definida pela arbitragem de Rutherford Reys, presidente dos Estados Unidos que decidiu a causa em favor dos paraguaios. Somente em 1876, na Conferência de Buenos Aires, quando a Argentina reconheceu o Paraguai como estado independente, é que a paz foi realmente definida.⁴²¹

A Guerra do Paraguai representou, em todos os sentidos, consideráveis mudanças para os países envolvidos. Gradativamente, tanto para o Brasil como para a Argentina, as relações com o Paraguai, após resolvidas as questões referentes ao longo conflito, foram perdendo importância. No Brasil, questões pontuais como as campanhas pela abolição e pela proclamação da república que se intensificaram após a guerra, foram ganhando espaço nas folhas e marcaram o início de um novo momento para a imprensa brasileira.

⁴¹⁹ DORATIOTO, 2002, p. 464.

⁴²⁰ Cf. CARVALHO, 1998, p. 95

⁴²¹ Cf. VIANNA, Hélio. História do Brasil: período colonial, monarquia e república. São Paulo: Melhoramentos, 14^o ed. 1980. p. 544.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na história da imprensa brasileira, iniciada no contexto de mudanças promovidas por D. João a partir de 1808, em vários momentos os jornais desempenharam importante papel. Um desses momentos, pelas dimensões e pelo que significou para a formação de cada um dos envolvidos, foi durante o longo conflito do Império do Brasil e seus aliados contra o Paraguai, onde reconhecidamente serviu como verdadeira arma política, utilizada tanto para mobilizar a população quanto para protestar contra as dificuldades advindas da guerra.

O envolvimento do Rio Grande do Sul, não só nessa guerra, mas também em desentendimentos anteriores na região do Prata e sobretudo a instável relação que manteve com o governo imperial no decorrer do século XIX, influenciaram de maneira muito particular a imprensa da província, que se acostumou com as intermináveis contendas políticas e militares da época. Desse modo, nosso primeiro e maior objetivo neste trabalho foi fazer um estudo abrangente sobre o envolvimento da imprensa do Rio Grande do Sul frente à Guerra do Paraguai no qual procuramos identificar as suas diferentes interpretações e considerar suas mudanças de comportamento.

Apesar de coleções incompletas terem produzido lacunas difíceis de serem preenchidas e impedido a realização de um estudo comparativo entre os diferentes jornais, é possível, com base nos dados coletados em 67 exemplares de periódicos que circularam no Rio Grande do Sul entre 1865 e 1870, assinalarmos algumas considerações sobre o tema proposto. Em nossa avaliação, os jornais do Rio Grande do Sul abordaram a Guerra do Paraguai levando em consideração situações bem claras: a histórica situação de conflito na região da fronteira, que teve como ponto máximo a entrada das tropas de Estigarribia;

os resultados obtidos nos campos de batalha que produziam ora entusiasmo, ora pessimismo em relação ao final da guerra; a participação da província dando destaque para a sua contribuição militar e para a sua condição política e econômica; e as disputas políticas, acirradas principalmente após o fim do Ministério da Conciliação.

Diante desses pontos, percebemos que durante a guerra a imprensa conservou tanto a característica de servir a interesses políticos e econômicos, colocando-se a disposição dos governos e das elites, quanto à de servir como espaço de protesto. Ao mesmo tempo, porém, considerando que os pontos destacados não são únicos e que nunca estão isolados, devemos salientar que os discursos produzidos a partir deles, apesar de serem distintos e de terem sido enunciados em momentos também distintos, não são necessariamente opostos. Ou seja, em alguns registros encontramos, por exemplo, tanto a espera aflita pelo fim da guerra como a rejeição a qualquer acordo de paz que não garantisse a honra do Império, ou então, tanto a comemoração em torno das qualidades do exército brasileiro quanto notas apontando seus defeitos e fraquezas.

A invasão da província pelas tropas paraguaias em junho de 1865, foi inegavelmente decisiva para o posicionamento que a imprensa do Rio Grande do Sul tomou. A partir do ataque inimigo, que ofendeu a honra nacional e expôs a vulnerabilidade da província colocando em dúvida a sua capacidade militar, os jornais assumiram abertamente a estratégia de diminuir e condenar o inimigo agressor.

Acompanhando a imprensa do restante do Império, os testemunhos deixados pelos jornais do Rio Grande do Sul investiram sem piedade contra Solano Lopez. Remexer nos vestígios deixados pela imprensa sul-rio-grandense no que tange a guerra contra os paraguaios foi, portanto, reforçar os olhares sobre o discurso de consagração da vitória e da superioridade brasileira. Deixando claro que a guerra foi motivada pelas ofensas de Solano Lopez, a imprensa limitou-se a comentar e a recuperar a invasão das províncias do Mato Grosso e principalmente do Rio Grande do Sul, sobrando muito pouco espaço para discutir a intervenção brasileira no Uruguai, vista por ela como a única alternativa do Império para garantir a dignidade dos brasileiros da região da fronteira.

Ao descrever, especialmente nos primeiros episódios do conflito, os crimes e horrores praticados pelos soldados paraguaios, os jornais depositaram no presidente paraguaio toda a culpa pela guerra. Assim, a imagem do inimigo foi desde o início sendo construída com o objetivo de legitimar a guerra e enobrecer a missão brasileira na luta contra o tirano e bárbaro que aterrorizava a América do Sul. O estabelecimento de paz esteve assim sempre associado à necessidade de derrotar Solano Lopez que teve, nesse

espaço, suas ambições freqüentemente ridicularizadas. Para a imprensa do Rio Grande do Sul, apesar de alguns exemplares mencionarem planos mais audaciosos, o Império tinha somente dois objetivos na guerra: garantir a honra nacional e libertar o povo daquele país da opressão de Solano Lopez.

Se foi o ataque sofrido na fronteira que agitou inicialmente a imprensa, foi o desempenho dos exércitos aliados em guerra que mais a provocou. Com o passar do tempo e com o aumento das dificuldades na campanha, as vitórias alcançadas ou derrotas sofridas determinaram importantes mudanças no comportamento da imprensa. O entusiasmo pela vitória da esquadra imperial na Batalha do Riachuelo, ocorrida em junho de 1865, que bloqueou o Paraguai e inviabilizou os planos do inimigo, e a insatisfação pela demora em se iniciar o contra-ataque, o que ocorreu somente em abril de 1866, são bons exemplos desse contraste. Porém, é o ano de 1868 que marca melhor essa condição da imprensa.

Após repercutirem o cerco a fortaleza de Humaitá destacando especialmente a ultrapassagem pela fortificação de Curupaiti em agosto de 1867, onde os aliados tinham sofrido pesada derrota em setembro do ano anterior, os jornais anunciavam a guerra como praticamente encerrada. Contudo, a falta de acordo entre os aliados, revelada nos periódicos em forma de críticas em especial ao comando de Bartolomé Mitre, impediu que a esperada vitória fosse noticiada. O desapontamento com a continuidade da guerra provocou as primeiras desconfiças na opinião pública no início de 1868.

Apesar de a vitória continuar sendo uma certeza, o prolongamento do conflito fez com que os jornais começassem a interrogar o verdadeiro valor que ela teria depois de tanto sacrifício e sofrimento. Os depoimentos, contrariando a maioria dos divulgados nos anos anteriores, passaram a lamentar e admitir a possibilidade de o conflito se estender por mais tempo.

Não há dúvida que a tão aguardada passagem pela fortaleza de Humaitá, ocorrida em fevereiro de 1868, serviu para impedir que se consolidasse naquele momento um discurso completamente oposto ao elaborado no início da guerra, porém, podemos afirmar que o episódio, extremamente celebrado pela imprensa brasileira, não serviu para esconder por completo a impopularidade do conflito. Embora a imagem de covarde e de tirano dada a Solano Lopez não tenha sido modificada, alguns periódicos foram obrigados a se contradizer e reconhecer alguns valores do exército inimigo, como por exemplo, a bravura e a determinação. Nesse caminho, tornaram-se comuns ainda notícias ou apreciações denunciando o lastimável estado em que se encontravam as tropas brasileiras

no Paraguai, considerando a arriscada situação financeira do Império e especulando as dificuldades que o mesmo poderia enfrentar no pós-guerra.

Junto com os depoimentos que acusavam Solano Lopez, tirando qualquer responsabilidade do Império pelo início da guerra, e que descreviam as dificuldades enfrentadas no campo de batalha, identificamos aquele que se fundamentou na participação do Rio Grande do Sul na guerra e exaltou o patriotismo e a dedicação dos sul-rio-grandenses. Comprovando que a imprensa não pode se distanciar muito da realidade e dos interesses da sociedade que a acompanha, esse discurso, direta ou indiretamente, apareceu na grande maioria dos exemplares que encontramos. O fato de a província ter enviado para a guerra a maior parte dos soldados do exército brasileiro, explica, em parte, esse posicionamento.

Construídos na maioria das vezes com a clara intenção de protestar contra o governo, esses depoimentos além de chamarem a atenção para a delicada condição financeira da província, que se agravava com a continuidade da guerra, reclamavam principalmente do afastamento do Rio Grande do Sul do quadro político nacional, lembrando que por decreto as eleições estavam suspensas na província desde dezembro de 1866. O contraste que havia entre o grande número de soldados sul-rio-grandenses enviados ao Paraguai e a falta de representatividade política da província foi largamente explorado pelos jornais da época.

Ao fazerem uso da estratégia de comparar o empenho da província com o de outras províncias do Império, os periódicos lamentavam a falta de reconhecimento por parte do governo imperial e denunciavam como injusta a difícil situação política e econômica encarada pelo Rio Grande do Sul. Nesse sentido, nos pareceu nítido, mesmo que a longa Guerra dos Farrapos não tenha sido mencionada ou recuperada de maneira direta pelos jornais que analisamos, que as diferenças que marcaram durante o século XIX o relacionamento entre sul-rio-grandenses e o governo imperial influenciaram o modo como a imprensa da província se interessou pela guerra.

Por fim, devemos avaliar a mudança política ocorrida no país em julho de 1868 e que representou o retorno do Partido Conservador ao poder. Para a imprensa, o rompimento do chamado Ministério da Conciliação, onde liberais e conservadores alternavam-se no poder e adotavam a mesma postura tanto no governo quanto na oposição, teve um importante significado: a volta dos acirrados debates políticos. Os ataques dirigidos aos conservadores pelo *A Reforma*, por exemplo, periódico ligado ao Partido Liberal, confirmam o novo momento vivido pela imprensa.

Assim, para alguns jornais nem mesmo as vitórias alcançadas no final de 1868, decisivas por permitirem a chegada das tropas aliadas em Assunção, foram suficientes para recuperar o otimismo perdido com os sucessivos adiamentos do anúncio da vitória final. Entendemos, portanto, que parte das críticas direcionadas a D. Pedro II, que se mantinha irredutível em relação à possibilidade de declarar o fim da guerra mesmo estando Lopez completamente arruinado, devem ser entendidas dentro do contexto de mudanças políticas que revigoravam a disputa partidária. Do mesmo modo, os depoimentos que responsabilizavam Caxias pela fuga do inimigo e apontavam equívocos da diplomacia imperial que negociava a instalação de um governo provisório no Paraguai, sinalizavam a rivalidade política que marcou e voltava a marcar a imprensa do Rio Grande do Sul.

Apresentadas essas considerações sobre os depoimentos da imprensa do Rio Grande do Sul durante a guerra e constatado que em muitas vezes estiveram carregados de paixão, nos deparamos frente a uma importante reflexão. Teria sido a imprensa do Rio Grande do Sul mais comprometida com a causa imperial e dedicada a mobilizar a população devido à marcante presença de sul-rio-grandenses nas fileiras do exército? Ou então, ao contrário, mas pelo mesmo motivo, teria sido ela mais intolerante quanto aos sacrifícios e perdas?

Independente do discurso reproduzido e da posição política do jornal, essa nem sempre identificada, a glória e o drama dividiram o mesmo espaço nas páginas dos periódicos sul-rio-grandenses tornando complicado, portanto, separar por completo a crítica e o apoio. Em nosso entendimento, predominou na imprensa do Rio Grande do Sul, embora esse fosse carregado de significado histórico, político e social o discurso que fortaleceu o patriotismo, a coragem e a lealdade do povo sul-rio-grandense, sempre disposto a defender a justa causa do Império.

Sendo assim, apesar da multiplicidade de discursos divulgados pela imprensa, propomos que nenhum deles tenha se distanciado muito daquele que foi proferido pelo governo imperial. Se haviam folhas que opinavam sobre os equívocos do governo e do comando militar ou relatavam as limitações do exército e a falta de recursos, outras, na falta de boas e novas notícias, apelavam para a estratégia de recuperar acontecimentos anteriores e as grandes vitórias obtidas que, além de excluïrem a realidade do momento, relembravam a necessidade de levar a guerra até o fim numa clara tentativa de manter a mobilização popular. Mesmo com as mudanças de comportamento que descreviam várias incertezas e temores, a imprensa jamais deixou de culpar Lopez pelo sangue que era

derramado e pelos prejuízos trazidos pela guerra. Em outras palavras, se eventualmente culpavam as autoridades políticas ou militares pelo prolongamento da guerra, faziam questão de esclarecer que essa era fruto das ações do presidente paraguaio.

A posição tomada pela maioria dos periódicos da província, não deu espaço para críticas mais fortes contra o governo. Observamos que qualquer censura contra a atuação política, militar ou diplomática relacionada à guerra era imediatamente encoberta com comentários que diminuía e ridicularizavam o inimigo, com depoimentos que enalteciam a legitimidade do conflito e o dever de defender a honra do Império, com justificativas que descreviam as condições naturais do Paraguai, ou com apreciações que reforçavam a falta de determinação dos aliados.

Diante das dificuldades encontradas para se reunir jornais do período, muitas perguntas ficaram sem respostas e dependem necessariamente de novas procuras e do encontro de novos vestígios. Mesmo que nossas considerações estejam associadas logicamente a aquilo que os jornais nos forneceram, podemos lamentar a ausência de notícias dando conta da presença do imperador na província, a falta de maiores detalhes sobre o Tratado da Tríplice e principalmente a falta de registros sobre o anúncio do final da guerra, que era tão esperada. Além disso, mesmo que o número de jornais estudados seja reduzido e portanto insuficiente para estabelecermos um quadro geral, nos chamou a atenção, por exemplo, a completa omissão das folhas em relação à presença das mulheres na guerra e a participação dos escravos, o que identifica certamente um lado muito peculiar da sociedade da época e que pode ser examinado em um estudo mais apurado.

Ao vincularmos um tema complicado como é a história da imprensa, com outro, quase sempre polêmico, como é a Guerra do Paraguai, aceitamos um grande desafio. Temos que reconhecer que os obstáculos impostos pela falta de preservação dos acervos de jornais e pelo descaso com a memória coletiva guardada pela imprensa, tornaram ainda mais árdua a nossa tarefa e limitou o alcance de nossa pesquisa. Assim, julgamos estar também colaborando para a conservação de uma pequena parte do patrimônio histórico guardado pela imprensa e que se torna, cada vez mais, uma fonte de comprovada importância.

Ao concluirmos este trabalho, acreditamos ter alcançado um dos principais objetivos da pesquisa que era descrever e avaliar o inconstante comportamento da imprensa do Rio Grande do Sul diante da Guerra do Paraguai. Nesse ponto, podemos concluir que atuando sem se distanciar muito da realidade, mas também de acordo com interesses que procuraram deslocá-la, os jornais da província em sua pluralidade

colaboraram na construção de vários aspectos do imaginário social no que se refere ao conflito que tanto significou para os sul-rio-grandenses.

Sistematizando as reflexões que foram feitas sobre os registros garimpados nos arquivos, não procuramos logicamente esgotar um tema cheio de possibilidades ou muito menos estabelecer uma verdade absoluta sobre o que foi proposto. Afinal de contas, uma investigação que se sustenta em jornais que circularam há quase 150 anos atrás é, definitivamente, interminável. Sabendo disso, além de propormos a continuidade da caça por exemplares capazes de acrescentar novos detalhes para a pesquisa, avistamos a possibilidade de futuros estudos que investiguem a atuação dos jornais da província no período pós-guerra e revelem novos olhares sobre a peculiar condição do Rio Grande do Sul durante o século XIX.

Referências Bibliográficas:

1. Bibliografia

- ALBERT, P.; TERROU, F. *História da Imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- ALMEIDA, Maria Luisa Nabinger de. *A diplomacia no Prata: injúrias, motivos e pretextos (1863 – 1865)*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.
- ALVES, Francisco das Neves (org.) *Imprensa & História no Rio Grande do Sul*. Rio Grande-RS: Fundação da Universidade Federal do Rio Grande, 2001.
- ALVES, Francisco das Neves. A Imprensa. In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (direção do volume). *História Geral do Rio Grande do Sul – Volume 2 Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 351 – 372.
- ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa, caricatura e historiografia no Rio Grande do Sul: ensaios históricos*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2006.
- ALVES, Francisco das Neves. *O Periodismo Gaúcho no século XIX: breves impressões históricas*. Biblos, Rio Grande, 23 (2): 137-166, 2009.
- AMAYO, Enrique. *Guerras Imperiais na América Latina do século XIX: a Guerra do Paraguai em Perspectiva Histórica*. In: Estudos Avançados, São Paulo: Instituto Avançado da USP, vol. 9 nº 24, maio-ago. 1995.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica, vol. I – História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Ática, 4ª ed. 1990.
- BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil. Dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1800 – 1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARRETO, Abeilard. *Primórdios da Imprensa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Comissão executiva do sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Subcomissão de Publicações e Concursos, 1986.
- BETHEL, Leslie. *A Guerra do Paraguai: História e historiografia*. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). *Guerra do Paraguai-130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 11 – 24.
- BETHEL, Leslie. *O Imperialismo britânico e a Guerra do Paraguai*. In: Estudos Avançados, São Paulo: Instituto Avançado da USP, vol. 9 nº 24, maio-ago. 1995. 269 – 285.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa/Portugal: Editorial Presença; 4º ed. 1982.

BUENO, C. *História das Relações Internacionais: conceituação e fontes*. In: II Semana de História, 1981, Franca. Memória da II Semana da História, 1980. p. 117-127.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929 – 1989: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Ed. UNESP, 4º ed. 1997.

CALÓGERAS. Pandiá J. *Formação histórica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

CAMARGO, Fernando. *Britânicos no Prata: caminhos da hegemonia*. Passo Fundo: Ed. Universitária UPF, 1996.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 5ª ed. 1997.

CARNEIRO, Newton. Dissidência política e partidos: da crise com a Regência ao declínio do II Reinado. In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (direção do volume). *História Geral do Rio Grande do Sul – Volume 2 Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 125 – 137.

CARR, Edward Hallet. *Que é História?* Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra: 4ª ed. 1985.

CARVALHO, Carlos Delgado. *História diplomática do Brasil*. Paulo Roberto de Almeida (introd.). Brasília, ed. Fac. similar, Senado Federal, 1998.

CARVALHO. Kátia. Imprensa e informação no Brasil, século XIX. *Revista. Instituto Brasileiro de informação em Ciência e Tecnologia – IBICT*. Ciência da Informação – Vol.25, número 3, 1996 – Artigos.

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CERVO, Amado Luiz. *Inserção internacional: formação dos conceitos brasileiros*. São Paulo: Saraiva, 2008.

CERVO, Amado Luiz. *O Parlamento Brasileiro e as Relações Exteriores (1826 – 1889)*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da Política exterior do Brasil*. São Paulo: Ed. Ática, 1992. 432 p.

CHASTEEN, John Charles. *América Latina: uma história de sangue e fogo*. (tradução de Ivo Korytowski) Rio de Janeiro: Campus, 2001.

CHIAVENTATTO, Julio José. *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*. Editora Brasiliense: São Paulo, 7ª ed. 1979.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República – momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 7ª. ed. 1999.

CUNHA, Miriam Vieira da. *O papel social do bibliotecário*. Encontros Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. *Ci. Inf.*, Florianópolis, n. 15, 1. sem. 2003.

DAMASCENO, Athos. *Imprensa Caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Rio de Janeiro: Globo – Coleção Província. 1962.

DILLENBERG, Sérgio Roberto. *A imprensa em Porto Alegre de 1845 a 1870*. Porto Alegre: Editora Sulina/ARI, 1987.

DINES, Alberto. *Marcas na cultura e nas mentalidades. Imprensa brasileira, 200 anos – Jornal da USP*, nº 831, 3 de junho de 2008.

DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *O Conflito com o Paraguai – a grande guerra do Brasil*. São Paulo: ed. Ática, 1996.

DORATIOTO, Francisco. História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Coloquios, 2009, [En línea], Puesto en línea el 13 janvier 2009. URL: <http://nuevomundo.revues.org/index49012.html>. Consultado el 07 novembre 2009.

DORATIOTO, Francisco. *Guerra do Paraguai*. In: Demétrio Magnoli (org.). História das Guerras. São Paulo: Editora Contexto, 3º ed. 2006.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra - nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2º ed. 2002.

DORATIOTO, Francisco. *Tratado da Tríplice Aliança – 1º de maio de 1865*. In: Cirne Bittencourt (org.) Dicionário de Datas da História do Brasil. São Paulo: Contexto, 2007. p. 119 – 122.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELMIR, Claudio Pereira. As armadilhas do jornal; algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos de Estudos do PPGH em História (UFRGS)*, Porto Alegre, v. 13, p. 19 – 29.

ESPIG, M. J. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre*, v. XXIV, n. 02, p. 269-289, 1998.

FERRO, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. 2ªed. São Paulo: IBRASA, 1983.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1998, 6ª edição.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ediplat, 8ª ed. 2006.

FLORES, Moacyr. *Rio Grande do Sul: Guerras e Conflitos*. Memorial do Rio Grande do Sul Caderno de História, nº 38.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Trad. Galeno de Freitas. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, Ed. 45°. 2005.

GOLIN, Tau. *A Fronteira: volume 2*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GOMES, Valéria Severina; IAPECHINO, Mari Kiehl. A inclusão cultural letrada no século XIX: o papel da imprensa. *Soletras, Ano VIII, Nº 15*. São Gonçalo: UERJ, jan./jun. 2008.

GOULART, Elias Estevão; PERAZZO, Priscila Ferreira; LEMOS, Vilma. Memória e cidadania nos acervos de história oral e mídia digital. *Em Questão, Porto Alegre, v. 11, n. 1*, p. 153-166, jan./jun. 2005.

GOULART, Jorge Salis. *A formação do Rio Grande do Sul*. 4ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro; Caxias do Sul: EDUCS, 1985.

GUARNIERI, Ivanor Luiz; ALVES, Fábio Lopes. Imagens do cotidiano e temporalidades: historiografia e imprensa. Universidade Federal de Rondônia/*Revista Eletrônica - Centro de Estudos do Imaginário*. Disponível em: < http://www.cei.unir.br/artigo104.html#_ftn1 > Acesso em: 15 out. 2010.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Regiões-provinciais na Guerra da Tríplice Aliança. In: *Revista Topoi, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009*. p. 70-89.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Guerra do Paraguai: Verdades e Mentiras*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2000.

HOBBSAWN, Eric J. *A Era das Revoluções: 1789 – 1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. pp. 127 – 130.

HOBBSAWN, Eric J. *A Era do Capital: 1848 -1975*. (tradução de Luciano Costa Neto) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 13º, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque (org.) *Guerra do Paraguai*. In: História Geral da Civilização Brasileira. *O Brasil Monárquico T II v. 4- declínio e queda do Império*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.p. 299 – 314.

IZECKSON, Vitor. A Guerra do Paraguai In: GRINBERG, Keila & SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Imperial, vol.II (1831-1870)*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2009. pp. 385-424.

JERÓNIMO, Pedro. *A memória da imprensa regional: Análise crítica da preservação e ao acesso de conteúdos digitais*. Páginas a&b, 5 (série 2), 165-181. Gabinete de Estudos a&b: Lisboa. 2010.

JÚNIOR, Jaime Spinelli. *A conservação de acervos bibliográficos & documentais*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. de Processos Técnicos, 1997.

KOLING, Paulo José. (Re) Visões de uma historiografia dependentista sobre a Guerra do Paraguai. *Revista Espaço Acadêmico – Nº 62 – ANO VI – julho de 2006.*

KUHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo – norte e sul*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LADEIRA, Saionara Gomes. A Missão Estrangeira no Rio da Prata (1851-53): A diplomacia brasileira em defesa do Império. *Identidades XIII Encontro de História*. Anpuh-RJ.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 5º ed. 2003.

LE GOFF, Jacques; LE LADURIE, Roy; DUBY, George *et al.* *A nova história*. Lisboa: Edições 70, 1991.

LIMA, Oliveira. *Dom João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 3ª ed. 1996.

LOPES, Dirceu Fernandes. Uma história marcada por censura e resistência. *Imprensa brasileira, 200 anos – Jornal da USP, nº 831, 2 a 6 de junho de 2008.*

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *Imprensa farroupilha antologia e índice*. Porto Alegre EDIPUCRS, 1994. 162 p.

MACIEL, Laura Antunes. *Imprensa, História e Memória: da unicidade do passado às outras histórias*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.2, 2009.

MAESTRI, Mário. *A Guerra contra o Paraguai: História e historiografia: Da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]*. Porto Alegre, 16 de dezembro de 2008.

MAESTRI, Mario. *Uma história do Rio Grande do Sul.V.2. O Império - da consolidação à crise do escravismo 1822-1889*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005.

MAIA, Felícia Assnar. *Direito à memória: o patrimônio histórico, artístico e cultural e o poder econômico*. Movendo Idéias, Belém, v8, n.13, p.39-42, jun 2003.

MELO, José Marques de. *A opinião do jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2º ed. Rev., 1994.

MELO, José Marques de. *Sociologia da Imprensa brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1973.

MENEZES, Alfredo da Mota. *Guerra do Paraguai: como construímos o conflito*. São Paulo/ Cuiabá: Contexto/ Editora da UFMT, 1998.

MOREIRA, Luiz Felipe. A historiografia brasileira o revisionismo histórico platino. *Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, Vitória, 2008.*

MOTA, Carlos Guilherme. *História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864 – 1870) 130 anos depois*. In: Estudos Avançados, São Paulo: Instituto Avançado da USP, vol. 9 n° 24, maio-ago. 1995.

MOURA, Gerson. *Estados Unidos e América Latina*. São Paulo: Editora Contexto, 1990.

NOLL, Maria Izabel; TRINDADE, Hélió. *Estatísticas eleitorais do Rio Grande da América do Sul 1823/2002*. Porto Alegre: UFRGS/ Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul: 2004.

OLIVEN, R. G. *O Rio Grande do Sul e o Brasil: Uma Relação Controvertida*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 3, p. 5-14, 1989.

PADOIN, Maria Medianeira. A Revolução Farroupilha. In: In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (direção do volume). *História Geral do Rio Grande do Sul – Volume 2 Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 39 – 70.

PEDROSA, José Fernando Maya. Caxias e Mitre. In: Caxias 200 Anos - *Revista Da Cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca do Exército, ANO III, n° 5.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 7ª ed. 1994.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. *Vida Política no século 19: da descolonização ao movimento republicano*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. 3.ed., 1998.

PINHEIRO, Mariza Inês da Silva et al. Pela preservação da memória documental como uma garantia do acesso à informação, à memória e à cidadania. In: *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.14, n.2, 513-530 jul./dez., 2009*.

PINTO, Genivaldo Gonçalves. A Província na Guerra do Paraguai. In: In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (direção do volume). *História Geral do Rio Grande do Sul – Volume 2. Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 97 – 123.

POMER, Leon. *O Surgimento das Nações*. (tradução Mirna Pinsky) São Paulo: Atual, 11ª ed. 1994.

POMER, Leon. *Paraguai: nossa guerra contra este soldado*. São Paulo: Global, 2ª ed. 1984.

POMER, León. *A guerra do Paraguai: a grande tragédia rio-platense*. São Paulo: Passado y Presente, 1980. 332 p.

PRADO Jr, Caio. *Evolução política do Brasil - colônia e império*. São Paulo, Brasiliense, 1999.

PRADO, Maria Ligia. *A formação das nações latino-americanas*. São Paulo: Atual; Campinas-SP: UNICAMP, 2ª ed. 1986.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. Cidades e Sociabilidades (1822 – 1889). In: In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (direção do volume). *História Geral do Rio Grande do Sul – Volume 2 Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 423 – 447.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. *A Diplomacia Marginal – vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (1893 – 1904)*. Passo Fundo: UPF EDITORA, 1999.

REIS, Maria de Lourdes Costa Dias. *Imprensa em tempo de guerra: O Jequitinhonha e a guerra do Paraguai*. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS, Porto Alegre, 2002.

REVERBEL, Carlos; BONES, Elmar. *Luiz Rossetti: o editor sem rosto & outros aspectos da Imprensa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Copesul/ L&PM, 1996.

RODRIGUES, José Honório; SEITENFUS, R.A.S. *Uma História Diplomática do Brasil — 1531-1945*. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 1995.

ROSA, José María. *La guerra del Paraguay: y las montoneras argentinas*. Buenos Aires: Punto de Encuentro, 1ª ed., 2008.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1993.

SALES, Kleber Vírgilio Montarroyos. *Guerra do Paraguai: o que dizem por aí*. Publicado no recanto das letras em 02 de fevereiro de 2009. [Artigo foi apresentado no “I Encontro de História do Império do Brasil” e publicado nos anais desse evento.]

SALES, Thiago Rabelo. *Um conflito anunciado: o cenário político sul-americano às vésperas da Guerra do Paraguai*. ‘Usos do Passado’ — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. (tradução Maria Paula Duarte) São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SILVA, Iara Jurema Quintela. A importância da conservação, preservação e restauração e os acervos bibliográficos e documentais em saúde coletiva. *Bol. da Saúde*, v. 15, n. 1, 2001.

SILVA, Jandira M. M. da. *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.

SILVEIRA, Mauro César. *A Batalha de Papel – a guerra do Paraguai através da caricatura*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 4. ed. 1999.

TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. *A Retirada da Laguna – episódio da guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 13º ed. 1959.

TEDESCO, João Carlos. *Memória e Cultura: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memórias de nonos*. Porto Alegre: Edições EST, 2001.

URBIM, Carlos. *Os Farrapos*. Porto Alegre: Zero Hora Publicações, 2003.

VIANNA, Hélio. *História diplomática do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1960. 211 p.

VIANNA, Hélio. *História do Brasil: período colonial, monarquia e república*. São Paulo: Melhoramentos, 14^o ed. 1980. 676 p.

VIANNA, Lourival. *Imprensa gaúcha: 1827-1852*. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, 1977.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da C. P.; KHOURY, Yara M. A. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

YAMASHITA, Marina Mayumi; PALETTA, Fátima Aparecida Colombo. Preservação do patrimônio documental e bibliográfico com ênfase na higienização de livros e documentos textuais. *Arquivística.net - www.arquivistica.net, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.172-184, ago./dez. 2006.*

2. Periódicos

A Reforma, Porto Alegre, 20 de junho de 1869.

A Reforma, Porto Alegre, 29 de junho de 1869.

A Reforma, Porto Alegre, 02 de julho de 1869.

A Reforma, Porto Alegre, 24 de julho de 1869.

A Reforma, Porto Alegre, 30 de julho de 1869.

A Reforma, Porto Alegre, 17 de dezembro de 1869.

A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 04 de janeiro de 1868.

A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 05 de janeiro de 1868.

A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 16 de fevereiro de 1868.

A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 03 de março de 1868.

A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 10 de março de 1868.

A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 04 de maio de 1868.

A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 07 de julho de 1867.

A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 21 de julho de 1867.

A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 25 de agosto de 1867.

A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 26 de agosto de 1867.

A Sentinella do Sul, Porto Alegre, 03 de dezembro de 1866.

Actualidade, Porto Alegre, 28 de julho de 1867.

Actualidade, Porto Alegre, 11 de agosto de 1867.

Actualidade, Porto Alegre, 06 de novembro de 1867.

América, Rio Grande, 02 de janeiro de 1871.

Arcádia, Rio Grande, 27 de janeiro de 1865.

Arcádia, Rio Grande, fevereiro de 1869.

Arcádia, Rio Grande, março de 1868.

Arcádia, Rio Grande, 24 de abril de 1868.

Atalaia do Sul, Jaguarão, 17 de dezembro de 1864.

Correio do Sul, Porto Alegre, 28 de janeiro de 1868.

Diario de Pelotas, 15 de janeiro de 1868.

Diario de Pelotas, Pelotas, 10 de março de 1868.

Echo do Sul, Rio Grande, 22 de junho de 1869.

Jornal de A'nnuncios, Pelotas, 19 de setembro de 1867.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 01 de abril de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 01 de maio de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 04 de janeiro de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 09 de janeiro de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 10 de janeiro de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 12 de janeiro de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 23 de janeiro de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 24 de janeiro de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 25 de janeiro de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 05 de fevereiro de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 14 de fevereiro de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 04 de março de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 07 de março de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 08 de março de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 17 de março de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 19 de março de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 08 de maio de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 04 de junho de 1868.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 06 de novembro de 1867.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 09 de novembro de 1867.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 10 de novembro de 1867.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 14 de novembro de 1867.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 16 de novembro de 1867.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 29 de novembro de 1867.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 18 de dezembro de 1867.

Jornal do Commercio, Porto Alegre, 24 de dezembro de 1867.

O Artista, Rio Grande, 12 de janeiro de 1863.

O Bageense, Bagé, 16 de novembro de 1865.

O Bageense, Bagé, 16 de dezembro de 1865.

O Commercial, Rio Grande, 17 de dezembro de 1865.

O Echo Gabrielense, São Gabriel, 07 de setembro de 1868.

O Especulador, Rio Grande, 18 de janeiro de 1868.

O Especulador, Rio Grande, 05 de fevereiro de 1868.

O Especulador, Rio Grande, 17 de maio de 1868.

O Guarda Nacional, Rio Grande, 14 de dezembro de 1867.

Rio Grandense, Porto Alegre, 03 de dezembro de 1866.

ANEXOS

Circulação	Título	Cidade	Utilizados	Localização
1856 – 1894	O Echo do Sul	Rio Grande	1	BRG
1858 – 1874	O Commercial	Rio Grande	1	COD. 73 MCHC
1860 - ...	Correio do Sul	Santana do Livramento	1	COD. 94 MCHC
1862 - 1912	O Artista	Rio Grande	1	MCHC
1863 -	O Bageense	Bagé	2	COD. 37 MCHC
1864 - 1874	Atalaia do Sul	Jaguarão	1	A1G5. MCHC
1864- 1911	Jornal do Comércio	Porto Alegre	26	AHMV
1864	Echo Gabrielense	São Gabriel	1	COD. 488 MCHC
1866	O Guarda Nacional	Rio Grande	1	A1G3 MCHC
1866 - 1878	Rio-Grandense	Porto Alegre	1	COD. 377 MCHC
1867	Jornal d'Annuncios	Pelotas	1	MCHC
1867	Actualidade	Porto Alegre	3	COD. 430 MCHC
1867 - 1869	A Sentinela do Sul	Porto Alegre	11	COD. 394 MCHC
1867 - 1870	Arcádia	Rio Grande	4	AA162 MCHC
1867	Diário de Pelotas	Pelotas	2	COD. 126 MCHC
1868	O Especulador	Rio Grande	3	BRG
1869 - 1912	A Reforma	Porto Alegre	6	COD. 614 MCHC
1870	América	Rio Grande	1	MCHC

Tabela 1: Relação de periódicos utilizados na pesquisa.